

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

QUADRILÁTERO (LIVRO UM: MATHEUS) –
DESVENDANDO O LABIRINTO

HELOISA PEREIRA HÜBBE DE MIRANDA

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 2003

HELOISA PEREIRA HÜBBE DE MIRANDA

*QUADRILÁTERO (LIVRO UM: MATHEUS) –
DESVENDANDO O LABIRINTO*

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Junkes

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 2003

Aos meus avós,
Arno Waldemar Johannes Hübbe e
Iraci Julieta de Albuquerque Hübbe,
André Whendausen Pereira e
Alda Maciel Pereira

Aos meus pais,
Arno Francisco de Albuquerque Hübbe e
Maria Elisa Pereira Hübbe

Sem os quais eu não estaria aqui,
contando essa história para vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Lauro Junkes, além de professor e orientador um amigo sincero, pela presença segura, competente e encorajadora.

Ao escritor Adolfo Boos Júnior, pelas entrevistas e material emprestado, além da atenção dispensada.

Aos professores, servidores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Em especial aos professores Carlos Eduardo Schmidt Capela e Cláudio Celso Alano da Cruz, que participaram da banca do Exame de Qualificação, pelas críticas e sugestões, demonstrando uma leitura atenta e criteriosa do meu trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo incentivo ao aperfeiçoamento de seu quadro funcional, em particular ao Departamento de Ciências Fisiológicas – CCB e à Editora da UFSC, pela compreensão, paciência e incentivo.

Ao Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-mirim (Casa de Brusque), em especial ao Sr. Otto Kuchenbecker, pela conservação de grande acervo da cultura e da História da imigração e colonização em Santa Catarina.

À Nestlé – Centro de Pesquisa e Documentação – Acervo Histórico, São Paulo, em especial a Sra. Edna Kamide, pela atenção dispensada.

Ao Dr. Antônio J. F. de Andrade, pela abertura a novos pontos de vista e pelo apoio de sempre.

Ao casal amigo, Jaques e Adriana Bento, pela acolhida em São Paulo e pela amizade incondicional.

Às amigas Ana Lúcia Kretzer Barotto, Denise Mello Vieira, Hilda Maria Warken, Isabel Zoldan da Veiga Rambo, Maria Lúcia Freitas Fontes e Rosinete dos Santos Freitas Lopes da Silva, não somente pelo estímulo, mas, principalmente, pela compreensão de meus silêncios e pela amizade sincera.

À minha mãe e aos meus irmãos: Arno, Cláudia, André e Alexandre, pelo apoio, amizade e carinho demonstrados. Ao meu pai, *in memoriam*.

À minha outra família, D. Nair, Maria Alice e Maria Helena, pela compreensão e amizade. Ao meu sogro, Sr. Henrique Edelmiro Miranda, *in memoriam*.

Ao meu marido, Luiz Henrique Mello de Miranda, companheiro de todas as horas, pelo apoio incondicional e pela compreensão. Com todo o meu amor.

A Deus, por tudo. Principalmente por ter colocado todas estas pessoas no meu caminho.

DO VALE DO ITAJAÍ

Lindolf Bell

I

Vale inicial,
amparo de meu desamparo,
lâmpada, lâmpedra,

sob a folhagem
ancestral,
 procuro.

E a raiz encontro
e o real,
 no claro,
 no escuro.

Vale, intervale.
Vale interior
que a palavra enverdesce,
acústica membrana,
 híbrida rede da linguagem,
 acústico cordão umbilical.

Vale onde me fundo.
Vale onde me findo.

II

Levarei o vale
à vala comum.

As laranjas
colhidas ao tempo.
Os homens
caídos no tempo.
Os sonhos
caídos do tempo.

Quem lembra,
 prevalece.
Levarei o vale
 à vala comum.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| RESUMO..... | viii |
| ABSTRACT..... | ix |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| I PARTE – PROLEGÔMENOS..... | 6 |
| 1 – Relação entre História e Ficção..... | 7 |
| 1.1 – Aspectos teóricos..... | 8 |
| 1.2 – Parte da História da imigração alemã no Brasil e, particularmente, em Santa Catarina..... | 24 |
| 2 – Apresentação do autor..... | 42 |
| 2.1 – Vida e obra..... | 43 |
| 2.2 – Influências..... | 55 |
| II PARTE – O FIO DE ARIADNE..... | 71 |
| 3 – <i>Quadrilátero (Livro Um: Matheus)</i> – Uma das leituras possíveis..... | 72 |
| 3.1 – A colônia Karlsburg..... | 76 |
| 3.2 – Matheus e Natália..... | 94 |
| 3.3 – Paula..... | 103 |
| 3.4 – Relação Matheus e Paula: amor ou paixão?..... | 114 |
| III PARTE – A TESSITURA DO DISCURSO..... | 141 |
| 4 – Composição da narrativa..... | 142 |
| 4.1 – A estrutura da narrativa..... | 144 |
| 4.2 – A sintaxe narrativa e o tratamento espaço-temporal..... | 153 |
| 4.3 – A narrativa primeira e as anacronias em <i>Quadrilátero</i> | 161 |
| 5 – A simbologia do número quatro..... | 179 |

| | |
|---|-----|
| 6 – Uma simbiose entre seres humanos e animais..... | 193 |
| 6.1 – Imigrantes alemães na colônia Karlsburg..... | 197 |
| 6.2 – Imigrantes diversos em Desterro..... | 205 |
| 6.3 – Relações zoomórficas com as personagens principais: Natália, Matheus e Paula..... | 208 |
| 7 – A importância dos sentidos em <i>Quadrilátero</i> | 232 |
| 8 – Várias vozes que ecoam além-mar..... | 282 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 296 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 305 |
| Publicações do autor..... | 306 |
| Participações em coletâneas..... | 306 |
| Publicações sobre o autor..... | 308 |
| Geral..... | 309 |
| ANEXOS..... | 319 |
| Quadro I: Tempo e espaço..... | 320 |
| Quadro II: Planta baixa do romance..... | 321 |
| Sobre a 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira..... | 359 |

RESUMO

Este trabalho tem como proposta pesquisar e questionar a relação intertextual entre Ficção e História, a partir de um romance que aborda a imigração alemã em Santa Catarina no final do século XIX e início do século XX, especialmente na região do Vale do Itajaí-mirim e na capital do estado – Desterro. Com base na contextualização histórico-social, de um lado e na análise da obra *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)* de Adolfo Boos Júnior, do outro, observa-se como se efetiva o processo de fusão desses dois campos. Ao refletir sobre essa relação intertextual, os conceitos de estudiosos como Linda Hutcheon e Hayden White (História e Ficção), Mikhail Bakhtin (dialogismo) e Julia Kristeva (intertextualidade) afiguram-se como referencial teórico possível, uma vez que desenvolvem importantes questões sobre essa interação. O trabalho procura analisar o discurso narrativo e sua complexa sintaxe, seguindo o fio de Ariadne, que permite especificar e distinguir os diversificados pontos de vista do narrador e os fundamentais transtornos temporais que o discurso narrativo introduz no hipotético tempo dos acontecimentos. Não se tem, contudo, nesta tese, um modelo de aplicação prática de uma teoria específica, mas a incorporação de idéias que possam contribuir para a compreensão desse processo intertextual, ao mesmo tempo em que traz à baila um episódio histórico brasileiro e sua problemática universal.

Palavras-chave: História e Ficção; imigração alemã; literatura brasileira;
Quadrilátero (Livro Um: Matheus); Adolfo Boos Júnior.

ABSTRACT

The proposal of this study is to research and question the intertextual relationship between Fiction and History that can be found in a novel on German immigration in Santa Catarina, at late 19th, early 20th Century — especially on the Itajaí-mirim Valley and the State capital, Desterro. From an approach based on a socio-historical contextualization, and on an analysis of the work *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, by Adolfo Boos Júnior, the process of fusion of those two fields (fiction and history) can be observed. As one thinks of this intertextual relationship, concepts proposed by scholars such as Linda Hutcheon and Hayden White (history and fiction), Mikhail Bakhtin (dialogism) and Julia Kristeva (intertextuality) appear as possible theoretical references, since they elaborate on important questions about such interaction. This work aims at analyzing narrative discourse and its complex syntax, following the thread of Ariadne which allows us to specify and distinguish several points of view attributed to the narrator, as well as the essential temporal troubles that narrative discourse installs in the hypothetical time of occurrences. However, in this dissertation there is no model of practical application of a specific theory; rather, there is an incorporation of ideas that may contribute for one to understand that intertextual process, bringing in, at the same time, a Brazilian historical fact and its universal problematic.

Keywords: History and fiction; German immigration; Brazilian literature;

Quadrilátero (Livro Um: Matheus); Adolfo Boos Júnior.

INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas de que é isto a leitura: reescrever o texto da obra dentro do texto de nossas vidas.

(Roland Barthes)

I PARTE

PROLEGÔMENOS

1 – RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

O cronista que se põe a contar os acontecimentos sem distinguir pequenos e grandes presta tributo à verdade de que nada do que alguma vez tenha acontecido pode ser considerado perdido para a história. Certamente só uma humanidade redimida há de assumir todo o seu passado. Isso quer dizer: tão-somente à humanidade redimida o passado se torna citável em cada um de seus momentos. Cada um dos seus instantes vividos se torna uma citation à l'ordre du jour – dia esse que é exatamente o último.

Walter Benjamin

2 – APRESENTAÇÃO DO AUTOR

*Temos, todos nós,
por ação ou omissão,
estímulo ou incompreensão,
responsabilidade dos fatos da história.*

Teotônio Vilela

II PARTE

O FIO DE ARIADNE

3 – *QUADRILÁTERO (LIVRO UM: MATHEUS)* –
UMA DAS LEITURAS POSSÍVEIS

*Rolarão os anos
Na monotonia de todas as horas:
Os mistérios e os segredos
Ficarão na angústia
De todos os silêncios;
A dúvida e a incerteza
Envolverão os homens
Com todas as suas sombras...*

Aníbal Nunes Pires

III PARTE

A TESSITURA DO DISCURSO

4 – COMPOSIÇÃO DA NARRATIVA

Caminhos... A floresta tem mil caminhos e não tem caminho nenhum. Caminhos que se abrem e se fecham. Para caminhar na floresta é preciso conhecer a floresta: cada pinheiro, cada pé de angico, cada rancho. Tudo se individualiza: os sulcos da casca, a curvatura do galho, o cinza do telhado. Aí estão escrita, mapa. Você conhece gramática e vocabulário ou por aqui você não anda. A floresta é o geral, mas isso não lhe basta. É como se você conhecesse o livro só de capa. Você tem que entrar nele. Vagarosamente, freqüentemente. Cada vírgula importa. A floresta é como um livro, é um livro. O aprendizado é de vida inteira.

Donaldo Schüler

5 – A SIMBOLOGIA DO NÚMERO QUATRO

*Cometi o pior dos pecados
Que um homem possa cometer. Não fui feliz.
Que os glaciares do esquecimento
Me arrastem e percam, desapiados.
Meus pais me engendraram para o jogo
Arriscado e formoso da vida,
Para a terra, a água, o ar, o fogo.
Defraudei-os. Não fui feliz.*

Jorge Luís Borges

6 – UMA SIMBIOSE ENTRE SERES HUMANOS E ANIMAIS

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. [...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Graciliano Ramos

7 – A IMPORTÂNCIA DO(S) SENTIDO(S) EM *QUADRILÁTERO*

*Dos cinco sentidos,
o olfato é o que melhor expressa
a idéia de imortalidade.*

Salvador Dali

8 – VÁRIAS VOZES QUE ECOAM ALÉM-MAR

*É no confronto entre o ato fabulador,
lugar de resistência e invenção da fala,
e a comunicação,
lugar do poder e da fala estabelecida,
que surge a possibilidade
da modernidade contar histórias.*

Paulo André de Lima

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A mão está sempre compondo
módul-murmurando
o que escapou à fadiga da Criação
e revê ensaios de formas
e corrige o oblíquo pelo aéreo
e semeia margaridinhas de bem-querer
no baú dos vencidos.*

Carlos Drummond de Andrade

INTRODUÇÃO

Ao terminar minha dissertação de mestrado, intitulada *Travessias pelo sertão contestado: entre ficção e história, no deserto e na floresta*,¹ afirmei: “Reconheço que esta caminhada abriu horizontes. No entanto, novos ventos apontam para outras direções, outros caminhos. A meta é seguir adiante. Parodiando o poeta português Fernando Pessoa, ‘Caminhar é preciso’”.

Caminhando ao sabor dos ventos, deparei-me com esta mesma estrada, pois a tese que ora apresento trata do estudo da intersecção da História com a Ficção no romance *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, de Adolfo Boos Júnior.

O autor aborda, nesse livro, uma das faces da imigração alemã no estado de Santa Catarina, com uma visão singular: a história dos vencidos. No entanto, a riqueza do texto permite fazer diversas leituras.

Com o sangue alemão correndo em minhas veias, apesar de saber muito pouco (quase nada) da história de meus antepassados, procuro abrandar minha sede de conhecimento. Além de buscar minhas raízes. Conforme o crítico literário e professor Lauro Junkes:

O homem é um ser que se move e se acultura dentro das coordenadas de tempo e de espaço. Por isso, é um ser que constantemente volta em busca de suas raízes. E é na História que essas raízes se ocultam. Conhecer a História é condição para que o homem não se despersonalize e não desapareça na massa anônima e amorfa.²

Estranhamento e simpatia. Essas foram as primeiras sensações que tive ao ler *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*,³ de Adolfo Boos Júnior.

¹ MIRANDA, Heloisa Pereira Hübbe de. *Travessias pelo sertão contestado: entre ficção e história, no deserto e na floresta*. 1997. 153 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

² JUNKES, Lauro. O continente das Lagens. In: *O faro da raposa: o livro catarinense em 1982*. Florianópolis: edição do autor, 1983. p. 89.

³ BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)* – romance – São Paulo: Melhoramentos, 1986. (Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira, 1986 – 3º lugar.) * Para efeito de simplificação, em

A narrativa aborda parte da história da imigração alemã em Santa Catarina, particularmente nas cidades de Brusque e Desterro (atual Florianópolis), no final do século XIX e início do XX. No decorrer da leitura, as dúvidas foram surgindo. Quais os limites do referencial em um texto ficcional? Quais os limites da ficção em um texto de compromisso referencial? Quais personagens representam ficcionalmente pessoas reais?

O estranhamento tinha suas razões. A narrativa trata de uma colônia de imigrantes alemães que não prosperou. Sucumbiu às adversidades. Diferente de grande parcela de livros, ficcionais ou históricos, que abordam esse tema, pois geralmente contam a história de vencedores, enaltecendo os feitos dos seus heróis.

Conhecer a história da imigração germânica e compreender as suas motivações passou a ser um desafio. Com essa finalidade, resolvi investigar na ficção um episódio histórico que faz parte da História do estado de Santa Catarina, elegendo, para tanto, a narrativa ficcional de Adolfo Boos Júnior para constituir o *corpus* da tese.

A escolha do romance, entre a variedade de narrativas ficcionais sobre a imigração alemã em Santa Catarina que surgiram nos últimos anos, deu-se por diversos motivos. Primeiramente, havia a necessidade de se definir um *corpus*, para o que era preciso fazer escolhas e “recortes”. Com a análise de *Quadrilátero*, pretende-se mostrar uma leitura diferente, ter a possibilidade de observar a relação entre Ficção e História, além de trabalhar com um escritor catarinense, representando parte da memória cultural barriga-verde.

diversas referências no texto, o título do romance será denominado apenas *Quadrilátero*, aliás, como a narrativa ficou conhecida. Segundo declarações do autor, *Quadrilátero* é o primeiro volume de uma tetralogia, sendo que a este denominado (*Livro Um: Matheus*), seguir-se-ão os livros de Marcos, Lucas e João. Passagens de *Quadrilátero* deverão desenvolver-se nessas narrativas. Entretanto, segundo declarações mais recentes do autor, os livros de Marcos e de Lucas deverão ser integrados num só volume.

Trabalhar a imigração alemã em Santa Catarina reconstruindo sua História pressupõe olhares para as mais diversas direções. Com o auxílio de um “fio de Ariadne”, seguir-se-á por caminhos que possam desvendar o “labirinto” que é a narrativa *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior. Sendo assim, a estrutura do trabalho está dividida, basicamente, em três partes, subdivididas em oito capítulos ao todo.

Na primeira parte, “Prolegômenos”, encontram-se as noções preliminares necessárias para a construção da tese. O primeiro capítulo trata da “relação entre História e Ficção”. Entre teóricos das duas áreas, buscam-se as afinidades e dessemelhanças dessa relação tão complexa. No segundo capítulo há a “Apresentação do autor”, Adolfo Boos Júnior, na qual se procura conhecer melhor o escritor e a sua obra. Em anexo, encontra-se um “pequeno histórico” sobre a 3ª Bienal Nestlé de Literatura, concurso no qual o autor em tela foi duplamente premiado, e a repercussão de sua obra *Quadrilátero* junto à crítica.

Em “O fio de Ariadne”, segunda parte deste trabalho, apresenta-se um único capítulo, o terceiro, que trata do enredo da narrativa: “uma das leituras possíveis”. Em anexo a este trabalho, incluem-se dois quadros que poderão servir de guia de leitura para futuros leitores de *Quadrilátero*. O primeiro quadro refere-se ao tempo e ao espaço utilizados na narrativa. Já o segundo é um roteiro esquematizado em excertos, seguindo o discurso narrativo. Busca-se com este roteiro, sobretudo, definir elementos indispensáveis para a compreensão da narrativa: o narrador, o foco narrativo e o tempo.

A terceira parte, denominada “A tessitura do discurso”, engloba cinco capítulos, mais centrados na análise formal, desvelando a literariedade. O quarto capítulo é dedicado à análise das técnicas narrativas

utilizadas pelo autor, como o ponto de vista e o tempo, seguindo as teorias de Gérard Genette.

O quinto capítulo busca uma análise interpretativa da simbologia do número quatro, amplamente explorada pelo autor de *Quadrilátero*.

“Uma simbiose entre seres humanos e animais” é o tema abordado no sexto capítulo. A zoomorfização das personagens de Boos Júnior é discutida à luz de teorias psicanalíticas, como de Jung e Freud.

O capítulo sete traz a lume “a importância dos sentidos em *Quadrilátero*”. Dando ênfase ao olfato, a interpretação da narrativa ficcional baseia-se nos estudos do historiador francês Alain Corbin.

Por último, mas nem por isso menos importante, o oitavo capítulo revela as “várias vozes que ecoam além-mar”. Com apoio nas teorias de Mikhail Bakhtin sobre dialogismo e romance polifônico, busca-se desvendar as diversas relações, verbais ou não, entre as personagens.

Nesses capítulos será pormenorizado o processo intertextual entre Ficção e História, no romance, partindo do enfoque dado às dificuldades enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros anos ao formarem novas colônias em Santa Catarina, bem como será focalizado o trabalho do autor na reconstrução e reflexão do fato histórico, anos depois do acontecimento narrado.

Como uma série de “conclusões” já integrarão os capítulos dedicados ao romance em apreço, o trabalho se encerra com as “considerações finais”, não conclusivas nem definitivas, porém, ressaltando as lições aprendidas diante do episódio da imigração alemã em Santa Catarina.

I PARTE

Prolegômenos

1 – RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

1.1 – Aspectos teóricos

Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, afirma que História⁴ significa crônica, relato (vem do latim, derivado do grego). Segundo o mesmo autor, “modernamente, por sugestão do escritor e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo, foi introduzida na linguagem do folclore e das ciências humanas em geral, a variante popular e arcaica *estória*, para designar, especificamente, os contos, narrativas, tradições e lendas do povo (brasileiro)”.⁵

Já para Moacyr Flores, em seu *Dicionário de História do Brasil*,

o conceito de história tem mudado através do lento processo de elaboração do conhecimento histórico. Heródoto ao escrever sua obra, denominou-a de *história*, que em grego significa busca, investigação, pesquisa. Seu objetivo era narrar os fatos maravilhosos da guerra entre os gregos e os persas para que não fossem esquecidos e para que os homens se lembrassem que são sempre castigados pelos deuses por seus atos.⁶

Após definir História, Moacyr Flores faz um resumo da sua “evolução”, apresentando tendências, dissidências e seus respectivos historiadores. Destacam-se: a) história narrativa pragmática – Tucídides; b) história sociológica ou evolutiva – Guizot, seguida por Ranke, entre outros;

⁴ No presente trabalho grafar-se-á História (salvo quando em uma citação estiver diferente), com a letra inicial maiúscula, para indicar a disciplina/área e não fazer possíveis confusões com história, com a letra inicial minúscula, quando se tratar de enredo de narrativa ficcional.

⁵ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.414. Observe-se, porém, que essa nomenclatura, *estória*, foi muito utilizada nas décadas de 1970-1980, mas aos poucos foi sendo abandonada. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* apresenta o vocábulo *estória* como sinônimo de História. E, entre as diversas acepções, apresenta história como “narração de eventos fictícios ou não, narrativa, *estória* (adora contar histórias para os filhos)” (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.1543).

⁶ FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção História; 8) p.263-264.

c) história neotestamental (revelação da sabedoria divina) – São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; d) história idealista – Kant, Hegel e Croce; e) história naturalista – dividida entre os positivistas (Comte), os materialistas (Marx) e os progressistas (Condorcet e Splenger); f) história determinista (espaço geográfico e influências da raça) – Durkein, Bouglé e Taine; g) Nova História – Lucien Febvre e Marc Bloch, sendo que entre os seus maiores seguidores estão Fernand Braudel e Jacques Le Goff.

De acordo com Aristóteles, “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade”.⁷

A origem da relação entre História e ficção, com a presença do "referencial" no "ficcional", parece confundir-se com a própria origem da literatura. Segundo já observava Homero, "Os deuses criam acontecimentos para que os poetas do futuro possam cantá-los".⁸ Assim, aproveitar o fato histórico na produção literária é uma postura estética que remonta à Antigüidade Clássica.

As grandes mudanças nos rumos da história provocam, em geral, mudanças importantes no campo da literatura. Da mesma maneira, os momentos de maior fecundidade literária coincidem, quase sempre, com os períodos mais densos da História, como pode ser observado no período áureo da Grécia (entre 500 a 400 a.C.) com o esplendor político e literário (a tragédia grega). Essa influência de mão dupla talvez explique a atração que os temas históricos exercem sobre os escritores.

⁷ ARISTÓTELES. Poética. In: *A poética clássica*: Aristóteles, Horácio, Longino. Tradução de Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p.28.

⁸ HOMERO. Citado por FREITAS, Maria Teresa de. “Romance e História”. (Artigo fotocopiado, utilizado em sala de aula, sem referências bibliográficas.)

Através do *Novo Dicionário de História do Brasil* fica-se sabendo que:

a primeira História do Brasil é de autoria de Pêro de Magalhães Gândavo, intitulada *História da Província Santa Cruz* e foi editada em 1576, tendo ficado no esquecimento até 1837, quando apareceu em francês, na tradução de Henri Ternaux. O Prefácio é de Luís de Camões, que o fez em versos decassílabos [...]. Em 1924, foi editada no Brasil, sob a direção de Afrânio Peixoto e com introdução de Capistrano de Abreu.⁹

Camões, ao prefaciá-lo em versos um livro de História, deu um exemplo de como é tênue a ligação entre História e ficção, seja na narrativa em si, seja na organização de um livro, desde os tempos mais remotos, independentemente do local (cidade, estado, país) em que foi publicado.

Em seu livro *Literatura como missão*, fruto de sua tese de doutorado em História, Nicolau Sevcenko analisa as obras ficcionais e ensaísticas de dois escritores brasileiros – Euclides da Cunha e Lima Barreto – confrontando-as com os eventos políticos do início da República (compreendendo a campanha abolicionista até a década de 1920). Para Sevcenko,

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um

⁹ NOVO DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo: Melhoramentos, 1970. p.331. A título de curiosidade, o mesmo dicionário atesta que “Heirich Handelmann, professor da Universidade de Kiel, deu-nos, em alemão, uma *História do Brasil*, das mais bem elaboradas, publicada na Alemanha, em 1859. Em 1931, o Instituto Histórico Brasileiro publicou-a em português na tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer [...]. A edição brasileira contém 1.006 páginas” (p.332). Isso, talvez, comprove o grande interesse dos emigrantes alemães em migrarem para o Brasil anos depois (as maiores levas de imigrantes alemães chegaram no Brasil a partir de 1850, com as fundações das colônias de Blumenau e D. Francisca – atual Joinville).

produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real.

Nesse sentido, enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser.¹⁰

Quanto ao termo literatura, Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em sua obra *Teoria da Literatura*, aborda no primeiro capítulo os conceitos de literatura e literariedade e sua evolução semântica através dos tempos. Para este teórico,

O lexema *litteratura*, derivado do radical *littera* – letra, caráter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição. Em autores cristãos como Tertuliano, Cassiano e S. Jerônimo, *litteratura* designa um *corpus* de textos seculares e pagãos, contrapondo-se a *scriptura*, lexema que designa um *corpus* de textos sagrados. [...] Nas diversas línguas europeias, até o século XVIII, o conteúdo semântico do lexema *litteratura* foi substancialmente idêntico ao étimo latino, designando *litteratura*, em regra, o saber e a ciência em geral. [...] Na segunda metade do século XVIII, o lexema *litteratura* apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia nesse período histórico.¹¹

Mais adiante Vítor Aguiar e Silva complementa:

Do significado de *corpus* em geral de textos literários, passou compreensivelmente o lexema literatura a significar também o conjunto da produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosófico-políticas de tal conceito de “literatura nacional” [...]: cada país possuiria uma literatura com caracteres próprios, uma literatura que seria expressão do espírito nacional e que constituiria, por conseguinte, um dos fatores relevantes a ter em conta para se definir a natureza peculiar de cada nação. Sintagmas como literatura alemã, literatura francesa, literatura italiana, etc., foram-se

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.20.

¹¹ SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 4ª ed. v. 1 Coimbra: Almedina, 1982. p. 2 e 4. Grifos do autor.

tornando de uso freqüente a partir das últimas três décadas do século XVIII.¹²

Em seguida, Vítor Aguiar e Silva traça em linhas fundamentais a evolução semântica do lexema *literatura* até o limiar do romantismo, salientando que esta evolução prosseguiu ao longo dos séculos XIX e XX.

O teórico português não deixa de falar sobre a relação entre ciência e arte, isto é, entre História e ficção. Destaca-se a seguinte passagem:

Por um lado, o lexema *ciência* adquiriu então um significado mais estrito, em consequência do desenvolvimento da ciência indutiva e experimental, de modo que se tornou cada vez menos aceitável incluir nas *belas-letas* os escritos de carácter científico. Em consonância com este desenvolvimento da ciência indutiva e experimental, ocorreu também uma progressiva valorização da técnica, difundindo-se a consciência de que também as obras de conteúdo técnico não cabiam dentro do âmbito das *belas-letas*. [...] Assim se constituía uma das antinomias fundamentais da cultura ocidental nos dois últimos séculos – a antinomia da chamada cultura humanística *versus* cultura científico-tecnológica. [...] Por outro lado, verificou-se nas literaturas europeias, desde as primeiras décadas do século XVIII, uma acentuada valorização de textos e gêneros literários em prosa, desde o romance ao ensaio e à sátira ideológico-política.¹³

Quanto à literariedade, Vítor Aguiar e Silva apresenta o conceito dado por Roman Jakobson: “Assim, o objecto da ciência da literatura não é a literatura, mas a literariedade, isto é, o que faz de uma determinada obra uma obra literária”.¹⁴

Massaud Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*, ao falar sobre o conceito de literatura acrescenta que

Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo, passou a significar “arte das belas letras” e, por fim,

¹² SILVA, Vítor, op. cit., p.7.

¹³ SILVA, Vítor, op. cit., p.10-11.

¹⁴ JAKOBSON apud SILVA, Vítor, op. cit., p.15.

“arte literária”. Até o século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX é que a palavra “Literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir os textos poéticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas.¹⁵

Mais adiante, o mesmo autor afirma que “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes, ou metáforas”.¹⁶

Em sua *Poética do pós-modernismo*, Linda Hutcheon aborda, entre outros aspectos, o problema da referência. Segundo a autora, em certos romances “a história parece ter uma dupla identidade. [...] É uma extensão da separação que o senso comum faz entre dois tipos de referência: aquilo a que a história se refere é o mundo real; aquilo a que a ficção se refere é um universo fictício”.¹⁷

Existem romances que lidam com a relação entre História e ficção, levantando, inclusive, dúvidas no leitor (O que é real? O que é ficção?). Tome-se, por exemplo, *Os sertões*, de Euclides da Cunha.¹⁸ Por considerar-se esta obra como apresentando mais fundamental caráter científico, nas obras de História, Sociologia, Geologia e outras, não foi pacífica sua aceitação como Literatura. O fato de escritores se basearem na História para construir um mundo ficcional implica a representação do passado e revela uma visão parcial dos acontecimentos históricos, uma vez que, geralmente, o autor “toma um partido”. Apresenta, dessa forma, o ponto de vista dos vencedores ou dos vencidos. Se no passado era comum ler nos livros de História e nos romances somente as histórias dos vencedores

¹⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p.311.

¹⁶ MOISÉS, op. cit., p.314.

¹⁷ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Série Logoteca) p.184-185.

¹⁸ CUNHA, Euclides da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

(além dos livros de História, considere-se sobretudo as epopéias), a partir do século XX pode-se observar uma preocupação maior dos escritores em contar a história dos vencidos, não somente os heróis, mas também os anti-heróis.

Já os discursos da História – que têm um compromisso com os indícios e sinais da realidade –,¹⁹ isto é, com a versão oficial do fato – geralmente chegavam através da visão dos vencedores. Walter Benjamin problematiza essa questão com suas *Teses sobre Filosofia da História*: “afinal, com quem se identifica o historiador do historicismo? A inelutável resposta é: com o vencedor. [...] Por isso o materialista histórico se afasta o máximo possível da tradição. Ele considera como tarefa sua pentear a história a contrapelo”.²⁰ Segundo o professor e crítico literário Lauro Junkes, interpretando Benjamin:

A pesquisa histórica tradicional acumula e descreve o vasto espetáculo da história sem reflexão nem questionamento e, portanto, não pode ver, por trás da história dos vencedores, qualquer tentativa duma outra história que fracassou. Benjamin, por sua vez, procura ver a história como uma história possível entre outras, não a história oficial dos vencedores, mas uma história que poderia ter sido, não tendo, porém, tido condições de ser. Em oposição à visão mítica da História – história imutável, retilínea e cíclica – vê Benjamin a história como aberta, sujeita a transformações, inconcluída e imperfeita, uma anti-história da oficial, incluindo o sofrimento acumulado e o malogro dos vencidos.²¹

¹⁹ De acordo com o estudo de Northrop Frye, em sua obra *Anatomia da crítica*, Hayden Whyte conclui que “[...] o historiador, como qualquer um que escreva prosa discursiva, deve ser julgado ‘pela verdade do que diz, ou pela adequação da sua reprodução verbal de seu modelo exterior’, quer esse modelo se componha das ações dos homens no passado, quer do próprio pensamento do historiador acerca de tais ações”. WHYTE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaio de cultura, v.6) p.99.

²⁰ BENJAMIN, Walter. *Teses sobre Filosofia da História*. In: KOTHE, Flávio R. (Org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p.156-157.

²¹ JUNKES, Lauro. *A fragmentação da plenitude*. Trabalho aprovado no concurso para Professor Titular. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. p.57-58. Mimeografado.

Para a filósofa e professora Olgária Matos,²² “a história para Benjamin é, essencialmente, *presente*: o presente no qual o oprimido escreve a história e é aquele que arranca o passado à ‘história universal’”.

A relação da História com a ficção e o fato da História ser um discurso remetem a Mikhail Bakhtin, para quem toda palavra que se usa traz uma carga de “outrem”, e todo texto, conseqüentemente, relaciona-se a outros já escritos. O texto, dessa forma, pode constituir um “intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica, na qual se confluem, se entrecruzam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências”.²³ A partir das colocações de Bakhtin surge a noção de intertextualidade. Este termo, intertextualidade, foi criado por Julia Kristeva para designar o fenômeno observado pelo teórico russo. Dando prosseguimento ao estudo bakhtiniano, Kristeva afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar de intersubjetividade, instala-se a de ‘intertextualidade’ e a linguagem poética lê-se pelo menos como ‘dupla’”.²⁴

Kristeva afirma que “Bakhtin situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las”.²⁵ Assim, encarando-se texto como “sistema de signos”, a história constituiria um texto e sua relação com a literatura seria também uma forma de intertextualidade.

A preocupação com toda atividade humana encoraja os historiadores a serem interdisciplinares, no sentido de aprenderem com antropólogos, economistas, críticos literários, sociólogos, psicólogos, etc. Os

²² MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.61.

²³ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1981. p.156-157.

²⁴ KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance In: *Introdução à semântica*. Tradução: Lúcia H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Debates, 84) p.64.

historiadores de arte, literatura e ciência estão mantendo um contato mais regular com os historiadores tradicionais.

Nas últimas décadas, os historiadores vêm buscando novos conceitos para História, através de olhares diferentes, com outras “versões”, conscientizados do potencial para explorar novas perspectivas do passado, proporcionado por fontes como cartas e diários. Dividida em campos mais especificamente delimitados: história social, história econômica, história política e tantas outras subdivisões (como história da publicidade, do meio ambiente), seu universo se expande e se fragmenta.

Para Peter Burke, “nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional”.²⁶ Este dizia respeito essencialmente à política e marginalizava, assim, outros tipos de história, como por exemplo história da arte ou história da ciência, pois se restringia à história oficial dos vencedores (desprezando totalmente essa outra vertente da história que poderia ter sido, a história dos vencidos, vigorosamente defendida por Walter Benjamin, por exemplo em “Teses sobre Filosofia da História”²⁷).

Segundo Burke, toda atividade humana é interesse da Nova História, na qual o relativismo cultural destrói a tradicional distinção entre o que é central e o que é periférico na História.

Através de um contraponto, Burke apresenta as diferenças básicas entre História tradicional e Nova História. Enquanto os historiadores tradicionais pensam na História como essencialmente uma narrativa de acontecimentos, a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas. A História tradicional oferece uma visão “de cima”, no sentido

²⁵ KRISTEVA, op. cit., p.62.

²⁶ BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro.” In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica) p.10.

de que se tem concentrado sempre nos grandes feitos dos grandes homens. Por outro lado, vários novos historiadores estão preocupados com a “história vista de baixo”;²⁸ em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. Segundo o paradigma tradicional, a História deveria ser baseada em documentos (registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos). O movimento da “história vista de baixo”, por sua vez, expôs as limitações daquele tipo de documentos. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista dos que estão no poder (governo, autoridades). Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte, como cartas e depoimentos.

Eric Hobsbawn, historiador marxista, faz uma contribuição crítica a um debate histórico sobre a volta da história narrativa, inicialmente publicado na revista *Past and Present*. Hobsbawn atesta que

Para quase todas elas [histórias narrativas simples], o evento, o indivíduo e até a retomada de algum estilo ou modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas meios de esclarecer alguma questão mais ampla, que ultrapassa em muito o relato particular e seus personagens.²⁹

Mais adiante, Hobsbawn complementa:

É evidente que alguns historiadores se deslocaram das “circunstâncias” para os “homens” (inclusive mulheres), ou descobriram que o modelo simples de base e superestrutura e a história econômica não bastam ou – já que os resultados de tais abordagens não têm sido muito substanciais – não são mais suficientes. Alguns bem podem ter se convencido de que há uma incompatibilidade entre suas funções “científicas” e “literárias”. Mas

²⁷ BENJAMIN, op. cit.

²⁸ Expressão que surgiu em 1966, em artigo de Edward Thompson, passando a fazer parte da linguagem comum dos historiadores (Sharpe apud BURKE, op. cit., p.40).

²⁹ HOBBSAWN, Eric J. A volta da narrativa. In: HOBBSAWN, Eric J. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.202.

não é necessário analisar as modas atuais na história inteiramente como rejeição do passado e, na medida em que não podem ser inteiramente analisadas nesses termos, não é suficiente.³⁰

Hayden White, em seu livro *Trópicos do discurso*, afirma que Sartre

acredita que a única história importante é aquilo de que o indivíduo se lembra, e este só se lembra do que *deseja* lembrar. [...] e afirma que o passado é o que decidimos lembrar dele. [...] Escolhemos o nosso passado da mesma forma que escolhemos o nosso futuro. Portanto, o passado histórico, como os nossos diversos passados pessoais, é no melhor dos casos um mito que justifica o nosso jogo num futuro específico, e, no pior, uma mentira, uma racionalização retrospectiva daquilo que de fato nos tornamos mediante as nossas escolhas.³¹

Em seu livro anterior, *Meta-história*, Hayden White procurou identificar e interpretar as principais formas de consciência histórica na Europa oitocentista e estabelecer os elementos poéticos presentes na historiografia e na filosofia da história. Segundo o ensaísta,

[...] enquanto um historiador pode entender que é sua tarefa reevocar, de maneira lírica ou poética, o ‘espírito’ de uma época passada, outro pode presumir que lhe cabe sondar o que há por trás dos acontecimentos a fim de revelar as ‘leis’ ou os ‘princípios’ de que o ‘espírito’ de uma determinada época é apenas uma manifestação ou forma fenomênica.³²

White reveste de forte ironia sua referência ao trabalho do historiador, conferindo-lhe nível semelhante ao do ficcionista. Refere-se, inclusive, ao produto do historiador como sendo “estória”, com isso ressaltando que nunca o historiador trabalhará com plena objetividade, porque sempre ocorrerá subjetividade ao proceder à exclusão, inclusão ou realce deste ou daqueles acontecimentos. Ou seja, como no caso do

³⁰ HOBSBAWN, op. cit., p.206.

³¹ WHITE, op. cit., p.51.

³² WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (Coleção Ponta, v.4) p.20.

ficcionista, também o historiador apresentará seu relato dentro de um certo ponto de vista, que sempre denunciará parcialidade e ideologia. Conforme o autor:

Diversamente do romancista, o historiador defronta com um verdadeiro caos de acontecimentos *já constituídos*, dos quais há de escolher os elementos da estória que vai contar. Realiza sua estória mediante a inclusão de alguns acontecimentos e a exclusão de outros, realçando alguns e subordinando outros. Esse processo de exclusão, realce e subordinação é levado a cabo no interesse de constituir *uma estória de tipo particular*. Isto é, o historiador ‘põe em enredo’ sua estória. [...] Os historiadores em geral, por mais críticos que sejam de suas fontes, tendem a ser ingênuos contadores de histórias.³³

O próprio White, em seu outro livro publicado dois anos depois, modifica o seu pensamento ao afirmar que:

Os acontecimentos são *convertidos* em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça.³⁴

Ainda ao converter acontecimentos em “estória” está implícita a subjetividade que denuncia a impossibilidade de resgate absolutamente autêntico dos fatos históricos já constituídos e passados.

No artigo intitulado “O fardo da História”, White atesta que o objetivo da ficção deve ser o de libertar o ser humano do fardo da História:

[...] grande parte da ficção moderna gira em torno da tentativa de libertar o homem ocidental da tirania da consciência histórica. Ela nos

³³ WHITE, *Meta-história...* op. cit. p.21-22 e 24. Grifo do autor.

³⁴ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.100. Grifos do autor.

diz que somente libertando a inteligência humana do senso histórico é que os homens estarão aptos a enfrentar os problemas do presente.³⁵

Para o mesmo autor, “O historiador contemporâneo precisa estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como um meio de fornecer perspectivas sobre o presente que contribuam para a solução dos problemas peculiares ao nosso tempo”.³⁶

Já no artigo “O texto histórico como artefato literário”, White postula que:

Os historiadores procuram nos refamiliarizar com os acontecimentos que foram esquecidos por acidente, desatenção ou recalque. Ademais, os maiores historiadores sempre se ocuparam daqueles acontecimentos nas histórias de suas culturas que são ‘traumáticos’ por natureza e cujo sentido é problemático ou sobredeterminado na significação que ainda encerram para a vida atual, acontecimentos como revoluções, guerras civis, processos em grande escala como a industrialização e a urbanização,³⁷ ou instituições que perderam sua função original numa sociedade mas continuam a desempenhar um papel importante no cenário social contemporâneo. Ao examinar os modos como essas estruturas tomaram forma ou evoluíram, os historiadores as *refamiliarizam*, não só fornecendo mais informações sobre elas, mas também mostrando como o seu desenvolvimento se conformou a um ou outro dos tipos de estória a que convencionalmente recorremos para dar um sentido às nossas próprias histórias de vida.³⁸

No mesmo artigo, White reforça a diversidade entre o que é real e o que é verossímil ao abordar a diferença entre História e ficção:

A distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*. Assim concebidas, as narrativas históricas são estruturas complexas em que se imagina que um mundo da experiência existe

³⁵ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.52.

³⁶ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.53.

³⁷ Entre esses processos em grande escala, acrescentam-se os de migração e colonização.

³⁸ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.104.

pelo menos de dois modos, um dos quais é codificado como ‘real’ e o outro se ‘revela’ como ilusório no decorrer da narrativa.³⁹

Destaca-se que, nesse sentido, cada fato tem, pelo menos, dois lados, isto é, duas versões, dependendo do ponto de vista do observador (narrador ou historiador).

Já em “Historicismo, História e a imaginação figurativa”, White atesta que:

As histórias da fundação de cidades ou Estados, da origem das diferenças e privilégios de classe, das transformações sociais básicas causadas por revolução e reforma, das reações sociais específicas a catástrofes naturais, e assim por diante – todas estas histórias, segundo ele [Lévi-Strauss], apresentadas quer sob o aspecto de ciência social, quer de história, participam do mítico na medida em que ‘cosmologizam’ ou ‘naturalizam’ o que, na realidade, *nada mais é que* construções humanas que poderiam muito bem ser diferentes do que por acaso são.⁴⁰

Na Literatura, dependendo do ponto de vista, as seqüências de eventos podem assumir os aspectos de um romance, uma tragédia ou uma comédia indistintamente. E na História, “todo relato do passado sofre a mediação por parte do modo de linguagem em que o historiador molda a sua descrição original do campo histórico antes de qualquer análise, explicação ou interpretação que possa oferecer dele”.⁴¹

Ainda de acordo com White:

Cada nova representação do passado significa um teste e um refinamento das nossas capacidades de figurar o mundo na linguagem, de modo que cada nova geração é herdeira não apenas das informações sobre o passado, mas também de mais conhecimentos adequados da nossa capacidade de compreendê-lo.⁴²

³⁹ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.114. Grifos do autor.

⁴⁰ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.120. Grifos do autor.

⁴¹ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.134.

⁴² WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.135.

White, ao falar sobre ciência e arte, faz uma releitura de uma teoria de Camus:

Atualmente [1970], a história tem uma oportunidade de se valer das novas perspectivas sobre o mundo oferecidas por uma ciência dinâmica e por uma arte igualmente dinâmica. Tanto a ciência como a arte transcenderam as concepções mais antigas e estáveis do mundo que exigiam que elas expressassem uma cópia literal de uma realidade presumivelmente estática. E ambas descobriram o caráter essencialmente *provisório* das construções metafóricas de que se valem para compreender um universo dinâmico. Por isso, afirmam implicitamente a verdade proclamada por Camus quando escreveu: ‘Antes tratava-se de descobrir se a vida devia ou não ter um sentido para ser vivida. Agora se torna claro, pelo contrário, que ela será mais bem vivida se não tiver nenhum sentido’. Poderíamos retificar a afirmação para ler: ela será mais bem vivida se não tiver um sentido único, mas muitos sentidos diferentes.⁴³

O professor e crítico literário Lauro Junkes, em “História e Ficção na literatura de Santa Catarina”, aborda duas teorias: uma tradicional, da constitutividade, de Siegfried Schmidt, na qual o texto ficcional apresenta um mundo possível a partir de uma coerência interna; e a outra, a teoria do “como se”, de Wolfgang Iser, na qual o mundo representado na ficção torna-se visível pelo seu confronto com o outro (analógico x contextual), provocando impressões e reações no leitor. Nesse sentido o crítico literário atesta que:

Se percorrermos a produção ficcional de Santa Catarina, nela encontraremos ampla e constante remissão à realidade histórico-social. Mais do que puramente entregues ao reino do imaginário-fantástico, nossos escritores mantêm os pés no chão. E seria possível, mesmo, traçar um panorama consistente do desenvolvimento e da diversificação regional deste Estado à base da criação ficcional. A ficção, não raro, apresenta-nos a realidade numa forma bem mais viva, mais participativa e mais envolta no seu caráter humano do que a fria História, tão freqüentemente omissa, unilateral ou manipulada por ideologismos. (Aliás, uma diferença essencial entre Ficção e História, ao meu ver, consiste em a História contentar-se normalmente com os

⁴³ WHITE, *Trópicos...*; op. cit., p.62-63.

fatos em si, como fatos; ao passo que a Ficção busca e destaca mais insistentemente o ser humano que está por trás dos fatos, é causa ou vítima destes.)⁴⁴

O escritor português José Saramago, em seu discurso quando do recebimento do título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 1999, ao retratar a relação História e Ficção, afirmou:

Creio bem que o que subjaz a esta inquietação é a nossa certeza de que não poderemos, nem sequer de modo simplesmente satisfatório, reconstituir o passado. Não podendo reconstituí-lo, fica-nos a viagem pelas zonas de sombra, essas por onde o romancista avança com a sua pequena candeia, iluminando recantos, procurando caminhos que a poeira do tempo escondeu, inventando pontes que liguem factos isolados, e também, supremo atrevimento, substituindo algo do que foi por aquilo que poderia ter sido.⁴⁵

Contar um episódio da história dos vencidos da imigração alemã para o estado de Santa Catarina é o que pretende Adolfo Boos Júnior com o seu primeiro romance, *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, como será visto mais adiante. Antes, porém, será preciso fazer algumas colocações históricas a respeito da colonização germânica em Santa Catarina, tema do romance.

⁴⁴ JUNKES, Lauro. História e Ficção na literatura de Santa Catarina. In: Revista TEIAS, 4 (2) : 69-83, 1990.

⁴⁵ SARAMAGO, José. Discurso proferido ao receber o título *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 18 ago. 1999. Disponível em <<http://www.usfc.br/agecom/saramago.htm>>, acesso em 23 set. 1999.

1.2 – Parte da História da imigração alemã no Brasil e, particularmente, em Santa Catarina

O panorama da Alemanha no início do século XIX mostra um amontoado de pequenos Estados pobres e com sua economia baseada na agricultura. Três quartos da população alemã viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por precárias vias de comunicação. Essa população estava dividida em três classes, de acordo com Snyder: a nobreza, a classe média educada e o *povo* (camponeses, artesãos, lojistas, servos e o proletariado).⁴⁶

G. Bianquis descreve, de forma generalizada, a vida do camponês alemão por volta do final da época romântica (1830): “A vida cotidiana era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vivia dos produtos de sua terra, muito raramente comia carne, alimentava-se de pão escuro, de queijo grosseiro, de papas de cevada ou de aveia, de ervilhas e de feijões secos e de algumas raízes: cenouras, rábanos, nabos, rabanetes pretos... A introdução da batata desde 1770... atenuou muito os riscos de fome. O camponês produzia tudo o que consumia, não só a alimentação mas os têxteis: lã, cânhamo, e linho, que as mulheres fiavam e teciam”.⁴⁷ Comércio e indústria eram regulados por velhas leis medievais.

O século XIX é conhecido como o século da emigração européia em massa, pois só dos Estados alemães emigraram por volta de cinco milhões de pessoas, a maioria para os Estados Unidos da América, outros se estabeleceram no Brasil, Canadá, Argentina e Austrália.

⁴⁶ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. - Porto Alegre: Movimento, 1974. (Documentos brasileiros, v.5) p.19.

⁴⁷ Bianquis apud SEYFERTH, op. cit., p.21.

A emigração de alemães⁴⁸ em grande escala, no século XIX, coincidiu com o período de grandes crises que antecederam a unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1871. As causas dessa emigração são tanto políticas como econômicas.⁴⁹

As razões mais importantes que levaram os alemães a deixarem seu país de origem, conforme Giralda Seyferth, foram

a escassez de terras, a fragmentação das propriedades, o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários tanto dos operários como dos trabalhadores rurais. Além disso, havia também a propaganda das companhias de colonização e de agentes de emigração, tanto do Brasil como de outros países. Essa propaganda se fazia em torno da concessão de terras no Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os futuros colonos teriam de enfrentar.⁵⁰

O historiador Toni Vidal Jochen, autor de *Pouso dos imigrantes*, apresenta mais causas: “a melhoria dos meios de transporte possibilitando redução dos gastos de viagens transoceânicas; a pressão demográfica que se manifesta na Europa, não propriamente em termos absolutos, mas em termos relativos aos meios de subsistência. [...] Foram minoria os que emigraram por motivos de perseguição religiosa ou política”.⁵¹

Anos mais tarde, o mesmo autor acrescentaria que “os motivos para o ‘abandono definitivo da pátria’, o ‘empurrão’ final, foram as más colheitas, o aumento dos preços dos alimentos, a fome que isto provocou nas camadas mais pobres da sociedade, os impostos pesados cobrados pelos

⁴⁸ Sob o termo genérico “alemães” considera-se todos os que provenham de países que usam o idioma alemão. Conforme Seyferth, “A maioria dos imigrantes que se estabeleceram nesta região vieram da Alemanha (mais exatamente de Baden, Holstein, Oldenburg e Prússia), embora tivessem, posteriormente, entrado colonos de origem italiana e polonesa”. SEYFERTH, op. cit., p.9.

⁴⁹ SEYFERTH, op. cit., p.18.

⁵⁰ SEYFERTH, op. cit., p.28.

⁵¹ JOCHEM, Toni Vidal. *Pouso dos imigrantes* - Florianópolis: Papa-Livro, 1992. p.18.

proprietários de terra, as guerras e o serviço militar”.⁵² Além disso, havia ainda mais um agravante que colaborou para o grande aumento de desempregados e, conseqüentemente, de miseráveis. Fazia parte da tradição do mundo rural e estava relacionado com o direito de sucessão, ou de hereditariedade, existente nas diferentes regiões da Alemanha. Conforme os costumes, eram os pais, muitas vezes, obrigados a dividirem as suas terras entre todos os seus filhos, tornando-se estas tão retalhadas que a sua produção não era suficiente para manter a família que dela dependia. Em algumas regiões, somente o filho mais velho ou o mais jovem era que herdava a terra toda, obrigando os demais, que não queriam se subordinar ao herdeiro, a ir tentar a vida nas cidades, a trabalhar nas fábricas ou, então, a emigrar.⁵³

Pode-se notar que durante o século XIX a sociedade alemã sofreu mudanças profundas em todos os setores. A longo prazo foram mudanças que trouxeram melhorias à sociedade mas, a curto prazo, as camadas mais pobres se viram ameaçadas e toda a ordem social de séculos foi sendo destruída; a antiga sociedade, de estrutura extremamente definida, estava sendo substituída por uma diversa, incerta para uma grande maioria da população, e é esta nova ordem que o emigrante abandona, não só por sofrer a fome, mas por temer a instabilidade.

Em contrapartida, segundo Klaus Richter,⁵⁴ no final do século XIX, empresários e políticos alemães tinham interesses na emigração alemã para o Brasil meridional, com a formação de poderosos quistos étnicos alemães no além-mar. Tentavam convencer o público, através de inúmeros artigos nos periódicos da época, destinados à discussão de problemas migratórios.

⁵² JOCHEM, Toni Vidal; ALVES, Débora Bendocchi. *São Pedro de Alcântara: 170 anos depois 1829-1999*. – São Pedro de Alcântara: Coordenação dos festejos, 1999. 100 p.: il. p.10.

⁵³ Esse costume foi trazido para o Sul do Brasil. Sobre esse aspecto, cf. SEYFERTH, op. cit., p.81.

Durante o século XIX, foi se formando e aprimorando toda uma cadeia de serviços ligados à emigração, como os agentes, que trabalhavam para as companhias de navegação ou para algum governo ou companhia de colonização, jornais especializados, panfletos, guias para emigrantes, hospedaria de emigrantes nas cidades portuárias, etc. A emigração era um negócio muito rentável, principalmente para as companhias de navegação que transportavam carga humana, por exemplo, para os Estados Unidos ou Brasil e voltavam para a Europa com os navios carregados de açúcar ou café. Sem um número grande de pessoas predispostas a abandonar tudo para ir tentar a vida em um outro país, no entanto, muitos destes serviços não teriam aparecido ou, pelo menos, se desenvolvido. Através deles pode-se perceber a importância política e socioeconômica do movimento emigratório na História da Alemanha.⁵⁵

Apesar de toda propaganda a favor e da esperança de viver melhor em um “Novo Mundo”, para os alemães que resolveram migrar a partida era difícil. Deixavam para trás tudo que amavam: familiares, amigos e um pequeno pedaço de terra dolorosamente cedido a outros. Além disso, a viagem em alto-mar, com dias intermináveis, trazia novos dissabores: pequenos navios balançavam aos caprichos do mar, chuvas, tempestades, ventos, tubarões e baleias, superlotação, enjôo, diarreia, febre, lamentações, miséria, culminando com a falta de alimentos e água, inclusive para os doentes. Mais pormenorizada reconstituição ficcional da viagem migratória dos alemães da Europa para o Brasil não se conhece, além de *Quadrilátero*; não devia, porém, ser muito diversa daquela dos açorianos, descrita por Almiro Caldeira em *Rocamaranha*,⁵⁶ ou daquela dos italianos, retratada por

⁵⁴ RICHTER, Klaus. *A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. 2ª ed. rev. e ampl. - Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: FURB, 1992. p.14.

⁵⁵ JOCHEM; ALVES, *São Pedro...*, op. cit., p.16-17

⁵⁶ CALDEIRA, Almiro. *Rocamaranha*. Rio de Janeiro: Globo, 1961.

Ignês Toscan em seu romance denominado *Os anos da grande fadiga/Glianni della grande fatica*.⁵⁷

Nicolau Sevcenko, ao pesquisar o início do período republicano brasileiro na História e na literatura, fala sobre as dificuldades enfrentadas tanto pelos sertanejos como pelos imigrantes:

Arrastados à situações [sic] de desespero, seriam dizimados aos milhares pelas secas, pestilências, migrações, deportações oficiais e na repressão aos movimentos messiânicos. E para o meio desse universo aflitivo de vadios compulsórios são arrastadas ainda levadas intermináveis de imigrantes estrangeiros, agravando mais a penúria geral, a concorrência e insuflando a hostilidade entre os diferentes grupos. [...] Egressos da escravidão, populações sertanejas, imigrantes que controle tinham sobre o seu próprio destino, decidido nas coxias do Congresso da República?⁵⁸

Com Dom João VI iniciou-se a política imigratória do governo brasileiro, seguida e desenvolvida posteriormente por seus filhos D. Pedro I e D. Pedro II. A idéia era, inicialmente, a de povoar principalmente as províncias de São Pedro do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para proteger e defender a fronteira sul do Império, em constante conflito com as Províncias do Rio da Prata, pela posse da Banda Oriental (hoje Uruguai). D. João VI também tinha a preocupação de criar uma classe média, de homens livres e brancos, pequenos agricultores, que produzissem gêneros alimentícios para o mercado interno.

Sendo a passagem marítima para os Estados Unidos mais barata do que para o Brasil, se o governo brasileiro não tivesse subsidiado a diferença entre estas, o número de imigrantes com destino ao país teria sido ainda menor. Além deste subsídio, o governo dava uma outra vantagem importante aos colonos que se estabeleciam em uma colônia imperial ou

⁵⁷ TOSCAN, Ignês. *Os anos da grande fadiga/Glianni della grande fatica*. Florianópolis: Bernúncia, 1997.

provincial: ficavam isentos de impostos nos primeiros dez anos, tinham cinco anos para pagarem os seus lotes comprados a prazo e eram, ao chegarem à província ou à colônia, alojados, gratuitamente, até poderem se instalar em suas próprias casas.⁵⁹

Pode-se concluir que, de um lado, havia uma situação que levava um grande número de pessoas a estarem dispostas a emigrar e, de outro, um país disposto a recebê-las. Só foi possível ocorrer o movimento migratório devido à existência destes dois fatores: o de impulsão (Alemanha) e o de atração (Brasil).

Ressalta-se, no entanto, que dois fatores contribuíram para a não formação de uma corrente imigratória de alemães para o Brasil. O primeiro diz respeito à situação anárquica do sistema brasileiro de propriedade territorial até o ano de 1850, quando foi decretada a Lei de Terras, mas só efetivada em 1854. Esta lei regulamentava a demarcação, medição, venda e fixação do preço da terra no país. A partir daí, a única forma de acesso à terra era a compra e não mais a doação ou posse. O segundo trata da questão religiosa, pois muitos imigrantes alemães eram luteranos. O Brasil, desde 1824, permitia a imigração de pessoas de outras confissões, além da católica, porém não era permitida a construção de templos luteranos nas colônias, não se reconhecia legalmente o casamento entre protestantes, nem os filhos dessas uniões, o que desagradava muito aos colonos.

De qualquer maneira, o Brasil também tinha interesses na imigração, pois, temendo a falta de mão-de-obra, com a abolição da escravatura, passou a incentivar a vinda de pessoas de outros países. Além disso, D.

⁵⁸ SEVCENKO, op. cit., p.208.

⁵⁹ A situação socioeconômica na Alemanha estava tão complicada, com muita gente passando fome, que as pessoas acreditavam em qualquer promessa, com a ilusão de encontrar o “paraíso”. Acabaram sofrendo com a exploração da mão-de-obra nas fazendas de café, na região central do Brasil e passaram muito trabalho para desbravar a mata da região Sul, a fim de colonizá-la. Além disso, as promessas do governo não se concretizaram tão bem na prática como estavam no papel.

Pedro I era casado com a Arquiduquesa Leopoldina de Hamburgo, filha do Imperador Francisco I da Áustria, e ao mesmo tempo conhecido por Francisco II, último Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. A ascendência da Arquiduquesa Leopoldina favoreceu a vinda de alemães e suíços.

A colônia Leopoldina, na Bahia, foi o primeiro núcleo fundado com imigrantes alemães no Brasil, em 1818. A partir daquela data, imigrantes alemães entraram em vários estados brasileiros (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná), embora sua maior concentração tenha sido no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Foram fundadas, também, colônias agrícolas de norte a sul do Brasil, por iniciativa de D. Pedro I. Além das extintas colônias de Catuca, em Pernambuco, e São Januário, na Bahia, podem-se citar as colônias alemãs de São Leopoldo, fundada em 1824; São Pedro de Alcântara das Torres, fundada em 1826, no Rio Grande do Sul; Santo Amaro e Itapecirica, em São Paulo, fundadas em 1829; Rio Negro, no Paraná, em 1829; São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, em 1829. Algumas dessas fundações coloniais não foram bem-sucedidas, apesar de serem projetos estatais baseados na doação de terras. Assim, a política de atração deixou a desejar em relação aos seus imediatos propósitos.

Os imigrantes alemães⁶⁰ que entraram na Província de Santa Catarina, durante o século XIX, localizaram-se nas áreas de florestas, entre o litoral e o planalto (dentro dos limites da denominada “mata atlântica”),

⁶⁰ Há três tipos de imigrantes: o estrangeiro, o colono e o povoador. No caso da imigração germânica para o Brasil, em particular, o estrangeiro é o viajante que faz viagens pelo país para pesquisa ou aventura, mas retorna para a Alemanha. O colono veio principalmente para a região central do país, para trabalhar nas fazendas de café e cana-de-açúcar, substituindo, de certa forma, a mão-de-obra escrava. E o povoador veio preferencialmente para o Sul do Brasil, para preencher espaços vazios do interior dos estados [conforme anotações em caderno da disciplina PGL3155 – “As (re)construções do espaço nacional – Literatura, imigração e literatura de imigração no Brasil”, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela, no segundo semestre de 1999, no curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC].

longe das regiões de grandes propriedades luso-brasileiras. As regiões se caracterizaram principalmente pelo regime de pequenas propriedades policultoras e pelo fato de permanecerem relativamente isoladas, gozando de uma certa autonomia e realizando um comércio em pequena escala, não especializado, dominado por alguns comerciantes proprietários de pequenas lojas nos principais centros coloniais. Estas regiões acompanharam o vale do rio Itajaí, desde o curso inferior até quase a nascente, já no planalto, abrindo vias de comunicação entre o litoral e a serra catarinense.

A fundação de colônias com imigrantes alemães em Santa Catarina se deve tanto à iniciativa privada como à iniciativa governamental (seja do governo imperial ou republicano). Entre as colônias fundadas por iniciativa privada pode-se citar: Blumenau (depois transformada em colônia oficial a pedido de seu fundador), D. Francisca (atual Joinville, instalada pela “Sociedade Colonizadora de Hamburgo”) e Ibirama (instalada pela “Sociedade Colonizadora Hanseática”).

A fundação da colônia de Brusque, em 1860, é amplamente discutida no livro *Brusque: subsídios para a história de uma colônia do Império*, do historiador Oswaldo Rodrigues Cabral. A publicação, editada pela Sociedade Amigos de Brusque, fez parte das comemorações do 1º centenário da fundação da colônia. Conforme o autor, “Não se deve subestimar os sacrifícios e os trabalhos dos pioneiros desta instalação colonial que em vinte anos conseguia emancipar-se e em menos de um século se tornaria um dos mais prósperos municípios de Santa Catarina”.⁶¹

⁶¹ CABRAL, Oswaldo R. *Brusque: subsídios para a história de uma colônia do Império*. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. p.16.

A colônia Itajaí⁶² localiza-se na bacia do vale do rio Itajaí-mirim, considerado o maior da bacia Atlântica de Santa Catarina. Cerca de 90% da área da bacia do Itajaí é de terrenos acidentados e essa topografia influenciou desfavoravelmente no desenvolvimento da agricultura na região. Apesar de localizado em uma zona temperada, o vale apresenta um clima chuvoso e quente no verão, com muita precipitação, o que ocasiona enchentes periódicas – um dos grandes obstáculos da colonização.

Os imigrantes alemães tiveram de se adaptar ao novo “habitat” e ao novo tipo de agricultura. Os colonos, na sua maioria, vinham completamente iludidos quanto ao tipo de vida que iriam ter no Sul do Brasil.⁶³ A propaganda na Alemanha não lhes dava a mínima informação – a não ser que seriam proprietários de terras. Os colonos estavam totalmente despreparados para explorar um lote coberto de floresta e isolado em uma ampla área despovoada. Esse despreparo diz respeito a tudo: nada sabiam das técnicas agrícolas adequadas, do equipamento necessário ao desmatamento e plantio, dos tipos de roupa adequados à região ou mesmo da existência de índios e de animais selvagens. Na administração da colônia é que recebiam um machado, uma enxada e um facão ou uma foice. Foram três, provavelmente, as fontes de informação dos colonos: os

⁶² Brusque, pelo Aviso Imperial, recebeu o nome de Itajaí. Entretanto, os fundadores da colônia a denominaram Brusque em uma homenagem prestada ao Presidente da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque, que assinou o decreto de fundação em 1860. Em razão disto, nos documentos oficiais o nome da colônia aparece como Itajaí-Brusque e ela é conhecida apenas pelo segundo nome. A confusão terminou quando a área passou a ser município, com a denominação Brusque [SEYFERTH, op. cit., 41, nota 2].

⁶³ Em comemoração ao centenário de morte do Dr. Hermann Blumenau, foi lançado em 1999 o livro *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Trata-se de uma edição bilíngüe em português e alemão. O livro reúne duas publicações feitas pelo próprio Dr. Blumenau, em 1850 e 1851. Na primeira ele faz um relato sobre o Brasil e a província de Santa Catarina, numa visão de viajante. Apresenta o país de forma otimista, para convencer os imigrantes a adotá-lo como nova pátria. Defende a imigração para a América do Sul e critica o modelo de colonização dos Estados Unidos, mostrando desde então sua preocupação em preservar o idioma, religião e costumes alemães em novas terras. O segundo relato é um guia de instruções para os alemães decididos a migrar para o Brasil. Neste, Dr. Blumenau explica quais profissões são mais promissoras, o que os colonos devem trazer, como se comportar na viagem e na imigração, e deixa clara a realidade que os imigrantes encontrarão. O livro traz

administradores da colônia, os vendeiros e os jornais em língua alemã editados em Joinville e Blumenau.⁶⁴

Entre o litoral e a serra de Santa Catarina viviam os índios⁶⁵ Xokleng, também conhecidos por Xocrém, Botocudo ou Kaingang. Essa sociedade indígena, sentindo-se invadida, conservava seus padrões de cultura e organização social, mantendo contato destrutivo com as tribos ditas “civilizadas”. Andavam nus, enterravam seus mortos nos ranchos que abandonavam. Não praticavam lavoura; mantinham somente atividades de subsistência, caçando e coletando alimentos na natureza. Para saciar a fome, usufruíam do que dispunham, assaltando, assim, muitas vezes, as plantações dos imigrantes. Com o reforço da imigração, evidentemente, intensificou-se o processo de disputa pela terra. Os choques foram inevitáveis e a violência de ambas as partes foi avassaladora.⁶⁶

Das muitas promessas que já na Alemanha haviam sido feitas aos imigrantes por meio de agentes do governo brasileiro, somente algumas foram cumpridas: a das terras gratuitas e de madeiras quantas precisassem

ainda uma biografia do Dr. Blumenau do ponto de vista da antropóloga cultural Sabine Kiefer, da Alemanha, que fez uma dissertação de mestrado sobre o colonizador do Vale do Itajaí.

⁶⁴ Sobre os jornais em língua alemã, vale conferir: HERKENHOFF, Elly. *História da imprensa de Joinville*. – Florianópolis: Ed. da UFSC; Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1998.

⁶⁵ O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, em palestra proferida na UFSC em 11 out. 2002 sobre a situação dos povos indígenas em Santa Catarina, afirmou que o estado conta atualmente com oito mil índios de três tribos.

⁶⁶ A animosidade entre brancos e índios continua até os dias de hoje. No jornal *A Notícia*, de 12 nov. 2002, encontra-se a seguinte notícia: “Índigenas incendeiam bar em José Boiteux – Um grupo de índios da reserva Duque de Caxias, em José Boiteux, na região do Alto Vale do Itajaí, colocou fogo no bar de propriedade de Émerson Genésio Dell’Agnollo, que fica anexo a sua casa [...]. O fato ocorreu domingo [10 nov. 2002] por volta das 21h30min e teria sido em represália contra o comerciante, que momentos antes havia expulsado do interior do estabelecimento dois indígenas que estariam embriagados e perturbando os demais clientes. Ainda no domingo à noite, as casas de Vaicá de Lima e do seu filho, Alcimar de Lima, localizadas na aldeia Sede foram incendiadas, segundo as vítimas, como forma de vingança pela prisão do índio Icran Morlo, por tentativa de homicídio”. Já no jornal *A Notícia*, de 18 mar. 2003, encontra-se a notícia sobre o lançamento da seguinte obra: “Livro recupera tragédia que vitimou os xokleng”. *Tragédias Euro-Xokleng e Contexto*, de autoria do padre e historiador Dorvalino Eloy Kock, apresenta os massacres ocorridos desde 1830 na mata atlântica, que sacrificaram colonos europeus e índios botocudos. Durante seus estudos, o autor fundamentou-se em texto e fotos publicados na revista alemã *Reich des Herzens Jesu (O reino do coração de Jesus)*, de 1905, de autoria de Franz Schueler, apresentando o conflito dos imigrantes europeus com os índios no Vale do Itajaí. Em especial, nos 17

cortar. Deixaram, entretanto, de receber as ferramentas, a diária, as sementes.

Mas os imigrantes alemães, diante das agruras do “Novo Mundo”, sentiam necessidade de se fortalecerem na esperança e na fé e de continuarem unidos diante das adversidades naturais da vida na floresta virgem. Ali, além das lágrimas, semeavam a esperança de uma vida melhor.

O que caracterizou os cinco primeiros anos de exploração agrícola do colono foi a rotação de terras primitivas. O colono, ao tomar posse do seu lote, construía uma casa rústica, com madeira obtida na propriedade. A casa e outras dependências (ranchos para guardar mercadorias e abrigar uns poucos animais domésticos) se situavam próximo à picada.

Logo em seguida, a policultura foi adotada e, por esse motivo, o colono trabalhava na lavoura durante todo o ano. Plantas cultivadas: milho, mandioca, cana-de-açúcar, fumo, feijão preto, cará, batata inglesa, batata-doce, amendoim. Repetindo um hábito camponês alemão, reservava-se um trecho do terreno para plantar a horta, na qual cultivavam legumes e árvores frutíferas para o consumo doméstico.

A unidade básica do sistema econômico é a pequena propriedade agrícola (25 hectares) trabalhada pela família, associando-se a este trabalho, em certos períodos, o artesanato, a busca do trabalho acessório (construção de estradas e picadas; “puxadores” de madeira nas serrarias; carpintaria e ferraria) e a tendência de produzir um excedente para o mercado, efeito da articulação entre a aldeia e a cidade.

O trabalho na propriedade agrícola do colono alemão era exercido apenas pelos componentes da família (com exceção de crianças e velhos).

bugreiros que partiram de Brusque em 4 de fevereiro de 1905 e que chacinaram cerca de 80 índios no dia 4 de março seguinte, no chapadão do Feuser, em Vidal Ramos.

O maior ou menor desenvolvimento da produção agrícola numa propriedade dependia diretamente do tamanho e composição da família.

O trabalho, em geral, era dividido da seguinte maneira: com exceção da derrubada, a mulher participava ativamente de todas as atividades do marido: preparo da roça, colheita, cuidado com os animais domésticos. Era considerado trabalho de mulher: cuidado com a horta e com a casa. As crianças de sete a quinze anos ajudavam em tarefas secundárias.

Nos cruzamentos das linhas coloniais geralmente aparecem pequenos povoados reunindo algumas residências, uma pequena capela, cemitério, uma (ou mais) casa comercial, alguns engenhos e um ou dois artesãos. Como as casas se distribuem ao longo de uma linha colonial transformada em estrada, a forma física que toma o povoado é alongada.

Os imigrantes alemães radicaram-se via de regra em terras de zonas florestais, onde fundaram colônias e começaram a trabalhar como pequenos agricultores e comerciantes. O isolamento de suas colônias fez com que durante longos anos os alemães nem entrassem em contato com os brasileiros, preservando assim sua cultura.

A religiosidade dos imigrantes expressava-se de maneira autêntica, seja no lar, seja no cumprimento dos preceitos dominicais. A simples capela, católica ou protestante,⁶⁷ era o ponto de encontro espiritual e cultural, meio de integração social para o qual convergiam as naturais e legítimas aspirações da comunicação.

Em geral a vida social nas colônias era pouco movimentada. Restringia-se quase só a manifestações religiosas como casamentos, missas, novenas e devoções. As festas religiosas eram comemoradas em

⁶⁷ De acordo com Jochem (*São Pedro...*, op. cit., p.27), “Como novidades às cláusulas dos contratos posteriores, propostas pelo governo para atrair a emigração, traziam a liberação para a profissão religiosa e o exercício do culto, sendo que os ofícios divinos, por preceito constitucional, deveriam ser realizados

diversas localidades, tendo não só como motivo a reverência a certo santo, como também a coleta de fundos para a melhoria dos eclesiásticos ou a manutenção do patrimônio da Igreja. Tais festas incluem desde o ritual da Santa Missa, até barraquinhas com sorteio de presentes e baile.

Já em Desterro, a maior parte dos imigrantes era dos Açores. Por ser a capital do estado de Santa Catarina e por ser, no final do século XIX e início do XX, uma cidade portuária, muitos imigrantes, de diversas nacionalidades, aportaram na Ilha: africanos, alemães, gregos, italianos, poloneses, sírio-libaneses, entre outras.

A presença de alemães em Desterro remonta aos primórdios da descoberta do Brasil. Situada na rota do Prata e do Estreito de Magalhães, a ilha foi visitada por um grande número de navegadores e viajantes europeus, em missões científicas ou não. Hans Staden aportou na ilha no dia 25 de novembro de 1549, onde permaneceu por algum tempo, chegando a ficar cativo dos índios por um período. Nesse tempo, ele desenhou aquele que, provavelmente, é o mais antigo mapa da Ilha de Santa Catarina.

O jornal *Diário Catarinense*, ao fazer uma série de reportagens sobre as origens de Florianópolis, revela “a saga dos imigrantes”:

Já a presença de alemães residentes no Desterro, deve ser necessariamente relacionada à fundação da Colônia de São Pedro de Alcântara (1829). Das 146 famílias que se destinavam à colônia, 14 permaneceram na ilha e imediações, como na Praia Comprida, em São José. No começo deste século, a comunidade alemã já reunia 150 famílias, em torno de 400 pessoas. Havia também muitos filhos de alemães adotados por ricas famílias brasileiras.⁶⁸

Ainda de acordo com a mesma fonte bibliográfica supracitada,

em residências ou em local destinado especificamente para tal fim, porém que não apresentassem o aspecto externo de igreja: torre, por exemplo”.

⁶⁸ A saga dos imigrantes. In: Jornal *Diário Catarinense*, 12 mar. 1998. Suplemento “Florianópolis – origens e destino de uma cidade à beira-mar”, n.12, 12 p. (p.7.).

Logo nas primeiras décadas que se seguiram à chegada dos alemães em Santa Catarina, alguns imigrantes estabelecidos no comércio da cidade, já começavam a se destacar por seu patrimônio e empreendimentos. [...] Na virada do século 20, havia em Florianópolis um bom número de belas, amplas e bem arborizadas chácaras, o que evidenciava o nível de renda e o status social do proprietário. Dentre os proprietários dessas grandes chácaras, localizadas na Praia de Fora, Osvaldo Cabral cita as famílias Hoepcke, Leisner, Ebel, Hackradt e Wangenheim. [...] No início deste século, a maior parte das iniciativas industriais e comerciais estavam em mãos de empresas familiares germânicas [...]. O mesmo pode ser dito dos profissionais liberais, em áreas como a medicina, farmácia e arquitetura.⁶⁹

Destaque especial deve ser dado à empresa do imigrante alemão Carl Hoepcke, que em muito dinamizou a economia local com o comércio de importação e exportação dos mais variados produtos.

O historiador e professor João Klug expôs o seu ponto de vista sobre a contribuição dos imigrantes alemães para Santa Catarina: “Os estudos sobre movimentos imigratórios mostram que estes têm contribuído significativamente para o enriquecimento cultural e econômico das sociedades receptoras. Em relação a Florianópolis, os alemães, apesar de numericamente formarem um grupo pequeno, trouxeram sua contribuição”.⁷⁰

O desenvolvimento da colonização alemã no estado de Santa Catarina foi, sobretudo, resultado da tenacidade do trabalho, da perseverança, da criatividade e da resoluta religiosidade que animaram e fortaleceram os imigrantes pioneiros e seus sucessores, diante das asperezas de um mundo totalmente novo que se abria diante de seus olhos.

Não se aspira fazer a História da colonização alemã no vale do Itajaí-mirim e, por isso, este trabalho limita-se a apresentar dados que

⁶⁹ Ibidem, p.11.

possibilitem melhor compreensão do contexto do trabalho que será desenvolvido. Este se constituirá da análise do romance *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, de Adolfo Boos Júnior, que é ambientado primeiramente em uma colônia de imigração alemã, na região do vale do Itajaí-mirim (próximo a Brusque)⁷¹ e depois na capital do estado de Santa Catarina. Por isso mesmo, há abundância de citação das fontes – para que possam ser comprovadas as informações e sobre elas não possam pairar dúvidas –, embora muitos desses dados possam ser discutidos, à vista das divergências encontradas nos documentos, e que são aqui fielmente registrados. Não é menos verdade que não se terá limitado à transcrição pura e simples do conteúdo dos documentos encontrados mas, também, sobre ele trazido a análise crítica. Todavia, esta parte é justamente aquela que poderá ser objeto de modificações, não só porque outras interpretações podem ser tentadas, de acordo com as idéias de quem mergulhar no assunto, como pelo acréscimo de novos dados, de novas informações, trazidas por novos documentos que possam ser encontrados que não tenha ainda sido convenientemente vasculhado.

Não se pretende, com este trabalho, subestimar o árduo trabalho dos imigrantes alemães em solo brasileiro. A imigração germânica em diversas cidades catarinenses, com sua força e determinação, em sua grande maioria, tornou-se vencedora. O ponto de vista que se defende é que mesmo os vencedores passaram por muitas e variadas adversidades. O “Novo Mundo” não foi o Paraíso, a Terra Prometida, isto é, “um mar de rosas”. E que houve, sim, imigrantes alemães vencidos, isto é, colônias que,

⁷⁰ KLUG, João. Os alemães têm real influência na história da Ilha? In: *Jornal Diário Catarinense*, 12 mar. 1998. Suplemento “Florianópolis – origens e destino de uma cidade à beira-mar”, n.12, 12 p. (p.11).

⁷¹ O cenário escolhido pelo autor para este romance pode ter sido por diversos motivos, como será visto mais adiante, na parte destinada à análise do enredo ficcional.

por um somatório de motivos (gerais ou particulares), não conseguiram se desenvolver ou até mesmo foram dizimadas.⁷²

Para o professor Evaldo Pauli, “Herói é o combatente avançado, com lances destemidos, fatais e trágicos. Vencido aparentemente, herói é aquele que pelo seu feito ultrapassa a morte como imagem estimulante dos que restam da catástrofe”.⁷³

Conforme Jochem, “Todo esforço, determinação, empenho em prol de um mundo melhor supõe respeito. Aquele mesmo respeito com que a eternidade silenciosa impõe à terra e ao destino de quantos caminham no tempo”.⁷⁴

A imigração alemã no Brasil e, particularmente, em Santa Catarina foi, e ainda é, objeto de pesquisas históricas, sociológicas, lingüísticas, antropológicas e de outras ciências.⁷⁵ Na literatura, a temática da imigração dá substancialidade, trazendo no seu cerne o dualismo: Europa e América, passado e futuro, saudade e esperança. Entre os escritores brasileiros que retratam esse tema pode-se citar Graça Aranha – *Canaã*⁷⁶ (1902), Érico Veríssimo – com a trilogia *O tempo e o vento*⁷⁷ (*O continente* – 1949; *O retrato* – 1951 e *O arquipélago* – 1962), Clodomir Vianna Moog – *Um rio imita o Reno*⁷⁸ (1939), Luiz Antônio de Assis Brasil – *Videiras de cristal*⁷⁹

⁷² No romance a ser estudado neste trabalho, a colônia fictícia retratada localiza-se na região de Brusque, no Vale do Itajaí-mirim.

⁷³ PAULI, Evaldo. *A fundação de Florianópolis*. 2ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p.187.

⁷⁴ JOCHEM, Toni Vidal (Org.). *Sesquicentenário da colônia alemã Santa Isabel 1847 – 1997: celebração e memória* – Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998. p.23.

⁷⁵ Destacam-se os seguintes títulos: *Saudade e esperança*: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura, de Valburga Huber (Ed. da FURB, 1993); *Uma enteada da natureza*, de Gertrud Gross Hering (EdUFSC, 2000); *Uma mulher do século passado*, de Emma Hatzky (EdUFSC, 2000) e *Uma viagem só de chegada*: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina, de Marcelo de Brito Steil (EdUFSC, 2002).

⁷⁶ ARANHA, Graça. *Canaã*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro)

⁷⁷ VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento*. 18ª ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

⁷⁸ MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. 8ª ed. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1973. (Sagitário.)

⁷⁹ ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. *Videiras de cristal*. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. Essa narrativa serviu de base para o roteiro do filme *A paixão de Jacobina*, de Fábio Barreto, lançado em 2002. O filme retrata parte da história da imigração alemã no estado do Rio Grande do Sul ao narrar a história

(1990). Especialmente no estado de Santa Catarina destacam-se: Ricardo L. Hoffmann – *A superfície*⁸⁰ (1967), Lausimar Laus – *O guarda-roupa alemão*⁸¹ (1975), João Alfredo Medeiros Vieira – *O sonho e a glória*⁸² (1975), Evaldo Pauli – *Desafio aos olhos azuis*⁸³ (1978), Urda Alice Klueger – *Verde vale*⁸⁴ (1979), Almiro Caldeira – *A esperança, talvez*⁸⁵ (1982), Adolfo Boos Júnior – *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)* (1986), Edith Kormann – *A imigrante*⁸⁶ (1998), Christina Baumgarten – *O espírito de uma época*⁸⁷ (1999).

De acordo com o professor Lauro Junkes,

Diante do texto ficcional, não se pergunte primeiro se ele é verdadeiro ou falso no sistema do mundo da experiência. Seja ele antes apreciado, na sua coerência interna, como um mundo potencialmente autônomo, um mundo possível – isto é, seja recebido como integrante do sistema artístico, onde a obra só pode ser adequadamente recebida se é quando o leitor/usufruidor obedecer às regras do discurso, da comunicação ficcional, de acordo com o qual, textos literários não tratam de fatos empíricos mas constituem mundos possíveis, não necessária nem diretamente ancorados na realidade do tipo do mundo normal de nossa experiência.⁸⁸

de uma polêmica religiosa (Jacobina Mentz) que liderou a Revolta dos *Mucker* (“falsos santos” – 1871-1874). Maiores detalhes sobre o filme confira no endereço eletrônico <<http://www.apaixaodejacobina.com.br>>. Acesso em 21 maio 2003.

⁸⁰ HOFFMANN, Ricardo L. *A superfície* – 2ª ed. Rio de Janeiro: Antares/MEC, 1978.

⁸¹ LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão* – 2ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1986.

⁸² VIEIRA, João Alfredo Medeiros. *O sonho e a glória*. – Florianópolis: Lunardelli, 1975.

⁸³ PAULI, Evaldo. *Desafio aos olhos azuis*. Florianópolis: Lunardelli, [1978]. Esta obra foi a vencedora do I Concurso Catarinense do Romance, idealizado pela Editora Lunardelli, de Florianópolis, recebendo o Prêmio Barriga-Verde. De acordo com Silveira Júnior, um dos membros da comissão julgadora, na apresentação do livro, houve um empate na escolha, mas dos argumentos utilizados para dar o prêmio para esta obra destaca-se o seguinte: “Insisto em que este não é o romance mais bem elaborado da coleção em julgamento, mas creio ser aquele que traz uma mensagem de fé na coragem humana, no estoicismo dos primeiros imigrantes, no amor que aqueles estrangeiros votaram ao Brasil, logo à primeira vista”.

⁸⁴ KLUEGER, Urda Alice. *Verde vale* – Florianópolis: Lunardelli, 1979. (Observe-se que em maio de 2003 o livro alcançou a sua 10ª ed., pela mesma editora.) Salienta-se que a mesma autora tem diversos outros romances sobre a imigração alemã.

⁸⁵ CALDEIRA, Almiro. *A esperança, talvez*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; Porto Alegre: tchê!, [1982].

⁸⁶ KORMANN, Edith. *A imigrante*. Blumenau: Ed. da Autora, 1998.

⁸⁷ BAUMGARTEN, Christina. *O espírito de uma época: a saga da família Baumgarten* (biografia romanceada). Blumenau: HB Ed., 1999.

⁸⁸ JUNKES, História e Ficção..., op. cit., p.70.

A narrativa, assim como a História, não tem uma trama perfeita: elas conservam apenas vestígios do passado, um conhecimento mutilado que o tempo tanto pode preservar como destruir.

Como a arte é uma das maneiras de apreensão da realidade e ela – a arte – é o filtro através do qual um escritor interpreta os fatos que narra, torná-los de novo presente através de narrativas traz uma interpretação poética do vivido. Adolfo Boos Júnior escreve narrativas ficcionais e é o seu olhar sobre a existência humana que vai grafado e gravado nas páginas em branco.

2 – APRESENTAÇÃO DO AUTOR

2.1 – Vida e obra

Adolfo Boos Júnior, Boos Jr. ou simplesmente Boos, como gosta de ser chamado, nasceu em Florianópolis – SC, no dia 16 de março de 1931. Como o próprio sobrenome indica, é descendente de alemães. Cresceu vendo o mar, na Rua Bocaiúva (antiga Praia de Fora, na ilha) e atualmente vive próximo dele, no bairro Coqueiros (no continente). Estudou nos Grupos Escolares Lauro Müller e Dias Velho, Colégio Catarinense e Academia de Comércio. Como técnico em contabilidade entrou para o quadro funcional do Banco do Brasil. Devido a este seu trabalho, morou alguns anos na cidade de Brusque – SC, assim como em cidades do interior no estado da Bahia. Colaborou no jornal *O Rebate*, de Brusque – entre 1959 e 1964 e *O Estado*, de Florianópolis – entre 1986 e 1987. É casado com D. Lenita, com quem teve duas filhas e hoje já tem alguns netos.

Foi membro do Grupo Sul, nome como ficou conhecido o Círculo de Arte Moderna, que agitou a Ilha de Santa Catarina nas décadas de 1940 e 1950, tanto nas artes plásticas como no cinema, assim como no teatro e na literatura. O Grupo Sul formou-se a partir dos nomes de intelectuais como Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Antônio Paladino, entre outros. Segundo o crítico literário e professor Lauro Junkes,

Embora o Grupo Sul não contasse com a mesma pujança e vigor do movimento nacional de 1922, seus ideais se identificaram com os daquele, quer no gosto estético, quer na irreverência com que se opunham à mentalidade tradicionalista e na busca da implantação de novos conceitos estético-literários.⁸⁹

⁸⁹ JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC, Lunardelli, 1982. p.37-38.

Estreou na coletânea *Contistas novos de Santa Catarina* (1954), volume publicado pela Edições Sul e prefaciado pelo crítico Nereu Côrrea. Dois anos após, pela mesma editora, lança o livro de contos *Teodora & cia.*

De acordo com Iaponam Soares,⁹⁰ “um de seus contos, *Em surdina*, encontra-se selecionado por Esdras do Nascimento na *Antologia do novo conto brasileiro* (1964), trabalho panorâmico que agrupa algumas dezenas dos melhores cultores do gênero, oriundos de todos os estados do País”.

Na década de 1970, participou das coletâneas *Panorama do conto catarinense* (1974), organizada por Iaponam Soares e *Assim escrevem os catarinenses* (1976), organizada por Emanuel Medeiros Vieira.

Somente depois de desenvolver suas atividades profissionais no Banco do Brasil e de vencer o Concurso de Contos Virgílio Várzea em 1980, com *As famílias*, reapareceu com mais evidência na literatura.

Publicou, desde então, *A companheira noturna*⁹¹ (contos, 1986); *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*⁹² (romance, 1986); *O último e outros dias* (contos, 1988); *Um largo, sete memórias: e mais uma, coletiva, inquisitorial, contraditória e, muitas vezes, perturbadora*⁹³ (romance, 1997) e *Presenças de Pedro Cirilo*⁹⁴ (romance, 2001), além de diversas participações em coletâneas de contos, dentre as quais destacam-se: *Vinte e um dedos de prosa* (Ed. Cambirela), *Numa ilha* (Fundação Prometeus Libertus), *Este mar catarina*, *Este humor catarina*, *Este amor catarina* (as

⁹⁰ SOARES, Iaponam (Org.) *Panorama do conto catarinense* 2ª ed. Porto Alegre: Movimento/Instituto Nacional do Livro, 1974. (Coleção Santa Catarina, v. 1) p.84.

⁹¹ Classificado em 2º lugar no Concurso 3ª Bienal Nestlé de Literatura, categoria conto, 1986.

⁹² Classificado em 3º lugar no Concurso 3ª Bienal Nestlé de Literatura, categoria romance, 1986.

⁹³ Para escrever este livro, o autor contou com uma Bolsa de Apoio ao Escritor Brasileiro, fornecida pela Fundação Biblioteca Nacional. Este romance alcançou uma segunda edição em 1998 e fez parte da lista dos livros indicados para a leitura para o Concurso Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina – 1999.

⁹⁴ Romance selecionado pelo Governo do Estado de Santa Catarina e Fundação Catarinense de Cultura para publicação, através do Edital de Apoio à Criação e à Produção – Letras – 2000. O livro foi lançado em 2001 pela Letras Contemporâneas. Esta narrativa havia recebido menção especial no Concurso Octávio de Faria, promovido pela União Brasileira de Escritores, em 1993.

três publicadas pela EdUFSC), *Flagrantes do cotidiano* (Fundação Franklin Cascaes) e *Os dez mandamentos* (Ed. Garapuvu).

A título de curiosidade, apresentar-se-á um pouco de cada obra de Adolfo Boos Júnior.

Teodora & cia (1956) marca a estréia do autor através da reunião de nove contos. Dedicado “à memória de Graciliano Ramos”, anuncia a influência do escritor alagoano, que lhe causou muito impacto com a sua narrativa seca e exata. A epígrafe já alardeia o tema central desta obra: “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus” (Sermão da montanha). Nesta obra, Boos Júnior vai retratar diversos tipos de seres humanos marginalizados pela sociedade: o idoso, o doente, o desempregado, o negro, a empregada doméstica, a prostituta, entre outros. De acordo com o professor Lauro Junkes, este livro tem uma “temática bastante amarga, desilusória e dramática, mas de profundo humanismo existencialista”.⁹⁵

Ao fazer uma autocrítica, de uns anos para cá, Boos Júnior tem “renegado” (termo muito forte, talvez) este seu primeiro livro, ao comentar sua estréia na literatura, em entrevistas informais e palestras para alunos. Tanto que levou quase um quarto de século para voltar a publicar. Nesse sentido, destaca-se o comentário do crítico literário Wilson Martins, sobre a rejeição de Graciliano Ramos pelo seu primeiro romance, *Caetés* [1933]:

A hostilidade com que o autor encara o seu primeiro livro deve ser tida, portanto, como uma injustiça, ainda que represente um atestado de espírito crítico que poucos romancistas demonstraram possuir entre nós. Graciliano Ramos sentiu, antes de mais ninguém, as fragilidades

⁹⁵ JUNKES, op. cit., p.61.

que comprometeram o seu primeiro livro – mas elas não bastam para justificar a sua condenação sumária.⁹⁶

Voltando ao autor catarinense, o crítico literário Lauro Junkes chegou a publicar a seguinte definição (como se fosse uma resposta à recriminação de Boos Júnior ao seu primeiro livro): “embora livro de estréia, de fato superado pela estrutura e linguagem impecáveis dos livros posteriores do autor, *Teodora & cia* continua sendo um livro perfeitamente legível, embora distante e quase inatingível, devido à reduzida tiragem”.⁹⁷

Ao analisar o livro de contos, Antônio Hohlfeldt chega à seguinte conclusão: “[...] para Boos Jr. a função da memória cumpre papel destacado em nossa vida, desempenhando quase sempre um papel de elemento contrastador na auto-avaliação feita entre o que se é neste momento e o que se idealizou anteriormente”.⁹⁸

As famílias (1980), depois de um afastamento de mais de duas décadas que o próprio autor se deu, retoma o assunto velhice, com vários de seus problemas, fazendo-o a “espinha dorsal” desta obra formada por oito contos distribuídos em três conjuntos.⁹⁹

O escritor e jornalista Salim Miguel, ao fazer a apresentação deste livro, ressalta que “a linguagem é densa, contida, elaborada, carregada de símbolos. Boos pesa cada palavra, avalia-a, buscando seu significado mais

⁹⁶ MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Posfácio de Wilson Martins, ilustrações de Poty. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. p.229.

⁹⁷ JUNKES, Lauro. Escreve bem... com talento e muito suor. In: *Revista da Academia Catarinense de Letras*, nº 16, Florianópolis, 2000/2001. p.103.

⁹⁸ HOHLFELDT, Antônio. *A literatura catarinense em busca de identidade: o conto*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. (Coleção Santa Catarina, v.26) p.17.

⁹⁹ No ano de 2002 participei do I Colóquio Internacional de Literatura – evento organizado pela Academia Catarinense de Letras e Fundação Franklin Cascaes – com uma comunicação intitulada “Marcas açorianas em contos de Boos Jr.” sobre dois contos publicados em *As famílias*.

íntimo, procurando recriá-la para nos transmitir a visão multifacetada de seu universo”.¹⁰⁰

Segundo o professor Lauro Junkes, neste livro, que envolve genericamente famílias,

o desvio do foco da comunidade familiar para o indivíduo e sua introspecção é perfeitamente coerente e significativo, porque a intenção visa a ressaltar a deterioração, os desencontros, a desilusão e a solidão que invadem e aniquilam as personagens, desgastadas pelo fluxo irreversível do tempo e pela chegada da velhice.¹⁰¹

Janete Gaspar Machado, no seu livro *A literatura em Santa Catarina*, ao comentar este livro de Boos Júnior, revela o universo da velhice como o tema central de seus contos e acrescenta:

A perquirição do lado psicológico fornece aos contos um ritmo lento e certa imobilidade, aparecendo, por isto, o uso constante do fluxo de consciência, o que dá maior consistência ao desvendamento do mundo imóvel e das recordações mortas, que preenchem a existência das personagens.¹⁰²

Com *A companheira noturna* (1986), Boos Júnior mergulha ainda mais fundo no seu objeto, a velhice: com suas angústias e sua decadência. A epígrafe do livro, retirado do primeiro conto nele inserido (“O cárcere de Maria Pedroso”), atesta: “A morte não deve ser o fim e a velhice – aqui – não tem remédio”. Já neste livro de contos o autor introduz a técnica narrativa de “diálogos entrecortados” no meio do texto, sem indicação explícita de quem está falando.

¹⁰⁰ Essa definição de Salim Miguel, dirigida para o livro *As famílias*, serve com exatidão para toda a obra de Adolfo Boos Júnior.

¹⁰¹ JUNKES, *Aníbal...* op. cit., p.62.

¹⁰² MACHADO, Janete Gaspar. *A literatura em Santa Catarina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Revisão, 23) p.81.

Cassiano Nunes, ao apresentar esta obra (nas abas do livro), afirma que “o escritor catarinense expõe, percuciente, a alienação e a frustração da vida moderna. Condói-se do destino de seres humanos que chegam ao fim de suas vidas sem terem descoberto a felicidade nem o sentido de suas existências”.

Ao analisar esta mesma obra, o professor Lauro Junkes afirma que:

Apenas cinco histórias compõem o volume premiado, autênticos contos, concentrados cada qual em vigoroso núcleo dramático, porém abrindo-se para amplas conotações, quer em seus elementos explícitos, quer em suas lacunas implícitas. Todos eles envolvem um casal (talvez melhor, um macho e uma fêmea, em sua implícita relação sexual), diversificando-se, porém, as relações nos diversos contextos.¹⁰³

Em 1986 Boos Júnior também publica *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, sua estréia no romance. Narra a história de um grupo de imigrantes alemães que veio para o Sul do Brasil, especialmente para o Vale do Itajaí-mirim. O enfoque dado é a visão dos vencidos. Como essa obra constitui o *corpus* deste trabalho, não se falará mais nada agora, deixando para analisá-la mais adiante.

Ressalta-se, no entanto, que nas pesquisas realizadas em diversas bibliotecas e fontes distintas, a única análise encontrada deste romance – excetuando-se a apresentação do livro, feita por Eglê Malheiros – foi a produzida pelo professor e crítico literário Antônio Hohlfeldt, publicada em *A literatura catarinense em busca de identidade – o romance*, em 1994. Para Hohlfeldt,

Mais surpreendente é a complexidade da trama buscada – a constituição de um verdadeiro romance-rio, na melhor tradição balzaquiana, confirmada pelo autor –, o absoluto domínio da trama

¹⁰³ JUNKES, Escreve bem... op. cit., p.106.

por ele exercido e, sobretudo, a busca inovadora de formas de narração que verdadeiramente desafiam o leitor, num primeiro momento de contacto e, posteriormente, o fascinam e prendem, levando-nos a ultrapassar as páginas da narrativa, ansiosos e ansiados em compreender e ligar as diferentes pontas dramáticas que o enredo nos apresenta, até a unidade final, aliás, não de todo abarcada, eis que muitas personagens terão explicação e desenvolvimento nos volumes que se seguem.¹⁰⁴

O escritor Salim Miguel faz a seguinte observação sobre *Quadrilátero*:

Através de quatro personagens-chave e dos quatro elementos da natureza (ar, água, terra, fogo) temos o retrato de um grupo de imigrantes alemães. Mas o que interessa ao escritor é o outro lado, não o dos vencedores tão badalados, mas o dos perdedores, aqueles que sentem ir desmoronando sonhos e ilusões.¹⁰⁵

Os sete contos de *O último e outros dias* (1988) traduzem ainda a inquietação e as reflexões do autor sobre a velhice e suas conseqüências: morte e apocalipse (dia do juízo final), como o próprio título anuncia. Como não poderia deixar de ser, a epígrafe revela: “... aí vem o grande dia. E quem poderá subsistir?”, retirada do Apocalipse.

Hélio Pólvora, ao analisar esta obra, afirma que

As personagens de Boos Júnior em *O último e outros dias* saem do mundo, como atores deixam a cena, para melhor avaliá-lo, na tentativa de dar ordem ao caos. Vivem por obra da abstração, da fuga, do intimismo. São mais narradores de histórias autobiográficas do que propriamente atores. A náusea de viver – aquela náusea sartreana – lhes está implícita e, talvez por sua causa, as personagens parecem à beira da catástrofe.¹⁰⁶

¹⁰⁴ HOHLFELDT, *A literatura catarinense em busca de identidade – o romance*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC, Ed. da UFSC, 1994, p.220.

¹⁰⁵ MIGUEL, Salim. *Ainda Santa Catarina / 86 e o livro – III*. In: MIGUEL, Salim. *O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros*. v.2. Florianópolis: EdUFSC, Lunardelli, 1990, p.73.

¹⁰⁶ PÓLVORA, Hélio. *Contos do desastre iminente*. In: *Jornal A região*, Itabuna – Bahia, 17 abr. 1989.

*Um largo, sete memórias*¹⁰⁷ (1997) também trata da velhice, mas não só dela. Boos Júnior, com este romance, conta a luta do sapateiro abolicionista Manoel Joaquim da Silveira Bittencourt (mais conhecido como Artista Bittencourt), que viveu em Desterro no século XIX, e trabalhava para alforriar escravos velhos. A trama vai desenvolver-se, no entanto, a partir da compra de uma escrava chamada Cida, de 17 anos, e todas as suas implicações.

Silveira de Souza, ao entrevistar o amigo e escritor Boos Júnior, faz revelações sobre a criação literária desta obra:

Não obstante as pesquisas feitas, o autor não pretendeu escrever um romance histórico, mesmo porque os dados a respeito do sapateiro são tremendamente escassos, mas as consultas e levantamentos ajudaram a compor um pano de fundo aceitável, ou seja, do Desterro do século passado [XIX], adequado à crônica de um amor sufocado por convenções, timidez e por um dramático fatalismo, mas – de qualquer maneira – grandioso.¹⁰⁸

Para Regina Dalcastagnè, este livro de Boos Júnior trata de violência, nua e crua, mas não no sentido de chocar o leitor e sim de fazê-lo refletir sobre as atitudes do ser humano. Conforme a ensaísta,

[...] *Um largo, sete memórias*, do catarinense Adolfo Boos Jr., pode ser visto como um romance sobre a violência que se faz mais denso à medida em que [sic] frustra no leitor sua expectativa de violência.

Não que o livro não traga situações violentas: o estupro de uma moça, a castração de seu namorado, o massacre de toda uma família são narrados, mas não há ali nenhum tipo de glamourização, nenhum espetáculo. O que garante isso é a contenção da linguagem, que transporta o leitor não para o meio da cena, mas da encenação; que o

¹⁰⁷ O título desta obra está abreviado aqui (segunda vez que aparece no texto), porque é desta forma que ela ficou conhecida pelo público.

¹⁰⁸ SOUZA, Silveira de. Amor e aflição no Desterro. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 23 out. 1997. Anexo, p.1.

leva para diante não da violência, mas de seu próprio questionamento.¹⁰⁹

Este livro abriu fronteiras para o escritor, tendo sido bem recebido pela crítica portuguesa. Em sua resenha, Sílvia Oliveira afirma:

Poderosa narrativa que apresenta em cena sete memórias [...]. Neste romance, ficção e História encontram-se lado a lado enquanto componentes da *memória* – de cada personagem – facto que permite a várias personagens expor a sua versão do mesmo acontecimento.¹¹⁰

Ao comentar este livro, o professor Lauro Junkes define o narrador de Adolfo Boos Júnior como perspicaz e traça um paralelo entre fábula e intriga para analisar *Um largo, sete memórias*. Para o crítico literário,

Descartadas a continuidade temporal, a configuração descritiva das personagens, a exposição padronizada por narração-diálogo, surge uma narrativa a ser montada com a participação do leitor, a partir de monolíticos blocos de matéria de memória – fragmentos, estilhaços, ruínas, elementos essenciais da alegoria moderna, segundo a concepção de Walter Benjamin.¹¹¹

Conforme a professora Salete Lópes Antonio, pesquisadora da obra de Boos Júnior, que defendeu uma dissertação de mestrado em torno deste livro,

As memórias de *Um largo, sete memórias* sentem-se oprimidas e vivem em busca de uma explicação para essa opressão. Na verdade, essa opressão vem de dentro delas mesmas; vem de algum lugar do passado. Mas, ao mesmo tempo, parece não pertencer a uma “era que já não é”. As marcas deixadas pelo ferrete do tempo se mostram sempre recentes. Sua sina, marcada no passado, nunca lhes parece

¹⁰⁹ DALCASTAGNÈ, Regina. Memórias da violência e violências da memória. In: *Literatura Brasileira Contemporânea – Boletim*. Brasília, segunda quinzena de dezembro de 1997, ano I, nº 15.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Sílvia. Adolfo Boos Júnior – *Um largo, sete memórias*. In: *3ª Margem*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto – Portugal. n. 1 – 1998. p.70.

¹¹¹ JUNKES, Lauro. Adolfo Boos: um narrador perspicaz. Disponível em: <http://www.unaberta.ufsc.br/resenha0705.html> Acesso em 07 maio 1999.

distante: constantemente sentem-lhe o peso. Desejam ter poder sobre esse destino. Mas, a partir de cada acontecimento se convencem de que é completamente vã a luta contra essa força reguladora da fatalidade a que estão fadadas. É um destino que se revela aos pedaços e que não conseguem compreender, apenas sentir.¹¹²

A narrativa *Presenças de Pedro Cirilo* (2001), por sua vez, aborda os acontecimentos políticos do Brasil no período compreendido entre 1930 e 1964 sob o ponto de vista de uma família desestruturada. A Lagoa da Conceição é o espaço da novela. Povoada pela trajetória de cinco Irmãos, a ficção evoca acontecimentos políticos do período: revoluções, golpes de Estado, Intentona Comunista, Integralismo, Estado Novo, suicídio de Getúlio Vargas e deposição de Jango Goulart.

Na apresentação desta obra (aba esquerda do livro), o poeta Dennis Radünz atesta que:

A linguagem é densa e, pouco a pouco, o leitor é incitado a dispor mais do que olhos. Afinal, a narrativa nasce como lampejo nos escuros do diálogo e enreda o leitor em uma vertigem de fatos e figuras que se (de)formam a cada minúcia, numa aproximação lenta à trama interior de cada um desses Cirilos demasiado humanos.

Essa descrição, com os termos utilizados: “densa”, “escuros do diálogo” e “vertigem de fatos”, faz lembrar da nomenclatura dada ao período histórico retratado por Boos Júnior: anos de chumbo. Nesse sentido, a fotografia de Helô Espada utilizada na capa do romance retrata, com poesia, a narrativa. Em preto e branco (névoas...), as dunas da Lagoa da Conceição em primeiro plano, revelam, ao fundo, o vulto de uma pessoa, que caminha solitária.

¹¹² ANTONIO, Salete Lópes. *No palco das memórias*: adaptação para o teatro do romance “Um largo, sete memórias” de Adolfo Boos Júnior. 2002. 113f. Dissertação (Mestrado em Literatura), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

A constante preocupação do autor pelo universo da velhice, retratado na maioria dos seus livros, é revelada por ele em entrevista a Silveira de Souza, quando se define um homem:

[...] preocupado com o que está à sua espera do outro lado da morte, aparentemente sem temê-la, mas terrivelmente contrariado com a inevitável velhice. Acha que é mais uma injustiça feita pelo Criador, porque a morte poderia vir em seu devido tempo, sem ser preciso anunciar-se através de mil achaques e impossibilidades, inclusive no tocante às embaraçosas trapaças feitas pela memória.¹¹³

Sua produção literária, até o ano de 2003, tem alguns títulos inéditos e outros em fase de desenvolvimento. Destacam-se as duas narrativas que se referem à continuação da tetralogia iniciada por *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*. O romance intitulado *Confluências*, que engloba duas partes – o “livro” de Marcos e o de Lucas –, já está pronto. Já o romance *O almirante*, que se refere ao “livro” de João, está ainda na fase de anotações.¹¹⁴

Em 1998, assim como outros escritores catarinenses, Boos Júnior foi convidado a participar do Projeto Autor-Escola. O evento é uma realização conjunta da Fundação Franklin Cascaes, União Brasileira de Escritores – SC e Secretaria Municipal de Educação, para promover o contato entre escritores e estudantes locais. A fase inicial foi dedicada ao conto. Depois de ler e analisar cada texto, com a orientação dos professores de português, os alunos recebem a visita do próprio autor na sala de aula, que vai

¹¹³ SOUZA, op. cit., p.1.

¹¹⁴ Mesmo sem ter lido a seqüência narrativa de *Quadrilátero* (obra inédita, em desenvolvimento), um pequeno paralelo com a Bíblia se faz necessário. De acordo com o *Dicionário da Bíblia*, “O Evangelho segundo Lucas (o terceiro) está relacionado com os de Marcos e Mateus; coletivamente, esses três evangelhos formam o grupo usualmente chamado sinótico, isto é, a tradição que se desenvolveu independentemente do Evangelho segundo João” (METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. (Org.). *Dicionário da Bíblia*. v.1 As pessoas e os lugares. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p.184). Em *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, já aparecem, timidamente, as personagens denominadas Marcos e Lucas.

conversar com os estudantes e fornecer mais informações sobre a sua vida e sua obra. Além de conhecerem pessoalmente os autores, os alunos são estimulados a cultivar, desde cedo, o gosto pela leitura e a valorização da cultura local. Para os escritores, é uma possibilidade de conquistar um maior público leitor dentro do seu próprio estado. Boos Júnior ressentia-se, no entanto, da falta de organização e continuidade do projeto. Desde 1998, apesar de participar de reuniões e fornecer todos os dados e documentos necessários, ele ainda não fez nenhuma visita a escola.¹¹⁵

De acordo com o professor Lauro Junkes, “a bibliografia de Boos inclui as formas narrativas de conto e romance, sempre revelando maduro domínio técnico e sensível habilidade”.¹¹⁶ Por estas e outras características de sua obra, Boos Júnior foi agraciado com o prêmio de Escritor do Ano – 2001, fornecido pela Academia Catarinense de Letras.

Iaponam Soares, na década de 1970, ao apresentar o escritor Boos Júnior, afirma que “a sua atividade literária está restrita quase que exclusivamente à ficção, embora seja um constante estudioso da música popular, especialmente o samba e o jazz”.¹¹⁷

Na introdução realizada por Carlos Jorge Appel para o livro organizado por Iaponam Soares, o professor e crítico literário atesta que

A. Boos Jr. completa, com Antônio Paladino e Silveira de Sousa, um tipo de literatura introspectiva que revelava, pela primeira vez, nos quadros da literatura catarinense, uma incipiente temática urbana. [...] Os contos de Boos Jr. mostravam um dado importante: a situação econômica se modificara, surgindo com ela a possibilidade de um novo enfoque cultural.¹¹⁸

¹¹⁵ BOOS JUNIOR, Adolfo. Todo mundo sabe a solução, mas nada muda. In: *Jornal Leitura & Prazer* – Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Ano IV, n. 7, fevereiro de 2002. p.14. O assunto continua em pauta. O projeto Autor-Escola foi novamente tema central do *Jornal Leitura & Prazer* – Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Ano IV, n. 9, abril de 2003. p.3-4.

¹¹⁶ JUNKES, Lauro. “Escreve bem...” op. cit., p.101.

¹¹⁷ SOARES, op. cit., p.84.

¹¹⁸ APPEL, Carlos Jorge. O conto em Santa Catarina. In: SOARES, op. cit. p.13-14.

Mais adiante, o mesmo autor faz uma leitura atenta das obras dos escritores catarinenses – muitos deles oriundos do Grupo Sul – e atesta:

Em Virgílio Várzea, Altino Flôres, Othon Gama D'Eça, Salim Miguel, passando por A. Boos Jr., Guido W. Sassi, Ricardo Hoffmann, Flávio Cardozo e Rodrigo de Haro, podemos acompanhar a história da evolução da comunidade catarinense, que é a evolução do homem como objeto da história. [...] Assim, a necessidade externa, em termos de miséria, de luta pela vida, constitui a determinante que rastreia quase todos os contos aqui inseridos. Fala-se, portanto, de um *status* social, econômico, político, cultural em Santa Catarina.¹¹⁹

Espera-se que este trabalho possa acrescentar elementos à pouca crítica existente sobre o romance *Quadrilátero*. E, principalmente, que se constitua uma forma de abordagem capaz de valorizar a sintaxe narrativa e o tratamento espaço-temporal em uma obra, seus elementos significativos, sempre que estiverem em íntima correlação com a obra.

2.2 – Influências

A evolução técnica da obra de Boos Júnior está condicionada às suas leituras, à sua sensibilidade (mais do que à memória) atuando como um filtro da realidade.¹²⁰

“Graciliano Ramos foi a primeira influência de Adolfo Boos Júnior. Recém saído [sic] do Colégio Catarinense, ele mergulhou fundo na obra do autor de *Vidas secas* e *São Bernardo*. ‘O Velho Graça foi raio e trovão na vida desse aprendiz, muito mais do que qualquer outro autor.’”¹²¹

¹¹⁹ APPEL, O conto... In: SOARES, op. cit. p.16.

¹²⁰ SOUZA, op. cit., p.1.

¹²¹ STIGGER, Ivo. *Um largo, sete memórias* – Paixões e vilanias de uma cidade pacata. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 set. 1997. Caderno Diário de Cultura, p.8-9.

Neste sentido, alguns pequenos paralelos entre a literatura de Graciliano Ramos e a de Adolfo Boos Júnior se fazem necessários.

Sônia Brayner, ao analisar a obra do escritor alagoano, afirma que:

Embora a geração de trinta englobe entre os seus adeptos o famoso grupo de romancistas do Nordeste reunido em torno da problemática da terra, motivo agora de meditação, aprofundamento e denúncia social, seus ficcionistas trazem para essa realidade concepções unânimes apenas na acusação da injustiça e desagregação humana. No mais, cada um tentará dar depoimento substantivo, fruto da concepção de uma situação central específica e correspondente atitude assumida frente a ela.¹²²

Lembre-se que Boos Júnior fez parte do Grupo Sul, que, anos depois da Semana de Arte Moderna (1922), trouxe o Modernismo para Santa Catarina (1940-1950). Ao trabalhar o regional, Boos Júnior retrata o problema da terra sob o ponto de vista de um cidadão do Sul do Brasil. Aborda, com *Quadrilátero*, a imigração alemã para Santa Catarina e os problemas surgidos com a adaptação e com a colonização no estado.

Brayner atesta sobre a obra do “Velho Graça”:

Trata-se de obra inquietante e de inquietação, denunciadora e angustiada, numa perquirição cruel trazida do auscultar constante do intercâmbio humano, num regionalismo nem um pouco reducionista e sim aberto para conter toda a experiência vital.¹²³

Os mesmos adjetivos poderiam ser atribuídos à obra de Boos Júnior. Observe-se a visão dos vencidos que o autor traz à tona, especialmente em *Quadrilátero*, ao mostrar um grupo de imigrantes alemães que fracassou no “Novo Mundo”. Subverter era a palavra de ordem do Modernismo. Não no seu sentido vulgar, mas entendida como sinônimo de revolver, transtornar,

¹²² BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) *A literatura no Brasil*. 5ª ed. rev. atual. – São Paulo: Global, 1999. v.5. p.389.

agitar. Revolucionar o olhar – que é o que Boos pretendeu com este romance, anos mais tarde.

Seguindo os rastros de Aníbal Nunes Pires, em artigo publicado na Revista *Sul*, a respeito do livro *Rede*, de Salim Miguel, em 1955, destaca-se: “literatura alguma merece respeito ou consideração, a menos que reconheça e registre as circunstâncias históricas, os conflitos morais e sociais que a animam”.¹²⁴ E é nesse sentido que se pode captar interpretações várias de “circunstâncias históricas, conflitos morais e sociais” que, por exemplo, animam *Quadrilátero*, ao abordar a imigração alemã em Santa Catarina.

Sobre *Caetés* (1933), de Graciliano Ramos, Sônia Brayner revela que o autor “em solilóquios, vai cosendo a narrativa [...], mantendo assim a tensão semântica do discurso”.¹²⁵ Este recurso literário, que consiste em verbalizar na primeira pessoa aquilo que se passa na consciência de uma personagem, é muito utilizado por Boos Júnior. Seja nos sonhos, seja nos relatos ou mesmo nos pensamentos das personagens, o autor emprega bastante o monólogo interior, a manifestação do interior da personagem. É o “aprendiz” seguindo os passos do mestre.

No posfácio de Wilson Martins, publicado juntamente com a 22ª edição de *Caetés*, o crítico literário afirma sobre o estilo do escritor alagoano:

O primeiro sinal que distingue Graciliano Ramos como um autêntico escritor e um grande romancista é o estilo, e, sendo assim, torna-se indispensável saber antes de mais nada o que significa estilo de um romancista. Não é apenas a forma de arrumar as palavras numa frase ou a maneira de dispor as frases numa página, é muito mais do que isso, porque inclui uma espécie de concepção do romance, uma

¹²³ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.390.

¹²⁴ PIRES, Aníbal Nunes. In: Revista *Sul*, n. 27, maio 1956.

¹²⁵ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.393.

genuína filosofia do romance, o ponto fundamental das distinções entre os romancistas. A personalidade do escritor de ficção não se mede pelo seu poder imaginativo, mas pelo aproveitamento que faz da imaginação: pelo estilo literário que a imaginação adquire em suas obras e que as marca com um selo indivisível do próprio eu, que lhe fornece os *traits* pelos quais podemos reconhecê-lo sem maiores dificuldades em todos os seus trabalhos.¹²⁶

Dessa forma, Adolfo Boos Júnior, ao longo de suas narrativas, buscou (e encontrou) o seu estilo próprio, a partir de suas vivências e de suas leituras; a partir do seu modo de ver o mundo, de encarar e retratar o ser humano.

Os temas fundamentais da obra de Graciliano Ramos são destacados por Sônia Brayner:

[...] a sociedade reificada, a falta de comunicação humana, os indivíduos animalizados, a injustiça social, a submissão, tudo isso sempre veiculado através dos “subterrâneos do espírito” de algum personagem central, pertencente a classes sociais diversas mas, por motivos vários, à margem da vida.¹²⁷

Como foi observado, o tema preferido de Boos Júnior é a velhice. Mas ele não deixa de tocar na falta de comunicação humana, com seus indivíduos animalizados e submissos. Sempre a visão dos vencidos. Em *Quadrilátero*, assistimos à derrocada de um grupo de imigrantes alemães no Vale do Itajaí-mirim, principalmente, a partir da visão de Matheus (como o próprio subtítulo do romance indica: *Livro Um: Matheus*), além das paixões encontradas tanto na região de Brusque como na capital, Desterro.

Ainda sobre *Caetés*, Brayner atesta:

¹²⁶ MARTINS, op. cit., p.227.

¹²⁷ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.395.

O símbolo histórico vai iluminar não só os aspectos do passado local mas também seu lado de destino perene. O homem animal-social aparece para Graciliano Ramos como o responsável pela inutilidade e desumanidade do contexto em que se situa. Visão pessimista, sempre acentuada.¹²⁸

A visão realista-pessimista de Boos Júnior transparece em *Quadrilátero*. De acordo com o próprio autor, “falta um pouco de esperança”.¹²⁹ Mas o destino das suas personagens já estava traçado e não havia salvação. É uma viagem no tempo entre espaços vazios e sombras. Literalmente, um vale de lágrimas.

Quanto a *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, Sônia Brayner afirma que “todas as ações estão diretamente vinculadas à vida e ao processo de busca de identidade da consciência de Paulo Honório”.¹³⁰ O mesmo pode-se dizer da personagem Matheus, em *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior.

Ainda sobre *São Bernardo*, Brayner atesta que “[...] a memória é o operador que propicia essa ressurreição de fatos numa hierarquia determinada pela importância que assumem na recomposição do passado”.¹³¹ Mais adiante completa: “É a partir de *São Bernardo* que a memória assume em definitivo o papel de operador da sobrevivência do passado e elemento fundamental para a compreensão do presente e do futuro. Quer na sua exacerbação quer na sua anulação, é sobre ela que deposita as raízes da obra”.¹³² Nesse sentido, em *Quadrilátero* Boos Júnior trabalha com a memória, tanto de Matheus como de Paula, para relatar a

¹²⁸ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.396.

¹²⁹ Entrevista de Adolfo Boos Júnior no evento “Um dedo de prosa”, realizado pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina em 31 out. 2002.

¹³⁰ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.397.

¹³¹ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.398.

¹³² BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.401.

relação dos dois e todos os acontecimentos a eles envolvidos anos mais tarde.¹³³

Sônia Brayner, seguindo sua análise sobre a obra de Graciliano Ramos, afirma que

Angústia (1936) retoma a técnica do livro anterior, levando-a a extremos ao interseccionar temporalidades passadas e presentes na ânsia de captar uma consciência em desagregação. Luís da Silva [...] é um ser marginalizado, abúlico, introvertido [...]. Os fatos nessa narrativa não obedecem a uma estrita ordem causal mas são determinados pelas associações significantes características do mundo da experiência conservado na memória. Esta 'lógica das imagens' virá compor uma estrutura não objetiva diversa da causalidade do mundo exterior, povoada de simbolismos, em que o presente e passado intercomunicam-se dinamicamente associados. Assim, as imagens surgidas no início da narrativa vão adquirindo, à força da reiteração, desdobramento e fragmentação, maior ampliação semântica; com isto a temporalidade romanesca tradicional dilui-se, seguindo *pari passu* o relato entrecortado da motivação interna do crime, sua execução, os amores com Marina, o passado infantil e adolescente.¹³⁴

A mesma técnica narrativa pode ser vista na obra de Boos Júnior, em particular em *Quadrilátero*, como se observará mais adiante, com mais detalhes, na parte referente à estrutura do romance.

Toda obra de Graciliano Ramos é permeada de relações e metáforas entre o ser humano e o animal. De acordo com Sônia Brayner, em *Angústia*, o personagem central, Luís da Silva, “Para melhor descrever a sociedade rasteira e em putrefação em que vegeta, retrata os semelhantes, comparando-os a animais inferiores de um submundo. [...] Ele mesmo não é diferente dessa zoologia depreciativa e inferiorizante”.¹³⁵ Em *Vidas secas* (1938) o autor atinge uma espécie de isomorfia imagística, na qual homem e bicho se igualam. Entretanto, sem o caráter pejorativo dos romances

¹³³ Lembre-se que seus romances posteriores, *Um largo, sete memórias* (1997) e *Presenças de Pedro Cirilo* (2001), constroem-se todo sobre a memória de suas personagens.

¹³⁴ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.401-402.

anteriores. Em *Quadrilátero*, Boos Júnior também se utiliza desta técnica, relacionando suas personagens às qualidades e defeitos da fauna brasileira, inclusive entrecruzando os sentidos (visão, olfato, tato e audição), dando ainda mais força para a palavra e para a imagem retratada.¹³⁶

Sobre *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, Sônia Brayner afirma que “É Fabiano o grande centro de interesse do romance. Nele estão contidas todas as possibilidades dos outros personagens e também todas as impossibilidades. [...] Fabiano é a imagem da terra que pisa; é um ser ilhado pela incapacidade de verbalização dos próprios pensamentos”.¹³⁷ Este romance, que marcou o então jovem escritor Adolfo Boos Júnior, reflete-se em sua obra. *Quadrilátero* traz a figura de Matheus, que influencia a vida de todas as personagens que o rodeiam, mesmo sendo ele uma “ilha”, incomunicável e inacessível, revelando, dessa forma, a terra/floresta que retrata (região de Brusque no período da colonização e Desterro, ambas localizadas no estado de Santa Catarina).

A riqueza das narrativas de Graciliano Ramos, que paradoxalmente emanava de uma linguagem seca e áspera, chama a atenção de Adolfo Boos Júnior. Nelly Novaes Coelho, ao comentar a obra do escritor alagoano, fala sobre o seu estilo literário:

Neste romance [*Vidas secas*, 1938], o estilo peculiar de Graciliano, isto é, a concisão, precisão e sugestão dos vocábulos chega à sua forma mais depurada, revelando bem a já tão comentada “magreza” de sua prosa. O nosso romancista consegue aqui uma total adesão à realidade através de uma extraordinária economia de termos: o vocábulo exato, a frase seca, curta, direta, revelando apenas o essencial.¹³⁸

¹³⁵ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.404.

¹³⁶ A zoomorfização das personagens e a importância dos sentidos, em especial o olfato, em *Quadrilátero*, serão analisados mais adiante, na terceira parte deste trabalho.

¹³⁷ BRAYNER, In: COUTINHO, op. cit., p.405-406.

¹³⁸ COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. (Fortuna crítica, v.2) p.60-72. (p.67).

Álvaro Lins, autor do posfácio publicado juntamente com a 58ª edição de *Vidas Secas*, atesta sobre o estilo de Graciliano Ramos: “Admirável estilo de concisão, unidade entre as palavras e os seus sentidos, rígido ascetismo tanto na narração como nos diálogos, rápidos, exatos, precisos”.¹³⁹

Nesse sentido, Boos Júnior trabalha o texto quantas vezes forem necessárias, sempre a fim de melhorá-lo.¹⁴⁰ Reescreve para torná-lo mais compreensivo, para mergulhar na personagem. Dessa forma, *Quadrilátero* obteve várias versões. A primeira delas com mais de mil páginas, chegando às 450 páginas da primeira edição.

Sempre que perguntado sob quais influências escreve sua obra, Boos Júnior confessa ter influência de outros escritores, sejam nacionais ou estrangeiros. Dos companheiros do Grupo Sul, lembra-se das noites em que bebia da erudição de Ody Fraga, Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires e Eglê Malheiros. É leitor atento de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade, pela literatura engajada (não panfletária) que traduzem, ao retratarem a sociedade buscando modificá-la.

Em âmbito internacional, “Boos crê que a influência mais marcante em seus escritos é Faulkner, hoje seu autor favorito, ‘quer pelo clima de tragédia grega tão bem transplantado para o Sul dos Estados Unidos, quer pela dissecação, profunda, quase impiedosa, que faz de seus personagens’”.¹⁴¹

¹³⁹ LINS, Álvaro. Valores e misérias das *Vidas secas*. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 58ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1986. p.136.

¹⁴⁰ Nos bate-papos literários com o pessoal do Grupo Sul, Salim Miguel também atestava a importância de se trabalhar o texto. De acordo com Boos Júnior, o que antes era trabalho, hoje virou “cacoete”: “enquanto o livro não é publicado, fico mexendo” (Entrevista de Boos Júnior para “Um dedo de prosa”, op. cit.).

¹⁴¹ STIGGER, op. cit.

Assis Brasil trabalhou quatro anos na elaboração de *Faulkner e a técnica do romance* (1964), oferecendo ao leitor um roteiro para a leitura de todos os romances do escritor norte-americano. Ao lado da interpretação baseada na teoria literária, o ensaísta brasileiro aborda os mais variados ângulos da obra faulkneriana.

Seguindo este roteiro, pequenos paralelos entre a literatura de William Faulkner e a de Adolfo Boos Júnior serão observados.

Assis Brasil, na introdução de seu livro, afirma sobre o escritor norte-americano:

Voltando-se para os temas locais e apresentando cruamente os problemas sociais e psicológicos, o ficcionista surgia, assim, historicamente, de uma crise na cultura americana. Estavam emergindo novos conceitos para uma cultura de raízes regionais. Era uma tradição que se ia formando apoiada no protesto, na crítica.¹⁴²

Faulkner dedicava-se, mais acentuadamente, a retratar a decadência das grandes famílias do Sul, tendo como pano de fundo a Guerra da Secessão,¹⁴³ causadora de um grande desastre. Boos Júnior, influenciado pelas idéias do Grupo Sul e pelas da terceira geração de modernistas brasileiros e, também, da mesma forma que Faulkner, retoma o regionalismo ao apresentar “a sua aldeia”, o estado de Santa Catarina, através de um novo ponto de vista, mais crítico, a visão dos vencidos.

Para Assis Brasil, a biografia de Faulkner refletia em sua obra, mesmo que por ângulos diferentes, trazendo novas leituras para a história do seu país. De acordo com o ensaísta brasileiro:

¹⁴² ASSIS BRASIL. *Faulkner e a técnica do romance*. Rio de Janeiro: Leitura, 1964. p.14.

¹⁴³ Guerra civil que estourou em 1861 nos Estados Unidos, por causa da abolição da escravatura, e que durou até 1865. A eleição do abolicionista Lincoln, em 1860, levou à secessão [separação; sublevação; revolta] dos estados escravistas, do Sul. Os estados abolicionistas, do Norte, acabaram vencendo. Lincoln foi reeleito em 1864 e assassinado por um fanático, logo após a vitória dos nortistas.

A decadência da aristocracia sulista e a invasão do Sul pela civilização moderna – eis o tema fundamental da obra de Faulkner. O autor, filho daquele meio e fruto daquela sociedade, descendente de militares (perdedores da guerra civil), senadores e governadores, ao transpor para a ficção a sua visão daquele mundo estiolado, contribuiu não só para a renovação literária do país, bem como para a documentação de uma das fases históricas mais incisivas da nação americana.¹⁴⁴

Adolfo Boos Júnior, como foi visto no início deste capítulo, é descendentes de alemães. Nasceu em Florianópolis e morou em Brusque, ambas cidades do estado de Santa Catarina. “Fruto desta sociedade”, retrata-a sob diversos pontos de vista, revelando a versão dos vencidos sobre a imigração alemã para o Sul do Brasil.

Segundo Assis Brasil,

Harry M. Campbell e Ruel E. Foster, que escreveram o livro mais completo sobre a técnica e a concepção de algumas novelas de Faulkner, abordam um aspecto fundamental na obra desse escritor. “[...] O manejo que Faulkner faz do ponto de vista, pelo qual vários narradores vão contando, com algumas variantes, as partes da mesma história complexa (que só tem um tema geral), não pode ser chamada contrapontística, e sim **sinfônica**, como os distintos instrumentos de uma orquestra executam partes isoladas para, com suas variações, contribuir para formar o tema musical central unificado.”

Este recurso empregado pelo ficcionista norte-americano serve também para caracterizar psicologicamente seus personagens, que são autônomos, e estão livres dentro de sua visão particular dos acontecimentos e do mundo.¹⁴⁵ (Grifo nosso.)

Boos Júnior, da mesma forma, trabalha com diversos pontos de vista. Ao mesmo tempo que dá voz e vez a várias personagens, contando cada uma a sua versão, caracteriza-as psicologicamente, dando oportunidade ao leitor de (re)construir seu “quebra-cabeça”. Atualmente, essa técnica narrativa não mais se denomina sinfônica, mas polifônica, na terminologia de Mikhail Bakhtin. De acordo com o teórico russo, a polifonia é uma

¹⁴⁴ ASSIS BRASIL. op. cit., p.20-21.

técnica na qual múltiplas vozes ressoam e se entrecruzam na narrativa, personagens com marcante “autoconsciência”, cujas vozes plenivalentes e consciências equípolentes se afirmam automaticamente ao lado da voz do narrador.¹⁴⁶

Quanto às personagens de Faulkner, Assis Brasil atesta que:

Como pensa a maioria, não são os personagens faulknerianos todos anormais; grande parte de suas criaturas são pessoas boas e equilibradas. Nesses dois extremos de caracterização psicológica temos a posição de Faulkner em relação ao mundo e à humanidade e, intrinsecamente, em relação à sociedade que o gerou.¹⁴⁷

Na galeria de personagens da obra de Boos Júnior encontram-se diversos “tipos”, mas todos retratam, de uma maneira ou de outra, os seres humanos da sociedade em que o autor vive. Normais ou anormais, a classificação vai depender do ponto de vista de cada leitor. Em todo caso, tanto em Boos Júnior como em Faulkner, não se trata de caracteres “triunfantes”, mas realmente sofredores, fracassados ou derrotados.

Faulkner, conforme afirma Assis Brasil, sempre se preocupou com o tempo em suas narrativas. Nesse sentido, o ensaísta faz uma comparação com as preocupações filosóficas de Sartre e a obra *Mosquitoes* (1927), de Faulkner:

Mas já encontramos nesta novela aquela preocupação pelo tempo, aquela “metafísica do tempo”, que Sartre observou em *The Sound and the Fury* [1929] e em relação a toda a obra faulkneriana. “A desgraça do homem é ser temporal – diz ele, interpretando o escritor norte-americano – Um homem é a soma de suas próprias desgraças e poderia pensar-se que a desgraça terminará um dia por cansar-se, mas então o tempo se converte em vossa própria desgraça.” Daí por que o passado é tão importante na obra de Faulkner, mas um passado que

¹⁴⁵ ASSIS BRASIL. op. cit., p.16 e 18.

¹⁴⁶ Sobre polifonia, confira BAKHTIN, *Problemas...* op. cit., p.46-48.

¹⁴⁷ ASSIS BRASIL. op. cit., p.19.

nos é sempre apresentado fora da convenção cronológica de um memorialista: “A ordem do passado é a ordem do coração”.¹⁴⁸

Boos Júnior também tem essa preocupação com o tempo. Seja em seus livros de contos, cujo tema central é a velhice, seja nos romances publicados, o tempo é uma peça-chave.¹⁴⁹ E nunca se encontra de maneira cronológica. É um vaivém de memórias, sonhos e pensamentos, de diversas personagens, que seguem apenas a ordem da “alma” da personagem: através de seu coração (saudoso, magoado, ferido, apaixonado...) ou da sua mente (loucura). Portanto, não há uma história linear que percorre a linha temporal dos acontecimentos históricos da humanidade, ao menos não claramente.

Para completar essa idéia, destaca-se um excerto do estudo de Assis Brasil, em que ele analisa o tempo na obra de Faulkner:

Estudando a natureza e forma da ficção narrativa, Wellek e Warren situam *As I Lay Dying* [1930] como uma antifábula, onde não há mais “a soma de todos os motivos”. Ao invés de termos aqui o tempo da fábula, que é o tempo total da história, o que encontramos é um “tempo experimentado” de cada personagem, o que passa a ser o foco da narrativa, mudando, por isso mesmo, o ponto de vista. [...] Cada qual revela uma realidade – a sua realidade em relação ao meio em que menta a sua experiência. A descentralização narrativa faz com que o leitor só aos poucos fique sabendo do que tem acontecido e do que vai acontecendo. As informações para a possível concretização de um enredo vêm aos poucos através dos diversos monólogos, marcando cada qual a psicologia do personagem.¹⁵⁰

Outro ponto ressaltado por Assis Brasil é o que se relaciona com o enredo: “Faulkner conseguiu, com mais objetividade, quebrar em *Sartoris*

¹⁴⁸ ASSIS BRASIL. op. cit., p.42-43.

¹⁴⁹ Tempo tanto na drástica influência que evoca sobre o desenvolvimento das personagens, como tempo tecnicamente manipulado no fluxo da narrativa, que não se apresenta na sua cronologia retilínea, mas subvertido e fragmentado no jogo polifônico das memórias que o resgatam.

¹⁵⁰ ASSIS BRASIL. op. cit., p.82-83.

[1929] a linearidade da narrativa e afastar desta linearidade aquele tipo de autor clássico, onisciente e *discursivo*".¹⁵¹

O enredo das narrativas de Boos Júnior também não é linear. Sua narrativa, como se afirmou anteriormente, é um vaivém de memórias, sonhos e pensamentos, de diversas personagens. São várias histórias que se relacionam e se entrecruzam, porque cada personagem vê/vive a mesma história de maneira diferente das demais. E à medida que o leitor vai conhecendo os “fatos”, vai (re)construindo a história. Nesse sentido, destaca-se a fala de Assis Brasil sobre um outro romance do escritor norte-americano, por tratar-se de uma técnica narrativa semelhante utilizada tanto por Faulkner como por Boos Júnior:

The Sound and the Fury [1929] não tem um enredo (embora tenha uma história detalhada) como o conhecíamos até aqui. As revelações dos personagens e do narrador, nas quatro partes do livro, cronologicamente embaralhadas, são pequenas peças, um tanto informes, de um grande quebra-cabeça, que se irá completando sem chave ou final pré-determinados. Só após a leitura, entre surpresos e estarecidos, é que começamos a organizar aquele “caos” temporal, e então penetramos, não só numa realidade artística fantástica, como num mundo atroz e repulsivo.¹⁵²

Ainda sobre o romance *The Sound and the Fury*, Assis Brasil revela o tipo de pontuação utilizado por Faulkner, que o auxilia na construção de um mundo caótico, mas que possui a sua beleza.

Construindo períodos profusos, abundantes, Faulkner prescinde da pontuação convencional e, muitas vezes, durante a leitura, nos esquecemos de tal fato. É que verdadeiramente a pontuação convencional não tem razão de ser na maneira de expressão dos vários personagens. É um épico interior de impressionante beleza, onde Faulkner joga com a língua em todos os seus aspectos e mistérios.¹⁵³

¹⁵¹ ASSIS BRASIL. op. cit., p.57.

¹⁵² ASSIS BRASIL. op. cit., p.68.

¹⁵³ ASSIS BRASIL. op. cit., p.76.

Uma tendência ao hermetismo, para acentuar o mistério essencial, dificulta a leitura, ao contrário da fruição que se costumava retirar do texto pré-moderno ou clássico. As dificuldades da moderna prosa de ficção equiparam-se às do poema – e às vezes não há mesmo o que explicar. Boos Júnior tem o seu estilo: a narração vai entre travessões e o diálogo fica suspenso nos espaços brancos, em arranjos gráficos assimétricos.

Em entrevista ao projeto “Um dedo de prosa”, evento promovido pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Boos Júnior comenta sobre a ausência do diálogo nos seus primeiros livros, ao confessar sua dificuldade em escrever diálogos, “apelando” então para o pensamento, sonhos e premonições de suas personagens. Segundo o autor, *Quadrilátero*, pelo seu tamanho [450 páginas], não poderia ser sem diálogo. Portanto inventou, “para terror dos revisores e editores”, diálogos “em escadinhas”, suprimindo os travessões. Para o autor, esta técnica é simples e “não atrapalha a leitura”.¹⁵⁴

Antônio Hohlfeldt, em seu estudo sobre o conto catarinense, atesta sobre a narrativa de Boos Júnior:

Tecnicamente, contudo, além da diferente composição dos textos-parágrafos alternados [...] o narrador vale-se da quebra tradicional do parágrafo, no sentido indicado pela gramática (deve-se fazer novo parágrafo quando se introduz novo assunto ou nova perspectiva a respeito de um mesmo assunto), para iniciá-lo através de elementos explicativos, saltando depois para o novo parágrafo. Desta forma, ao mesmo tempo em que se indica a troca de perspectiva, não se deixa de sublinhar, não apenas a simultaneidade da ação, como a sua relação direta. [...] Boos substitui, ou torna mais complexa esta técnica do paralelismo, através da alternância da narração.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Entrevista de Boos Júnior para “Um dedo de prosa”, op. cit..

¹⁵⁵ HOHLFELDT, *A literatura catarinense... o conto*, op. cit., p.23.

Assis Brasil ao analisar a obra de Faulkner atesta que:

Em 1940 Faulkner publicou o primeiro livro de uma trilogia, que viria a ser o complemento da saga de Yoknapatawpha, dentro da visão a que se propôs mostrar a decadência de uma sociedade e a chegada de um “mundo novo”, cujos elementos trariam outros conceitos de vida e moral.¹⁵⁶

Mais adiante, o ensaísta brasileiro conclui que: “Na verdade, essa parece ter sido sempre a meta do ficcionista: procurar compreender a civilização sulista de seu país, tão estranha, contraditória, misteriosa, também com tantas baixeza e grandeza”.¹⁵⁷

Nesse sentido, ressalta-se o projeto de Adolfo Boos Júnior de escrever a tetralogia sobre a saga de um grupo de imigrantes alemães que vem construir um mundo novo no Sul do Brasil. *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, foi publicado em 1986, após ter sido premiado na 3ª Bienal Nestlé de Literatura do referido ano. Os demais livros desta tetralogia encontram-se inéditos.

Muitos desses pontos referentes à narrativa de Boos Júnior aqui esboçados serão aprofundados na segunda parte deste trabalho.

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko,

O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. Eis porque uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve se voltar com maior atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício do seu papel em cada período. Eles, juntamente com as editoras, os livros, as livrarias, academias, confrarias e o público constituem o aspecto palpável, visível da instituição literária.¹⁵⁸

¹⁵⁶ ASSIS BRASIL. op. cit., p.155. Essa trilogia de Faulkner é composta pelos seguintes livros: *The Hamlet* (1940); *The Town* (1957) e *The Mansion* (1959).

¹⁵⁷ ASSIS BRASIL. op. cit., p.177.

¹⁵⁸ SEVCENKO, op. cit., p.246-247.

De acordo com o crítico literário Antônio Hohlfeldt, como “integrante do Grupo Sul, a preocupação social que foi uma das características da literatura produzida pelo grupo encontra-se igualmente presente neste contista. [...] Se isto é certo, a observação mais correta seria a de que o escritor [...] é um indivíduo capaz de sentir-se preocupado pelas figuras de menor sorte na vida, embora não possa fazer muita coisa para ajudá-las, e chegue mesmo, em alguns momentos, a feri-las”.¹⁵⁹

A professora Salete Lópes Antonio, estudiosa da obra de Adolfo Boos Júnior, atesta:

Independente do adjetivo “catarinense”, Adolfo Boos Júnior é a prova do autor de Santa Catarina realizando uma literatura que longe está de ser regionalista ou bairrista. Seus personagens, ao mesmo tempo em que são homens do mundo, não perdem as suas origens. Traduzindo com outras palavras: na literatura de Boos, o homem catarinense é antes de tudo um homem do mundo.¹⁶⁰

Ao se buscarem as origens do escritor, particularidades de sua vida e de sua obra (de acordo com diversos estudiosos e críticos literários), pretendeu-se não apenas apresentar o autor, como conhecê-lo um pouco melhor. Procurou-se cultivar o respeito com o qual o crítico sente-se obrigado a tratar a figura pessoal de um autor vivo, pois somente a morte confere o direito de um julgamento definitivo, de uma interpretação minuciosa e profunda. Seria uma violência projetar sobre um autor ainda vivo todos os elementos de análise que a sua obra oferece. Não tanto pelo autor em si mesmo, com uma consciência literária capaz de aceitar todos os exercícios da crítica, como pelos rigores da vida.

Já através das breves análises das obras de Graciliano Ramos e William Faulkner, escritores reconhecidamente influentes na obra de Boos

¹⁵⁹ HOHLFELDT, *A literatura catarinense... o conto*, op. cit., p.16.

¹⁶⁰ ANTONIO, op. cit., p. 62.

Júnior, segundo depoimento do próprio autor, objetivou-se apreender a temática e as técnicas utilizadas. Uma análise mais profunda de *Quadrilátero*, no entanto, será vista na próxima parte deste trabalho.

Parte II

O fio de Ariadne

3 – *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*

Uma das leituras possíveis

“Era uma vez” não seria a expressão mais adequada para contar-se a história narrada no romance *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior. Seria melhor juntar as “peças” para montar o “quebra-cabeça”. Fica-se imaginando de onde o autor teve a idéia de estruturar o romance dessa forma, tão diferente do convencional. A impressão que se tem ao lê-lo pela primeira vez é que uma forte lestada embaralhou todas as folhas originais escritas pelo autor, que não estavam numeradas, e ele agrupou-as de novo, aleatoriamente. Mas é apenas uma impressão de um leitor mais desavisado ou de uma leitura mais superficial.

Carl G. Jung, um dos fundadores da psicanálise, pode dar uma explicação para esse fato. De acordo com o psiquiatra suíço,

Há muitas razões para esquecermos coisas que notamos ou experimentamos. E há igual número de maneiras pelas quais elas podem ser lembradas. Um exemplo interessante é o da criptomnésia, ou “recordação escondida”. Um autor pode estar escrevendo de acordo com um plano preestabelecido, trabalhando num determinado argumento ou desenvolvendo a trama de uma história quando, de repente, muda de rumo. Talvez lhe tenha ocorrido alguma nova idéia, ou uma imagem diferente ou um enredo secundário inteiramente inédito. Se lhe perguntarmos o que ocasionou esta digressão ele não será capaz de o dizer. Talvez nem mesmo tenha notado a mudança, apesar de ter escrito algo inteiramente novo e do qual não possuía, aparentemente, nenhum conhecimento anterior.¹⁶¹

Quadrilátero é uma história com começo, meio e fim,¹⁶² embora não seja apresentada de modo a observar essa seqüência. Aborda a trajetória de um grupo de imigrantes alemães, que vai para o Vale do Itajaí-mirim fundar a colônia Karlsburg. Tragicamente o projeto é abortado e a narrativa termina em Desterro, capital do estado de Santa Catarina.

¹⁶¹ JUNG, Carl G. et al. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d [1964]. p.37.

¹⁶² Como foi visto anteriormente, o autor tem um projeto de publicar uma tetralogia, que começou com *Quadrilátero*. Mas cada volume tem a sua história, mesmo que nos demais apareçam as mesmas personagens e relembrem acontecimentos.

O tempo é datado: final do século XIX e início do XX. Mas o tempo de cada acontecimento narrado dilui-se nas águas, emaranha-se na terra, é consumido pelo fogo e voa pelos ares, não sendo possível defini-lo.

O romance começa com todos os acontecimentos sendo narrados do presente para o passado, alternadamente, mudando sempre o ponto de vista, não possuindo uma seqüência cronológica (sucessão crescente de fatos e datas). Após a leitura de toda a narrativa, o começo, meio e fim, que diz respeito à seqüência cronológica dos episódios, aparecem.

O livro, dividido em cinco partes, nomeadas com os elementos fundamentais da natureza, apresenta a seguinte seqüência.

A primeira parte, intitulada “Os ventos (do rebojo)”, subdividida em partes denominadas com os nomes dos ventos da região – o terral, o noroeste, o nordeste, o sul –, expõe diversos episódios, caracterizando movimentos diversos das personagens, sendo que todos os nomes das personagens são ocultados (fica-se sabendo deles nas demais partes da narrativa): Carioca planeja roubar o velho do cemitério; Matheus como parceiro de Arnold, do lote e da mulher; Espanhol da bodega sonha com as prostitutas de sua juventude e avalia o seu presente; sonho de Paula (uma égua e dois homens); Matheus sozinho no cemitério avalia seu plano de vingança contra Paula (não faz mais sentido); Paula sozinha na chácara pensa no velho Matheus; Paula visita Matheus no cemitério; morte do cachorro Bimble. Não há, pois, seqüência cronológica, constatando-se mesmo que o final cronológico da narrativa se encaminha numa primeira parte.

“As águas (do verão e do inverno)” apresenta um grupo de imigrantes alemães, ora no período da quarentena, ora na viagem de balsa, ora no estabelecimento da colônia Karlsburg. Mostra também Matheus como parceiro de Arnold e Matheus caçando sozinho, no seu dia de folga.

Nessa parte situa-se o início cronológico da narrativa, porém no mesmo estilo “fragmentado” das demais.

Já “A terra (de Arnold e Rudolf)” revela, além de Matheus como parceiro de Arnold, do lote e da mulher, os seguintes acontecimentos: Paula e Rudolf na chácara, em Desterro; Johannes e Catarina na chácara – personagens resultantes da camuflante metamorfose de Matheus e Natália; Paula e seu plano de vingança contra o marido; a vida do grupo de imigrantes alemães em Karlsburg; uma conversa de Johannes e Paula no quiosque. Retoma, também, a morte do cachorro Bimble. Entremeiam-se, pois, situações de épocas diversas, ou seja, em dois cenários completamente distintos: a colônia dos imigrantes em Karlsburg (região de Brusque) e a propriedade de Paula e Rudolf em Desterro.

Na parte maior, “O fogo (de todos)”, encontra-se o relato de Matheus a Paula sobre o seu passado: a morte do cachorro Bimble e de Arnold; o ataque dos índios à colônia Karlsburg (incêndio); a morte da burra; a fuga de Matheus e Natália e a ajuda do velho da tapera e do casal de negros. Encontram-se, ainda, a relação de Paula e Rudolf; o desejo de vingança dela; as mortes de Rudolf e de Helga. Entretanto, novamente a narrativa não obedece a uma disposição cronológica dos episódios desta parte. A referência a “fogo” não apenas diz respeito ao incêndio da colônia, mas aponta para os dois núcleos de paixão amorosa: Matheus e Natália e Matheus e Paula.

A mudança de quadrante traz velhos acontecimentos com novas nuances. Em “Os ventos (do leste)” (re)encontra-se Paula, mais velha, pensando em Matheus; o noivado arranjado de Paula e Arthur (irmão de Rudolf); Matheus, sozinho no cemitério, sabe que foi usado por Paula e avalia seu plano de vingança; Edla visita Paula (sua mãe); relato de Paula à filha; Carioca planeja roubar o velho do cemitério; morte da égua; morte de

Matheus na bodega do Espanhol, o que marca definitivamente o final desse primeiro volume da proposta tetralogia de Adolfo Boos Júnior.

Há diversas maneiras de se ler o romance *Quadrilátero*: mudando a ordem das partes, pelo tamanho e tipos de fontes utilizadas pelo autor, entre outras. Optou-se por fazer a leitura do livro através das protagonistas: Matheus (como o próprio subtítulo da obra indica) e Paula, pois a participação de Matheus na colônia foi um tanto breve; sua possível paixão por Natália/Catarina foi interrompida pela morte de Catarina, e, tanto no maior período de sua vida, dentro da narrativa, manteve algum relacionamento com Paula, como esse relacionamento foi marcado por ambigüidades e turbulências que não permitem uma definição clara sobre a sua natureza.

No fundo, o romance parece ter um divisor de águas: a primeira parte seria a história de Matheus junto com o grupo de imigrantes alemães, tanto na balsa como na colônia, incluindo a sua relação amorosa com Natália. Já a segunda parte diz respeito à história de Matheus e sua relação com Paula, e todas as conseqüências dessa “paixão”, previstas ou não por eles.

3.1 – A colônia Karlsburg

O romance começa do final para o começo. Buscando entendê-lo e interpretá-lo, o roteiro de leitura e análise serão realizados pelo início da história, ou seja, seguindo a seqüência cronológica dos acontecimentos, isto é, a seqüência da fábula/história, não a linha do discurso narrativo.

Havia um grupo de imigrantes alemães em um galpão, logo depois do desembarque no porto, aguardando o dia para a viagem até a nova colônia. Tentam adaptar-se ao novo clima, à nova alimentação. Têm

diarréia e vômito. A estação é o verão. As mulheres têm medo dos negros.¹⁶³ Os homens conversam e tiram dúvidas com Willy, o imigrante que já esteve no local da incipiente colônia. Eles sentem-se “praticamente abandonados, fiscalizados de longe pela sociedade e pelo governo, cumprindo as exigências de uma quarentena despropositada, perdidos num mundo de rostos e idiomas estranhos” (p.104). Ficam nesse galpão mais de dois meses. O balseiro¹⁶⁴ está doente, com malária (doença típica do clima da floresta tropical brasileira). Matheus o substitui.

Esse longo período de quarentena, que se estende por dias infundáveis, faz pensar na desorganização do governo brasileiro, tanto imperial como republicano, que contrata imigrantes para colonizar o país e não lhes dá a devida atenção (problemas de medição dos lotes – poucos agrimensores a medirem e demarcarem uma floresta – além da falta de recursos).

Apesar de tudo, o grupo de imigrantes parte esperançoso para a colônia. Cantam e despedem-se alegres dos que ficam no porto. O médico brasileiro, no entanto, já previa o desencanto e a dissolução dos sonhos: “Amanhã, não cantarão mais” (p.184).

Na balsa estão as seguintes personagens: Helmuth e Gertrud, Edgard e Irma, Willy, as crianças e ele, o estranho – Matheus –, mencionado

¹⁶³ Nesse sentido, obteve-se uma explicação de Jolande Jacobi, em seu artigo denominado “Símbolos em uma análise individual”, para esse sentimento do branco em relação ao negro. De acordo com o autor, “O negro é, para algumas pessoas, a imagem arquetípica da ‘criatura primitiva e sombria’, portanto uma personificação de certos conteúdos do inconsciente. Talvez seja uma das razões por que o negro é, tantas vezes, rejeitado e temido pela gente branca. Nele o homem branco vê, diante de si, a sua contrapartida viva, o seu lado secreto e tenebroso (exatamente o que as pessoas tentam evitar, o que elas ignoram e reprimem). Os brancos projetam no homem negro os impulsos primitivos, as forças arcaicas, os instintos incontrolados que se recusam a admitir em si próprios, de que estão inconscientes e que imputam, conseqüentemente, a outros”. In: JUNG, op. cit., p.300.

¹⁶⁴ Em seu trabalho sobre a instalação e desenvolvimento da colônia Brusque, o historiador Oswaldo Cabral atesta que “em março de 1863 foi assaltada a serraria de Francisco Salentim. O pior era que o destacamento, depois de quase três anos de inútil permanência em Brusque, havia sido recolhido em janeiro, tendo apenas permanecido um soldado que havia mais de ano se encontrava encarregado de fazer a passagem de canoa do rio Canhanduba, distante três léguas da Sede”. CABRAL, op. cit., p.89.

diversas vezes na narrativa como o “quarto homem” (cf. simbologia do número quatro apresentada neste trabalho). O desânimo e as dores (físicas e psicológicas) tomam conta deles. Sentem-se sujos e infelizes. “Uma caminhada, uma dor, uma pausa, outra caminhada, a mesma dor nascendo nos rins e correndo o corpo inteiro, o mesmo trajeto curto e a pontada igual” (p.94). Alguém já pensou em voltar. “Sentem-se jogados dentro de uma natureza hostil, que apenas aguarda o esgotamento definitivo para se apossar deles” (p.95). “No entanto, procuram amoldar-se à natureza, estimulados pelo desejo de suportarem melhor o medo, o calor e os insetos” (p.96).

Com a balsa, lutam uma manhã inteira, tentando passar uma pequena ilha no rio. A corredeira dificulta as atividades dos homens. Confirmam-se as palavras do narrador:

Irma e Gertrud estão em plena histeria, alternando as lamentações com as preces incompletas (um ganido contínuo chorado contra uma lua inexistente), conduzindo as crianças para uma nova espécie de terror. E os pequenos continuam chorando [...] os homens, **vencidos**, acreditam que atingiram o ponto máximo da exaustão e, curvados sobre o rio, vomitam os últimos vestígios de dignidade. [...] A covardia (ainda sem ser identificada) começa sua ascensão nos homens (p.108-109, negrito – grifo nosso).¹⁶⁵

O livro revela a timidez humana diante de uma natureza exuberante, seja pela sua imensidão indiferente, seja pela vegetação abundante, seja pela fauna e flora exóticas; as águas do rio, difíceis de navegar, a observarem, impassíveis, a fragilidade dos homens.

Fazem seu aprendizado da maneira mais dolorosa possível e não ignoram (ainda que de uma forma quase adivinhada) o que os espera

¹⁶⁵ As citações e referências ao romance *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)* serão, doravante, sempre expressas em números que indicam as páginas do mesmo, de acordo com a sua primeira edição (1986), e por ora única, pela editora Melhoramentos, de São Paulo.

na colônia [...] e, colocados no meio de uma riqueza de terra e água jamais sonhada, recusam-se a sonhar com a miséria e desolação, mesmo pressentindo tudo o que ainda está por vir, muito mais fantástico do que lhes seria permitido imaginar (p.126).

Uma ave liberta seu áspero grito de advertência sobre Irma e Edgard, em perigo de afogamento. Irma grita;¹⁶⁶ “um grito acima e além de todo o pânico que, até aquele momento, tinham experimentado, superior ao horror ainda não vivido e somente concebido medrosamente dentro dos sonhos mais inquietantes” (p.118). Matheus salva-os e, sussurrando com força no olhar, manda Irma calar a boca. Helmuth e Gertrud não entendem as atitudes de Matheus. Pensam que ele é um bandido, alguém que está fugindo de outra(s) pessoa(s) ou de alguma coisa e, no entanto, paradoxalmente, capaz de salvar vidas (p.151-155).

Helmuth sonha com guerra. Volta do sonho e preocupa-se com o ataque de índios e negros. Imagina a tripulação, vencida pela exaustão e pela diarreia, jogando-se nas praias e nos barrancos para morrer.

Edgard desiste, não quer ir mais, chora; “o primeiro pranto de homem entre eles; é quem já não se preocupa com a imagem da covardia que esteja imprimindo na consciência e na lembrança, não apenas dos que estejam em seu redor, porém, – ainda – de toda a descendência que venha a deixar” (p.172). “Não vou; é burrice continuar e receber uma flechada nas costas – ninguém sabe de onde tirou a idéia, mas há espanto e concordância em quase todos” (p.172). Discussão, discórdia. Matheus diz que eles então têm que deixá-lo na outra margem do rio e ameaça com a espingarda quem se recusar. Momento de expectativa e indecisão. As mulheres e as crianças, mesmo de longe, percebem a discórdia entre os homens.

¹⁶⁶ Em *Quadrilátero*, observa-se que a cada novo acontecimento importante na trama narrativa há sempre um grito que o precede, seja de um ser humano, seja de um animal, seja de ambos.

O psiquiatra Alberto Goldin tem uma explicação para esse tipo de evento: “Trata-se de uma lei de compensação que opera em todos os terrenos humanos. Quando, em um grupo, um de seus membros sente pânico, o restante se sente mais seguro. O mais medroso funciona como um pára-raios que leva para a terra o medo de todos”.¹⁶⁷

Depois de seis dias de viagem, alguém deseja a morte, para acabar com o sofrimento. Matheus está na proa de sentinela e avalia que foi besteira ter insistido na viagem. Gertrud atesta que todos perderam, inclusive ele [Matheus], que é um criminoso, mas que o destino deles deve ser segui-lo. O nitrido de um cavalo corta o ar. Os homens, incrédulos, deixam a balsa retroceder. Avistam a praia à direita deles. Encontram Gustav em uma praia/porto. Willy o reconhece. Estão chegando ao seu destino. A colônia Karlsburg fica a cinco léguas dali. Gertrud e Irma choramingam o final de suas desgastadas orações.

O fato de as mulheres rezarem suas ladainhas remete à Bíblia, na passagem do Cerco de Jericó,¹⁶⁸ que narra a conquista da terra de Canaã, por Josué, discípulo de Moisés, iniciando pela tomada da cidade de Jericó, depois de seis dias de procissão ao lado de suas muralhas. Um paralelo se faz necessário com um evento ocorrido com o papa João Paulo II. Em matéria publicada no jornal *A Notícia*, o seminarista Ricardo Nunes explica que a história contada pela Igreja Católica é que o papa João Paulo II, em 1979, foi impedido de entrar em sua terra natal, a Polônia, pelas autoridades políticas. Na época, Nossa Senhora teria aparecido a um polonês cristão e lhe comunicara que, para o papa entrar na Polônia, teria que rezar uma semana intensa de adoração, rezando o terço diante do Santíssimo Sacramento nas 24 horas do dia. Desde então, a Igreja organiza

¹⁶⁷ GOLDIN, Miguel Alberto. *Amores freudianos*. Tradução de Cláudia Martins Mendes. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p.129.

uma semana intensa de oração, com o revezamento de fiéis, a fim de alcançar uma graça. “Já vimos várias pessoas que depois de participar do Cerco de Jericó alcançaram as graças”.¹⁶⁹ Voltando ao romance, Gertrud e Irma, com suas preces, parecem ter alcançado a graça pretendida.

Além disso, a viagem de balsa dos imigrantes alemães durou seis dias, o mesmo período que Deus utilizou para criar o mundo. No sétimo eles descansaram...

Esse período de seis dias chama a atenção por mais um motivo. É o mesmo período que os primeiros imigrantes de Brusque levaram para chegar até o seu destino. Conforme Cabral,

Narram as crônicas que os 59 colonos alemães, que sob a direção do Barão de Schnéeburg fundaram a nova colônia do Itajaí [Brusque] levaram seis dias a subir o rio, da sua barra até o ponto do seu desembarque em Vicente-Só.¹⁷⁰

Mais adiante, o historiador confirma, referindo-se ao fato de o diretor da colônia buscar e trazer grande soma de dinheiro da província para a colônia: “o caminho era uma picada ou o rio, levando a viagem seis dias mais ou menos, e não eram isentas de perigo”.¹⁷¹

A colônia Karlsburg, fundada nesse romance pelos imigrantes, é fictícia, mas em muito se parece com a colônia Brusque. A grande diferença é que Brusque se tornou uma cidade próspera, enquanto Karlsburg sucumbiu, diante das adversidades, no segundo ano de sua fundação. O porquê das semelhanças será percebido à medida que se tornar conhecida a história da colônia Karlsburg. Podem-se delinear paralelos

¹⁶⁸ Bíblia Sagrada – Livro de Josué, 6:1-27.

¹⁶⁹ Católicos de Tubarão celebram Cerco de Jericó. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 25 jan. 2003. p.A9.

¹⁷⁰ CABRAL, op. cit., p.9.

¹⁷¹ CABRAL, op. cit., p.96.

entre a História (da imigração germânica no estado de Santa Catarina, em especial a de Brusque) e a ficção em tela (romance *Quadrilátero*).

Primeiramente, ambas estão situadas no Vale do Itajaí-mirim, no interior do estado de Santa Catarina. De acordo com Cabral, com relação à cidade de Brusque,

[...] os 59 colonos dirigidos pelo Barão von Schnéeburg, primeiro Diretor da Colônia, penetraram, rio acima, em canoas, e foram desembarcar no ponto que o Delegado de Terras Públicas na Província, o Major João de Sousa Melo e Alvim havia marcado como o mais apropriado para a sede do estabelecimento [...] um terreno na margem esquerda do rio Itajaí-mirim, fronteiro ao lugar chamado Vicente-Só, na margem direita do mesmo rio, para a sede da colônia, por ser o único apropriado a um egresso fluvial, onde, de fato esta sede foi estabelecida.¹⁷²

No romance *Quadrilátero*, encontra-se a personagem denominada velho da tapera, que vive sozinha no meio do mato com dois cachorros (p.360). Mantém cordiais relações tanto com os homens brancos como com os índios e os negros, com troca de mercadorias, mas prefere viver só. Além disso, o nome da personagem verídica, Vicente Só,¹⁷³ aparece na narrativa ficcional diversas vezes. Destaca-se a primeira passagem:

a cada dois meses – as canoas aparecem na praia do Vicente Só, cinco léguas distante, trazendo mantimentos, encomendas e, talvez, o intérprete ou outro funcionário da Companhia (p.125).

Para o historiador Oswaldo Cabral,

¹⁷² CABRAL, op. cit., p.6.

¹⁷³ Existiu em Brusque uma revista denominada *Notícias de Vicente Só – Brusque ontem e hoje!*, publicada pela Sociedade Amigos de Brusque, que teve como objetivo fundamental “recuperar” a história do Vale do Itajaí-mirim. Outra publicação voltada para esse tema e que continua em atividade é a *Blumenau em cadernos*, da Fundação Cultural de Blumenau.

Nada se sabe de exato a respeito de Vicente-Só, todavia é de conjecturar-se que um Vicente, cujo apelido se perdeu, acrescido de uma alcunha que lhe adveio da solidão em que viveu, tivesse sido o penetrador, o primeiro que subiu o Itajaí-mirim e, às suas margens, nove léguas acima, construíra o seu rancho de pioneiro, vivendo isolado, só, como se tornaria conhecido. [...] Pedro José Werner já estava ali fixado em 1860, e é quem recebe e acolhe os imigrantes, oferecendo-lhes a sua casa e o seu engenho.¹⁷⁴

Anos depois da publicação de Cabral, a pesquisadora Giralda Seyferth trouxe a lume o livro *A colonização alemã no Vale do Itajaí-mirim*. Nesse trabalho ela fornece uma outra versão para o fato, através do depoimento de Antônio da Costa Flores, um dos primeiros moradores de Itajaí, publicado no jornal *Novidades* (nº 159 e 160, de junho de 1907):

Nos vastíssimos terrenos que hoje abrangem os municípios de Brusque e de Nova Trento e o de Blumenau, do Belchior para cima, tudo era mata virgem: não havia nenhum habitante, a não ser os selvagens. Quem primeiro morou no ponto em que está a sede de Brusque foi Vicente Ferreira de Mello, por apelido Vicente Só; andando a caçar achou o lugar muito bonito e fez um rancho no alto do morro em que hoje se vê a igreja católica, mas não podendo continuar a viver lá veio com a família aqui para a Colônia onde terminou os seus dias.¹⁷⁵

A colônia Brusque foi fundada em 04 de agosto de 1860 e foi assim denominada para homenagear o presidente da província de Santa Catarina, o brasileiro Francisco Carlos de Araújo Brusque. A princípio, a colônia deveria ser chamada Itajaí, mas o povo quis homenagear o seu fundador. Este, devido à sua modéstia, opunha-se terminantemente à idéia. Oswaldo Cabral apresenta os argumentos utilizados pelo historiador Carlos da Costa Pereira, em discurso proferido na instalação da colônia, para manter a decisão de mudança de nome da colônia:

¹⁷⁴ CABRAL, op. cit., p.8.

¹⁷⁵ SEYFERTH, op. cit., p.40.

Se os fundadores de colônias mereciam o nome de beneméritos, o dr. Araújo Brusque era um deles. – “Permita-me v. ex^a., com quem tenho a honra de há mais tempo entreter amizade – prosseguiu o orador – que lhe diga que nós desejamos e que mesmo exigimos de v. ex^a., que a nova colônia que vai ser agora fundada, se chame Colônia Brusque. Bem sei que já foi recusado ao sr. barão de Schnéeburg este pedido, talvez por ser v. ex^a. por demais escrupuloso; mas desaparecerão imediatamente estes escrúpulos, quando v. ex^a. se lembrar de que o nome de Brusque não pertence mais a v. ex^a., porque o nome do homem público pertence ao seu país e porque o nome de Brusque pertence aos filhos, à família de v. ex^a. O país e os descendentes de v. ex^a. terão orgulho um dia, quando, com o correr dos tempos, progredir esta colônia, que sempre que for pronunciado seu nome despertará mais viva a lembrança do seu fundador”.¹⁷⁶

Em *Quadrilátero* não aparece o motivo da denominação Karlsburg para a nova colônia de imigrantes alemães, fundada em 30 de outubro de 1876¹⁷⁷ (cf. p.111). Este vocábulo germânico significa, literalmente, “fortaleza de Carlos”.¹⁷⁸ Pode-se dizer, então, que também é uma homenagem ao presidente da província da época. Afinal, seu nome completo, como foi visto acima, era Francisco Carlos de Araújo Brusque.

Outra hipótese encontra-se no livro *Nomes germânicos de pessoas*,¹⁷⁹ do professor Henrique Fontes. Segundo o pesquisador catarinense, o vocábulo franco¹⁸⁰ *Karl* significa “homem livre”, o que pode ser relacionado com a figura de Matheus, protagonista da narrativa de Boos

¹⁷⁶ CABRAL, op. cit., p.10.

¹⁷⁷ Portanto, dezesseis anos depois da fundação de Brusque. Neste ano, Brusque estava prestes a se emancipar, tornando-se município em 23 de março de 1881. Segundo Oswaldo Cabral, “curta, mas atribulada, foi a existência como colônia. Os dias da sua história foram pontilhados de dores e sacrifícios, de lutas e dissabores. Mas passada a derradeira crise, ainda com os seus colonos em grande parte por alojar definitivamente, o Governo Imperial a entregava ao seu próprio destino, à direção dos seus habitantes. Daí por diante, eles seriam os responsáveis pela sua administração, eles iriam escolher os homens que a dirigiriam. (CABRAL, op. cit., p.299.)

¹⁷⁸ MICHAELIS. *Pequeno dicionário: alemão-português, português-alemão*. / Alfred Josef Keller. – São Paulo: Melhoramentos, 1994.

¹⁷⁹ FONTES, Henrique. *Nomes germânicos de pessoas*. 1ª parte – Nomes germânicos de mulheres. Florianópolis: Publicações da Faculdade Catarinense de Filosofia, [1959]. (Série Filológica, n.1) p.47.

¹⁸⁰ O adjetivo franco refere-se à confederação de povos germânicos que conquistaram a Gália.

Júnior, que não tem família nem amigos, não se apega a nada e a ninguém (é prisioneiro, no entanto, das suas premonições).

De acordo com o professor e crítico literário Antônio Hohlfeldt, “sabe-se que Matheus é a figura clássica de um marginal, de um ‘gauche’, capaz de tudo para viver, ainda que permanentemente marcado pela ânsia da busca e do encontro de um motivo básico e fundamental para sobreviver. A decorrência é a marginalização ativa, digamos, caracterizada pela mobilidade permanente: Matheus não tem raízes em lugar algum”.¹⁸¹ Nesse sentido, destacam-se os primeiros versos do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade,¹⁸² em seu “Poema de sete faces”: “Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”.¹⁸³ O vocábulo francês *gauche* significa esquerdo, inepto.¹⁸⁴ Antônio Houaiss, em seu dicionário, acrescenta: “indivíduo canhestro, inseguro, sem determinação”.¹⁸⁵ Características do temperamento de Matheus, um marginal, tanto por viver “à margem” da sociedade como pelos assassinatos cometidos ao longo da narrativa; uma personagem sem muita iniciativa para tomar decisões, sempre esperando que a premonição (o destino) falasse mais alto e a fizesse seguir.

Outra possibilidade para o nome da colônia ser Karlsburg pode associar-se com a família do autor do romance. Como foi visto na “Apresentação do autor”, neste trabalho, Adolfo Boos Júnior nasceu em Florianópolis. Um grande ramo da família Boos, no entanto, viveu em

¹⁸¹ HOHLFELDT, *A literatura catarinense... o romance*, op.cit., p.221.

¹⁸² No *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*, dirigido por Antônio Houaiss, encontra-se uma definição de sua poesia: “complexa e profunda, de múltiplas facetas, tem uma visão de um universo grotesco, a tristeza e o horror à vida, o senso de solidariedade humana, a luta pela expressão”. As mesmas características podem ser encontradas na obra de Boos Júnior. Drummond de Andrade, ícone do modernismo brasileiro, assim como Graciliano Ramos, pode ter influenciado o autor de *Quadrilátero*.

¹⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963. p.9.

¹⁸⁴ MICHAELIS. *Minidicionário: francês-português, português-francês*. Jelssa Ciardi Avolio, Mára Lucia Faury. – São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p.119.

¹⁸⁵ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.1435.

Brusque nos primeiros tempos da colônia. Um de seus ancestrais chamava-se Carlos. De acordo com Oswaldo Cabral,

E, no extremo norte da mesma linha do Guabiruba, **Carlos Boos** dedicava-se ao mesmo mister [professor paroquial], aos domingos, metendo na cabeça dos coloninhos os primeiros rudimentos das verdades eternas.¹⁸⁶

Na mesma fonte bibliográfica de Cabral encontram-se ainda as seguintes personagens verídicas: Antônio Boos (colono, p.82 e 107), Germano Boos (colono, p.107); Luís Boos (professor, p.211) e Henrique Boos (criador de gado, p.264-265).

Ao visitar o Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-mirim (Casa de Brusque), em Brusque/SC, pode-se observar, na galeria de fotografias dos homens ilustres da cidade, o quadro dedicado ao professor João Boos.

Quem sabe, então, o autor não quis homenagear um de seus ancestrais? Não que, com isso, o autor quisesse “denegrir” a família (ou até mesmo a cidade de Brusque), ao apresentar uma colônia fracassada, vencida pelas adversidades. Pelo contrário, as personagens do romance lutam pela colônia, pelo seu desenvolvimento, com todas as forças possíveis, pois lutam pelos seus sonhos. Mas não contavam com a falta de apoio do governo e da Companhia, que ficaram de enviar mais colonos (130 famílias) e não o fizeram.

A colônia Karlsburg foi fundada com dez famílias, como atestam, *ipsis verbis*, as palavras retiradas de *Quadrilátero*:

[...] FUNDOU-SE O NUCLEO COLONIAL KARLSBURG, COM 10 FAMÍLIAS DE 39 PESSOAS, A GRANDE MAIORIA DE

¹⁸⁶ CABRAL, op. cit., p.70. Grifo nosso.

MULHERES E CRIANÇAS, NUM TOTAL DE 29 ALMAS, SENDO AS 10 RESTANTES DE HOMMENS, E MAIS HUM HOMMEM SOLTEIRO, DE NOME MATHEUS BECKER, QUE NÃO É IMMIGRANTE A CARGO DA COMPANHIA (p.111-112).

Em um parêntesis, poder-se-ia pensar que essa pequena quantidade de pessoas (quarenta, ao todo), a maioria mulheres e crianças, teria sido um dos motivos para o fim da colônia, visto que eles não poderiam combater “sozinhos” os inúmeros índios que habitavam a região. Mesmo que quisessem... A ajuda que eles queriam do governo brasileiro era apenas que trouxessem os outros imigrantes alemães, como combinado. Força de vontade, coragem e determinação os imigrantes tinham de sobra.

Mas, voltando ao assunto, da colônia Karlsburg participaram da fundação da colônia as seguintes famílias, com ou sem filhos: Helmuth e Gertrud Dobner; Edgard e Irma Berckembrock; Willy Gracher; Gustav; Ottokar Müeller; Elizabeth Hoffmann e seus quatro irmãos (órfãos: a mãe morreu no parto e o pai suicidou-se pouco tempo depois), Lohmeyer; Koehler, Arnold e Natália Appel; e o solteiro Matheus Becker.

Oswaldo Cabral confirma o mesmo número na fundação de Brusque: “As dez famílias da primeira turma já estão entregues das suas colônias e estão trabalhando em derrubamentos [...]”.¹⁸⁷

No meio da floresta, a colônia Karlsburg foi se desenvolvendo aos poucos. Pinçando da narrativa o olhar de Matheus, assim que chegou, depois da viagem de balsa, lê-se:

[...] os casebres dispostos aos pares no ângulo dianteiro de cada lote, toscos, mostrando uma penúria aviltada, decadentes antes de serem velhos. *Então é isto*, pensou, com a idéia parada entre o rumor da cachoeira, as suas costas, e os primeiros morros, de um verde muito espesso, que parecia não ceder – em qualquer tempo – ao fogo e ao

¹⁸⁷ SCHNÉEBURG, apud CABRAL, op. cit., p.12.

machado. *Então este é o sonho deles, isto é Karlsburg*, continuara, não desapontado, porém – mais do que nunca – certo de que era apenas a esquina ou o beco e depois a rua voltaria a se desenrolar na direção da serra ou do rio, para a frente ou em sentido contrário (p.193. Grifos do autor).

Este excerto ressalta o caráter “provisório” de Matheus. Um homem sem parada, sem destino certo. Sempre com a mochila pronta para partir. Sem ninguém ou nada para segurá-lo. Ele não pertencia ao grupo, não acalentava o mesmo sonho.

Mas, o povoado, como a maioria das pequenas cidades (ainda hoje em dia), era formado apenas por uma rua, na qual havia uma praça. Paradoxalmente, a rua chamava-se *Strasse der Freude*, que significa Rua da Alegria (da Felicidade) e a praça denominava-se *Glücksplatz*, isto é, Praça da Sorte (da Ventura). Paradoxalmente porque, no desenrolar da narrativa, sobrevém a destruição da colônia. Uma colônia formada por imigrantes sofridos, pobres, mas que lutavam pelo seu sonho de “um lugar ao sol” na nova pátria, de uma vida digna (uma família, um pedaço de terra, uma casa). Essa a razão de os nomes dos logradouros conterem esperança, pois era vontade dos imigrantes que a colônia se desenvolvesse e fosse muito próspera para todos.

Os imigrantes alemães, com o intuito de verem a colônia crescer, e vendo a miséria se instalar no povoado, escreveram uma carta ao presidente da província de Santa Catarina, pedindo-lhe ajuda para que outras famílias viessem para a colônia Karlsburg, conforme combinado no contrato. A carta contém um relatório da fundação da colônia e das dificuldades enfrentadas por todos. A escrita (ortografia e tamanho de letra – caixa alta) segue o modelo de relatórios da época (fins do século XIX). Como os demais acontecimentos da narrativa, a carta é dividida em excertos. Ressaltam-se dois exemplos da narrativa:

AS CASAS SÃO DA PIOR QUALIDADE, FEITAS DE TRONCOS DA MADEIRA PALMITO, PORQUE OS COLONOS ESPERAVÃO OUTRAS FAMÍLIAS E UMA SERRARIA FOSSE CONSTRUÍDA PARA APROVEITAR A FORÇA DO RIO. A MISÉRIA E O DESCONFORTO TORNÃO-SE CADA VEIZ MAIS AUMENTADOS E OS COLONOS SE TORNÃO DE PIOR HUMOR. A QUEIXA DELES EH FUNDADA PORQUE A COLONIA ESTA SUJEITA AS CORRERIAS DOS BUGRES E SEM CAMINHOS NÃO EH POSSIVEL CORRER O MATTO ATRAZ DELLES (p.175-176).

CONTAMOS COM A PROMPTA AJUDA DO ILLMO. E EXMO. SNR. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA PARA QUE HUM DESASTRE NÃO ACONTEÇA NESTAS TERRAS E AS FAMÍLIAS NÃO PERCAM SEUS HAVERES DEPOIS DE TANTO ESFORÇO.
DEOS GUARDE À V. EXCIA. POR MUITOS ANNOS EM FAVOR DA COLONIZAÇÃO DA NOSSA AMADA PATRIA DO BRAZIL (p.181).

A comparação com a antiga pátria – Alemanha – torna-se inevitável. Natália percebe isso até no banho, ao utilizar um sabão grosseiro (feito com gordura de porco) para lavar-se (não se recorda mais da consistência e do cheiro de um sabonete) e reflete:

não faz tanto tempo e as roupas já eram desbotadas e fora de moda antes do embarque; a penúria já existia lá; a sujeira e a degradação apareceram aqui (p.204).

O desejo de retornar à terra natal é acalentado por Edgard. Ele pensa nas dificuldades a serem enfrentadas (tanto aqui como lá) e que, no fundo, seria um atestado de fracasso pessoal. Não queria, no entanto, que o filho nascesse nessas condições precárias:

[...] o que será dele, de nós, aqui; não agora, mas depois de nascido, amanhã, obrigando o renascimento da idéia de voltar, mesmo sabendo que, antes da lógica da sua covardia penetrar na consciência de cada

um, será necessária a autorização da Companhia e do Governo. Sozinho ou acompanhado, será a perda do dinheiro e dos sonhos do armazém; no entanto, o pensamento cresce, dando a impressão de que todos os fracassos são a matéria-prima para a nova esperança. Assim, continua calado, aventurando-se cada vez mais na idéia do regresso (p.252. Grifos do autor).

Nesse sentido, traz-se a lume o depoimento do pastor Hermann Stoer sobre a colônia Santa Isabel, uma das primeiras a serem instaladas no estado de Santa Catarina:

Era um tempo difícil, quando estes ousados pioneiros da civilização iam armados para o seu trabalho nas plantações. Mas nem a constante ameaça dos índios, nem o pavor da mata virgem com seus animais bravios e venenosos, nem a solidão neste novo mundo, foram os maiores e mais difíceis obstáculos e estorvos, perto das muitas carências que estes primeiros moradores sentiam em suas casas. A luta mais difícil deve ter sido o que sentiam por dentro: vencer a saudade da pátria. / Somente o estranho e o desconhecido revela ao homem o profundo sentimento do que é pátria e o que significa pátria para cada um. As primeiras noites, sob um céu tropical, à beira de uma mata virgem estranha, devem ter arrancado profundos suspiros de lamentação desta gente. Embora os primeiros imigrantes deixassem sua pátria numa época em que ela estava sob a influência das guerras napoleônicas, e não lhes dava a vida ideal de colono livre, em terra livre que almejavam, amavam o pedaço de chão que os viu nascer.¹⁸⁸

¹⁸⁸ STOER, Hermann (Pastor). Crônica da paróquia de Santa Isabel: a mais antiga Colônia Alemã-evangélica em Santa Catarina. Tradução de Felícia Emma Hatzk Schütz. In: JOCHEM, Toni Vidal (Org.) *Sesquicentenário da colônia alemã Santa Isabel 1847 – 1997: celebração e memória*. – Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998. 152 p.: il. (p.98-145).

Uma visão diferente encontra-se no livro sobre Brusque. Segundo Oswaldo Cabral, “Durante a administração de Barzillar Cottle, numerosos colonos requereram ao Governo a vinda de seus parentes e respectivas famílias que se encontravam na Alemanha e que, influenciados pelas notícias que daqui lhes eram enviadas pelos colonos satisfeitos com a sua situação, desejavam também emigrar. Isto, sem dúvida alguma, depõe muito a favor da maneira pela qual estavam sendo tratados e, apesar das suas vicissitudes, sentindo-se felizes na sua nova pátria” (CABRAL, op. cit., p.122). O mesmo autor, no entanto, revela mais adiante, que diversos imigrantes quiseram retornar à pátria natal, chegando a solicitar permissão às autoridades. Confirmam-se suas palavras: “Mais tarde, o Diretor viria a ser acusado de não se ter valido desta autorização para melhorar a sorte dos colonos. Não estamos, todavia, bem seguros de que a Carvalho Borges se deva responsabilizar pelo não aproveitamento total desse crédito, pois a seqüência dos fatos nos demonstra que os imigrantes, a esse tempo, esgotada a taça dos seus sofrimentos, já não queriam outra coisa senão o seu repatriamento, o seu regresso à pátria, a sua volta para a Europa. Novos lotes não mais lhe interessavam...” (CABRAL, op. cit., p.228).

Um ano depois de instalada a colônia, Ernest, o intérprete, vai visitá-la, a mando do governo, e fica abismado com a miséria que vê. Os imigrantes aproveitam a oportunidade para escreverem a referida carta (relatório).¹⁸⁹ O representante do governo não acredita na eficiência da carta, pois sabe que as autoridades não conseguiriam imaginar a realidade dos imigrantes (muito diferente e distante da deles) e, portanto, não providenciariam o solicitado. Para fugir das lamúrias de Willy, Ernest inventa que o governo encaminharia todos para uma colônia maior, próximo à colônia D. Francisca (atual Joinville).¹⁹⁰ Willy fica aturdido, tanto trabalho jogado fora, mesmo com toda a miséria, não queria sair dali, queria que outras famílias viessem para Karlsburg, como prometido (p.156-160). Isto caracteriza a persistência, a fibra e, principalmente, a coragem do povo alemão, que dificilmente pensa em abandonar os seus objetivos.¹⁹¹

Apesar de a maioria dos imigrantes alemães não querer abandonar os seus sonhos, percebe-se que não conseguiram concretizá-los no “Novo Mundo”. Atesta-o a seguinte passagem da narrativa, em que Ernest, o

¹⁸⁹ Os imigrantes aproveitam a presença do intérprete para escrever a carta porque eles ainda não sabiam a língua portuguesa. A narrativa ficcional, mesmo abordando o tema da imigração germânica em Santa Catarina, é escrita totalmente em língua portuguesa, por se tratar de um romance de literatura brasileira. Além disso, se na colônia Karlsburg era possível os imigrantes conservarem sua língua materna, pois dificilmente tinham contato com os brasileiros, na capital, Desterro, os imigrantes sentiam a necessidade de se comunicar com os outros (ainda mais o empresário Rudolf, que tinha uma companhia de navegação). É possível, no entanto, encontrar na narrativa algumas expressões na língua alemã. Exemplos: os nomes dos logradouros (*Strasse der Freude, Glückspatz*); pronomes de tratamento (Herr e Frau, estes sem o destaque de palavra estrangeira) e *Jawohl* (interjeição que significa sim, certamente. Cf. p.160 e 303). Encontram-se também no romance, na primeira parte (“Os ventos”), algumas palavras na língua espanhola, em diálogos da personagem Espanhol da bodega (cf. p.17, 18, 31, 41, 42, 79).

¹⁹⁰ Outras colônias passaram pelas mesmas adversidades. No livro do historiador Toni V. Jochem, *São Pedro de Alcântara: 170 anos depois 1829-1999*, encontra-se o seguinte discurso: “Insistia o Presidente Mello e Alvim, por fim, pela solução das súplicas dirigidas ao governo imperial pelo seu antecessor, por três vezes em 6 de agosto, 9 de setembro e 17 de novembro de 1829 – porque dizia não mais ser possível ministrar aos colonos os socorros que lhe foram prometidos e assim seria melhor desenganá-los de uma vez e renunciar definitivamente ao projeto de fundação de alguma nova colônia. Era o governo assumindo suas limitações e desobrigando-se das promessas empenhadas na promoção da colonização”. JOCHEM; ALVES, *São Pedro...* p.43-44.

¹⁹¹ Essa situação evidencia o sistema político da época. Imperial ou republicano, as fraudes e os desvios financeiros de projetos importantes para o desenvolvimento do país (como o da imigração para colonização) pareciam já existir.

representante do governo, tem vontade de fazer o seguinte relatório (mas não o leva adiante):

[...] Ottokar Müller é seleiro, mas ainda não fez um simples arreo; que Helmuth Dobner é oleiro, mas não existe olaria ou qualquer casa de tijolos; que Willy Gracher é ferreiro, porém os animais de sela e trabalho são poucos e estão morrendo; que Edgard Berckembrock é mestre-escola, mas ainda não deu uma só aula; e, assim, todos juntam suas fraquezas, trabalhando uns para os outros, menos Arnold Appel e Matheus Becker (p.159).

Essa passagem faz pensar que muitos imigrantes vieram sem saber trabalhar com a terra, isto é, como agricultores. Mas vieram com muita vontade de trabalhar e de melhorar de vida.

Arnold, que tinha o lote mais afastado do povoado, sonhava em ter uma serraria e escravos. Sua parceria com Matheus não era baseada em uma amizade sólida. Arnold, como não tinha filhos, precisava de alguém para ajudá-lo a limpar o lote e Matheus precisava de um lugar para ficar (pelo menos por um tempo),¹⁹² pelo que as duas necessidades confluíram.

Anos mais tarde, Matheus, ao relatar seu passado a Paula, descreveu a colônia Karlsburg sob um outro ponto de vista, um tanto amargo, (ou estaria ele sendo apenas realista?). Confira-se o seu pensamento:

não, não era como uma família [...] era cada um para o seu lado, sonhando a sua maneira e alimentando o sonho com a inveja, juntos apenas quando a necessidade obrigava alguém a pedir emprestado; em comum, somente o desencanto e a decadência, mas vistas apenas nos outros e raramente admitidas em si próprio; mas era um grupo, reunido sei lá por que maldição que – não obstante a inveja e a rivalidade quase sem sentido – chegara a ter anseios iguais [...] depois, assistindo à degradação do vizinho, é que todos julgaram-se melhores e começaram a sonhar sozinhos [...] não, não era uma família, pelo menos dentro da noção de família, união e coisas assim; porém, sob outro aspecto, era quase uma família, desunida, irmanada apenas na

¹⁹² Um se aproveitaria do outro, enquanto lhe interessasse.

miséria e na revolta e – muito pior – na maldição de não se entregar, de não desistir; quem ajudava, já estava pensando em pedir, cada um perseguindo o sonho a sua moda, vendo no vizinho tudo aquilo que não queria ver e – contudo – apresentando a mesma imagem [...] assim era a fantasia: somente para retê-los ali, até que o milagre, ou qualquer coisa pior, acontecesse (p.389-390).

E o pior aconteceu. O ataque iminente dos índios, que vinham roubando comida, animais, ferramentas e armas dos imigrantes, tornou-se inevitável depois da morte de um índio por um branco. O índio roubava um porco da colônia quando foi surpreendido por Ottokar, general de guerra, que, na sua alucinação, confundiu-o ora com um soldado inimigo, ora com um ladrão e acabou matando-o (p.243-249). A vingança veio a galope. Se antes brigavam por terras, agora era uma questão de honra.

A colônia fictícia Karlsburg foi totalmente destruída. Os índios não pouparam a vida nem das crianças, nem das mulheres, nem dos velhos e muito menos dos homens. Foi uma sucessão de flechas incandescentes, sem dó nem piedade: um menino de dez anos (p.303); Frau Müller (p.310); Irma (enlouquece, p.327); Edgard (fica aleijado, p.341); Gertrud (p.346) e Willy (p.355).

Como foi observado anteriormente, antes de cada acontecimento importante há o grito de alguém. No dia do massacre, todos escutam o grito de uma mulher, que ecoa pela colônia. Além disso, o menino observa o movimento dos animais, conforme atesta o narrador:

[...] no calor da tarde e na luminosidade do que resta do outono, aspirando o cheiro da floresta logo as suas costas e dividindo sua atenção entre os latidos do cão e o pio isolado de um anu, bem próximo a ele. [...] O latido do cachorro torna-se mais agressivo e, as suas costas, o anu silencia repentinamente e, agarrado pelos cabelos, é arrancado da cerca, no mesmo instante em que um grito de uma mulher ecoa lá pelos lados da *Glücksplatz* (p.303-304).

3.2 – Matheus e Natália

A epígrafe do romance *Quadrilátero* é retirada da Bíblia (Lucas – 8:30). Essa passagem aborda a parábola do possesso e os porcos,¹⁹³ em que um homem que habitava o cemitério era possuído pelos demônios: vivia nu e não parava em casa. Foi curado por Jesus, que permitiu que os demônios dele saídos entrassem nos porcos, que estavam no campo, e estes se precipitaram pelo despenhadeiro e morreram afogados no lago. O homem voltou sadio para casa e passou a propagar a palavra de Jesus.

Ao abrir-se o romance, percebe-se a figura de Matheus assim: velho, “louco”,¹⁹⁴ morando sozinho em um cemitério. Ao se fazer a leitura da narrativa, observa-se que ele era um homem sem parada, sem destino certo, de caráter provisório, caracterizado por sua mochila sempre pronta para partir. De acordo com o crítico literário Antônio Hohlfeldt, “é como se Matheus fosse o instrumento utilizado pelos demônios para a realização de sua obra, sem que ele mesmo possa conduzir ou dominar seus impulsos, movido por força e rapidez espantosas na consecução de suas ações, perdendo o controle de suas emoções”.¹⁹⁵

De acordo com o *Dicionário da Bíblia*, Mateus é “mencionado como um dos discípulos originais e foi tradicionalmente identificado como o autor do primeiro (mas não o mais antigo) evangelho do Novo Testamento”, tendo sido “mencionado duas vezes como coletor de impostos”.¹⁹⁶ Nesta mesma fonte bibliográfica encontra-se a gênese do evangelho de Mateus:

¹⁹³ Essa passagem bíblica também pode ser encontrada nos evangelhos de Mateus, 8:28-34 e Marcos, 5:1-20.

¹⁹⁴ Como as personagens Carioca e Paula viam Matheus.

¹⁹⁵ HOHLFELDT, *A literatura catarinense... o romance*, op. cit., p.223-224.

Mateus é uma história evangélica em três partes, em que se inserem três grandes falas de Jesus. A história contada é a da vida e do ministério de Jesus. Começa com sua concepção milagrosa e seu nascimento e encerra-se com sua morte e ressurreição. [...] É voz geral que Mateus foi escrito por volta de 85 ou 90 d.C. por um cristão desconhecido que pertencia a uma igreja localizada em Antioquia da Síria. [...] Mas a igreja de Mateus era bem provida também em dissensão. Foi para fazer face às necessidades religiosas e morais dessa igreja multirracial e próspera e no entanto dividida e perseguida que o autor de Mateus contou outra vez a história do evangelho.¹⁹⁷

As comparações tornam-se inevitáveis. O romance *Quadrilátero* (*Livro Um: Matheus*) faz parte de uma tetralogia – projeto do autor – que conta com os romances ainda não publicados referentes aos livros de Marcos, Lucas (estes dois em um mesmo volume, a denominar-se *Confluências*) e João, sob o título provisório de *O almirante*. Como no Novo Testamento, o Matheus de *Quadrilátero* é a primeira personagem a aparecer e a contar a sua história. A sua história, não a de Jesus. Mas, como na história de Jesus, não se fica sabendo nada sobre a infância e a adolescência de Matheus. Ele aparece misteriosamente no meio do grupo de imigrantes alemães, pois não veio a cargo da Companhia (p.112) e veio substituir um balseiro que estava doente (p.103;113;130...). O livro termina com a sua morte. Enquanto o Mateus do Novo Testamento narra a história de “uma igreja multirracial e próspera”, o Matheus de *Quadrilátero* conta a história dos vencidos, tanto de um grupo de imigrantes alemães que veio fundar uma colônia no interior do estado de Santa Catarina – e, abandonado pelo governo e pela Companhia, acabou sendo dizimado pelos índios – como a sua própria (Matheus, apesar dos lances que se entrecruzam, era um vencido na vida). Como no Novo Testamento, o Matheus de *Quadrilátero* “contou outra vez a história”, não ao lado dos vencedores, dos vitoriosos.

¹⁹⁶ METZGER; COOGAN, op. cit., p.197.

¹⁹⁷ METZGER; COOGAN, op. cit., p.197-198.

Um outro olhar sobre a história da imigração germânica no Sul do Brasil, um novo ponto de vista. Não o certo, nem o errado, apenas o diferente.

O professor e crítico literário Antônio Candido, em seu ensaio “A personagem do romance”, aborda o aspecto da convencionalização da personagem, importante não apenas para caracterizar a personagem descrita, mas para torná-la verossímil. De acordo com Antônio Candido,

Assim, a verossimilhança propriamente dita, – que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo do real (ficção *igual* a vida), – acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente.

Portanto, originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a *vida* da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, idéias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, duma existência. [...] A *convencionalização* é, basicamente, o trabalho de selecionar os traços, dada a impossibilidade de descrever a totalidade duma existência.¹⁹⁸

Nesse sentido, destacam-se os elementos que caracterizam Matheus: a mochila, a espingarda e o facão. Enquanto a mochila revela o seu caráter nômade, sem parada, provisório; a espingarda e o facão demonstram o seu temperamento agressivo, além de seu instinto animal de sobrevivência.

A mochila, sempre pronta para quando Matheus quisesse partir, e, por um lado, comprova o desapego de Matheus tanto a bens materiais como a pessoas, por outro, faz transparecer nas outras personagens tanto o sentimento da insegurança – pois a qualquer momento ele poderia deixá-las

¹⁹⁸ CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In. CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 9ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 1998. p.75.

(cf. visão de Paula: p.221 e 261; de Natália: p.240) – como o do medo (cf. visão de Gertrud, p.185).

Destacam-se da narrativa alguns excertos que identificam a mochila ao seu dono – Matheus:

[...] poderia ter pensado antes e voltado, para repor a arma no prego improvisado em cabide e apanhar a mochila; deveria ter partido e não somente pensado, deveria ter completado o gesto de abaixar-se e apanhar sua única bagagem; porém, pensou e não fez o gesto tão simples e, agora, não pode mais executá-lo (p.82).

Se a mão continuasse o movimento, haveria de encontrar o pincel, a navalha e, encostada à parede, a mochila afivelada – e, se não podia dizer a quantidade e a cor da roupa que ela continha, sua memória sabia exatamente onde estava o punhal (p.148).

[...] sozinho, com a mochila na mão, Matheus mede, aspira, avalia a extensão da miséria, [...] Matheus abaixa-se e começa a desamarrar a mochila, virado na direção do animal [...] mas com o espírito decididamente fixado na noite além da porta, parecendo avaliar a possibilidade de não abrir a mochila, erguer o corpo e voltar, sem qualquer parada (p.197-198).

A espingarda serve a Matheus tanto para a sua sobrevivência, não importa se para caçar (veado) ou se para matar alguém (Arnold e a égua). Da mesma forma serve o facão (punhal), com o qual será atingido mortalmente. Essas duas armas dão força e poder ao “estranho” homem, que mais parece um bicho: ataca pelo instinto de defesa e sobrevivência. As armas estão sempre ao seu lado, prontas para qualquer tipo de ataque. De acordo com o narrador, percebe-se a presença das duas armas, uma branca e outra de fogo, no cotidiano de Matheus:

Larga a enxada, senta-se no mesmo tronco, ao lado da espingarda e começa a preparar outro cigarro (p.36).

Fica em pé, a arma e a ferramenta nas mãos, pronto para começar a caminhar (p.50).

Imperceptível, a mão inicia sua marcha rumo à espingarda, o cigarro continua apagado no canto da boca (p.84).

Como se o silêncio e o isolamento fossem coisas novas em sua vida, acordava aos sobressaltos, verificava a espingarda, o facão e a mochila, esperando a repetição do alarido (p.284).

[...] e – no outro lado da cintura – a bainha do facão batendo em sua coxa, feito a cauda de um cachorro amigo (p.286).

No mesmo texto, o ensaísta brasileiro afirma que ‘O entrosamento nesta [estrutura novelística] é condição fundamental na configuração da personagem, porque a verdade da sua fisionomia e do seu modo-de-ser é fruto, menos da descrição, e mesmo da análise do seu ser isolado, que da concatenação da sua existência no contexto’.¹⁹⁹ Nesse sentido, mais adiante será vista a convencionalização de mais duas personagens que se relacionam com Matheus: Natália e Paula. Porque, segundo Candido, aplicando-se perfeitamente à narrativa em análise, “as três personagens existem com vigor, não só porque se exteriorizam em traços materiais tão bem combinados, mas porque ecoam umas às outras, articulando-se num nexos expressivo”.²⁰⁰

Matheus e Natália conseguem fugir sem serem atingidos pelos índios. Antes, Matheus passa sozinho pela colônia em ruínas, e o cenário é aterrador:

Acompanhado somente pelo gemido do vento – incapaz de trazer, de onde quer que viesse, imagens iguais àquelas sobre as quais passava e, ainda, sem levar para o seu ignorado destino a tétrica visão de tudo o que estava em seu redor [...]. O cheiro da carne apodrecida é qualquer coisa parecida com um véu, esvoaçante mas ponderável, quase sólida, que o seu corpo vai desbravando à medida que perambula por entre os tocos enegrecidos das árvores e das casas queimadas, um cheiro que se fecha logo atrás dele e se apega ao corpo como uma pele nova que

¹⁹⁹ CANDIDO, op. cit., p.78.

²⁰⁰ CANDIDO, op. cit., p.78.

não se desgruda mais [...]. Entretanto, suas narinas já estão habituadas, seus olhos não se espantam mais com a visão dos corpos esmagados, dilacerados pela morte e pelos animais e que, iguais aos tocos calcinados, já servem de referência para a sua caminhada interminável (p.286-287).

Mas a história de Matheus e Natália, juntos, começou um tempo antes da chacina.

Natália era casada com Arnold. Ela era muito tímida e solitária. Tinha medo de tudo e de todos, ainda mais morando distante do povoado. Tinha o hábito de enxugar as mãos no avental, ou melhor, era um tique nervoso. Agarrava-se na tênue segurança de um cachorro (chamado Bimble) e de uma burra. Arnold não dava muita atenção à mulher. Ambicioso, preocupado com o seu sonho de possuir uma serraria, o que importava para ele é que ela estivesse sempre em casa, fazendo a sua comida e lavando a sua roupa. Eles não tinham filhos.

Retoma-se, aqui, o tema da convencionalização da personagem, estudada por Antônio Candido. A descrição de Natália, “suja e desgrehada” (p.14, entre outras), mas que tinha o hábito de enxugar as mãos no avental encardido, comprova a idéia de que ela era uma dona de casa, que, por ser imigrante de uma colônia incipiente, não tinha luxo nem mesmo vaidade. O hábito de enxugar as mãos no avental também expressa o seu nervosismo e a sua timidez, revelando o seu temperamento submisso (como a burra). Destacam-se do texto as palavras do narrador que demonstram a visão de Matheus sobre a caracterização de Natália em três excertos:

Sabe de cor seus movimentos, acompanha-a na imaginação, volta a ouvir seu murmúrio assustado, recria a tristeza do rosto pálido, sua beleza suja, não esquece o perpétuo enxugar das mãos no avental (p.15).

Quando ainda não tinham ficado juntos, Matheus pensou em ir embora diversas vezes. Sabia o caminho de cor e salteado, pois o percorria à noite, às escondidas. Mas um pressentimento o mantinha ali. Depois, convidou-a para fugirem juntos. Ela não queria, tinha medo de que Arnold fosse atrás deles. No fundo, sentia-se culpada pelo adultério e tinha remorsos. A morte do cachorro Bimble “apressou” os acontecimentos.

Por decisão de Arnold, o cachorro passara a ser de Matheus, e andava com ele para cima e para baixo (portanto, deixara de ser a segurança de Natália). Bimble parece ter sido morto pelos índios (flechada), mas Matheus diz a Arnold e Natália que ele foi mordido por uma cobra e que ele (Matheus) atirou na cobra, quando o cachorro fugiu; estaria na floresta caçando. Eles não acreditam muito nesta versão e Arnold encontra pedaços de flechas no lote dele. Pede explicações a Matheus, pois não sabia que os índios andavam por perto. Ele poderia ter avisado aos demais imigrantes do perigo. Matheus não desmente a sua versão da morte do cachorro e aproveita a ocasião para matar Arnold, pois tenciona fugir com Natália.

Uma outra interpretação pode ser feita sobre a morte do cachorro. Matheus o teria matado. Como o animal era uma segurança para Natália (por ser fiel, companheiro, acuar diante do perigo, morder alguém, se preciso fosse), poderia se tornar um empecilho na hora da sonhada e planejada fuga do casal. Além do mais, o cachorro poderia, de algum modo, denunciá-los a Arnold. Uma leitura possível, apesar de haver outras versões (apresentadas por Matheus e por Arnold, como foi visto acima).

No mesmo dia da morte de Arnold (assassinado por Matheus), ocorre o ataque dos índios à colônia. Matheus fica assustado, pensa que Natália também está morta, mas quando chega ao casebre, ela o está esperando, com a mochila dele e a sua trouxa, pronta para segui-lo. (Mesmo sem saber

desses acontecimentos, Natália parece pressentir a tragédia no ar, e resolve partir com Matheus. Logo em seguida, eles avistam o casebre em chamas, juntamente com a burra. Os índios chegaram até a casa dela.)

A fuga dos dois, assim como a viagem de balsa, é repleta de percalços. Passam fome, frio e medo dentro da floresta. Depois de muito andar, Matheus avista um cachorro e segue-o. Ele leva-os até o velho da tapera. Quando Matheus avista as duas canoas, não consegue pensar em mais nada além de descer o rio. Sem falar com o velho, Matheus rouba uma canoa, e o homem não esboça nenhuma reação. Depois Matheus se arrepende, “primeiro grande erro” (p.338). Poderia ter dormido um pouco ali, sairiam na manhã seguinte, e o velho os teria ajudado com as feridas. Mas era tarde demais.

Adiante, quando a canoa encalha, Matheus retira Natália, que está delirando de febre, e suas mochilas. Matheus afunda a canoa, para ela não denunciar as suas presenças (ou mesmo o seu modo de fuga). Afinal, eles eram fugitivos da colônia (eram imigrantes contratados pela Companhia, deviam explicações/informações às autoridades sobre a chacina de Karlsburg e a morte de Arnold). Continuam o trajeto caminhando pela floresta, à noite, margeando o rio, com Matheus carregando Natália no colo, que tem muitas feridas abertas nos pés. São encontrados por um negro, com uma burra, que os leva para a sua casa e, juntamente com sua mulher, os ajudam. Dão-lhes comida, um teto e ervas medicinais. Matheus e Natália se assustam ao vê-los falando em alemão. O casal de negros eram ex-escravos de um pintor alemão, por isso sabiam a sua língua.²⁰¹ Matheus pensa que eles poderiam denunciá-los às autoridades. Pensa em ir embora, mas resolve permanecer até ficarem mais fortes. Natália gosta do lugar e

das pessoas, e já sonha em ficar por ali. Matheus resolve ir embora logo. Mesmo sem destino certo, seguem em direção à capital. O negro sugere que fossem de barco e lhes concede um.

Em Desterro, Matheus e Natália, com os nomes falsos de Johannes e Catarina, respectivamente, são contratados por Rudolf, um rico empresário alemão, para trabalharem em sua chácara/casa. Ele como jardineiro e vigia e ela como assistente de cozinha. Paula, mulher de Rudolf, não gosta muito da idéia e quer impor a sua vontade ao marido, num jogo de poder entre os dois.

Em seguida, Catarina/Natália, grávida, morre no parto de hemorragia por falta de atendimento (parteira/médico). Nasce um menino que, por sugestão da patroa Paula, será chamado Lucas.²⁰²

Matheus acaba tendo um caso amoroso com Paula, sua patroa. Mas esta parte da história será analisada através da personagem Paula, que é a causadora dessa trama.

3.3 – Paula

Rudolf von Henning é um imigrante alemão que vive na capital. Empresário rico, dono de uma loja de couro e de uma companhia de navegação.²⁰³ Viaja muito a negócios. De família rica, “tradicional”, isto é, poderosa no círculo socioeconômico. Possui uma chácara, onde vive com

²⁰¹ O negro chega a comentar com Matheus que foi obrigado a aprender a língua alemã, para comunicar-se com o pintor, seu patrão, para servi-lo. Acabou confundindo as três línguas que aprendera: a africana, a portuguesa e a alemã, passando a ter dificuldades em conversar (cf. p.384).

²⁰² Apesar de haver uma grande passagem de tempo na narrativa, a personagem Lucas não aparece mais. No final, Paula apenas confessa à filha Edla que o adotou e que sua atitude foi bem aceita pela sociedade, visto que ela estava viúva pela segunda vez e não tinha filhos.

²⁰³ De acordo com o historiador Toni V. Jochem, “A emigração era um negócio muito rentável, principalmente para as companhias de navegação que transportavam ‘carga humana’, por exemplo, para os Estados Unidos ou Brasil e voltavam para a Europa com os navios carregados de açúcar ou café” (JOCHM; ALVES, *São Pedro...*, op. cit., p.16-17)

sua esposa Paula e quatro empregados (Max – jardineiro, Martha – cozinheira, Helga – assistente de cozinha e Ruth – copeira). Paula, no entanto, sente-se sozinha. O casal não tem filhos.

Paula tem uma origem humilde, filha de uma viúva de um comerciante falido. A mãe fazia tudo para que a filha fizesse um bom casamento (golpe do baú), como se pode perceber na seguinte passagem, em que o narrador revela a origem de Paula:

Na viuvez e na pobreza, dentro do que permitia uma herança quase inexistente, a mãe batalhara, a mãe e a tia, para que, em qualquer ponto do futuro, o milagre acontecesse. Não lutaram apenas pela esperança de um bom casamento; antes e acima de tudo, dedicaram-se a todos os preparativos, desde a meninice, acreditando firmemente que ele aconteceria (p.84).

Paula passou a sonhar o mesmo sonho e a acreditar “na predestinação como forma de impunidade” (p.84). Em seu relato a Edla, Paula atesta:

[...] quem não invejaria a filha da viúva pobre e do comerciante falido, aquela cuja mãe tirou de si para colocar sobre ela, que não ocultou o empobrecimento (como era a vontade da sua vergonha), porque – para mostrar a filha – era preciso, por mais doloroso que fosse, afogar o orgulho e exibir a decadência; quem não invejaria a mulher de agora, cujo dote fora somente a beleza herdada e – em todos os momentos da infância e da adolescência – realçada, até as últimas conseqüências, pela mãe (p.428).

A convencionalização da personagem, conforme descrita por Antônio Candido, aparece em Paula com duas características marcantes: seus olhos claros e o uso de uma colônia de rosas. Como o perfume de Paula será amplamente analisado no capítulo destinado ao estudo dos sentidos (olfato) utilizados na narrativa, o destaque agora será dado aos olhos.

Não está evidente na narrativa que Paula seja alemã (ou descendente de alemães), apesar de no final do século XIX e início do XX a miscigenação de raças na cultura germânica não era bem aceita. Homens alemães casavam-se com mulheres alemãs, denotando o desejo de se manter a “pureza da raça”. Um indício mais evidente encontra-se no relato de Paula a filha Edla, quando ela revela sobre sua gravidez fora do matrimônio. De acordo com as palavras da própria personagem:

a única solução seria viajar para qualquer lugar distante e ter um pretexto para permanecer fora por quase um ano; ou desmanchar o noivado e não escapar do escândalo, pois um aborto era ainda mais impossível; sabes como é a cidade, como o povo vigia a “alemoada”, como a própria colônia se fiscaliza (p.420-421).

Os olhos claros de Paula trazem em si o seu caráter ambíguo.²⁰⁴ Ao mesmo tempo em que demonstram a sua beleza física, bem cuidada, revelam o seu temperamento severo e impiedoso. Como se fossem águas claras na superfície, que escondessem os mistérios e as sujeiras de suas profundezas. Olhos irrequietos, como o temperamento da égua. O narrador chega a comparar o olhar de Paula com ao do marido, Rudolf, como segue:

– há uma suave reprimenda e uma zombeteira severidade na voz dele, desmentidas pelo olhar sorridente da mesma cor que o seu, diferente apenas por não possuir a dura transparência do cristal (p.199-200)

Da mesma forma, o narrador coteja o olhar de Paula com o de Matheus, revelando o ponto de vista do jardineiro e vigia de sua casa:

De longe, distingue o vulto da dona da casa passeando pelo jardim, à espera do instante exato para entrar e aguardar a chegada do marido e

²⁰⁴ Não se pretende, neste trabalho, fazer um paralelo entre as personagens Paula, de Boos Júnior e Capitu, de Machado de Assis (*Dom Casmurro*). Apesar de que as duas possuam olhares ambíguos.

retarda o passo, a fim de não cruzar seu olhar com o dela e, renovada, sentir a contrariedade nitidamente estampada nas pupilas azuis, tão duras quanto as suas (p.213).

Rudolf, ou Herr Rudi como os empregados o chamavam, casou-se com Paula já “maduro”, pois era considerado um solteirão pela família. Uma família que sustentava sua autoridade perante a sociedade através do brasão dourado²⁰⁵ – inserido em diversos utensílios (como na fivela do cinto, botões e abotoaduras das vestimentas dele ou como no anel prateado para colocar os guardanapos de linho) –, e dos retratos dos antepassados nas paredes da casa – impondo aos atuais habitantes os mesmos costumes, o mesmo ritual de vida, sempre muito organizado e austero. Nesse sentido, o narrador retrata a imponência dos retratos familiares e o seu poder, sob a perspectiva de Paula:

[...] [Rudolf descendo as escadas da casa] a sombra agigantando-se na parede, escondendo – por um instante – cada um dos retratos do sogro e da sogra, dos avós, de todos os von Henning que tinham contribuído para aquela calma e poder (p.219).

Paula adaptou-se bem a esse ritual, afinal era a segurança que ela queria e que conquistou. Nunca mais passaria fome, nem privações de qualquer espécie. Por nada (nem por ninguém) ela abandonaria essa cômoda situação.

Rudolf também tinha o que queria. Uma esposa bonita e jovem, para apresentá-la à sociedade, e que tomasse conta da casa. Alguém que sempre o estivesse esperando.

²⁰⁵ O brasão da família, usado ostensivamente, retrata o tipo de família “vencedora”, que emigrou da Alemanha para o Brasil, indicando que continuavam vitoriosos.

Portanto, o casamento não passou de um arranjo, um “contrato”, nunca se falou em amor entre os dois. O sentimento de Paula vem expresso na narrativa:

A imaginação acompanha os passos e recria os olhos que não existem mais e que ainda procuram, perseguindo-a todas as noites, descobrindo a ausência do amor, até o refúgio do quarto. [...] ficou olhando pela janela da sala de estar, os galinheiros, logo após as estrebarias e, mais além, os canis e o vulto inquieto do pastor alemão, indo e voltando em seus escassos domínios, *exatamente como eu, cismara, a beleza e a utilidade pagas pela liberdade controlada*, e – ao mesmo tempo – exagerando, mas representando um complemento para suas idéias; com a aparição da cadela, o raciocínio foi completado, *o cio comandado pela natureza, mas – sempre – disciplinado pelo dono* (p.219. Grifos do autor).

Paula e Rudolf viviam medindo forças. Um queria mandar no outro. Ele, sempre muito educado, paciente, cheio de formalidades (inclusive com a esposa), exercia sua autoridade sem alarde. Ela, “jogadora” exímia desde criança, sabia retroceder quando preciso. Mas nunca desistia de seus objetivos.

Paula passou a sentir-se solitária. Rudolf viajava muito a negócios. Ela queria viajar com ele, ele não deixava. Ela pedia para ele mandar outra pessoa em seu lugar, ele não o fazia. Além disso, eles não tinham filhos, como se pode perceber no seguinte excerto, em que Paula, já mais velha, avalia a sua vida:

Vai até a sala de jantar, tal qual um fantasma erradio na falsa madrugada, não pela refeição, mas em busca da discreta e imutável atmosfera, na continuação de um ritual quase sem sentido [...]. Junto à mesa da melhor madeira e do tamanho conveniente [dez lugares, cf. também p.318], no sonho há muito desfeito, para abrigar uma grande família, Ruth ajeita os talheres (p.71).

Paula resolve vingar-se de Rudolf. Queria que ele se arrependesse de deixá-la sempre sozinha. De temperamento forte, decidida, e até mesmo “mimada”, Paula trama arditamente o seu plano de vingança, como confessa anos mais tarde a Edla:

alguém poderia dizer, *a diferença de idade, a ausência de filhos, e acreditar ter encontrado o motivo mais importante; mas seria engano; a diferença de idade não anulava a segurança e, pelo contrário, ampliava-a muito mais; era, isto sim, uma mulher que – pela primeira vez – se acreditava preterida e achava que estava provando o sabor da solidão; e era necessário que ele sentisse a mesma sensação, ou talvez alguma coisa pior, e a moeda a ser usada na barganha pareceu-me justa: um amante de mentira por um barco, a serenidade abalada por uma semana de abandono; no dia em que a idéia era uma coisa nova, igual a um brinquedo, concentrada apenas em elaborar a carta (p.429. Grifos do autor).*

A oportunidade de vingar-se surge com a chegada do casal de empregados Johannes (Matheus) e Catarina (Natália). Por um capricho seu, ou mesmo por um pressentimento, Paula queria que Rudolf os mandassem embora. Ele disse que não. Johannes veio para substituir²⁰⁶ Max no trabalho mais pesado (jardinagem e segurança da chácara). Max, já idoso, passa a ser apenas o cocheiro.

Com a viagem de Rudolf, Paula quer que, na sua volta, ele fique com remorsos por tê-la deixado sozinha e com a suspeita de que ela e o empregado tenham tido um caso amoroso. Para isso, fará tudo para Johannes ir embora.

Primeiro, não deixa que chamem a parteira ou médico para acudir Catarina no trabalho de parto, a tempo de garantir a sua vida. Ela morre de hemorragia e Paula pensa que Johannes vai embora. Mas ele não vai.

²⁰⁶ Novamente Matheus substitui alguém no seu cargo, reforçando o seu caráter provisório, nômade.

Essa atitude de Paula revela seus sentimentos mais íntimos: inveja, infantilidade e despeito. Paula sente inveja de Catarina/Natália, que está grávida de seu companheiro (e amante de Paula), porque ela também gostaria de ter filhos. Paula gostaria de ter filhos, mas é Catarina quem está grávida. Por isso a infantilidade levará Paula a cometer a maldade: se eu não posso ter filhos, ela também não pode. Além disso, Paula quis demonstrar forças com o marido Rudolf, para quem a gravidez de uma empregada não afetaria o seu trabalho e, portanto, não seria um motivo para despedir o casal de empregados (p.427).

Paula lê e intercepta uma carta que chegou para Rudolf, do diretor da colônia do Santíssimo Sacramento de Itajahy, falando sobre dois fugitivos da colônia Kalsburg: Matheus e Natália. Ela chama Johannes de Matheus, mas este não se entrega. Nesse período da história parece ter começado o romance entre os dois.

Rudolf chega de viagem e diz que recebeu uma carta anônima (escrita pela própria Paula, com sua mão esquerda) sugerindo o adultério da esposa. Ela diz que também recebeu uma, mas que a rasgou, por ser muito suja. Recomeçam a refeição. Ela pensa “*agora, com a dúvida no espírito, começa a sofrer a desforra*” (p.344). Depois ela se apodera dessa carta anônima, que ele guardou no cofre da empresa em uma pasta de documentos pessoais, e a rasga também. Rudolf chega, percebe o que ela fez e ele concorda, “sem demonstrar alívio ou qualquer tipo de sofrimento” (p.346), o que revela a sua indiferença pela esposa, sinal de que não a ama.

Paula conta a Matheus sobre a carta anônima que Rudolf recebeu, apostando que dessa vez ele irá embora, mas ele não vai. Ela propõe conseguir um emprego ali por perto, mas ele recusa.

Matheus, inseguro na desconfiança se Rudolf acredita ou não no adultério de Paula, mata-o com um golpe na nuca. Helga vê o patrão caindo

da varanda do segundo andar da casa e solta um grito de horror. Paula está indiferente (ela também não o ama). Não havia amor entre eles. O importante é que ela estava segura naquela casa.

O comissário de polícia vai à chácara investigar “o acidente” e a morte de Rudolf, mas fora avisado pelo delegado que não “apertasse” o estrangeiro (Matheus), porque não era como o negro, denunciando a discriminação dos brancos aos negros e estrangeiros e os meios de tortura utilizados pela polícia. Além disso, “a família era rica, da roda do Secretário” (p.366). O comissário, sentindo-se de mãos atadas, desiste de investigar mais a fundo a morte do empresário.

Em algum ponto dessa história, muito difícil é detectar o período, depois de uma madrugada de sexo, quando os dois percebem que a relação deles está acabada, Matheus conta o seu passado a Paula, desde a sua chegada na colônia Karlsburg, seu envolvimento com Natália, a fuga dos dois da colônia em chamas, com todos os detalhes que a sua memória permite revelar.

Dois meses depois da morte de Rudolf, Paula recebe a visita da cunhada e do cunhado. Um novo arranjo de casamento fora acertado. Matheus fica sabendo, através de Ruth, que Paula vai se casar com o cunhado, Arthur. Max atesta que assim a fortuna fica na família. Para Martha, Paula precisa de companhia. Ruth avalia que Herr Rudi era mais bonito que o irmão. Matheus percebe que ninguém falou em amor. Não demonstra sua emoção, mas percebe que foi novamente usado por Paula. Quando sente que tem o domínio de si, diz: “assim é melhor”, mas não está falando com nenhum deles (p.408-411).

Dois dias após a visita dos cunhados a Paula e de ter percebido a porta da saleta trancada (indicando que Paula estava evitando a sua presença), Matheus vai embora da chácara. No entanto, vai trabalhar como

zelador no cemitério, emprego que Paula obtivera para ele, a fim de mantê-lo sob sua vigilância.

Duas semanas depois do noivado de Paula e Arthur, este morre “de derrame”. Esta morte também começou a ser investigada, mas não havia provas criminais. O delegado que trabalhava no caso também morreu “de derrame” e o que o substituiu arquivou o processo por absoluta falta de provas. Quanto a estas mortes, anos mais tarde, Paula afirma à filha ter sido uma armadilha para ela, “segura de que alguém tramara mais longe, a cunhada, o delegado, Martha, Max, qualquer pessoa fornecendo a informação decisiva e ela desarmasse o espírito e ficasse presa na própria teia, qualquer pessoa, menos ele” (p.423). Em suas fantasias de uma mulher solitária, Paula acreditava que Matheus a amava e, portanto, não seria capaz de traí-la.

Em uma leitura possível, Matheus pode ter sido, sim, o autor de mais estas mortes: Arthur e dois delegados. Indícios que levam a pensar desse modo: por um lado, ele já havia matado outras personagens (Arnold, Rudolf e Helga), não se importaria em ter que matar mais, porque era um criminoso (não sentia remorsos); por outro, ele era cúmplice de Paula em suas artimanhas. Além disso, ele poderia querer tirar Arthur do seu caminho.

Paula aproveita a oportunidade para viajar para a Alemanha e ficar lá tempo suficiente para ter a sua filha, pois ninguém sabia que ela estava grávida de Matheus. Retorna três anos depois, trazendo Edla como filha adotiva.

A essa altura, ocorre um grande salto de tempo na narrativa, de vinte a trinta anos. Em Desterro, o vento está agindo com toda força na cidade. Uma forte lestada indica que vem temporal logo em seguida.

Paula, depois de muitos anos e de um sonho agitado (uma égua e dois homens) resolve visitar “o velho” (Matheus) no cemitério. Ele faz que não a ouve nem a vê, apesar do perfume de sua colônia de rosas. Ele sabe que seu plano de vingar-se dela não faz mais sentido. Resolve ir embora, antes que os operários que estão destruindo o cemitério cheguem à sua casinhola (o seu refúgio).

A região do cemitério descrita na narrativa localiza-se no atual Parque da Luz, próximo à cabeceira da ponte Hercílio Luz, que antigamente abrigara um cemitério. Conhecida como o “colosso de aço”, a ponte começou a ser construída em 14 de novembro de 1922 e foi inaugurada em 13 de maio de 1926. De acordo com o fotógrafo e editor do livro *Hercílio Luz – uma ponte*, Tarcísio Mattos, “O engenheiro David Barnard Steinman, um famoso construtor de pontes nos Estados Unidos, foi quem projetou a Ponte Hercílio Luz. Ela foi construída por uma equipe de 19 técnicos norte-americanos e operários catarinenses”.²⁰⁷ Segundo o mesmo autor, “Na região da cabeceira da ponte, na Ilha, antes da sua construção, havia um cemitério”.

Um desses operários planeja roubar a mochila do velho, pensando haver ali um “tesouro”. Carioca, um negro invejoso, covarde, pobre e infeliz (abandonado pela mulher), chega a ir até a casinhola, no mesmo dia da visita de Paula. Os dois começam a brigar e Matheus, como já planejara ir embora, corre com sua mochila para a bodega do Espanhol.

Espanhol é um solteirão, malcuidado e mal-amado, pobre, impotente,²⁰⁸ que sonha (dormindo ou acordado) com as prostitutas da sua

²⁰⁷ MATTOS, Tarcísio. *Hercílio Luz – uma ponte*. In: RODRIGUES, Patrícia. A dama-de-aço chega aos 77 anos. *Jornal Diário Catarinense*, 13 maio 2003. p.4-5.

²⁰⁸ A personagem é retratada nos dois sentidos dessa palavra, pois não tem forças ou meios para fazer algo (mudar de vida, como almeja), fraco e com falta de potência sexual. O psiquiatra Alberto Goldin, ao abordar o relacionamento entre um casal em que o homem é impotente e a mulher é frígida, atesta que “Esse homem não pode ter relações sexuais porque seu sexo é a via de saída de sua agressividade. O

juventude e gosta de ir à praia só para ver as pernas da empregada dos Müllen (outra família alemã rica na capital). Tem um armazém de secos e molhados,²⁰⁹ em cujo balcão existe um desenho (rabiscado) do órgão sexual masculino. De acordo com Jung, “se um moleque de rua desenha um pênis na parede está simplesmente traduzindo o interesse que o sexo lhe desperta. Porque as fantasias da infância e da adolescência continuam a manifestar-se na vida adulta é que em muitos sonhos existem, indiscutivelmente, alusões sexuais”,²¹⁰ reforçando a idéia da impotência da personagem Espanhol da bodega.

O bodegueiro tem uma empregada que ele chama de Mina.²¹¹ Velha e rabugenta, vive dizendo que o patrão precisa se casar. Mas ele não tem perspectiva. Pensa que deveria ter ficado com os irmãos na Bahia, que lá enriqueceram, casaram e tiveram filhos. Talvez para se consolar de seu destino, de seu caminho escolhido, ele pensa que lá na Bahia também seria como aqui: pobre e solteirão. Sente-se um fracassado, um vencido pela vida. Nesse dia ele percebe os redemoinhos que o vento faz na terra e pressente que algo ruim está para acontecer.

resultado é uma sexualidade fraca, porque, para ele, ser potente é igual a ser agressivo. [...] É muito mais grave quando o homem se resigna, pois nesse caso não é só o pênis o impotente, também seu proprietário” (GOLDIN, op. cit., p.59).

²⁰⁹ Atualmente este tipo de comércio ainda existe no interior da Ilha de Santa Catarina. De acordo com o jornalista Aldirio Simões, em sua coluna publicada no jornal *A Notícia*, no dia 13 jan. 2003, sob o título “Vendinhas do interior” encontra-se a seguinte definição: “Tainha e cação secos pendurados na porta, pares de tamanco na outra, saco de feijão novo exposto dentro de uma gamela, lata de banha, outra de querosene, cachaça, açúcar grosso a granel, um pau suspenso com lingüiças protegidas dos ratos e um balcão tosco de madeira, era o cenário característico das vendinhas do interior da ilha, sendo que algumas ainda resistem ao modernismo dos tempos, com algumas mudanças, é verdade. [...] A venda do Zé do Cacupé é efetivamente uma das mais antigas da ilha, há mais de 50 anos ele espreita, pela mesma janela através da baía norte, a cidade crescer”.

²¹⁰ JUNG, op. cit. p.91-92.

²¹¹ Mina é uma espécie de raça negra. Na língua alemã, segundo o professor Henrique Fontes, “**Minna** é ‘pequena’; o velhíssimo radical **min** ‘pequeno’ [...] **Minna** nada tem, assim, de comum com **Minne**, termo poético que designa o ‘amor’” (FONTES, op. cit., p.53. Grifos do autor). Boos Júnior destaca, dessa forma, a falta de amor na vida do Espanhol da bodega. Ressalta-se, ainda, que no romance *Um largo, sete memórias*, que trata da abolição da escravidão em Santa Catarina, Boos Júnior também apresenta uma personagem da raça mina, chamada Cida, que é uma das protagonistas. Por sua força, torna sua presença marcante.

Paula chega arrasada da visita feita a Matheus. As empregadas percebem a mudança até na voz. Edla vem visitá-la (será que alguém da casa a chamou?) na mesma tarde e chega debaixo de chuva. Paula sente a necessidade de relatar toda a sua história à filha, na mesma saleta em que anos antes Matheus lhe contara a sua vida. Segundo Paula, “metade eu tramei, o resto foi a mão do destino” (p.408 e outras: 415; 421; 426 e 429), acreditando sempre na sua impunidade.

A relação entre mãe e filha também é fria e distante – não há amor. Edla escuta atentamente o relato da mãe, mas não entende como ela não se arrepende de nada do que fez. Ao final, Edla resolve ir ao cemitério falar com Matheus. Paula sente-se sozinha e quer que a filha “tome um partido nesta separação”.

Edla chega ao cemitério a tempo de ver, de longe, o homem que ela descobriu ser seu pai morrer assassinado pelo Espanhol da bodega, com o facão do próprio Matheus.

3.4 – Relação Matheus e Paula: amor ou paixão?

“Houve paixão?” – Matheus e Paula se perguntam ao longo do texto, deixando a(s) resposta(s) no ar, ao sabor dos ventos e das fragrâncias, para que o leitor as decifre. Buscar-se-ão na narrativa ficcional pistas que levem a desvendar este enigma.

Quadrilátero fundamenta-se em dois triângulos amorosos. O primeiro, entre Arnold, Natália e Matheus, na colônia Karlsburg; o segundo, entre Rudolf, Paula e Matheus, em Desterro. Dessa situação, percebe-se claramente que os dois triângulos são formados por dois homens e uma mulher, sendo que nos dois triângulos encontra-se a figura de Matheus.

Nas entrelinhas, no entanto, pode-se perceber a presença de um terceiro triângulo amoroso: Natália, Matheus e Paula. Dessa vez, formado por duas mulheres e um homem, sendo que este é Matheus, a protagonista da trama narrativa. A morte de Natália não desfaz o triângulo, visto que sua “sombra” permanece presente entre os outros dois amantes. E uma conclusão possível e significativa a tirar seria: se a interferência de Matheus desfez dois casais sem amor (Arnold e Natália, Rudolf e Paula), Paula interrompeu a formação de um casal que poderia basear-se no amor: Matheus e Natália.

O caráter ambíguo das personagens principais faz pensar em quais sentimentos elas nutriam, umas pelas outras; o que as movia a tomarem determinadas decisões e atitudes.

Nesse sentido, o paralelo entre as duas mulheres se faz necessário. Aparentemente antagônicas, suas semelhanças e diferenças fazem compreender o interesse de Matheus, tanto por Natália como por Paula. E, inversamente, o delas por ele.

Algumas semelhanças encontradas entre Natália e Paula: ambas sentiam-se solitárias, carentes, diante do desinteresse dos maridos – que não lhes davam atenção; não tinham filhos nem parentes e amigas próximo; viviam para a casa; uma queria ser e a outra havia sido uma prostituta.²¹²

²¹² O fato de Paula ter sido uma prostituta não está evidente na narrativa ficcional. Os indícios que levam a pensar dessa forma, no entanto, são muito fortes. Durante um período não definido na narrativa, Paula parece ter sido prostituta. Teria sido quando jovem e pobre, que a mãe enfeitava, sonhando com um casamento rico? (Mas e a família tradicional de Rudolf teria permitido o casamento se soubesse? Ou foi a própria família que arranjou, visto que ele era um solteirão e não tinha “moça da sociedade” que se interessasse por ele?) Ou teria sido quando ela já era viúva e estava na Alemanha? Não pelo dinheiro, que ela era rica, mas pelo desejo incontrolável, pelo instinto animal ou pela força do hábito? Ou teria sido nestas duas etapas da sua vida? (Lembra-se do filme *A bela da tarde* – 1967, de Luís Buñuel, diretor de cinema espanhol.)

Com relação às diferenças, enquanto Natália era pobre, submissa e comparada à burra, Paula era rica,²¹³ ativa e encarada com a mesma natureza de uma égua chucra.²¹⁴

Matheus, como uma forte rajada de vento, vem destruir estes dois lares, ou melhor, espalhar/bagunçar/revirar o que não era sólido na relação de cada um deles. Além disso, destruiu a colônia, ao não avisar os imigrantes do perigo a que se expunham, porque os índios estavam por perto (depois da morte do cachorro Bimble e de um índio morto por Ottokar).

A narrativa leva a crer que a relação entre Matheus e Natália era baseada em amor, porém sem a loucura da paixão. Em contrapartida, a relação entre Matheus e Paula era fundamentada na paixão (mesmo que não seja admitida por nenhum dos dois amantes), no entanto, sem a segurança do amor.

No *Dicionário de filosofia*, de José Ferrater Mora, não se encontra distinção entre amor e paixão. Segundo este autor,

Emprega-se o termo “amor” para designar atividades – ou o efeito de atividades – muito diversas; o amor é interpretado como inclinação, afeto, apetite, **paixão**, aspiração, etc. Outras vezes tem sido considerado uma qualidade, propriedade ou relação.²¹⁵

²¹³ O fato de Paula ter sido pobre na infância é apenas mencionado. Na narrativa ficcional, a figura de Paula aparece apenas como uma mulher rica e poderosa. (Seu poder, no entanto, está relacionado com os empregados da casa e, talvez, os da firma do marido. No fundo, Paula não passa de um “objeto” para a família von Henning. O poder é somente deles. Nesse sentido, ressaltam-se os dois arranjos de casamento e, principalmente, o texto da p.410, que mostra o pensamento de Matheus: “referindo-se à cunhada, sempre aparecendo duas ou três vezes por semana, entrando à vontade, jamais perguntando pela dona da casa”).

²¹⁴ Com relação ao zoomorfismo das personagens, confira-se o capítulo 6 deste trabalho.

²¹⁵ MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.13-14. Grifo nosso.

Em contrapartida, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* encontram-se os dois vocábulos, amor e paixão, com sentidos diferentes. Confirmam-se algumas acepções de cada termo:

amor – **1** forma de interação psicológica ou psicobiológica entre pessoas, seja por afinidade imanente, seja por formalidade social. **2** atração afetiva ou física que, devido a certa afinidade, um ser manifesta por outro. **2.1** forte afeição por outra pessoa, nascida de laços consangüíneos ou de relações sociais. **2.2** atração baseada no desejo sexual; afeição e ternura sentida por amantes. [...] **9** ambição, cobiça [...].²¹⁶

paixão – **1** sofrimento de Jesus Cristo na cruz. Inicial maiúsc. [...] **4** *p.ext.* grande sofrimento, martírio. **5** sentimento, gosto ou amor intensos a ponto de ofuscar a razão; grande entusiasmo por alguma coisa; atividade, hábito ou vício dominador. [...] **7** furor incontável; exaltação, cólera. [...] **10** *Fil.* no *kantismo*, inclinação emocional violenta, capaz de dominar completamente a conduta humana e afastá-la da desejável capacidade de autonomia e escolha racional. [...] **12** *Lóg.* categoria aristotélica que indica a passividade, a inatividade perante uma ação alheia.²¹⁷

Buscou-se, então, o *Dicionário de filosofia*, de Nicola Abbagnano, no qual o termo “amor” apresenta diversos significados, múltiplos e contrastantes, utilizados tanto na linguagem comum como na tradição filosófica. De acordo com Abbagnano, os usos mais correntes são:

a) em primeiro lugar, com a palavra A. designa-se a relação intersexual, quando essa relação é seletiva e eletiva, sendo, por isso, acompanhada por amizade e por afetos positivos (solicitude, ternura, etc.). Do A., nesse sentido, distinguem-se freqüentemente as relações sexuais de base puramente sensual, que não se baseiam na escolha pessoal, mas na necessidade anônima e impessoal de relações sexuais. [...] b) em segundo lugar, a palavra A. designa uma vasta gama de relações inter-pessoais, como quando se fala do A. entre amigos, entre pais e filhos, entre cidadãos, entre cônjuges; c) em terceiro lugar, fala-se do A. por coisas ou objetos inanimados [...]; d) em quarto lugar, fala-se de A. a objetos ideais; e) em quinto lugar, fala-se de A. às

²¹⁶ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.193.

²¹⁷ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.2105-2106.

atividades ou formas de vida; f) em sexto lugar, fala-se de A. à comunidade ou a entes coletivos; g) em sétimo lugar, fala-se de A. ao próximo e de A. a Deus.²¹⁸

Em seguida o próprio autor complementa:

Sem dúvida, alguns desses significados podem ser eliminados por impróprios, já que podem ser expressos e designados mais exatamente por outras palavras. Assim: a) a relação intersexual só pode ser chamada de A. quando é de base eletiva e implica o compromisso recíproco. Evitar-se-á, assim, chamar de A. a relação sexual ocasional ou anônima.²¹⁹

Para definir “paixão”, Abbagnano apresenta três sentidos básicos: “1º o mesmo que afeição [...]; 2º o mesmo que emoção; 3º ação de controle e direção por parte de determinada emoção sobre toda a personalidade de um indivíduo humano”.²²⁰

Abbagnano ressalta, ainda, o pensamento de três filósofos – Kant, Hegel e Nietzsche – sobre a definição de paixão, divergente para cada um deles. Conforme Abbagnano:

Foi Kant quem nos legou as determinações mais precisas. A P. é a inclinação que impede a razão de compará-la com as outras inclinações e assim de fazer uma escolha entre elas. Por isso, a P. exclui o domínio de si mesmo, impede ou impossibilita que a vontade se determine com base em princípios. Com observações felizes, Kant ressalta a capacidade que tem a P. de dominar toda a conduta do homem, de apoderar-se de sua personalidade. Ao contrário da emoção, que é precipitada e irrefletida, a P. é lenta e refletida para alcançar seu objetivo, apesar de poder ser violenta. [...] Hegel define a P. como a “totalidade do espírito prático posto numa única das muitas determinações limitadas que se opõem entre si”. E acrescentou: “A determinação da P. implica que ela se restringe a uma particularidade da determinação do querer, na qual imerge toda a subjetividade do indivíduo, seja qual for o conteúdo dessa determinação. Mas por esse

²¹⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.38-39.

²¹⁹ ABBAGNANO, op. cit., p.39.

²²⁰ ABBAGNANO, op. cit., p.739.

caráter formal, a P. não é boa nem má; sua forma só exprime que um sujeito pôs num único conteúdo todo o interesse vivo de seu espírito, de seu talento, de seu caráter, de seu prazer. Nada de grande foi realizado, nem pode ser realizado, sem P. Não passa de moralidade morta, na maioria das vezes hipócrita, a que investe contra a forma da P. como tal”. [...] De um ponto de vista diferente, a exaltação da P. também se encontra em Nietzsche, para quem era sintoma de fraqueza o “temor dos sentidos, dos desejos e das paixões, quando ela chega para desaconselhá-los”, considerando a P. dominante como “a forma suprema de saúde” porque nela “a coordenação dos sistemas internos e seu trabalho a serviço de um mesmo fim são mais bem realizados: o que é mais ou menos a definição da saúde”.²²¹

Matheus e Natália uniram-se por força do acaso. Ambos sentiam-se solitários e, ao encontrarem-se, resolveram, instintivamente, somar as suas angústias e seus desamores. A impressão que se tem é que Natália, apesar de possuir princípios e valores, acabaria traindo Arnold, mesmo que não fosse com Matheus. Bastaria algum homem aparecer naquele “fim de mundo” em que ela vivia (afastada do povoado) e lhe dar um pouco de atenção. A narrativa fornece uma passagem que comporta essa idéia:

[...] – não desfita o homem sujo, suado, esquálido, o olhar dono da dureza do primeiro dia, parado no meio de mais um passo, a mão ainda suspensa no gesto de alcançar a tramela, como que aprisionada numa fotografia. O pensamento repete, *por que ele, por que agora*, e começa a recuar (na continuação do pavor ou seu mudo convite) e, afora sua movimentação, sem qualquer rumor (nem mesmo o roçar dos pés no chão de terra batida), não há outro gesto ou palavra: é somente Natália trazendo Matheus, entre os dois nascendo uma outra força, um elo mais forte do que aquele existente no olhar, um vínculo todo interior e que nunca poderão explicar porque ainda não é o amor; pode ser a véspera, mas ainda não é a paixão (p.242. Grifos do autor).

Matheus pensava da mesma forma que Natália, como se pode perceber no relato que fez a Paula, anos mais tarde:

²²¹ ABBAGNANO, op. cit., p.739-740.

e
 tudo aquilo aconteceu mais duas ou três vezes e, em todas elas, prevaleceu a certeza de ser a última oportunidade para a continuação do sonho; eu poderia pensar, *não sou eu, não é por mim; seria qualquer um, bastasse estar ali, naquele momento*; e ela poderia pensar, *não é o meu corpo, não é pela solidão; seria qualquer uma*; e também, em todas as vezes, persistia a impressão de que éramos manipulados por Arnold, calculadamente, dentro das bravatas de todos os dias, cumprindo sua natureza de apostar alto e afrontar, além do perigo conhecido e localizado, a possibilidade do perigo, assim como construía a casa tão distante, do mesmo modo com que deixava Natália sozinha (ainda que soubesse e justificasse seu medo), antes mesmo da minha chegada; era um desafio jogado na cara de todo mundo, inclusive dele próprio, todos os dias (p.309. Grifos do autor).

O fato de Arnold ter escolhido o lote longe do povoado e deixar sua mulher sozinha intriga Matheus. Chega a perguntar a ele o motivo, mas não se convence da resposta obtida. Para Matheus, Arnold manipulava tanto Natália quanto a ele próprio, como se estivesse jogando um nos braços do outro, ao mesmo tempo que mantinha uma certa vigilância.

isso, no princípio, antes daquela tarde, antes que ele fosse ao povoado, testando sua impunidade e o nosso desejo; e tudo poderia ser explicado pela solidão, tanto dela quanto a minha, não apenas a solidão nascida do silêncio, ou igual a uma doença que se espalha e contamina os outros, mas a solidão que é gerada dentro de uma pessoa que nasce e morre com ela, sem qualquer espécie de auxílio; mas não foi pela solidão, não foi só o desejo; paixão existiu, a partir do momento em que os últimos sonhos renasceram, porque – em algum lugar, algum dia, em algum instante da sua vida – ela deve ter sonhado com qualquer coisa que, por mais pobre e mesquinha que fosse, teria que ser melhor do que o presente (p.304-305).

Além disso, Natália chegou a comparar os dois homens com os quais estava envolvida:

Assim, permanece mais um pouco na entrada da cozinha, cotejando, *estão lavados, mas não estão limpos*, realçando os defeitos, *com o sabão tiraram o suor e a poeira, mas não as marcas do desencanto* [...]. Terminada a cachaça, os homens sentam-se no banco ao longo da

parede e, somente depois de servi-los, é que Natália ocupa o outro lado da mesa. Apenas molhadas, despenteadas, as cabeças debruçam-se sobre as tijelas [sic] e comem em silêncio, desprezando o garfo, usando os dedos, a colher apenas para tomar o caldo do feijão, pingando gordura na roupa e na mesa, partilhando com as moscas a refeição grosseira (p.227-228. Grifos do autor).

As semelhanças entre Arnold e Matheus também são retratadas pelo narrador, ao descrevê-los depois de um dia de trabalho na terra, no dia em que Arnold vai procurar Matheus para conversar sobre a morte de Bimble (e no qual o marido de Natália acaba sendo morto):

Vistos de longe, parecem cópia um do outro: dos cabelos compridos e da barba por fazer às botas cobertas de lama seca, das camisas de riscado às calças grosseiras e remendadas, manchadas pelo suor exsudado e novamente porejado um número incontável de vezes, até a fazenda adquirir a cor do sangue seco e não lavado, uma cor escura e no entanto imprecisa, igual aos sonhos de seus donos. De longe, parecem esculpidos em pedra ou madeira, toscos e imobilizados na claridade lactescente, talvez arrogantes e desafiadores, mas, de qualquer maneira, inacabados (p.81-82).

Matheus não desiste de ir embora da colônia sem levar Natália junto (nem que para isso precise matar pessoas e animais), dando sinais de que ali houve paixão ou o início do amor, mesmo que ele não admita isso. Confirmam-se as palavras de Matheus, no seu relato a Paula:

[...] nos dias que separaram a morte de Bimble e a descoberta de Arnold, a idéia era uma só: ir embora e a preocupação era apenas saber como dobrar a mulher, a maneira de submetê-la a minha vontade,²²² a forma de diluir, ou afastar definitivamente o remorso; em momento algum, mesmo quando sua recusa fora mais forte, passara pela minha cabeça partir sem ela; e acreditava que tudo era sem paixão, porque ela não seria diferente de todas as outras anteriores e das que – porventura – estivessem no futuro; talvez, somente a ternura e a mansidão fossem coisas novas para mim; não, a paixão (assim como se define e conhece), se existira, fora dentro dela, antes daquela

²²² O pensamento de Matheus reforça a idéia de que Natália era teimosa como uma burra.

manhã, antes ou quando o último sonho morreu; de cabeça fria, queria partir com ela, talvez como uma desforra contra a bravata e o sonho impossível de Arnold; e ela também esperava por isso, pelo menos o pedido, para ter um sonho para o resto da vida (p.314).

Durante e depois da fuga, Matheus cuida de Natália e de seus ferimentos. Quando estão abrigados na casa de uma família negra, Matheus chega a lavar os pés da companheira, numa atitude de humildade (como será visto adiante) e os trata com ervas para sarar suas feridas. Natália sonha em conviver com os negros, que têm uma casa limpa e segura, isto é, um lar. (Um lar que não significa apenas o espaço físico, mas também a relação afetiva, que Natália não tivera com Arnold, mas que parecia possível com Matheus.) Com os corpos sãos e as forças reavivadas, Matheus pensa novamente em partir. O negro, em sua sabedoria, atesta sobre o caráter provisório de Matheus:

Depois, o silêncio prolonga-se, quebrado somente pelo rumor seco que o nordeste arranca do vassoural e o pensamento continua, *vai partir, assim como partirá de novo, um outro dia qualquer, levando-a de arrasto, mesmo que não seja pela vontade de qualquer um deles, até descobrirem que já é o amor* (p.392. Grifos do autor).

Mais adiante, Matheus desiste de fugir sozinho da chácara de Rudolf, quando descobre que Natália está grávida e que Paula sabe que eles são fugitivos de Karlsburg. É o amor o sentimento que, aos poucos, se manifesta e envolve o casal de empregados, mesmo que Matheus pouco se dê conta disso. Na narrativa há passagem que expressa essa idéia, quando Matheus e Natália estão trabalhando na chácara, sob os nomes falsos de Johannes e Catarina:

Sabe que é Catarina, tanto pela hora quanto pelo passo pesado [...]. Só depois que ela bate é que move o corpo e o cheiro (duro, limpo e

agressivo) de sabão e panos molhados passa por ele e, já sentada na cama, de costas para ele, obriga Johannes a reconhecer, *não é a mesma mulher de um ano atrás; livrou-se dos pesadelos, transmitiu – mais do que recebeu – o amor, talvez não exatamente aquele sonhado, talvez mais fraco e exposto ao arrependimento, mas recebeu e transmitiu*. Virados na mesma direção, sem se olharem, mas amparados em suas próprias presenças (o amor sem paixão, como ele reconheceria mais tarde), desfrutando intensamente a trégua que lhes fora concedida (p.214. Grifos do autor).

Com a segurança do trabalho na chácara de Rudolf e a presença de Natália ao seu lado, Matheus chega a admitir a presença do amor. Talvez não o amor desejado e sonhado por ela, mas o amor que ele sabia ou podia dar, o seu jeito de amar. As palavras do narrador registram o pensamento de Matheus:

A mulher delinea-se contra a claridade da janela e ele sente a quieta expectativa da criança, mas o pensamento não abandona Catarina e, no escuro, renova a promessa de dois anos antes, *vou conservar o sorriso em seu rosto assustado, ainda que – depois – a vida ou eu mesmo não lhe dê mais nenhuma razão para continuar sorrindo*, sua única maneira – na época – de repor o que fora tirado, mesmo com o consentimento dela e que se transformara na geratriz do remorso, do desespero e do pavor e – depois – na troca do desejo asfixiante pelo amor sem paixão, consolidado (p.229. Grifos do autor).

Mesmo sem ter certeza de que Matheus estava se encontrando com outra mulher, Natália pressente/intui a formação do triângulo amoroso, ao sentir ciúmes de seu companheiro, que chega em casa tarde da noite com as botas molhadas. Fica-se sabendo desse fato, no entanto, através do pensamento de Matheus, depois da morte de Natália, como segue:

Como se aquela fosse a simples continuação de todas as noites anteriores, vai até o ribeirão e salta dentro do canal e, na escassa fração de segundo em que seu corpo permanece no ar, antes que seu peso faça as botinas se enterrarem na areia, a memória acusa o desencantado ciúme e a desalentada perspicácia de Natália, ao descobrir suas botinas molhadas [...] O copo está a sua frente, a

moeda jogada sobre o balcão e, não os mesmos homens, mas as sombras de sempre, distanciadas, em torno dele e do seu silêncio, o bodegueiro fazendo a pergunta de todas as noites –

mais uma

– outra vez os olhos fechados e o estômago contraído, o regato de fogo descendo pela garganta e, logo depois, a mão roda o copo vazio, a memória roda a caneca de flandres [...] tudo trazido pela lembrança irônica, *e chegou a pensar que existia outra mulher*, o ciúme de Natália feito um ferrete na memória furiosa (p.276-277. Grifos do autor).

Com a morte de Natália no parto, Matheus percebe a maldade da patroa, Paula, mas não entende seus motivos para ser tão cruel. Quando Paula avisa o jardineiro que já conhece o seu passado, ele sente-se usado e pensa em como poderia defender a memória de quem realmente o amou – Natália. Confira-se a seguinte passagem, quando Matheus retorna de sua ronda noturna, no dia da conversa no quiosque:

E segue em torno da casa, experimentando porta por porta e, quando alcança a lateral da sala de jantar, no lado oposto ao varandão, tenta recuperar a determinação da vida inteira, reagrupando suas defesas e reparando a brecha aberta horas antes. *Ela, o sorriso calmo, a timidez, o amor e a devoção não existem mais e não é justo que alguém ainda possa usá-la, sei lá por que motivos*, fervoroso, mas é o pensamento inútil da mosca retida na teia. Mais lúcido, porém ainda sem uma definição, parecendo adivinhar – dentro de uma premonição cada vez mais forte – não ser aquele o incidente maior de sua nova vida (p.277-278. Grifos do autor).

Matheus e Paula também se uniram por força do acaso. No início, inclusive, Paula queria vê-lo longe da chácara. Mas ela resolveu usá-lo como instrumento de uma desforra contra o marido Rudolf e o “feitiço virou contra a feiticeira”. Mesmo sem querer, ela acabou se envolvendo com Matheus, conforme atesta o narrador, captando o pensamento de Paula:

Mas, em todas as lembranças – no quiosque, no quarto dele, naquela saleta, junto ao “*étagère*”, em qualquer canto, nas tardes de folga das empregadas, na hora em que Max ia buscar o marido, nas noites em que o escritório permanecia aberto por causa das cargas e descargas dos navios – subsiste a urgência e o frêmito da carne, parecendo que o espírito já estava preparado para a aceitação, ao invés da resistência (como fora a idéia inicial), quando a vingança ainda era o único motivo (p.294-295).

As atitudes de Paula acabam reforçando a tese de que ela foi uma prostituta. A narrativa ficcional permite deduzi-lo a partir de duas passagens. A primeira diz respeito ao pensamento de Matheus sobre a sua relação com Paula:

Mas era a mulher que se oferecia em todas as posições, até aquelas que jamais imaginara, mesmo em seus sonhos mais secretos e degradantes; era ela, a cada minuto, surpreendendo o homem, guiando sua mão, expondo todos os seus mistérios, nivelando-se – até o limite extremo da sua capacidade de imaginar – a todas as outras que ele pudesse lembrar [...] E, contudo, não fugiu ou recusou, buscando-a em todos os cantos, em todas as posições, degrau por degrau da mesma loucura, forçando – de novo e cada vez mais – o sonho com a palavra impossível (p.326-327).

Já a segunda passagem refere-se ao pensamento de Edla sobre o relato de sua mãe, conforme o narrador afirma:

[...] reconhecendo que o entendimento da mãe oscila entre os prostíbulos das cidades distantes e a recriação da lembrança do homem, como se ele fosse o responsável por ter desvendado sua natureza. Com o mesmo caráter implacável, o raciocínio continua, *mesmo no tempo daquela ronda, feito uma cadela no cio, atestando e autenticando a própria insanidade, nunca buscou uma desculpa, dizendo “é loucura, remorso ou o destino”* (p.434-435. Grifos do autor).

Se a prostituição de Paula não chega a ser, talvez, uma verdade imediata da personagem, pode ser considerada como uma verdade psicológica: Paula sente-se como tal ou é assim julgada pela filha Edla.

O dia em que Matheus relata o seu passado com Natália a Paula é o mesmo dia em que ele e Paula acabam o seu relacionamento amoroso. Matheus é sincero e revela suas angústias à patroa e amante. As próprias palavras de Matheus são bastante explícitas:

naquele

dia [do reconhecimento, no quiosque], continuei calado, pois não precisava negar ou confirmar, mas não podia fugir sem saber que rastros – eu e ela – havíamos deixado; e podias exigir, porque sabias a nossa identidade, ou tinhas adivinhado e eu já tinha me traído; um fato, alguns dos fatos tinham chegado ao teu conhecimento e não importava Natália ter morrido, não importava a criança; o importante – sei lá por que – era saber quem eu era, quem tínhamos sido; para que – repito – não sei e, naquela ocasião, também já não importava; sabias e ias usar o conhecimento e, se a ordem não foi repetida, foi porque não era hora de repeti-la; mas eu tinha certeza que essa hora chegaria, com ou sem a tua insistência, com ou sem a minha recusa [...] e, agora, perguntas pela paixão

– [...] a imaginação

suprindo o que o embaraço continua retendo dentro dele, dificultando a enunciação das palavras amor, paixão e remorso, com as quais está pouco afeito (p.292).

Enquanto Matheus faz o seu relato, Paula faz comparações entre a sua relação com Matheus e a relação dele com Natália. Se, por um lado, Matheus quis continuar com Paula o amor que começou com Natália, por outro, Paula pensa que, além de Matheus, também usou Natália para a sua desforra contra Rudolf. As palavras do narrador expressam o pensamento da personagem:

E ela sabe, mas não lamenta ou se recrimina, enquanto a mente alarga o raciocínio, e vai contando, passo por passo, de dor em dor, porque – mais do que nunca – quer acreditar que aqui poderia ter nascido

(muito maior) o amor que a outra levou para sempre, decretando a morte da sua premonição mais aguda; e, por isso, percorre de revolta em revolta, de desespero em desespero, um passado que já não importa, porque sabe que tudo o que aconteceu antes, do sonho mais impossível ao apertar de um gatilho (assim como uma planta morre para ser o adubo de outra), serviu de alimento para o que aconteceu aqui; e, assim, mantém a narrativa em dias distantes, enquanto seu verdadeiro pensamento está nesta sala (p.352-353. Grifos do autor).

A pergunta, que fica no ar e perpassa o romance, torna-se ambígua à medida que Paula pergunta a Matheus se houve paixão: na sua relação entre ele e Natália ou entre ele e ela mesma? Paula parece sentir ciúmes do relacionamento anterior de Matheus. Não se sente segura com o sentimento dele para consigo (mesmo sendo ela que não quer assumir a relação, com receio – e certeza talvez – de perder a segurança e o conforto da casa dos von Henning). Esse ciúme denota, de certa forma, uma espécie de carência afetiva, como se Paula se sentisse preterida por Matheus que, segundo ela, preferia que Natália estivesse viva. Durante o relato de Matheus, Paula reflete sobre essas duas relações de Matheus, que formam o triângulo amoroso:

– Paula quebra o silêncio, apenas para não deixar o pensamento dele vagar para um passado mais distante e, enquanto espera, deixa o raciocínio fluir sem pressa, *diz que houve paixão e admite a evolução até o amor; aqui, entretanto, fala apenas em loucura, renegando – agora – a idéia da paixão e do amor, como se, com a morte dela, os mesmos sentimentos fossem motivo de vergonha ou uma demonstração de fraqueza, a mente e a memória entrelaçadas na tarefa de dissecar o interior dele (p.305. Grifos do autor).*

Ao contar sua história e refletir sobre suas relações, Matheus tem a mesma opinião de Paula, apesar de os dois não trocarem idéias verbalmente sobre a sua relação. Confirma-se a seguinte cena, através do narrador e dos pensamentos de Paula:

A tarde já esgotou sua primeira metade e, enquanto ajeita um novo cigarro, retoma o pensamento teimoso, na certeza de que Paula, agora claramente impaciente, não permitirá que alguma revelação tardia dificulte ainda mais a hora e o final de tudo. *Nunca houve a palavra proibida, porque o sentimento nunca existiu e apenas a loucura prevaleceu*, sentindo – mais do que nunca – que a lembrança de Natália é muito mais do que uma saudade, tão forte quanto o remorso provocado por um adultério. [...] E ela sabe do inconformismo dele e, sentindo a recusa contida no gesto, vendo-o concentrado na paisagem sem emoção, como se a estivesse olhando pela primeira vez, deixa o pensamento completar-se, *não se conforma por não ter reconhecido o amor enquanto era tempo e – depois – por ter buscado uma compensação e ter confundido loucura com amor; e, agora, acredita que o sofrimento seja uma espécie de galardão, mesmo que o orgulho não lhe permita ostentá-lo* (p.376. Grifos do autor)

Como se disse anteriormente, é a “sombra” de Natália “atrapalhando” o relacionamento dos dois amantes. O que chama a atenção para essa idéia foi o fato de Paula sentir ciúme por Matheus ter lavado os pés de Natália, quando ela estava ferida na fuga da colônia. Observe-se a cena através do relato de Matheus a Paula (anos mais tarde do ocorrido) e do comentário do narrador:

e a negra estava ali, com as mãos nos quadris, com um ar de desgosto, sem uma simples contração dos músculos da cara lustrosa, apenas olhando; depois, desapareceu e, ao voltar, trazia uma gamela com água, sabão e um pedaço de pano; *lava os pés dela*, mais com um gesto do que com a voz, sem mandar ou pedir, apenas dizendo *lava os pés dela*, colocando as coisas no chão e tornando a nos deixar

– e, mais uma vez, ele é capaz de lembrar o cheiro e a consistência do pedaço de sabão, a textura grosseira do pano, o aspecto e o tamanho de cada ferida; *lava os pés dela*, não é a memória revivendo a cena, é a voz repetindo, conturbando a mente, fazendo renascer sua pressa quase vergonhosa em lavar as mãos, antes que a negra voltasse (p.373. Grifos do autor).

Essa passagem do relato de Matheus faz Paula refletir sobre a relação dele com Natália (comparando-a com a sua relação com Matheus). De

acordo com as palavras do narrador e com o pensamento da própria personagem:

Naquele instante, Paula está refletindo, ali, *na humildade da tarefa, pode ter nascido o amor*, e todo o servilismo do encargo está de volta, no meio de todas as cores e do cheiro do galpão varrido pelo vento e – muito mais – pelo penetrante aroma do mar, invadindo as narinas, a boca, limpando os pulmões e o coração fatigado de tanta derrota (p.373-374. Grifos do autor).

Nesse sentido, é possível fazer um paralelo com um ritual denominado lava-pés, realizado pela Igreja Católica, no período que antecede à Páscoa. O lava-pés é uma cerimônia que se pratica na Quinta-Feira Santa e na qual o sacerdote, assistido por dois ministros, lava o pé direito de 12 homens, clérigos ou seculares, à imitação e em celebração do que fez Jesus a seus discípulos, na Última Ceia.²²³

No Evangelho de São João, o relato da Eucaristia na última ceia de Jesus foi substituído pelo tema do amor. O gesto concreto do amor de Jesus para com os seus, neste momento, apresenta-se no lava-pés. A humildade de Jesus assume um significado de amor e caridade. Num gesto simples, modificou o eixo da história: fez os seres humanos compreenderem que não se devem ser os primeiros ou os senhores. Ao contrário, os discípulos do Senhor são todos os que sabem se prostrar aos pés dos outros, amando-os de tal forma que a postura é a de quem está procurando o último lugar, e situando-se na condição de irmão menor e de amigo.²²⁴ Portanto, na narrativa de Boos Júnior, a dedicação, o cuidado, a caridade de Matheus ao cuidar das feridas de Natália podem ter demonstrado o amor dele por ela.

²²³ Cf. HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.1732.

²²⁴ Cf. MÜLLER, Frei José Clemente OFM. Ceia do senhor (Jo 13:1-15). In: *Folha do Sagrado Coração de Jesus*, 16 abr. 2003.

Logo ele, que era considerado por muitas personagens como um “cone de gelo” (p.66 e outras), um bandido, como se fosse incapaz de amar alguém.

Da mesma forma que a pergunta de Paula é ambígua, as respostas de Matheus também o são. Sem citar nomes e num emaranhado de recordações e sentimentos, Matheus procura a resposta para: “houve paixão”? Observe-se uma das passagens da narrativa ficcional em que Matheus expressa seus sentimentos:

e perguntas se houve paixão, quando – naquela hora – o que subsistira fora apenas a saudade e o remorso; a paixão existira, mas sem raiar à loucura, como aqui; a paixão acontecera, como a necessidade de um degrau para que o corpo possa sair do lugar, um degrau para a memória esquecer tudo o que ficara por lá; naquela noite, a falta continuava, as lembranças existiam, existia a saudade da mansidão, não a provocada ou sugerida pelo silêncio, mas aquela que misturava submissão e domínio; essas coisas não poderiam ser esquecidas, mas – também – não poderiam me reter aqui, quando entendesse que a hora tinha chegado, ou a mão desconhecida cessasse de me prender; claro, houve paixão, quase a mesma forma de paixão que pode comandar dois bichos no cio (p.304).

Percebe-se, portanto, que Matheus sente as duas mulheres de maneira diferente, apesar de ter tentado continuar com Paula o tipo de relação que teve com Natália. A paz que ele encontrou em Natália, com a sua “mansidão” (p.304), tornou-se um furacão, um terremoto nas loucuras de sua relação com Paula, a comandar dois bichos no cio (cf. p.326). Ressalta-se, então, que Matheus também faz comparações. Assim como Natália comparou Arnold e Matheus e Paula cotejou tanto Rudolf e Matheus como Natália e a si própria.

Como foi visto anteriormente, tanto Natália como Paula não tiveram filhos com seus respectivos maridos, Arnold e Rudolf. Ambas, no entanto, engravidaram e tiveram filhos com Matheus. Natália, que morreu no parto,

deu à luz a um menino: Lucas (adotado por Paula).²²⁵ Paula, por sua vez, teve na Alemanha uma menina: Edla. Fruto de seu “amor proibido” com Matheus, a criança foi trazida para o Brasil como se fosse adotiva.

O relacionamento de Matheus e Natália acabou quando da morte desta. Já a separação foi o fim do caso amoroso entre Matheus e Paula. É possível encontrar na narrativa vários “motivos” que possam ter contribuído para o término dessa relação. Sem classificá-los ou mesmo dar-lhes uma seqüência cronológica, apresentar-se-ão as versões de cada um dos envolvidos.

Estão sentados no divã, longe um do outro, aparentemente sem se importarem com o longo tempo decorrido desde a última palavra [...]. Contraditoriamente à sugestão de tenacidade demonstrada pelos ombros duramente encaixados no pescoço magro, exhibe um imenso desamparo (ampliado pela nudez) e uma extrema dependência em relação à vontade da mulher e, desta forma, ambos estão intuídos da impossibilidade de continuarem a paixão e a loucura e estão pensando, *acabou*, sem alívio e sem piedade. *Acabou*, é a idéia que lateja dentro dele, acendendo e apagando dentro da razão, *acabou*, sem amargura, porque pouco sonhou com a perenidade da paixão; *acabou*, ela aconchega a idéia num desvão do cérebro, o desejo – desde já – condenado a se transformar num suplício feroz, mas será dominado, porque esta é a sua predestinação. Mesmo pensando assim, o homem sabe que a submissão é muito mais profunda, muito acima do frio domínio que ela sempre exerceu sobre as pessoas, perenizando a sensação de estar encurralado diante dela. Porém, no fundo, ambos sabem que ele ainda represa alguma coisa da antiga fúria, uma centelha avaramente preservada, feito o derradeiro alento de um animal definitivamente condenado (p.281. Grifos do autor).

O relacionamento entre os dois era movido à paixão, à loucura, “como dois bichos no cio”. Uma questão de peles que, quando se atritam, produzem fogo. (Lembre-se que a parte mais extensa do romance tem por título “O fogo – de todos”, cuja simbologia desse elemento da natureza será

²²⁵ Será esse Lucas que dará prosseguimento, em romance futuro de Adolfo Boos Júnior, constituindo “O Livro de Lucas”, em seqüência dos quatro evangelistas – como era o plano inicial do autor, anunciando

visto no capítulo 5.) O pensamento de Paula, lembrando os encontros com Matheus, de certa forma, faz referência a esse fato, como se pode observar, através do narrador, no seguinte excerto:

Fechando os olhos, ainda sente as mãos sem carinho em busca de seus seios, do seu sexo e de suas nádegas, numa jornada ansiosa demais, a boca gemente em seu pescoço e o nervoso tilintar dos cristais no interior do móvel (p.295).

De acordo com Jolande Jacobi, “Tocar com as mãos e curar são ações que muitas vezes ocorrem juntas; do mesmo modo, tocar qualquer coisa com a mão pode ser um gesto de defesa ou de maldição”.²²⁶ A maldição parece unir o casal Paula e Matheus, personagens boosianos.

Paula e Matheus controlam ao máximo as suas emoções (diante de tudo e de todos), procurando sempre não as expressar, em uma forma de não se envolverem com o(s) outro(s) e, ao mesmo tempo, de não se demonstrarem vulneráveis. De acordo com Jung, “A faculdade de controlar emoções que, de um certo ponto de vista, é muito vantajosa, seria, por outro lado, uma qualidade bastante discutível já que despoja o relacionamento humano de toda a sua variedade, de todo o colorido e de todo o calor.”²²⁷

Portanto, no fundo, esse relacionamento não tem o amor que ambos procuravam. Nesse sentido, destaca-se da narrativa a cena em que Paula, depois de dois meses de luto, vai procurar Matheus no seu quarto:

Depois do leve ranger da dobradiça, encararam-se, sentindo – na ausência de qualquer gesto ou palavra – o estranho e amargo travo de uma derrota. No instante em que o mudo confronto transformou-se – para os dois – numa eternidade insuportável, antes que o

uma tetralogia?

²²⁶ JACOBI, Jolande. Símbolos em uma análise individual. In: JUNG, op. cit., p.286.

²²⁷ JUNG, op. cit., p.25.

entendimento, na admissão da fraqueza, chegasse a imaginar o movimento que menos denotaria sua submissão – um fulgor no olhar, um esgar que se confundisse com um sorriso, qualquer movimento das mãos, menos do que um aceno – Matheus deu um passo para o lado e soprou a chama doentia. [...] Quando deixou a cama e fechou a porta, ainda não tinham trocado uma palavra, ainda não acontecera o impossível gesto de carinho ou reconhecimento e o mesmo cortejo de premonições continuava adejando em torno deles, como a sombra de seus próprios destinos (p.371-372).

No dia do relato de Matheus, que começou de madrugada e terminou na tarde seguinte, ele e Paula foram interrompidos duas ou três vezes pela empregada Ruth. Esta ficou intrigada com o assunto para tanta conversa e comentou com os demais colegas de trabalho. Para Paula, manter o relacionamento escondido com Matheus ficaria cada vez mais difícil, agora com mais olhos para os espreitarem. Através do narrador, observe-se o pensamento de Paula:

[...] em outra manhã qualquer, Ruth já teria feito a limpeza, a casa inteira estaria em seus encaixes normais; agora, com a imaginação sabendo o lugar exato em que os criados, inquietos e confusos, estão postados, confessa para si mesma, *não deveria ter permitido*, senhora das especulações que terão surgido na cozinha, assim que Ruth desceu com o seu assombro, *não deveria ter deixado*, continua, mesmo sabendo que não poderá mais deter ou desviar o relato, *abriu suas comportas, sabe que a hora chegou e não haverá mais madrugada, porque os riscos são outros, maiores, não é nem mesmo o escândalo (para o qual, certamente, não estaria se importando), é a sobrevivência, é a impunidade* (320. Grifos do autor).

O grito da empregada Helga – que presenciou a morte de Rudolf e meses depois surpreendeu em flagrante Paula e Matheus juntos – ainda ecoa na mente de cada um dos dois, na figura de um “fantasma”, impedindo, de certa forma, a felicidade dos amantes. O narrador apresenta esta idéia, a partir do relato de Matheus e suas reflexões:

Em Matheus, mesmo que a voz não interrompa a cantilena mecânica, o pensamento assegura-se, *não estão mais aqui, nem o entendimento nem a memória*, sem qualquer surpresa, *pois nada do que foi ouvido explicaria o nascimento da loucura que reinou nesta saleta*, certo de que a mente dela ainda está presa, da mesma forma que a sua, ao grito de Helga, marcando o destino de todos eles, *e recorda a cena, mesmo que só tenha vivido seus efeitos, aceitando que, a partir do grito (ou do gesto que precipitou tudo), nada mais poderia ser modificado por nenhum de nós* (p.364. Grifos do autor).

O noivado de Paula com o cunhado Arthur, depois da morte de Rudolf, fez Matheus sentir-se usado novamente. Ficou indeciso em partir da chácara, pois, para ele, dependia dela, da sua vontade, que ele ficasse ou partisse. O relato é assim apresentado:

[...] havia uma indecisão estreitamente relacionada (mesmo que a mente repelisse a idéia) com o inesperado noivado, fazendo com que a própria sensação de temeridade se transformasse apenas num ato de rebeldia. A veemência ainda estava em seus ouvidos, com a mesma natureza de um juramento, mas a razão ainda não aceitava a separação, mesmo provisória, porque ainda sonhava em elevar a paixão ao mesmo patamar da anterior e, como sua fraqueza maior, temia que a distância fosse o início do esquecimento. Não pensando em eternizar o jogo furtivo dos encontros, mas – também – sem sonhar em cortar os liames que os envolviam, continuou sua ronda, sempre precedido pelos cães infatigáveis, refletindo, *depende dela, só dela*, concentrado na hora que se escoava lentamente, não adiantando o passo e não aventando qualquer hipótese mais elaborada, convicto de que na primeira oportunidade ela descartaria o intruso (p.414. Grifos do autor).

Quando Matheus percebeu que a porta da sala estava fechada para ele, à noite, percebeu a resolução de Paula e partiu no dia seguinte da chácara (foi trabalhar no cemitério, indicado por ela). Conforme a descrição do narrador e das palavras da personagem:

[...] sem dar atenção à inquieta curiosidade dos cães, continuou no mesmo passo, produzindo o mesmo som rascante, pulverizando as conchas mil vezes trituradas por seus próprios pés, sem deixar de

olhar para todas as janelas do andar superior, tanto da casa como da ala dos empregados. *Depende dela, depende somente dela*, ainda cismava, experimentando a porta e, apenas quando o trinco não cedeu à pressão de seus dedos, é que modificou o pensamento, *então é isso, então é*

assim

(p.415. Grifos do autor).

Paula esconde de Matheus a sua gravidez (ele nunca ficou sabendo que teve uma filha com ela), pois não queria assumir o relacionamento. Vai para Alemanha para ter a filha longe de tudo e de todos.

Matheus, no entanto, tem um outro motivo para a separação. Apesar de seu caráter provisório, nômade, para ele, é difícil acreditar que alguma mulher tenha conseguido prendê-lo com seu amor, nem mesmo Paula, com suas armadilhas e sua louca paixão. De acordo com as palavras do narrador:

ali ele ficava, já com sua natureza de memória, preparando o cigarro, com os olhos no chão, talvez ainda não acreditando que o dia chegara e que uma mulher não tivesse força suficiente (como a dele) para prender um homem num lugar (p.396).

O que um passa a nutrir pelo outro é uma espécie de ódio (o reverso do amor). Matheus sente-se usado, traído e enganado. Paula, por sua vez, sente-se preterida pela “sombra” de Natália.

Enquanto Paula relata seu passado à filha, vinte anos depois dos acontecimentos, Edla reflete sobre o relacionamento dos dois e chega à conclusão de que Paula não quis assumir a paixão. A reflexão de Edla leva para esse caminho:

Não pensa mais nele, pois se perderam, o raciocínio continua mesmo quando o corpo se levanta, *nesta mesma sala, quando – especialmente*

para ela – faltou coragem para assumir a paixão (p.438. Grifos do autor).

De acordo com Paula, Matheus foi embora da chácara como um “cachorro abandonado” e, para ela, foi o pior dia de sua vida. Da narrativa ficcional, ressalta-se a parte do relato de Paula que fala sobre o assunto:

Sem qualquer preâmbulo, as palavras estão jorrando e, por um instante muito fugaz que não chega a fracionar a primeira frase, o pensamento ainda registra, *deve estar esperando, pois ainda não sabe para onde ir,*²²⁸ *adiantando a imaginação, igual a um cachorro abandonado pelo dono, indeciso, sabendo o rumo da casa, mas – de qualquer maneira – indeciso. [...]*

– sem a participação da vontade, a lembrança resvala para o dia negro, o pior de toda a sua vida, pior do que todas as mortes, pior do que as horas de depoimento, pior do que todos os instantes de angústia; o dia negro em que, sentada na cama, repetia, *foi embora, atendeu e foi embora* (p.416-417. Grifos do autor).

Depois de um tempo (não expresso na narrativa, mas em torno de vinte a trinta anos), em que Matheus trabalhava no cemitério e era tratado pelos criados de Paula, que lhe traziam café, comida e roupa lavada, Matheus fica sabendo da viagem de Paula e reflete sobre suas paixões, conforme o seguinte excerto:

Mas continuou sua tarefa, mesmo quando a voz alvoroçada de Ruth anunciara –

Dona Paula voltou

– e, só então, ficou sabendo que ela tinha viajado, um estranho pressentimento formando-se imediatamente, *não virá, já faz muito tempo e a paixão não resistiria tanto; o amor suportaria, mas a paixão, não.* A memória reconhece que naquele dia, pela primeira vez, ergueu-se, frontalmente contra o pressentimento, protegendo a esperança; porém, depois, restou somente cumprir, etapa por etapa, a evolução de um rancor ainda maior, as duas lembranças ocupando espaços iguais: a primeira,

²²⁸ Será que a visita de Paula a Matheus no cemitério era para trazê-lo de volta para a sua chácara, visto que ele obrigatoriamente teria que ir embora do cemitério (pois os operários estavam destruindo-o)?

misturando saudade com remorso, por não ter entendido quando o amor estivera ao seu lado; a segunda, na admissão do fracasso e de ter sido um instrumento na trama inacreditável e que tornara proibida a continuação da caminhada ainda presente em seus sonhos (p.419. Grifos do autor).

Durante todo o período no qual Matheus ficou morando no cemitério, ele ficou tramando um plano para vingar-se de Paula. Esse plano não chega a ser revelado na narrativa. Depois da visita de Paula, quando ele faz que não a vê, não sendo mais submisso ao seu poder, nem mesmo ao aroma de seu perfume de rosas, ele percebe que a vingança não tem mais sentido e resolve partir. Até porque os operários já estão chegando próximo ao seu refúgio, para destruí-lo, e ele não quer estar presente quando isso acontecer. O narrador apresenta os sentimentos de Matheus:

Assim, o que antes da madrugada era imponderável, muda-se em dura certeza e o prato e a garrafa são os últimos indícios da mulher, a retribuição pela impunidade comprada com sua estranha força, enquanto admite, *não há mais o que vingar; depois de mais de vinte anos de premeditação, ninguém vinga o próprio erro*, e, apenas saído do catre, fica avaliando a miséria daqueles anos, à espera do sinal definitivo para retomar sua caminhada, feito um cego, sem qualquer outra certeza, a não ser a própria intuição. Sabe que os intrusos estão próximos e determinados, prontos para desalojá-lo (p.49. Grifos do autor).

Esse excerto chama a atenção para o fato de Matheus estar sempre esperando um sinal da intenção de Paula ou do seu próprio pressentimento, como que se deixando levar pelas mãos do destino, de uma força maior, sem alimentar sonhos ou desejos próprios, apenas caminhando conforme a direção do vento. Numa forma de eximi-lo de qualquer culpa, por todos os seus desatinos.

Mas, outra pergunta fica no ar: se Matheus não amava Paula, por que levou tanto tempo para ir embora do cemitério, logo ele que não tinha

parada? Teria sido porque ele esperava pelo momento certo de vingar-se dela? Ou porque ele não tinha nenhum objetivo na vida? Ou, ainda, porque ele era realmente louco, como atestavam Carioca e Paula?

No dia da separação, em que Matheus e Paula terminaram o relacionamento, ela sugere uma resposta que engloba as duas perguntas: houve paixão? e por que Matheus levou tanto tempo para ir embora do cemitério? Matheus era apaixonado por ela, sim. Com a palavra, o narrador:

— enquanto a frase cresce, a voz continua agônica e sem veemência e ele tem consciência, detalhe por detalhe, do que a mente da mulher vai elaborando, porque — presa na mesma cadeia — Paula amplia o que a descrição vai sugerindo, *ali, na indecisão, poderia estar a raiz da paixão*, apenas no coração dele, porque — nela — a extensão da revanche não estava definida e a carne ainda não fora acordada, não o corpo, mas a parte do cérebro que regia o desejo e a loucura. Ao sabor da voz agoniada, o raciocínio continua, *poderia pressentir e ter partido, [...] poderia, sem indagar que mão o estaria prendendo, [...] a minha ou a do seu próprio destino* (p.302. Grifos do autor).

Anos mais tarde, quando Paula relata seu passado à filha, Edla reflete sobre o caso amoroso da mãe:

— quando o vento parece hesitar em torno da casa, a claridade torna-se maior e a voz acompanha a alteração da luz e o timbre de pratos e cristais, ainda preso à chegada do casal e da aparente desconexão dos fios da teia, também se eleva. Edla reconhece, *ainda não tocou no assunto, ainda não falou que Johannes era Matheus*, deixando a imaginação preencher os vazios, adiantando-se ao pensamento da mãe, à capacidade da voz em articular as palavras, *mas foi aqui que tudo começou, nesta saleta*, mais concentrada do que antes, *porque a tarde no quiosque não conta, pois era só a infantilidade, ainda não eram a paixão e a loucura, como ela mesma admite*, atenta também às mutações que a luminosidade vai sofrendo, a própria atmosfera do aposento ganhando importância, para

que a voz continue fluindo na direção do segredo maior (p.428-429. Grifos do autor).²²⁹

De todo esse enredo, fragmentado e multifacetado, podem-se tirar algumas pequenas “conclusões” – dependendo sempre do ponto de vista de que se está observando.

A narrativa divide-se, basicamente, em duas histórias. A primeira trata da fundação e destruição da colônia Karlsburg, no Vale do Itajaí-mirim, descrita por Matheus. A segunda refere-se ao caso amoroso entre Matheus e Paula, na capital, Desterro, baseada nas impressões e sentimentos de Paula. Através de seus relatos, o de Matheus a Paula e o desta à filha Edla, fica-se sabendo de detalhes que só a memória é capaz de guardar e de revelar (quando estes a marcaram indelevelmente).

O tema da imigração perpassa todo o romance. Se os imigrantes alemães da colônia Karlsburg foram vencidos pelas adversidades da natureza, os imigrantes da capital, Desterro, tanto são vencedores (Rudolf, empresário bem-sucedido) como vencidos (Espanhol da bodega e Carioca).

Até que ponto, no entanto, pode-se dizer que Rudolf era um vencedor? Se, por um lado, tinha origem rica e um certo poder na sociedade, por outro, não parecia ser feliz no casamento com Paula (apesar de que a narrativa não explicita muito essa idéia, pelo seu ponto de vista). Acabou sendo assassinado por Matheus, amante de sua mulher.

Com o intuito de compreender a(s) história(s) de *Quadrilátero*, ao final deste trabalho encontrar-se-ão dois quadros, através dos quais se busca orientar o leitor nesse labirinto. O primeiro quadro refere-se ao tempo e ao espaço utilizados na narrativa. Já o segundo, através de uma leitura minuciosa, apresenta uma possível orientação para perceber quem

²²⁹ Em *Quadrilátero*, a narrativa não revela como Edla teve conhecimento do segredo de Paula. Quem teria contado a ela? Uma das empregadas de Paula, Martha ou Ruth; ou um dos cocheiros, Max ou

narra e qual o direcionamento do ponto de vista expresso em cada segmento, bem como o tempo ou a seqüência narrativa de que o segmento faz parte (o que, por sua vez, remete ao primeiro quadro). Saliente-se, que o roteiro desse quadro respeita as divisões feitas pelo próprio autor no romance, o que não impede que outros leitores possam discordar, ao fazerem uma nova leitura, obtendo uma nova interpretação.

Enfim, as relações de amor e ódio, comuns a toda humanidade de todos os tempos, estão explicitadas nessa narrativa rica e vigorosa, em toda a sua complexa ambigüidade.

III Parte – A tessitura do discurso

4 – COMPOSIÇÃO DA NARRATIVA

A obra literária exige procedimentos metodológicos de investigação; do contrário corre-se o risco da superficialidade e da perda de elementos significativos. Um romance é um campo muito vasto e profícuo a investigações; por esse motivo houve a preocupação em delimitar a pesquisa, o que, aliás, é princípio do trabalho científico.

Na busca dessa delimitação, algumas dúvidas surgiram, a partir da preocupação que se tinha em realizar um trabalho de crítica literária. Sabe-se, apenas, que se precisaria optar por um ou alguns elementos que compunham a obra e, por isso mesmo, procurou-se buscar na narrativa o que fosse significativo.

Através de várias leituras do romance e, baseando-se nas informações teóricas obtidas durante os vários cursos do Programa de Pós-Graduação em Literatura, optou-se por uma abordagem que focalizará a sintaxe narrativa, o narrador, o ponto de vista narrativo e o tratamento espaço-temporal no romance, partindo-se da hipótese de que o caráter fértil e complexo da obra em questão resulta, principalmente, da eficácia desses procedimentos.

Quadrilátero (Livro Um: Matheus) é um romance constituído de elementos diversos que adquirem pleno sentido quando inter-relacionados dentro da organização total da obra. Assim, a sintaxe narrativa não vale apenas pela estruturação que representa e que permite ser reconstruída, mas principalmente pela significação que tem em relação ao romance; ela vale à medida que se integra e contribui para a significação dos outros níveis da obra, visando não apenas a uma abordagem descritiva, mas também interpretativa.

Assim, embora se proceda a uma descrição de aspectos isolados da maneira de narrar, não se menosprezará a importância que esses aspectos

poderão ter em relação ao conteúdo e aos demais elementos estruturais da obra.

4.1 – A estrutura da narrativa

“O passado pode guardar apenas derrotas e decepções em sua muralha inacessível e indestrutível, mas é também o solo onde mergulham, enrijecidas pelo tempo, as raízes de uma família, uma vida, a marca indelével de um momento que marca a memória.”²³⁰ A literatura de Adolfo Boos Júnior está impregnada desse movimento incessante para os tempos de uma derrota que clama por um acerto de contas no presente.

Quadrilátero se adensa e se corporifica pelo discurso; em vista disso, só reiteradas leituras atentas serão capazes de detectar toda a problemática da história. A variada técnica narrativa lhe confere a verdadeira riqueza, que seria dispersada, por exemplo, numa simples tentativa de resumir as histórias das várias personagens. Não se quer dizer com isso que a obra não tenha valor quanto ao conteúdo, nem que se esteja diante de uma obra de espírito parnasiano, cujo valor se encontra apenas na estrutura formal. Não. *Quadrilátero* é um romance extremamente humano, no qual um grupo de imigrantes alemães se reúne para construir uma colônia na região de Brusque.

Matheus, como o próprio subtítulo da narrativa indica, é a personagem principal. Desconhecido do grupo de imigrantes que viajam juntos, introspectivo, forte e decidido. Ele está em busca do seu destino, não definido.

²³⁰ ONOFRE, José. Marcas da memória – Húngaro Márai se especializou em épicos em miniatura, vistos pelo lado das vítimas. In: *Jornal Gazeta Mercantil*, São Paulo, 05, 06 e 07 out. 2001. Suplemento “Fim de semana”. Resenha sobre o romance *O legado de Eszter*, de Sándor Márai.

Numa síntese máxima, pode-se dizer que a narrativa retrata, com cores fortes e cruas, a viagem de balsa, com destino à região de Vicente Só, em Brusque, e os primeiros anos da colônia fictícia Karlsburg. As dificuldades encontradas pelos imigrantes, ao se depararem com o “Novo Mundo”, suas decepções, suas esperanças e suas dúvidas também foram apresentadas. Histórias de luta de Helmuth e Gertrud, Edgard e Irma, Willy, Ottokar, Arnold e Natália, entre outros – personagens ficcionais, com histórias “bem verdadeiras”. Com a destruição da colônia pelos índios, a história passa a ambientar-se na capital (Desterro), com outros tipos de imigrantes.

Não fosse a técnica narrativa escolhida tão vigorosa e dinâmica, a obra poderia resultar apenas no retrato falado de dados históricos e estatísticos de imigrantes alemães, que vieram para o estado de Santa Catarina na segunda metade do século XIX, isto é, em números e nomes.

Mas o que impressiona sobremaneira nessa narrativa fragmentada é a extrema coerência entre discurso narrativo e história, servindo aquele de força vital para esta. O ritmo da narrativa ratifica o ritmo da vida das personagens. Enfim, é a arte de narrar que confere à obra a vitalidade que ela possui.

O romance divide-se em cinco partes, nomeadas com os considerados elementos primordiais, segundo os filósofos pré-socráticos. Cada parte vem subdividida em inúmeros fragmentos narrativos, aparentemente descontínuos e não lineares. Um estudo minucioso, porém, evidencia que a sintaxe narrativa de seus elementos é multidimensional. A coexistência das mais variadas técnicas tem sentido por sua funcionalidade para com a narrativa, ou seja, pela correlação que mantém com outros elementos da obra.

Quadrilátero não é uma obra linear, em que os acontecimentos vão se somando ao nível do discurso da mesma forma e segundo a mesma cronologia com que se instauram na (hipotética) história real. Eles se interligam por razões e formas diferentes, conforme será visto no decorrer deste estudo.

A não linearidade narrativa é visível da primeira à última parte, pois não há seqüência temporal e lógica dos acontecimentos. São, antes, eixos diferentes, que culminarão, através da coexistência de várias técnicas, num momento comum, em que as personagens principais se encontram na última parte (na diegese e não no discurso) – um encontro de separação: a morte de Matheus. O trajeto convergente das várias histórias põe fim às personagens, que agora serão outras em suas rotas divergentes.

Em relação às cinco partes, apenas na primeira, denominada “Os ventos – do rebojo”, o autor introduz subdivisão com nomes diferentes de ventos, especificando algumas de suas direções (terral, noroeste, nordeste e sul); mas, assim como as demais partes, somente a leitura atenta do leitor perceberá as diversas mudanças de enredo e de ponto de vista realizadas pelo autor. A estas subdivisões chamar-se-ão “segmentos narrativos” e terão como limites as divisões feitas pelo próprio autor – através da mudança de tipo e tamanho de letra –, que se concretizam com a visão do leitor.

Um dos fatores que contribuem para a instauração de uma narrativa aparentemente caótica e de complexa sintaxe é o diversificado emprego que o autor faz do ponto de vista. Se seu objetivo era alcançar efeitos de simultaneidade de acontecimentos – o que é pertinente em primeiro plano na sintaxe – ele o conseguiu também pelo manejo do ponto de vista. Por isso, em *Quadrilátero*, Boos Júnior faz confluir vários ângulos de visão: o narrador esconde-se ora sob Matheus, ora sob Paula, ora sob o Espanhol da

bodega... Amplia-se, assim, o ângulo de visão através da fala e do ponto de vista de várias personagens, cujo fluxo de consciência tenta registrar, ocorrendo exatamente o que Pouillon²³¹ denomina *visão com* determinada personagem, que muitas vezes constitui a essência da coisa contada.

O teórico francês Jean Pouillon classifica os modos de compreensão da personagem em três tipos básicos: a visão “com”, a visão “por detrás” e a visão de “fora”. Como *Quadrilátero* enquadra-se na primeira classificação, tendo Matheus como sua “personagem central”, veja-se o que Pouillon atesta sobre este tipo de ponto de vista:

Escolhe-se um único personagem que constituirá o centro da narrativa, ao qual se atribui uma atenção maior ou, em todo caso, diferente da que se atribui aos demais. Descrevemo-lo de dentro, penetramos imediatamente a sua conduta, como se nós mesmos a manifestássemos. [...] é central não porque seja *visto* no centro, mas sim porque é sempre *a partir dele* que vemos os outros. É “com” ele que vemos os outros protagonistas. [...] É preciso apenas que os outros nos sejam verdadeiramente apresentados como os outrem daquele através de quem nós os vemos. Com isto, não se está portanto pedindo ao romancista que nos apresente hipoteticamente os personagens, mas sim que os apresente como aparições que serão precisadas e penetradas na medida em que ele o desejar, mas que permanecerão sempre como “aparições” para um “eu” e não como outros tantos centros de irradiação.²³²

O narrador, sem precisar servir-se da onisciência e onipresença, tão inverossímeis no contexto humano, mostra, por exemplo, Matheus visto por outra personagem (Gertrud), analisado sob o ponto de vista particular de outro alguém inserido na história:

– e não precisa levantar a vista para saber que não é Willy, Edgard ou o próprio marido, reconhecendo-o, *é ele, com suas certezas e seus silêncios, com o ar e o passado de bandido*. Não diz nada,

²³¹ POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1974. p.54-61.

²³² POUILLON, op. cit., p.54 e 56.

deixando o homem completar a passada demorada (p.115-116. Grifo do autor).

A essência da história, neste segmento, vai encontrar-se exatamente nas incursões interiores de Gertrud. Através de associações, ela pensa na personalidade de Matheus; e caracteriza, em parte, o medo que o grupo sentia pelo homem desconhecido.

A narrativa apresenta-se basicamente na terceira pessoa, sendo, então, as personagens e os acontecimentos vistos de fora, permitindo-se o narrador, através da técnica do fluxo de consciência, concretizado no discurso indireto livre, retratar a consciência das personagens, como nos trechos a seguir:

Finalmente, estica o braço para a maçaneta umedecida pelo orvalho, acrescentando a ferragem gelada ao seu desconforto, o medo exagerando a pressão de suas garras sobre o coração em disparada. Abaixa o trinco, assusta-se quando a porta cede, talvez porque tivesse a certeza de encontrá-la chaveada e pensa, *o velho está aí dentro*, definitivamente alarmado. Sabe, porém, que não há como desistir, que é preciso entrar antes que os outros cheguem e procura tranquilizar-se, *talvez esteja dormindo*, empurrando a porta ajudado pelo novo vento que parece tão hesitante quanto ele (Carioca, p.21. Grifos do autor).

Boceja, coça o peito cabeludo, a barriga avantajada, boceja novamente, velho escravo a noite inteira da ternura e da paixão, obrigado a tratar de coisas práticas. Dolores, seu pó-de-arroz, sua gonorréia sem perdão, deixam a lembrança para dar lugar a outras preocupações: freguesia, charque e querosene. Olha os remadores carregando as ioles até os galpões, cisma, *o querosene ainda dá para mais uns dias; charque, só se tiver preço muito bom; o homem da cachaça não apareceu*, e, tornando o dia diferente, solto no vento, o sonho retorna, aumentado (Espanhol da bodega, p.34. Grifos do autor).

O narrador em primeira pessoa do singular surge em dois momentos distintos. Um refere-se ao relato de Matheus a Paula; o outro, à fala de Paula a Edla. Cada qual conta o seu passado, através de suas memórias e de

sua versão sobre os fatos. De acordo com a estrutura da narrativa de Boos Júior, esses relatos também vêm entrecortados em segmentos narrativos. Retiram-se da narrativa duas passagens que confirmam essa idéia. Na primeira, Matheus narra a Paula sua fuga da colônia, junto com Natália, fazendo um paralelo com a sua viagem de balsa com o grupo de imigrantes alemães:

e, só então, tornei a me debruçar sobre ela e olhei seu rosto, adivinhando no meu a mesma devastação; minhas mãos estavam infectadas, abertas, no mesmo estado da primeira viagem; e dormimos, ocultos por uma moita, com os pesadelos de sempre, despertando sob o sol ou debaixo de aguaceiros repentinos, de dia ou de noite; dormimos um sono interminável de não sei quantos dias; dormimos um sono de pedra, que tanto podia ser o início ou a continuação da própria morte (p.359-360).

Paula, por sua vez, revela à filha um segredo: sua paixão proibida e mal resolvida com Matheus, mas que diz respeito à vida de Edla:

e, no dia seguinte, a casa estava sem ele; quando acordei, no silêncio apenas roçado pelos barulhos de sempre, alguma coisa me disse, *aceitou, foi embora*; noivara com o teu tio, dois dias antes, apenas uma formalidade, porque – desde a morte de Rudi – essa era a intenção dele e da tua tia e, para mim, também mais do que conveniente: Arthur ficara gerenciando a loja de couros e acompanhara a formação da Companhia de Navegação (p.417. Grifos do autor).

Saliente-se que essa confluência de perspectivas ocorre com frequência e dinâmica imprevisíveis. A troca de ponto de vista pode ocorrer pela utilização dos discursos direto e indireto livres das seguintes formas:

- a) de um segmento narrativo a outro. Bastante utilizada.

a mulher desapareceu, mas ainda está diante dele, dentro de suas retinas: parada, angulosa, suja e desgrenhada, silenciosa, o olhar inseguro fugindo. Caminha,

arrastando os tamancos, limpo, porém ainda preso ao espantoso fedor do brejo (como se aquele fosse o cheiro do seu próprio destino),

cansado,

o

pensamento vai se alongando, enquanto veste as calças, *um homem fugindo de alguma coisa, ou indo ao encontro de qualquer outra coisa, que – talvez – ele mesmo nem saiba ou imagine*, provisoriamente aliviado, apesar de saber que, em pouco tempo, o suplício será renovado (p.136).

O vocábulo “cansado” liga o segmento que mostra Matheus pensando em Natália na colônia Karlsburg ao segmento que trata de Willy e uma de suas diarréias na viagem de balsa (que cronologicamente viria antes da instalação da colônia). O crítico literário Antônio Hohlfeldt afirma sobre a técnica utilizada por Boos Júnior: “o escritor vale-se do que eu denominaria de ‘palavras-ponte’, isto é, palavras que, graficamente deslocadas da linha em que se desenvolvia até então a narração, permitem ao narrador passar para outra perspectiva, significando até outro tempo e outro espaço”.²³³

Em toda a narrativa, o autor utiliza-se de tamanhos e tipos de letras diferentes para indicar a mudança de tempo, espaço, personagem(ns) e ponto de vista apresentados. Quando a letra está grafada em itálico significa que é o pensamento de uma personagem.

b) de um parágrafo a outro.

tem

gente,

Ruth, que morre em vida; e o velho já morreu

já, senhora

há muito tempo, Ruth, há muito tempo

– e o

vento inicia sua última mudança de quadrante, mantendo, sem explicação, as nuvens sobre a cidade, como se fosse sua intenção,

²³³ HOHLFELDT, A *literatura catarinense... o romance*. op. cit., p.225.

naquele mesmo dia, mergulhá-la em chuva e sepultá-la sob seu próprio lixo.

Pensamento e memória continuam unidos num ato de recriminação e assombro, *não foram os tatus, foi ele, que podia ter esperado em casa, ou feito a tocaia na grotá; mas veio como um touro: cego, movido apenas pela fúria do orgulho*, e diz – vou embora (p.87).

Da conversa entre Paula e sua criada Ruth, no presente, a narrativa pula “automaticamente” para a conversa entre Arnold e Matheus, no passado. A falta de pontuação e os jogos de ponto de vista e tempo exigem do leitor uma leitura muito atenta.

Dessa forma, parece claro que o manejo das perspectivas da narração e dos tipos de discurso teria influenciado decisivamente na ordenação dos acontecimentos no interior da narrativa, vindo a estabelecer e/ou facilitar seus efeitos de simultaneidade e confusão mental (memória).

Narrativa como história e narrativa como discurso completam-se e, por isso mesmo, a riqueza da história poderia ser anulada pela inviabilidade do discurso e vice-versa. O discurso narrativo, na sua complexa estrutura, permite que os dados diegéticos sejam percebidos em fragmentos descontínuos, embora o mosaico final seja perfeito, sem que a riqueza de um desses elementos (história/discurso) inviabilize ou anule a do outro.

Entende-se que a sintaxe narrativa seja um dos elementos mais importantes da técnica construtiva empregada em *Quadrilátero*. Não se pode, entretanto, deixar de adiantar elementos de outros níveis que concorrem para esta “leitura”. Assim, a configuração da sintaxe narrativa deve muito, também, à linguagem empregada por Boos Júnior.

Se a organização espaço-temporal dos elementos constitutivos da história, ou seja, dos segmentos narrativos, não obedece a relações sintáticas cronológicas ou lógicas, também a constituição da linguagem não o poderia fazer. A gramática da língua portuguesa confirma a linguagem da

narrativa. Daí a fuga constante aos padrões tradicionais da sintaxe lingüística. Essa fuga se evidencia antes de tudo pela falta de pontuação básica, notadamente a ausência de pontos finais e travessões para indicar o diálogo, como se pode perceber no seguinte diálogo entre os membros do grupo de imigrantes alemães:

então é assim
 – a voz baixa para não denunciar a sufocação, e volta para a proa, com a vara mergulhada na água risonha e debochada. Os outros estão no bordo mais difícil, alternando suas caminhadas com as dele, que de todos é o mais fraco
 – não pensei que fosse assim
 mas é
 – a
 fala do companheiro, traindo a carne ainda não recuperada, é igual à sua, sem expressão e, depois de outra caminhada, sem olhar para os lados –
 é o fim
 não, ainda
 não (p.94-95).

Palavras ou frases que podem ou não ser repetições da frase anterior são também bastante frequentes, principalmente na parte “A terra”, dividindo os segmentos. Exemplos:

A convicção do erro já está num patamar acima do presságio, ajudada pela fumaça acre e o cheiro da burra, flutuando na memória
 repentinamente
 refrescada
 pela água de colônia, pronta para o final da tarde, atravessa a sala e o varandão, sob a calada presença da empregada à entrada da cozinha, quando a chuva torna a engrossar (p.198).

De Matheus e sua vontade de ir embora da casa de Arnold e da colônia pula-se para a conversa entre Paula e Rudolf, sobre o casal que acabara de chegar (Johannes e Catarina). Dessa mesma conversa pula-se para a história de Natália e seus temores.

E ela pensa, *diverte-se com a minha curiosidade, como se eu fosse uma criança e os dois, lá fora, um brinquedo novo*, ao estender a mão na direção do cálice, olhando por cima do ombro dele, além da porta, as sombras dançarinas que as empregadas projetam

na
parede

está a espingarda carregada, que não lhe dá segurança alguma e, durante toda a tarde, o terror esteve dentro dela, não somente no coração, porém dentro do corpo inteiro (p.200-201).

Assim como as idéias se precipitam e se sufocam no campo da história e, sobretudo, na mente das personagens, as palavras também se precipitam e se sufocam no espaço do discurso, para melhor configurar a dinâmica dos acontecimentos, confirmando o amplo domínio de Boos Júnior sobre a técnica narrativa e sobre a linguagem.

4.2 – A sintaxe narrativa e o tratamento espaço-temporal

4.2.1 – Sintaxe das macro-unidades

Não são as personagens de *Quadrilátero* que interessam em primeiro plano (por mais convidativas que elas possam ser à realização de uma análise profunda), neste capítulo, mas as histórias delas, verdadeira estruturação das condutas humanas, verdadeiros fios narrativos que se alternam e se cruzam na integração sucessiva dos segmentos narrativos.

Quadrilátero organiza-se pelo arranjo desses segmentos narrativos – as macro-unidades de ação – obedecendo às mais variadas espécies de relações sintáticas.

Cada parte do romance, com o nome de um dos quatro elementos – “Os ventos”, “As águas”, “A terra”, “O fogo” e “Os ventos” – apresenta a natureza, tanto espacial (ao retratar parte da História da colonização germânica em Santa Catarina) como a humanizada (ao retratar os sonhos e

derrotas das personagens). Assim como os elementos da natureza, as partes do romance estão interligadas, principalmente a primeira e a quinta, ambas denominadas “Os ventos” – “do rebojo” e “do leste”, respectivamente. Aliás, a narrativa começa *in media res*, com o narrador relatando eventos situados num momento já adiantado da ação, recuperando analepticamente os fatos anteriores.

À medida que os acontecimentos vão sendo narrados, parecem buscar um ponto em comum, locomovendo-se antes e mais sobre o eixo da narrativa primeira, que sobre incursões individuais no passado e no futuro de cada história.

Pela convergência natural que as histórias vão assumindo, a primeira e a última parte já não trazem entre si a marca do distanciamento, pois completam a circularidade da narrativa. Na quinta parte, o narrador retoma a história no tempo presente, expressa na primeira parte da narrativa, em que Paula e Matheus, já velhos, estão distantes um do outro e que Paula conta sua história à filha Edla.

No nível da história, muitos acontecimentos podem ser simultâneos. O discurso, porém, por razões técnicas, obriga-se a romper a ordem natural dos acontecimentos, mesmo que esta não seja a intenção do autor. Entretanto, no discurso, o autor poderia servir-se de elementos textuais, capazes de situar no tempo e no espaço a ação narrativa, ligando-os entre si. Esses elementos seriam, principalmente, as expressões adverbiais de tempo e lugar: “Lá”, “Enquanto isso”, “Enquanto Fulano realizava tal ação, Beltrano, por sua vez,...”, “No mesmo dia em que”, “Naquele lugar”, etc.

Adolfo Boos Júnior não se serviu desse expediente, denominado intrusões orientadoras no relato, para entrelaçar os segmentos narrativos de sua obra. Ela não fornece, salvo raras exceções, indicações temporais e, quando elas ocorrem, estão no nível da história, sem, no entanto,

estabelecer relação direta com outros acontecimentos. Os segmentos narrativos parecem assumir um caráter de atemporalidade relativa, o que auxilia o clima de simultaneidade de que a obra está impregnada. Daí resulta a complexa fragmentação do relato, requerendo um leitor implícito sempre atento e tecnicamente bem equipado.

Nada é apresentado segundo os padrões convencionais de descrição. As imagens descritivas aparecem sempre aliadas a uma profusão de associações mentais que ocorrem a alguma das personagens. Por isso mesmo elas tomam um caráter dinâmico. As descrições parecem ter dupla função: caracterizam fisicamente o ambiente, mas objetivando reforçar o delineamento psicológico da personagem responsável, da qual flui a apreensão do ambiente. Confira-se a “simbiose” entre Matheus e a floresta:

À proporção que sobe o caminho estreito, vai ao encontro da luz, que parece nascer logo atrás do morro, pura e transparente, de uma natureza estranha, como se originária de uma outra fonte de calor que não fosse o sol. Entre a casa e o roçado, a vereda insinua-se por uma grotta rasa, entre uma vegetação diferente, de avencas e taiás e samambaias, raramente alcançada pelo sol e ali o frio aumenta, o orvalho alcança acima do cano das botas, umedecendo e escurecendo as calças, feito manchas de um suor antigo; mais para dentro, contrastando com a folhagem escura, flores incomuns exibem uma beleza estranha, sob o rumor de um fio de água oculto ao olhar. Antes que perceba, o pé já alargou ou diminuiu a passada, evitando o buraco, o tronco ou a pedra e, acima do murmúrio do vento por entre as árvores, eleva-se o ruído regular dos tacões comprimindo a terra encharcada. Caminha seguro, nem apressado e nem vagaroso, igual a uma pessoa na cidade, à vontade dentro da roupa leve e do sapato cômodo, indo a um encontro ou passeando, seguro do tempo que dispõe, até com um certo deleite em se retardar. Depois, emerge novamente para a claridade, sempre subindo pelo caminho mais aberto pelo correr das águas do que pelo braço do homem (p.31-32).

O fato de Matheus estar sempre desbravando o território em que vive, seja na colônia, no Vale do Itajaí, seja na chácara, em Desterro, confirma o seu caráter provisório. Conhece bem todos os caminhos para, a

qualquer hora que quiser ir embora ou que precisar fugir, poder escolher o caminho que melhor lhe aprouver. Além disso, os adjetivos escolhidos para caracterizar a floresta também servem para descrever a personagem Matheus: sombrio, frio, estranho; atestando o mistério que o envolve. Enfim, impenetrável.

Retoma-se aqui a classificação de Pouillon de visão “com”. De acordo com o teórico francês:

Estar “com” alguém, portanto, não é ter deste alguém uma consciência refletida, não é conhecê-lo, é ter “com” ele a mesma consciência irrefletida de si mesmo. [...] Um dos romancistas que utilizam na maioria das vezes este processo é Galsworthy. [...] Lembremo-nos também de suas descrições da “natureza”, de que se vale com tanta frequência para nos fazer compreender o indivíduo por ele colocado no seio da mesma; conta-se que ele era apaixonado pela natureza, e por isto a descreveu com tanta frequência; trata-se, porém, de uma explicação insuficiente. Na realidade, ele procura descrever com muita precisão a atitude de seu herói diante das coisas e das pessoas de modo que se nós, leitores, também a assumirmos, cheguemos ao mesmo tempo à consciência irrefletida correspondente, e que não terá sido indicada em parte alguma do romance, cabendo entretanto ao romancista o mérito por termos chegado a possuí-la.²³⁴

Nesse momento, porém, impõem-se dissociar, para análise, os elementos da narrativa sob dois aspectos: o da história e o do discurso, por natureza tão integrados entre si. Ao final da quinta parte, o discurso se encerra: não há mais tempo, não há mais modos, não há mais aspectos... Porém a história continua. O autor não fechou todas as portas. As histórias das personagens, colocadas até aqui em caminhos separados, mas convergentes, após se cruzarem, iniciam novas rotas, provavelmente em sentido divergente. Mesmo a morte de Matheus, em função das circunstâncias, não se constitui num fechamento total. O que se dirá de sua morte? O que se fará com o seu corpo? Paula e Edla, como reagirão? O que

aconteceu com Lucas, filho de Matheus e Natália e adotado por Paula? Qual a importância de Marcos, marido de Edla? Por que ele não veio visitar Paula (sua sogra)? O romance continuaria retratando a imigração alemã em Santa Catarina? A história termina em aberto. O que favorece tanto a imaginação do leitor quanto os objetivos do escritor de continuar esta saga com mais três romances, formando a tetralogia que ele idealizou.

4.2.2 – Sintaxe dos segmentos

Cada parte apresenta-se subdividida em segmentos narrativos, irregulares quanto ao número e à forma.

Os segmentos narrativos das macro-unidades, em extensão, variam entre 47 e 124 páginas. Elas se apresentam constituídas de segmentos narrativos destacados e em número bastante variável (de 28 a 109 segmentos por parte).

Considerando-se as ações ou funções, tais divisões parecem fornecer elementos concretos para as subunidades de ação. Não se pode considerar cada um desses segmentos como uma seqüência elementar ou como um elemento de uma seqüência complexa, pois suas divisões, sob este aspecto, são um tanto arbitrárias; os segmentos, nem sempre, fornecem idéia de acabamento ou de passagem de um equilíbrio a outro. Isso acontece, sobretudo, quando as subdivisões são mais numerosas, como na macro-unidade intitulada “O fogo”. Atente-se, aliás, para a propriedade pertinente dessa mais numerosa subdivisão em segmentos, porque o elemento “fogo” simboliza e condensa a dinamicidade dos aspectos diegéticos do relato: a

²³⁴ POUILLON, op. cit., p.58-59.

o presente (que também é passado na narrativa; o presente passa vinte ou trinta anos depois desse relato):

– sem mudar de posição, sem interromper a narrativa e sem desviar o olhar do janelão, deixa o pensamento surpreender-se, *nem parece escutar e – sem dúvida – tinha certeza de que tudo aconteceria desta forma, ainda que um de nós chegasse a pronunciar a palavra impossível, quando a esperança ou a alucinação apontaram na direção errada*; e, para a outra memória, aquela encarregada de alimentar o relato, a mulher era somente um fardo na proa, inerte, mesmo quando o fundo da canoa raspava no lajedo ou o remo não encontrava a água, ameaçando desequilibrar Matheus. Lado a lado, a parte da razão que continua na saleta persiste em se acorrentar no alheamento da mulher, *com a mesma distância e uma indiferença igual, porque ainda tem todos os trunfos*, e – mesmo pouco interessada na conexão dos fatos – a palavra continua irremediavelmente libertada – (p.322. Grifos do autor).

Ao fazer a leitura, percebe-se que o excerto é interrompido e retomado páginas à frente, porém na visão de Paula, como se pode conferir nas palavras do narrador e da própria personagem:

– seguindo a cantilena, Paula volta a deixar uma parte do pensamento à deriva, *ainda não me encarou*, atenta (quase sem querer) à laboriosa dedicação dele em preparar o palheiro, *porque sabe da traição que o próprio olhar pode executar*, a palha presa entre os dentes, enquanto as mãos calcam e esfrelam o fumo, *mesmo que demonstre a mesma concentração pertinaz, o pensamento está aqui, sem acompanhar a palavra ou a memória*, e – lá embaixo – o repentino retinir dos talheres avisa que Ruth desistiu de aguardar as ordens costumeiras e está preparando a ponta da mesa para o almoço solitário – (p.325. Grifos do autor).

Outro aspecto a considerar sob o enfoque da sintaxe narrativa é a relação entre a narrativa primeira e as anacronias. Uma das funções da narrativa é marcar um tempo dentro do outro. Em *Quadrilátero*, é evidente uma relação desordenada entre tempo da diegese e tempo do discurso. Dessa fusão resultam os dois níveis temporais a se considerar nesta obra: 1)

a narrativa primeira – nível temporal da narrativa com estatuto de presente; 2) as anacronias – incursões no passado ou projeções ao futuro de cada história.

Pode-se afirmar, então, que o relato de Paula a Edla narra, ao mesmo tempo, um acontecimento ocorrido aproximadamente no espaço de um dia (no nível da narrativa primeira), mas tem alcance e amplitude de vinte a trinta anos, envolvendo grande parte da vida das personagens principais, inclusive com incursões, às vezes, de alcance mais longínquo ainda, atingindo os antecedentes, e o hipotético futuro de cada história.

A ação concreta e presente das personagens, demarcadora da narrativa primeira, é apenas a linha que une e enlaça emoções e experiências das personagens e as coloca em contato direto. A narrativa *Quadrilátero*, sob o enfoque da história, não se fixa na sucessão de acontecimentos concretos e presentes, mas nas lembranças e emoções (a maioria delas analépticas) que entremeiam a sucessão dos acontecimentos. Exemplos: o dia/noite em que Matheus relatou a sua história a Paula e o dia em que Paula contou sua história à filha Edla; relatos, aliás, fragmentados por vários segmentos.

Toda a narrativa é constituída de introspecções, lembranças, opiniões, desejos, enfim, elementos que constituem a verdadeira essência da coisa contada e fornecem uma base sobre a qual lembranças e sensações vão se organizando (ou desorganizando), associando-se lógica, cronológica ou livremente, engendrando a história propriamente dita. Essa prevalência do mundo interior das personagens, emergindo através de inúmeros monólogos interiores, caracteriza a profunda subjetividade que marca toda a narrativa, subjetividade que mantém sempre em suspenso a confiabilidade possível de tais relatos.

Portanto, as técnicas variadas da sintaxe narrativa de *Quadrilátero* falam da riqueza criativa de Boos Júnior, que sabe escolher, para cada momento, numa sintonia de ritmo, a forma mais coerente e capaz de narrar, a partir de um realismo interior e exterior, a realidade nua e crua de parte da imigração alemã no estado de Santa Catarina, particularmente na região de Brusque (Vale do Itajaí-mirim).

4.3 – A narrativa primeira e as anacronias em *Quadrilátero*

Quadrilátero compõe-se de eixos narrativos que se sobrepõem num jogo temporal, funcionalmente estruturado.

Focalizar-se-á agora o mais acentuado e evidente jogo temporal da narrativa em estudo: a narrativa primeira e as anacronias, cujo arranjo engendra a história propriamente dita.

Pode-se dizer que a narrativa se ocupa de um tempo primeiro, ou seja, de uma linha de ação, com estatuto de presente, em relação à qual outros acontecimentos se caracterizam como passado. Esse eixo narrativo chama-se de narrativa primeira.

Evidentemente, não se pode pretendê-lo estático, imóvel no tempo. Seu alcance é limitado pela cena presente do início do romance (a visita de Paula a Matheus no cemitério) ao presente do final do romance (a visita de Edla a Paula em sua casa e, logo em seguida, a tentativa de Edla visitar Matheus, no cemitério). Esse eixo narrativo, no qual as ações das personagens são apresentadas pelo discurso como concretas e presentificadas, compreende um tempo aproximado de um dia.

É em função da narrativa primeira que os demais acontecimentos narrados se estabelecem como passados.

A narrativa primeira – acontecimentos ao nível de presente, que envolve as duas partes denominadas “Os ventos” – é de amplitude restrita: uma história temporalmente situada no espaço de um dia, durante o qual as personagens vão aparecendo e configurando-se gradativamente. Compõe-se de encontros entre as personagens principais (Matheus e Paula) e delas para com as outras personagens (Carioca, Espanhol da bodega, Edla). Saliente-se que, nessa narrativa primeira, as personagens não são previamente descritas ou caracterizadas, pelo que o complexo jogo das interações nesse romance permanece quase que inacessível ao leitor, que, aos poucos, vai adquirindo uma imagem consistente das personagens, em decorrência da sua atuação durante toda a narrativa. Os elementos dessa história ao nível do presente servem apenas de elo, de base sobre a qual a história fundamental se organiza.

O escritor foge constantemente dos padrões convencionais de apresentação por narração, discurso direto e indireto, de organização dos parágrafos, enfim, do aspecto técnico da redação.

Tal desempenho parece um recurso estilístico inspirado na própria vida dos imigrantes, pois, em *Quadrilátero*, as personagens falam, observam e agem, opinam ou pensam ao mesmo tempo, numa profusão total de ângulos. Boos Júnior quis fazer uma obra viva, na qual os “seres de papel” se transfiguram em seres vivos. As personagens não são apenas categorias narrativas. Por sua complexidade, elas se aproximam muito mais da vida humana, com suas indagações, lutas, dores contínuas e prazeres passageiros, o que impede uma ordenação lógica e seqüente das ações.

Nesse sentido, trazem-se a lume as teorias de Antônio Candido sobre a personagem do romance. Segundo o professor e crítico literário,

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. [...] A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos. [...] Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais *vivo* no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor.²³⁵

Quanto à técnica narrativa, em todo o romance podem-se destacar vários processos: monólogos, diálogos, descrições e narrações.

Os escritores em geral servem-se rotineiramente de tais processos, mas o que confere a *Quadrilátero* um caráter especial, quanto ao aproveitamento de tais recursos, é a forma como se arranjam e se alternam rapidamente. Não se têm longas descrições ou narrações, nem monólogos e diálogos puros. Tudo isso se funde, se integra num todo único, cuja separação, às vezes, parece quase impossível.

No início, as personagens não dialogam, ou o fazem muito pouco; é uma comunicação não verbal, também indício de incertezas, inseguranças e apreensões.²³⁶ Os diálogos que aparecem são apenas estímulos às analepses, às narrações ou aos monólogos, e às vezes são cortados bruscamente em determinado momento por outra fala, intimamente ligada à fala anterior. Podem-se observar tais expedientes na passagem em que Arnold indaga de Matheus a verdadeira causa da morte do cachorro Bimble, como se pode observar nas palavras do narrador e das próprias personagens:

²³⁵ CANDIDO, op. cit., p.53-54.

Pensamento e memória continuam unidos num ato de recriminação e assombro, *não foram os tatus, foi ele, que podia ter esperado em casa, ou feito a tocaia na grotá; mas veio como um touro: cego, movido apenas pela fúria do orgulho*, e diz –

vou embora

– as palavras têm a teimosia irreal do olhar fixo nas duas pontas da madeira, porque subitamente ambos descobrem que é a segunda ou terceira vez que ele repete a mesma coisa –

para que,
homem, para que

– ainda em pé, sacudindo os tocos das flechas, repetindo a mesma frase do início do desabafo, sem esperar as respostas, parecendo que, adiantada no tempo, a imaginação já soubesse de todas as réplicas, de nada adiantando o primeiro repetir obstinadamente –

vou embora

– sem procurar outra expressão, o pensamento completando-se, *se um índio não me pegar, posso dizer que provoqueei, mas a sorte não quis*, mesmo sabendo que aquele não é o raciocínio certo; que, não oculta (como antigamente) em qualquer nebulosa dentro dele, mas claramente exposta, com a mesma natureza de um esgar de rancor, está a verdade. Entretanto, a cada nova investida, sem mesmo mudar o palheiro apagado no canto da boca, repete, igual a um monocórdio contraponto, sem alterar a inflexão da VOZ –

vou embora, amanhã

–
e, assim, ficam, iguais a dois alunos compenetrados, sem qualquer outra espécie de talento, a não ser repetir, até a náusea, a lição exigida por eles mesmos, enquanto que, cada vez mais violento, o rebojo fustiga a floresta, trazendo grandes nuvens escuras, assegurando a presença da chuva (p.87-88. Grifos do autor).

Chama a atenção de qualquer leitor mais ou menos atento a justaposição dos vários procedimentos do discurso (monólogos, diálogos, descrições e narrações), sem indicação textual, às vezes até caóticos semanticamente, conseguindo, assim, integrar o exterior e o interior das

²³⁶ A falta de diálogo das personagens na narrativa será retomada no capítulo 8.

personagens. O escritor une, num mesmo momento e com a mesma forma de abordagem, o que fazem e o que pensam suas personagens, numa caracterização bastante realista da complexidade humana, em que as personagens se encontram externamente ligadas a um momento da história, mas, internamente, a outro. Confira-se o caso de Edgard que, já na viagem de balsa, queria desistir do sonho do “Novo Mundo” e, quem sabe, voltar para a Alemanha.

tenho medo

[...]

de que
não sei; tenho medo

– e

como uma nova fuga, predisposto a mergulhar no sono cansado, Edgard só tem uma coisa para dizer, uma única palavra – antemão impossível de pronunciar, como se – com ela – viesse alguma coisa a mais do que o simples som de sua voz, talvez um pedaço da própria alma e fosse a revelação de um medo igual ou maior que o dela – a mentira de uma esperança inexistente. Porém, seu pensamento caminha na mesma direção, *o que será dele, de nós, aqui; não agora, mas depois de nascido, amanhã*, obrigando o renascimento da idéia de voltar, mesmo sabendo que, antes da lógica da sua covardia penetrar na consciência de cada um, será necessária a autorização da Companhia e do Governo. Sozinho ou acompanhado, será a perda do dinheiro e dos sonhos do armazém (p.252).

De certo modo, pode-se dizer que os fragmentos de diálogos constituem apenas ínfimas partes do vasto *iceberg* que pode ser vislumbrado nos freqüentes fluxos de consciência das personagens, nesse entreabrir-se e fluir dos pensamentos e sensações interiores das personagens.

A intercalação de procedimentos diversos faz-se sentir também no que se refere à alternância presente/passado. À medida que os eixos narrativos vão convergindo, também a narrativa alterna mais

dinamicamente acontecimentos passados e presentes, conforme se pode observar na seguinte citação:

pensei, *agora*,
vai contar tudo e as providências de saber mais, de procurar qualquer autoridade, ficarão por conta dele; talvez apenas me chame e ordene que eu parta logo; hoje, pergunto: há quanto tempo tudo isso aconteceu e também penso que não aconteceu; mas já tinha acontecido, a porta já fora aberta, a resistência – imaginada por nós dois – não tinha sido esboçada; o resto estava como naquela tarde no quiosque: Matheus e Natália, tudo e somente; quando as luzes eram apagadas, saía, como vinha fazendo antes da morte dela, ia até a praia, tomava duas cachaças, ouvia conversas
 – *ouvira conversas*, ela pensa, *mas não participava* (p.296-297. Grifos do autor).

Bastante elementar seria apenas estabelecer os elementos analépticos e prolépticos de uma narrativa em relação a seu eixo presente. Buscar-se-á, porém, um aspecto mais profundo deste jogo temporal: classificar as analepses e prolepses, a partir de suas naturezas.

Cabe ressaltar que *Quadrilátero* é um romance predominantemente analéptico. São as lembranças, as incursões pessoais no passado de cada história, que engendram a narrativa propriamente dita, sobretudo em relação a Matheus e a Paula. Conforme já acima esclarecido, a narrativa primeira pouco diz da história narrada: ela é, antes de tudo, o ponto de referência unificador, a base sobre a qual converge e se constrói a história de *Quadrilátero*, feita principalmente de analepses de alcance e amplitude variados, cobrindo, no conjunto, grande parte do tempo da vida das personagens principais. A base teórica sobre a qual se apóia esta análise da temporalidade é o *Discurso da narrativa*, de Gérard Genette, um autêntico divisor de águas nos estudos narratológicos.

Pode-se afirmar que as analepses desta narrativa são resultantes da própria estruturação das condutas humanas, ou seja, do desempenho das personagens.

O narrador heterodiegético, sempre oculto em sua voz narrativa, alterna com os pontos de vista das personagens, que se manifestam em consonância com as falas de cada uma delas.

O desempenho das próprias personagens parece ser o responsável pelo vasto jogo analéptico que domina grande parte da história. Elas próprias criam as situações que, através das mais variadas formas, desencadeiam as analepses, cuja soma totaliza uma amplitude bastante superior à da narrativa primeira, o que vale dizer que elas cobrem o maior tempo da história. Na realidade, numa visão mais rigorosa, as analepses de retornos ao passado nem sempre acontecem por lembranças ou recordações. A própria estruturação do romance em cinco partes, por sua vez segmentadas em inúmeros fragmentos, define momentos temporais muito diversificados e claramente analépticos em relação à narrativa primeira.

A técnica do uso alternado do ponto de vista foi, certamente, um sopro de vida às personagens, que então parecem tomar, elas próprias, as rédeas da narrativa, que se organizam ao sabor de suas recordações (para seguir a terminologia utilizada por Boos Júnior, ao sabor dos ventos e até mesmo dos aromas). A vitalidade que a narrativa lhes confere é tanta que parece possível falar em antropomorfização dos “seres de papel”.

Há, em princípio, dois tipos básicos de analepses, as da fala e as do pensamento. Em *Quadrilátero*, que é um romance introspectivo, predominam as analepses do pensamento, as lembranças dos momentos passados, ora homodiegéticas – diretamente ligadas ao fio narrativo –, ora

heterodiegéticas, apenas ilustrativas, não incidindo diretamente sobre o fio narrativo.

Muitas analepses desse romance podem ser consideradas homodiegéticas, levando-se em conta que o passado das personagens faz parte direto da história, visto que ele é, de certa forma, o responsável ou a causa do que elas são no presente. A descrição da personagem Espanhol da bodega é um exemplo de analepse homodiegética:

O cheiro que enche suas narinas cabeludas (banha, lingüiça, cachaça e urina) emana do trapo, mas é o seu cheiro já incorporado à carne, quando entrincheirou-se atrás de um balcão junto com os irmãos, na Bahia. Ou, talvez, antes mesmo de descer do navio, ainda no convés atravancado, contando as moedas economizadas, não apenas na comida ou no modesto vestir, mas também na poluição do sonho de todas as noites (Espanhol da bodega, p.35).

Percebe-se que o imigrante já chegou no Brasil com seus cheiros e costumes arraigados. Um passado que continua presente em sua vida, independente do local em que esteja morando, fazendo parte dessa história.

Há também analepses heterodiegéticas, como a seguinte:

Mesmo sem lhe ver o rosto, adivinha a mecha do cabelo caindo sobre a testa suada, uma meia hora miserável para voltar a ser desgredada, suja e esquecida, o restante do corpo impreciso sob a saia tão mal feita e grosseira quanto a blusa, assexuando-a, dando-lhe a mesma natureza pobre das coisas toscas e velhas que estão em seu redor, parecendo que, antes delas, a mulher já tivesse enxugando as mãos no mesmo avental encardido (p.71-72).

Note-se acima o olhar de Matheus sobre Natália, observando seu modo de ser, pensar e agir, procurando buscar no passado dela as causas para a pobreza e para sua falta de vaidade.

As analepses da fala ocorrem quando há diálogo entre duas personagens e uma delas incursiona por seu passado, a fim de encontrar

respostas às perguntas feitas, ou então, simplesmente desabafar suas angústias. São menos frequentes que as do pensamento (já que o diálogo verbal não é característica predominante desta narrativa muito mais construída com monólogos interiores e fluxos de consciência), porém suficientemente evidentes para caracterizarem um tipo especial de analepses. Como exemplo, destaca-se a conversa entre Willy e Edgard:

– e, no

momento em que Edgard cruza à sua frente, levanta mais a voz –
 como seria

o que

uma batalha, aqui

– e o outro,

porque ainda não pensara naquilo (trazendo a lembrança da guerra como um sonho desagradável e contente por sonhá-lo cada vez menos), não responde de imediato, preocupado em sondar sua própria consciência e verificar o grau de esquecimento e vergonha que obtivera –

não sei

– e se afasta, ao passo que Willy admite que, não só um exército (com toda a sua disciplina, a inteligência dos generais e todos os equipamentos e manuais de táticas), porém, até mesmo uma cidade inteira não encontraria refúgio naquele labirinto, perdendo-se para o resto da vida, antes que pensasse em se organizar (p.137).

Pode-se dizer que a história se constrói por associações de idéias. Na narrativa analéptica de *Quadrilátero*, as associações ocorrem quase que exclusivamente por semelhança sensorial. As lembranças sensoriais justapostas constituem uma parte densa da narrativa. Adolfo Boos Júnior, nesta narrativa, trabalha profundamente com o número quatro.²³⁷ E, dos cinco sentidos que o ser vivo possui para receber sensações, ele escolheu quatro deles para desenvolver uma série de associações:²³⁸

²³⁷ A simbologia do número quatro, amplamente explorada pelo autor, será vista no capítulo 5.

²³⁸ A importância dos sentidos, em especial o olfato, muito utilizado pelo autor, será vista no capítulo 7.

– Olfativas – Diversos são os cheiros que exalam desta narrativa. Entre aromas e odores encontram-se desde o cheiro de suor, vômito e fezes até o aroma do jasmineiro e o perfume de Paula. Exemplos:

Sem levantar a cabeça, não acreditou no olfato e nem na esperança; e – no entanto – acima do cheiro da putrefação, anulando o conjunto nauseante de suor, pus, sangue e fezes, o penetrante e limpo odor do mar estava entre eles (Fuga Matheus e Natália, p.358).

e ela enlaçou o pescoço do homem [...], colando seu calor ao corpo dele, para – no segundo seguinte – o eflúvio da colônia alcançar as narinas de todos eles, inclusive dos animais;

e, envolto no calor e na fragrância da mulher, Matheus procurou a luz (Matheus e Paula, p.399).

– Visuais – Que vão desde olhares atentos e observadores até a cegueira de uma vingança ou um ódio mortal:

disputando um jogo de paciência com o vento instável e o óculo-de-alcance trazia a embarcação tão perto, que quase podia distinguir as feições das figuras a bordo; depois, sem que o olhar percebesse, com o aumento da brisa foi distanciando-se, levando sua imaginação a bordo, *estará olhando para cá, mal acomodado, arrependido em não ter seguido por terra, por não ter me levado*, e – dentro dela – como se ocupasse uma outra camada do cérebro (e, assim, fosse independente do que o olhar estivesse abrangendo), revigorada pelo sono, sua determinação continuou sentindo e vivendo as idéias concebidas na véspera (Plano de vingança de Paula contra Rudolf, p.234).

– Táteis, como na fuga de Matheus e Natália

de repente, um não sentia mais o suor da mão do outro e berrava, não um nome, mas apenas um som, qualquer coisa nascida além da garganta, criada no meio das entranhas, no mesmo centro nervoso que gerava o pavor; e a mão – tateando no escuro – não encontrava mais a

outra e roçava um rosto suado, a cavidade de um olho arregalado, a borda de uma boca crispada; então, o susto era maior e o grito renascia nos dois, mais forte, mais animal do que antes (p.323).

Na continuação deste segmento, o narrador se transfere para o caso amoroso de Matheus e Paula:

mais animal do que antes

– a mão

que se adiantava no escuro já levava a certeza de que a mulher não estava ali. *Já esteve*, o entendimento sustentava, porque – em meio ao cheiro quase asséptico que enchia a sala – estava o perfume da colônia, somente para provocar um açodamento maior no desejo, *deixou sua marca e diverte-se com o meu espanto*, constatava, subindo a escada (p.323).

– Auditivas, como nos dois segmentos abaixo:

– soam dois tiros. Quando o primeiro chega em seu eco fragmentado, ele logo identifica, caçadores, e – antes que o segundo estampido alcance sua audição, parecendo participar do mesmo exercício – o cachorro começa a latir na direção do chiqueiro, não se atrevendo a chegar mais perto (Ottokar mata um índio, p.246).

Seus ouvidos não captavam o rascante barulho das botinas sobre as conchas no caminho; entretanto, a imaginação alimentava a audição e contava as passadas cautelosas, lado a lado com a silenciosa movimentação dos cães, seguindo o trajeto do homem (Paula e Matheus, p.317).

Percebe-se que, muitas vezes as imagens sensitivas cruzam-se – analepses sinestésicas – aparecendo concomitantemente como forma de associação.

Mas há, em *Quadrilátero*, um tipo de associação que merece destaque. Sensorial e intelectual ao mesmo tempo: é a associação pela palavra. Ela pode decorrer da ressonância sonora da palavra na mente da

personagem ou da idéia que esta palavra possa sugerir. De qualquer forma, uma palavra proferida ou pensada no presente conecta situações que a envolvem como massa sonora ou como imagem no passado. Exemplo:

– e,
então, ele se cala, sempre abismado na faixa da luz, que se alarga a cada minuto, parecendo ainda incrédulo por não contar mais com a proteção da madrugada –

foi uma
carta

– Paula quebra o silêncio, apenas para não deixar o pensamento dele vagar para um passado mais distante e, enquanto espera, deixa o raciocínio fluir sem pressa, *diz que houve paixão e admite a evolução até o amor; aqui, entretanto, fala apenas em loucura, renegando – agora – a idéia de paixão e do amor, como se, com a morte dela, os mesmos sentimentos fossem motivo de vergonha ou uma demonstração de fraqueza*, a mente e a memória entrelaçadas na tarefa de dissecar o interior dele –

uma carta,
uma carta

– ele repete, como querendo imprimir a idéia definitivamente no entendimento, para a complementação do seu mosaico (p.305. Relato Matheus para Paula).

Apesar da aparência fragmentada e caótica dessa narrativa numa leitura superficial, um estudo demorado mostra que não há dissociações de idéias. Há sempre, pelo menos implicitamente, um princípio associativo (sobretudo o da contigüidade no espaço e no tempo e o da semelhança) a justificar as associações feitas. Em se tratando de uma obra realizada quase que inteiramente sob lembranças, é comum que essas lembranças se repitam de quando em quando. Portanto, o leitor sabe mais sobre uma determinada cena narrada do que os dados fornecidos pelo narrador naquele exato momento. E nesse “mais”, adquirido nos outros momentos do discurso, pode estar a justificativa implícita da associação de dois momentos analépticos. Um exemplo pode ser visto no relato da vivência de Matheus no lote de Arnold:

Arnold começa a puxar os animais e Matheus retarda-se de propósito, feito um soldado que olhasse o campo de mais uma derrota, sentida antes das marchas e contramarchas de todas as batalhas, antes que o cheiro da morte se estendesse sobre tudo e ficasse nele (juntamente com a certeza e a maldição de único sobrevivente), na carne antecipadamente impune ao tempo e aos urubus, como um ferrete profundamente estampado para o resto de seus dias. *É melhor que chegue primeiro*, a reflexão é um breve lampejo, uma fagulha rápida [...] a memória desvia-se, lembrando até as inflexões da voz do outro –

roçar; destacar depois e levar as pedras até onde vão ser os tapumes; aí, a gente desvia o ribeirão e faz ele correr por aqui, beirando o caminho

– ambos aceitando o desafio como uma variação no cotidiano, muito embora nele, Matheus, ainda estivesse viva, desumana, o que ainda era sua maior provação: o rio obstinando-se em reter a balsa e, acima do marulhar debochado, a oração de Gertrud erguendo-se num soturno presságio. Agora, o primeiro cepo mostra a extensão do empreendimento, o fracasso já foi medido e a mente concorda, *só de machado*, deixando o corpo iniciar a caminhada (Matheus e Arnold limpando o lote, p.123-124. Grifos do autor).

As dificuldades encontradas pelos dois homens fortes em limpar a terra (abrir a floresta) fazem com que Matheus se lembre dos obstáculos que ele e o grupo de imigrantes alemães tiveram que enfrentar para subir o rio Itajaí-mirim de balsa. Tanto esforço “para não dar em nada”, visto que, na época do relato para Paula, Matheus já tinha conhecimento que a colônia Karlsburg tinha sido destruída pelos índios.

Agindo assim, Boos Júnior evidencia o aproveitamento funcional de todas as potencialidades da narrativa; seu estilo narrativo não é uma escolha arbitrária entre tantas possibilidades, mas a escolha daquela técnica que melhor configure a história narrada a cada momento. História e discurso, em sua indispensável complementaridade, constituem a narrativa.

Apesar de a narrativa em estudo ser, sobretudo, analéptica ou retrospectiva, encontram-se também momentos de prospecção, muito embora eles sejam menos freqüentes. Não se pode, porém, considerá-los “prolepses”, no sentido exato que Genette deu a essa palavra.²³⁹

²³⁹ Segundo Genette, prolepse é “toda a manobra narrativa consistindo em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior” (GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando C. Martins. Lisboa: Vega. s.d. p.38).

Os momentos prospectivos de *Quadrilátero* não são antecipações do narrador, que de qualquer modo se inserem no tempo da narrativa; aqui, no que se refere a acontecimentos futuros, não se tem apenas uma fuga à ordem dos acontecimentos. O que ocorre, realmente, são projeções do desejo ou da imaginação das personagens em relação ao futuro. Não há, pois, a antecipação de acontecimento ulterior, uma vez que não há certeza, mas apenas possibilidade que esses acontecimentos ocorram de fato, alguns dos quais, inclusive, vêm a se negar no decorrer da narrativa. Por isso se prefere chamá-los não de prolepse (o que não são realmente), mas de futuro hipotético. Exemplos:

[...] insistindo no sonho –
estou
louco para chegar lá
uma vaca e um bezerro
os outros,
como estarão
Tereza, olha Catarina
uma casa com varanda
e pescar
comprar
uma burra
– e, terminada a refeição, os homens centram as perguntas em Willy –
a terra
boa, forte
plana
não, os lotes pegam morro; mas na
frente é só várzea
e os índios
não apareceram; andam por perto,
mas não se mostraram
caça
muita; de pêlo, de pena, muita (Grupo de
imigrantes alemães, no período da quarentena p.105).

do outro lado do caminho é quase tudo brejo, dá para arroz; aqui, no morro, é feijão e milho, aipim também; terra boa, mais cento e poucos homens e tu vais ver

—
dando um som para a confiança, entusiasmado com a própria palavra, esquecendo a presença de Matheus, as poucas frases do recém-chegado parecendo as velhas perguntas formuladas por sua própria

imaginação e o hábito de falar sozinho transformado em sua defesa mais antiga e eficaz –

muita madeira, boa, de lei; só falta a serraria, porque o rio está aí mesmo (Conversa entre Arnold e Matheus, p.194-195).

Ainda sobre o tempo, ressalta-se a afirmação de Álvaro Lins sobre a obra de Graciliano Ramos:

Toda a sua obra guarda um certo caráter de vertigem, de oscilação, de ambivalência. É o relativismo do tempo, o qual, como se sabe, representa uma contingência muito importante no desenvolvimento romanesco. Tendo uma concepção materialista da vida, o Sr. Graciliano Ramos não poderia utilizar-se do recurso do tempo metafísico. Por outro lado, para um romancista psicológico, o tempo convencional e naturalista seria um obstáculo. O Sr. Graciliano Ramos deliberou, então, valer-se de um recurso intermediário: a abstração do tempo. [...] O tempo torna-se assim um elemento indeterminado e arbitrário. Nunca se sabe exatamente quando a narrativa corresponde, em tempo e ação, aos fatos e atos que a produzem.²⁴⁰

Nesse sentido, o paralelo entre Graciliano Ramos e Adolfo Boos Júnior, realizado na “Apresentação do autor”, neste trabalho, mantém-se. Percebe-se na narrativa de Boos Júnior tanto a ambivalência como a abstração do tempo a que Álvaro Lins se refere.

Na colônia Karlsburg não havia relógio, por dois motivos. Um era a pobreza que os imigrantes alemães passavam em solo brasileiro (muitos, porém, como foi visto, já vieram com sérias dificuldades financeiras da Alemanha). Portanto, relógio era um aparelho supérfluo. Além disso, eles se baseavam nos elementos da natureza (como o sol e a lua) para identificar e organizar o dia e a noite.

Em contrapartida, em Desterro, as personagens ricas ostentavam a presença de relógios em suas casas, mas eles não eram necessários, pois os

²⁴⁰ LINS, op.cit., p.134.

criados e os próprios imigrantes estavam habituados a uma determinada rotina, com sinais de ritual, que não precisavam de nenhum aparelho medidor do tempo para saber as horas do dia, para saber quais eram as suas tarefas.²⁴¹ Observem-se os dois excertos retirados da narrativa ficcional, através da visão do narrador:

no varandão, sentados lado a lado [Paula e Rudolf], sabendo que – na cozinha – mesmo sem dispor de um relógio, Martha aguardará o instante exato (sugerido pelo crepúsculo ou pelo frágil retinir dos cristais sendo retirados do *étagère*), para determinar que Helga atravesse a sala e, da porta, anuncie o jantar, tudo com uma precisão que não tem mais idade, nascida e aperfeiçoada antes que ela penetrasse naquela casa, antes mesmo que ela fosse o abrigo de um solteirão e – dos predecessores – restassem apenas os retratos nas molduras cheias de arabescos (p.221).

[...] e, pelas paredes, as duas naturezas mortas e a grande marinha nas molduras pintadas de dourado, e – ainda – a sua esquerda, na segunda prateleira, a meia dúzia de cisnes de porcelana, pequenos, com os dorsos transformados em vasos, tudo sobrenadando dentro do cheiro da ordem e da limpeza e, mais, da batida cansada do grande relógio de carrilhão, junto à porta do varandão – e, quase tão expectante quanto os cães, continuou parado, profundamente absorto pela atmosfera da sala. Contrariando sua intuição, adiantou a mão na direção do “*étagère*”, até tocar a quina do móvel (p.318. Matheus dentro da casa de Paula e Rudolf)

Um outro paralelo se faz necessário, agora com as narrativas de Adolfo Boos Júnior e William Faulkner. De acordo com Jean Pouillon,

Contudo, em alguns romances notáveis, nós encontramos este mesmo processo empregado com intenção radicalmente oposta, visto tratar-se de nos colocar “com” seres profundamente diferentes de nós. Isto é mais raro e muito mais difícil: é o que consegue fazer Faulkner (ocorrem-me neste instante certas novelas de *Treze Histórias*). Logo de início, a singularidade da visão das coisas, o seu caráter primitivo, a narrativa desnorteante em razão de seu ritmo, começam por guiar a sugestão: não temos a faculdade de sonhar com o que nos agrada, de colocar seja lá o que for por baixo de tudo, pois o que nos é contado se

²⁴¹ Percebe-se o estereótipo do povo alemão, caracterizado pela sua rígida disciplina e pela austeridade.

acha tão longe de nós que nem sequer podemos imaginar alguma coisa que daí nos aproximasse. Para onde estamos sendo guiados? Não em direção a uma maneira de sentir suscetível de explicação, mas sim em direção ao que constitui precisamente a consciência de pessoas como aquelas, uma consciência radicalmente confusa, que terá de permanecer sempre irrefletida. Em suma, um romance desta ordem procura fazer-nos captar a confusão definitiva dessa consciência primitiva, sem nos dizer o que tem de compreensível, apesar de tudo, mas levando-nos, pelo contrário, a realizar em nós mesmos essa confusão. A incoerência das visões que os personagens têm dos acontecimentos que lhes sucedem e que transparece nas narrativas dos mesmos feitas por esses personagens – tem como finalidade transmitir-nos diretamente a consciência de si de um primitivo, sem precisar recorrer a reconstruções conceituais ou a comentários psicológicos.²⁴²

Boos Júnior tenta configurar, sob diversos ângulos, a vida dos imigrantes alemães (a chegada em Santa Catarina, particularmente, nas regiões de Brusque e Desterro), com seus problemas, suas dúvidas, suas lutas, seus prazeres fugazes e seus sonhos de futuro nesse “Novo Mundo”. E ele procura fazê-lo de forma coerente, por convergência de vários recursos disponíveis para esse fim. O vocabulário, a estrutura sintática das falas, os temas e problemas enfocados, as projeções de um futuro feliz, tudo isso é totalmente pertinente à vida de suas personagens – os “seres de papel” –, bem como provavelmente o foi para as pessoas reais (“de carne e osso”) que viveram as conturbações da formação de uma colônia (Brusque, Blumenau...) ou mesmo de um centro urbano (Desterro – atual Florianópolis).

As personagens do romance *Quadrilátero* se antropomorfizam, assumem o corpo, os sonhos, as angústias, alegrias e indagações de autênticos imigrantes. Elas apresentam algo em comum entre si, mas suas soluções são procuradas por vias diferentes, como se formassem uma amostragem ocasional de sua época.

²⁴² POUILLON, op. cit., p.60.

Porém, o que confere à narrativa um caráter complexo não são apenas os elementos utilizados na confecção da obra, mas, e principalmente, o dinamismo com que eles se arranjam. Sobretudo a sintaxe narrativa, feita de técnicas variadas e alternadas, pertinentes a cada situação, com a freqüente e constante mudança de ponto de vista, e diversificada organização espaço-temporal, é responsável pelo dinamismo que emerge das páginas de *Quadrilátero*, um romance tenso, vivo; um romance que, embora aparentemente caótico, não tem supérfluos e cuja leitura prende e emociona.

5 – A SIMBOLOGIA DO NÚMERO QUATRO

Em *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, Adolfo Boos Júnior aborda a saga da colonização germânica no Vale do Itajaí. O autor constrói o romance em cinco partes não estanques, denominadas “Os ventos”, “As águas”, “A terra”, “O fogo”, “Os ventos” – cinco partes que, na sua circularidade, reduzem-se a quatro elementos primordiais da natureza, segundo a filosofia grega. Pode-se dizer que, na realidade, são *quatro* partes, visto que a primeira e a última são denominadas “Os ventos”. Além disso, estas duas partes parecem se cruzar, como massas de ar em movimento.

De acordo com o *Dicionário de Símbolos*,

as significações simbólicas do quatro se ligam às do quadrado e da cruz. Sua relação com a cruz fazia dele um símbolo incomparável de plenitude, de universalidade, um símbolo totalizador. / Existem quatro pontos cardeais, quatro ventos, quatro fases da lua, quatro estações, quatro elementos, quatro letras no nome de Deus e no do primeiro homem (Adão), quatro braços da cruz, quatro Evangelistas, etc. O quatro simboliza o terrestre, a totalidade do criador e do revelado.²⁴³

Nesse sentido, observa-se a importância do título deste romance: *Quadrilátero*. Conforme declarações do autor, em entrevista,²⁴⁴ o projeto inicial era construir uma tetralogia, tendo como principais agentes, respectivamente, quatro personagens masculinos que levam nomes de batismo iguais aos dos evangelistas. Esse volume inicial fixa-se na figura de Matheus, mas já se esboçam as personagens de Lucas (filho de Matheus

²⁴³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva [et al.] – 7. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p.758-762.

²⁴⁴ Anotações em caderno da entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, realizada pelos alunos da Pós-Graduação em Letras no curso “A História do Romance em Santa Catarina”, ministrado pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, na UFSC, no dia 05 dez. 1994. *Nas próximas notas, para efeito de simplificação, serão referidas apenas como “Anotações da entrevista com o autor em 1994”.

com Natália) e Marcos (marido de Edla).²⁴⁵ No entanto, até o presente momento, o único romance publicado, nesse sentido, é o de Matheus. Além disso, a narrativa é uma expressão autêntica da força dos quatro elementos.

Retomando o *Dicionário de Símbolos* vê-se que o quadrado

é um dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o centro, o círculo e a cruz. / É o símbolo da terra por oposição ao céu, mas é também o símbolo do universo criado. / A simbólica do quadrado e do número quatro reúnem-se. / Segundo Plutarco, os pitagóricos afirmavam que o quadrado reunia as potências de Réia, de Afrodite, de Deméter, de Héstita e de Hera. Ao comentar essa passagem, Mario Meunier especifica: o quadrado significava que Réia, a mãe dos deuses, se manifestava através das modificações dos quatro elementos simbolizados por Afrodite, que era a água geradora, por Héstita, que era o fogo, por Deméter, que era a terra, e por Hera, que era o ar. O quadrado simbolizava a síntese dos elementos. / Na tradição cristã, igualmente, o quadrado, em virtude de sua forma igual dos quatro lados, simboliza o cosmo; seus quatro pilares de ângulo designam os quatro elementos.²⁴⁶

De acordo com o crítico literário e professor Lauro Junkes,

foi entre os filósofos pré-socráticos gregos, a partir do séc. VI a.C. que esses elementos receberam sua sistematização básica. Assim, primeiramente Tales de Mileto explicava a constituição do universo como 'o surgir da água'. Logo em seguida, segundo Anaxímenes, o universo teria resultado das transformações de um 'ar infinito' (*pneuma ápeiron*). Já para Heráclito de Éfeso, este mundo 'é e será sempre um fogo eternamente vivo, que se acende com medida e se apaga com medida'. Finalmente, Empédocles explicava a formação do universo como resultado de quatro raízes: a água, o ar, a terra, o fogo, elementos governados pela isonomia, isto é, são iguais, eternos e imutáveis, resultando a diversidade das coisas da sua mistura em diferentes proporções. Dessa forma, os fragmentos dos pré-socráticos

²⁴⁵ As personagens com nomes bíblicos poderiam ensejar uma interpretação, mas a análise poderá cair em contradição com a publicação dos demais romances que seguem a tetralogia. De acordo com o autor, os romances de Lucas e de Marcos já estão prontos, no aguardo de uma editora que se interesse em publicá-los, e o de João está sendo feito, sem pressa.

²⁴⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.750-754.

que possuímos atestam a extrema valorização desses elementos dentro da concepção cosmogônica.²⁴⁷

Assim sendo, Adolfo Boos Júnior, como “Criador”, também coloca, nesse seu primeiro romance, a gênese do mundo de suas personagens, em que os quatro elementos possuem fundamental importância.

Para uma melhor compreensão do romance, pesquisou-se cada elemento, por ordem de aparição na narrativa, a fim de tentar esclarecer as diversas relações arquitetadas pelo autor.

O primeiro elemento: o ar. De acordo com o *Dicionário de símbolos*:

O ar é um elemento ativo, um símbolo de espiritualização. Representa o mundo sutil intermediário do céu e a terra, o mundo da expansão que, dizem os chineses, é insuflado pelo sopro necessário à subsistência dos seres. / O elemento ar, diz São Martinho, é um símbolo sensível da vida invisível, um móbil universal e um purificador. / No esoterismo ismaelita, o ar é o princípio da composição e da frutificação. / O ar é o meio próprio da luz, do alçar vôo, do perfume, da cor, das vibrações interplanetárias; é a via de comunicação entre a terra e o céu”.²⁴⁸

O professor Lauro Junkes afirma que “A concepção do ar foi infinitamente enriquecida pelos hindus, pois o ar é o veículo do prana, dessa energia cósmica e vital que tudo regenera.”²⁴⁹

Já o vento, associado ao ar, apresenta novos ângulos. Segundo os pesquisadores franceses:

O simbolismo do vento apresenta vários aspectos. Devido à agitação que o caracteriza, é um símbolo de vaidade, de instabilidade, de inconstância. É uma força elementar que pertence aos Titãs, o que indica suficientemente a sua violência e sua cegueira. / Nas tradições bíblicas, os ventos são o sopro de Deus. Os ventos também são

²⁴⁷ JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987. p.188.

²⁴⁸ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.68.

²⁴⁹ JUNKES, op. cit., p.188.

instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. São manifestação de um divino que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera.²⁵⁰

No romance *Quadrilátero*, o vento está em toda parte, seja ele uma aragem, uma brisa ou um redemoinho. A primeira parte, inclusive, é subdividida pelos nomes de quatro ventos, que indicam a sua direção: terral, noroeste, nordeste e sul, com suas mudanças de quadrante. O que configura as diversas mudanças de histórias e pontos de vista na narrativa.

“Empurrado pela aragem fria” (p.13) – Essas palavras de abertura da trama já revelam uma das características de seus personagens, que muitas vezes são levados pelo destino.

Observem-se mais alguns exemplos:

o vento amaina e recrudescer, como se ainda não estivesse certo da sua força e do quadrante definitivo (terral, p.39-40).

pois certamente o vento está levando seu perfume até ele (noroeste, p.43. O vento torna-se o meio de transporte para o perfume de Paula, uma de suas marcas de poder e de mensagem).

Do mesmo jeito que na ventania, dentro dele também há um ponto maior de violência, concentrado na figura que teimou em não ver (nordeste, p.66. Matheus e Paula).

o vento cai sobre a floresta (feito um punho pesado, punitivo e cruel), inclinando copas, torcendo e desfolhando, criando vozes, num hino desesperado por entre os troncos, cipós e trepadeiras. Um ainda não falou, o outro pensa (sul, p.81. Matheus e Arnold).

Na parte final, os ventos continuam participando com intensidade da trama narrativa, envolvendo e enredando ainda mais as personagens, como se pode perceber nas seguintes passagens:

²⁵⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.935-936.

– e, não obstante um rápido trejeito de contrariedade, espera que a recém-chegada (trazendo consigo a vergastada gelada do vento, fazendo tremer todas as avencas e samambaias e destruindo a imobilidade das cortinas, parecendo – se já fosse do seu conhecimento – querer exorcizar todos os fantasmas que adejassem em torno da mãe) penetre em seu campo de visão, para prosseguir – (p.412 – Edla chega na casa de Paula).

– lá fora, a inesperada calma é apenas a lestada procurando novos caminhos para tornar a se abater sobre a casa. *Estará esperando*, Paula indaga-se, *na porta do quarto, como antigamente, quando a ansiedade era o sinal mais evidente da fraqueza*; com a frase suspensa, esperando a nova refrega (p.427 – Paula pensa em procurar Matheus).

o pensamento do Espanhol indaga, *terá deixado*, e – em meio à lestada – não acontece nenhum grito, um murmúrio ou um sussurro, só o pensamento, *finalmente* (p.450 – Espanhol e Matheus).

Percebe-se que nesta última parte, o vento predominante é o que vem do leste, não evidenciado em subseção na primeira parte. As lestadas são violentas, chegando a ser destrutivas, o que traduz bem a narrativa.

O segundo elemento: a água. De acordo com o Dicionário de símbolos,

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. / As águas representando a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. / Fluida, sua tendência é a dissolução; mas, homogênea, ela é igualmente o símbolo da coesão. / A noção de águas primordiais, de oceano das origens, é quase universal. / Pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos: a água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. / Na Bíblia, a marcha dos hebreus e a caminhada de todo homem na sua peregrinação terrena estão intimamente ligadas ao contato exterior ou interior com a água. / Sem água o nômade seria imediatamente condenado à morte. / Sinal de bênção (uma permissão para a vida). / A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo (semelhante ao batismo). / Símbolo da dualidade do alto e do baixo: água de chuva – água do mar. A primeira é pura; a segunda, salgada. Símbolo de vida: pura, ela é criadora e purificadora; amarga, ela produz a maldição. / Há que distinguir na simbólica da água a superfície e as profundezas. A navegação ou o viajar errático dos

heróis na superfície significa que estão expostos aos perigos da vida, o que o mito simboliza pelos monstros que surgem do fundo. A região submersa se torna, dessa forma, símbolo do subconsciente. A perversão se acha, igualmente, figurada pela água misturada à terra (desejo terrestre) ou pela água estagnada que perdeu suas propriedades purificadoras: o limo, a lama, o pântano. / A água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.²⁵¹

O elemento água participa de forma ativa em toda a trama de Boos Júnior, principalmente na segunda parte. Ora como mar e rio, ora como chuva.

Como mar, a água retrata a viagem das personagens que são imigrantes da Alemanha para o Brasil. Retomando a simbologia da água, se, por um lado, a travessia pelo mar contém todas as promessas de desenvolvimento, por outro, a água salgada e amarga produz a maldição: não serão felizes na nova terra. Nesse sentido, o romance aborda a esperança e o sonho dos imigrantes germânicos em construir um mundo novo e mostra toda a sua derrota.

Não existem recordações agradáveis e nem intervalos entre as agonias do navio e o dia-a-dia miserável; apenas, no exercício do medo, um frêmito a percorre da cabeça aos pés, igual ao estremecimento de um moribundo (p.202 – Natália).

Como rio, a água apresenta a viagem das personagens alemães subindo de balsa o rio Itajaí-mirim. Sua água, barrenta e espessa, é símbolo da coesão de um grupo de imigrantes alemães (não tem como fugir, nem como voltar; o negócio é seguir adiante.), que se une na dor e no medo do desconhecido.

²⁵¹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.15-22.

sem acreditar
que a mesma água, poucos metros depois, se transforme no inferno
barrento e cheio de espumas que acabaram de vencer (p.114).

A simbologia de sinal de bênção, permissão para a vida, está presente no momento em que Irma cai no rio e Edgard, seu marido, mergulha para salvá-la:

Dentro do rio, marido e mulher estão atacadados, irmanados na mesma agonia, não no combate para a salvação mútua, porém absorvidos com sua própria sobrevivência, empenhados numa luta de vida e de morte (p. 119).

O casal é salvo pelo estranho do grupo – Matheus.

A dualidade superfície e profundidade é retratada nos sustos que as personagens/imigrantes levam com os barulhos estranhos que lhes causam pavor, como demonstra o narrador ao descrever a confusão mental de Edgard enquanto vigiava a balsa:

virou na direção da voz e encostou-se ainda mais, talvez por pensar que a cinza madrugada não fosse bastante fechada para protegê-lo. Pronto, deixou o olhar correr da ponta da ilha até a curva vencida na manhã anterior, em busca de alguma coisa movendo-se, qualquer coisa que não fosse a água afastando-se rapidamente, ondulações prateadas aparecendo e sumindo nos redemoinhos. *Estão vindo pelo outro lado*, pensara, sem alívio ou remorso por ter escolhido aquela posição, à espera de um novo disparo, um outro tipo de berro, que substituísse aquele que continuava ativo em todos os ouvidos. Agora, quando um silêncio novo amplia-se sobre o susto e apenas o barulho dos peixes sobrepõe-se ao rumorejar do rio, ainda aguarda que a intuição comece a agir. No entanto, apenas a voz de Willy chega até ele, desapontada –

peixes; merda, são peixes (p.163.

Grifo do autor).

Como chuva, a água aparece ora como uma tentativa de diálogo (p.24); ora como elemento bom para a plantação (p.57); ora como elemento

ruim, que traz mais doenças (p.152), quando é demais prejudica a plantação (p.166) e causa enchentes (p.250 e 359).

O terceiro elemento: a terra. O professor Lauro Junkes afirma que “A terra pode ser até o componente humano-somático, desde que a Bíblia, simbolicamente ou não, coloca o homem como feito de barro, devendo ao barro voltar”.²⁵²

Conforme os pesquisadores franceses,

Simbolicamente, a terra opõe-se ao céu como o princípio passivo ao princípio ativo; o aspecto feminino ao aspecto masculino da manifestação; a obscuridade à luz. / Ela sustenta, enquanto o céu cobre. Todos os seres recebem dela o seu nascimento, pois é mulher e mãe, mas a terra é completamente submissa ao princípio ativo do Céu. O animal fêmea tem a natureza da terra. Positivamente, suas virtudes são doçura e submissão, firmeza calma e duradoura. Seria necessário acrescentar a humildade, etimologicamente ligada ao húmus, na direção do qual a terra se inclina e de que foi modelado o homem. / A terra simboliza a função maternal: *Tellus Mater*. Dá e rouba a vida. / A denominação de *Terra Santa* se aplica, para os judeus e os cristãos, à Palestina; correspondendo ao Paraíso terrestre. A isso podemos relacionar a *Terra prometida*, objetivo de uma busca que também é de ordem espiritual. / Paul Diel esboçou toda uma psicogeografia dos símbolos, em que a superfície plana da terra representa o homem como ser consciente; o mundo subterrâneo, com seus demônios e seus monstros ou divindades malevolentes, figura o subconsciente; os cumes mais elevados, mais próximos do céu, são a imagem do supraconsciente. Toda a terra se torna, assim, símbolo do consciente e de sua situação de conflito, símbolo do desejo terrestre e de suas possibilidades de sublimação e de perversão. É a arena dos conflitos da consciência no ser humano.²⁵³

Na trama narrativa o elemento terra traz várias significações. Primeiramente, a gênese do homem que, conforme diz a Bíblia, veio do barro, personificado na figura de Matheus:

²⁵² JUNKES, *O mito...* op. cit., p.188.

²⁵³ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.878-880.

E Matheus aproxima-se, fedendo tanto quanto a terra, parecendo emergir do próprio lodaçal, com o pedaço de peroba nas costas, arrastando os pés (p.121).

E para o barro retornará: “O corpo já está no chão” (p.450).

Depois, o fato de diversos grupos alemães terem abdicado de sua terra natal (devido aos problemas que estavam passando por lá) para se aventurarem num país desconhecido, não deixa de ser uma tentativa de melhorar de vida em um “Novo Mundo”.

Além disso, é da terra que os imigrantes tiravam o seu sustento, seja com frutas, com verduras ou com animais. Mesmo que muitos deles tivessem outras funções em sua terra natal (Helmuth era oleiro; Edgard, mestre-escola; Willy, ferreiro e Ottokar, seleiro), aqui tiveram que trabalhar como agricultores.²⁵⁴

O quarto e último elemento: o fogo. De acordo com o professor Lauro Junkes, “O fogo teria sido arrebatado aos deuses do céu pelo herói Prometeu e dado aos homens. A partir do fogo, que gera luz e calor, que destrói e produz, que constitui energia fundamental, deu-se todo o desenvolvimento humano. Ao mesmo tempo, e desde remotas eras, o fogo carrega-se de poderosos simbolismos”.²⁵⁵

Os pesquisadores franceses, ao investigarem a história do fogo, atestam que

A maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. *Agni*, *Indra* e *Surya* são os fogos dos mundos: terrestre, intermediário e celeste, isto é, o fogo comum, o raio e o Sol. Além disso existem outros dois fogos; o da penetração ou absorção (*Vaishvanara*) e o da destruição (outro aspecto do *Agni*). / Segundo o I-Ching, o fogo corresponde ao sul, à cor vermelha, ao verão e ao coração. Essa última relação, aliás, é

²⁵⁴ Ressalta-se que isso não perde o seu valor, à medida que, graças aos imigrantes – homens e mulheres – grande parte do interior catarinense foi desbravado e povoado.

²⁵⁵ JUNKES, *O mito...* op. cit., p.188.

constante, quer o fogo simbolize as paixões (principalmente o amor e a cólera), quer ele simbolize o espírito (o fogo do espírito, que é também o sopro) ou o conhecimento intuitivo. / A significação sexual do fogo está ligada, universalmente, à primeira das técnicas usadas para a obtenção do fogo: por meio da fricção, num movimento de vaivém – imagem do ato sexual. O fogo obtido por meio da fricção é considerado como o resultado (a progenitura) de uma união sexual. Assim como o Sol, pelos seus raios, o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um aspecto negativo: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra.²⁵⁶

No enredo de *Quadrilátero*, o elemento fogo, como os demais elementos, aparece com diversas significações.

É através das fogueiras que as personagens/imigrantes clareavam a noite, afugentavam o frio e faziam suas refeições. Tudo questão de sobrevivência. Matheus e Natália, enquanto fugiam da colônia, também usaram deste artifício.

os dias foram trocados pelas noites e, depois de sofrer o dia inteiro sob a dureza do sol, tiritava de frio, avivando fogueiras indecisas, sem capacidade para matar um simples peixe (p.354).

De pequenas fogueiras pula-se para grandes fogueiras: as queimadas na mata, com o fim de preparar o terreno para semear e plantar. Paradoxo: fecundidade e destruição (eterno recomeço). É o que se pode observar na seguinte passagem:

Primeiro é o penacho da fumaça, esguio, além do arvoredo imenso, subindo retamente para o céu e, depois de duas ou três voltas, o caminho abre-se numa clareira de quase meio hectare, exibindo – entre as marcas da queimada – um pasto pequeno e os restos da roça de milho e feijão (p.134).

²⁵⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.440-443.

A destruição pelo fogo também se observa “claramente” no incêndio da colônia Karlsburg pelos índios, matando a maioria dos imigrantes alemães com suas flechas incandescentes:

todas as casas estavam incendiadas, não havia mais choro ou gritos dos homens e das mulheres, só o lamento estava no ar, levitando na mesma fumaça que levava o sapé e os trapos em chama (p.321).

A significação sexual do fogo, ligada universalmente à imagem do ato sexual, é expressa nas relações ardentes entre Matheus e Natália e Matheus e Paula, que revela as paixões, como se pode perceber nas seguintes passagens:

[Natália] Sente quando alcança a borda da prateleira, a tábua comprimida contra a magreza de suas nádegas e fecha os olhos – por mais tempo que a memória conserve a capacidade de recordar, jamais esquecerá o momento, regravando-o em todas as oportunidades (p.243).

Quando chegou perto, Paula já estava em pé, no mesmo canto, arfante como ele e, agarrando-a pelas nádegas, Matheus começou a penetrá-la ali mesmo e, com uma fúria igual, ela facilitou a posse, rodeando a cintura magra com suas pernas arrepiadas de frio, enquanto – sem deixar de sustentar seu corpo – as mãos dele deslizavam, vagarosas, com a natureza de um animal cego, à procura de todas as suas grutas (p.330-331).

De acordo com a simbologia, que afirma que o fogo obtido por meio da fricção é considerado como o resultado (a progenitura) de uma união sexual, pode-se afirmar, talvez, que Lucas (filho de Matheus e Natália) e Edla (filha de Matheus e Paula) sejam “chamas vivas”.²⁵⁷

²⁵⁷ Como essas duas personagens aparecem pouco neste romance, quem sabe ainda se possa comprovar esta afirmação nas publicações subseqüentes dos livros da tetralogia, projeto do autor.

Por último, o fogo como símbolo da paixão. Matheus e Paula vivem uma louca paixão, divididos entre os dois pólos: o amor e a cólera, envolvidos numa trama de vingança, amor proibido e loucura. Teria sido sorte, destino ou maldição?²⁵⁸ O fato é que os dois se consomem no fogo da paixão. As palavras do narrador atestam essa idéia nos seguintes excertos:

agora, quer o relato mais adiantado, no tempo da loucura em comum e não circunscrito à paixão anterior, *aqui, houve paixão e amor, criados por ele mesmo, porque precisava de um sentimento igual para colocar no lugar do outro, ou ele – como eu – confundiu alucinação com amor, vai cismando* (p.320. Grifos do autor).

(e, enquanto o pensamento insistia na cisma solitária, a carne ainda sonhava com todas as loucuras daquilo que já era o passado da paixão) (p.418).

De acordo com o pensamento de Paula, depois de analisar o discurso de Matheus sobre sua fuga com Natália, comparando-o, ao mesmo tempo, com a sua história com o estranho homem:

é claro que existiu paixão; nele, porque só um desejo muito veemente poderia forçá-lo a fazer o que fez; nela, porque só uma força maior poderia levá-la a aceitar o gesto e todas as suas conseqüências, pois suas amarras eram muito mais fortes; a extrema dependência continua pode induzir ao amor; e foi o que aconteceu, a partir da hora em que a arrancou da choupana e da solidão para correr entre o fogo e a dor; mas não foi o amor que buscava e que pensou ter encontrado aqui, alimentado pelo ódio e pela loucura (p.336-337. Grifos do autor).

“Jules Griti atesta que símbolos fundamentais persistem no coração e na imaginação das pessoas, na mentalidade coletiva. Uma civilização [...] pode avivar a necessidade, a angústia, o apetite por signos que falem”.²⁵⁹ Note-se que no romance *Quadrilátero* os quatro elementos estão em

²⁵⁸ Sorte, destino ou maldição: elementos utilizados pela tragédia grega.

²⁵⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.22.

constante diálogo. Ora entre si (lama, lodo = água e terra; redemoinho, poeira = vento e terra; maresia = vento, água e terra; queimadas = terra e fogo), ora com as personagens.

De acordo com o poeta Fernando Karl,²⁶⁰

Do que é urdida a matéria? Fogo, ar, água e terra. Quem os adivinha? Este animal brilhante e impossível do espírito, também conhecido como homem. Animal que somos, com o luxo da imagem, o que nos resta senão respirar os últimos ventos do mundo? E se os últimos ventos pudessem ser capturados, o que diriam? Nada: matéria primordial de nossa seda e sede. Um nada à maneira de Bach, delicado e profundo.

Percebe-se que, apesar de não ser cientista nem filósofo, Adolfo Boos Júnior enriquece a narrativa com a inclusão dos quatro elementos fundamentais e suas explorações e revelações. Habilmente circunscreveu cada parte sob o nome de um dos quatro elementos primordiais, de acordo com os rumos das ações, os significados dos acontecimentos, os simbolismos desejados.

²⁶⁰ MELATTI, Sílvio. Sítio de cinco sentidos. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 17 dez. 1998. “Anexo”, p. C-3. Resenha sobre o livro *O silêncio atrás do branco*, de Alceu Bett e Fernando Karl.

6 – Uma simbiose entre seres humanos e animais

Zoomorfismo é um culto religioso que confere às divindades a forma de animais. Nesse sentido, existe a crença popular de que os homens podem transformar-se em animais. Nas artes em geral, e na literatura em particular (sobretudo na escola naturalista), há freqüentemente o emprego de formas, imagens e figurações de animais para caracterizar uma personagem.²⁶¹ No romance *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior, o complexo caráter de várias personagens abre espaço para sua aproximação com animais.

Esse interesse que o homem sempre sentiu pelo animal, considerando-o como materialização de seus próprios complexos psíquicos e simbólicos, é hoje em dia muito sensível na popularidade dos animais domésticos, sobretudo dos animais de estimação, que são adotados mais do que simplesmente criados.

A análise, neste capítulo, será baseada em dois livros “técnico-científicos” que abordam a questão do zoomorfismo. Um é o *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, dos pesquisadores franceses Jean Chevarlier e Alain Gheerbrant e, o outro, *O homem e seus símbolos*, do psicanalista Carl G. Jung.

No *Dicionário de símbolos* encontra-se a seguinte definição para o verbete “animal”:

O animal, em sua qualidade de arquétipo, representa as camadas profundas do inconsciente e do instinto. Os animais são símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais ou espirituais. [...] os Evangelistas são simbolizados por animais. [...] Dizem respeito aos três níveis do universo: inferno, terra, céu.²⁶²

²⁶¹ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.2910.

²⁶² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.57.

Com relação aos evangelistas, Carl Jung apresenta uma pequena figura em baixo relevo da Catedral de Chartres,²⁶³ em chamas, na qual aparecem três dos quatro evangelistas representados sob a forma de animais: o leão é Marcos; o boi, Lucas; a águia, João.²⁶⁴ A curiosidade em saber com qual bicho Mateus se pareceria tornou-se evidente. Mais adiante, Aniela Jaffé esclarece que o evangelista Mateus é representado como um homem ou um anjo.²⁶⁵ Confira suas idéias:

Mesmo no cristianismo, o simbolismo animal representa um papel surpreendentemente importante. Três dos evangelistas têm emblemas de animais: São Lucas, o boi; São Marcos, o leão, e São João, a águia. Apenas São Mateus é representado como um homem ou um anjo. O próprio Cristo aparece simbolicamente como o Cordeiro de Deus ou como o Peixe; é também a serpente, louvada na cruz, o leão, e, em alguns casos raros, um unicórnio. Estes atributos animais de Cristo indicam que mesmo o Filho de Deus (a personificação suprema do homem) não prescinde da sua natureza animal, do mesmo modo que da sua natureza espiritual. Considera-se tanto o subumano como o sobre-humano como partes do reino divino. Esta relação entre os dois aspectos do homem é admiravelmente simbolizada na imagem do nascimento de Cristo em um estábulo, entre animais.²⁶⁶

Nesse sentido, retoma-se, aqui, o fato de as casas dos imigrantes alemães da colônia fictícia Karlsburg serem simples, humildes, com animais dormindo dentro delas, como se a casa não passasse de um estábulo.

²⁶³ De acordo com a *Enciclopédia Mirador Internacional* (1995, p.2287), Chartres é uma cidade da França, situada na região central, às margens do Eure, sobre a extensa planície da Beauce. Sua catedral é considerada “ponto de partida e um dos mais magníficos exemplos da arquitetura do alto gótico, do séc. XIII, foi fundada pelo bispo Fulbert, que retomou a construção de uma primitiva catedral, provavelmente do séc. IV, destruída pelos normandos. Antes de terminada, foi destruída por um incêndio, sobrando apenas a fachada com as duas torres. [...] Os aspectos mais notáveis são as esculturas dos portais, especialmente o tríptico portal, chamado Portail Royal”.

²⁶⁴ JUNG, op. cit., p.20.

²⁶⁵ Em *Quadrilátero*, a personagem Matheus é um homem, mas está mais parecido com o diabo (cão) do que com um anjo.

²⁶⁶ JAFFÉ, Aniela. “O simbolismo nas artes plásticas”. In: JUNG, op. cit., p.238.

Seguindo o raciocínio de Jaffé, ficou clara a importância dos símbolos animais na vida humana. Conforme a autora,

A profusão de símbolos animais na religião e na arte de todos os tempos não acentua apenas a importância do símbolo: mostra também o quanto é vital para o homem integrar em sua vida o conteúdo psíquico do símbolo, isto é, o instinto. O animal em si não é bom nem mau; é parte da natureza e não pode desejar nada que a ela não pertença. Em outras palavras, ele obedece a seus instintos. Estes instintos por vezes nos parecem misteriosos, mas guardam correlação com a vida humana: o fundamento da natureza humana é o instinto.

Mas no homem, o “ser animal” (que é a sua psique instintual) pode tornar-se perigoso se não for reconhecido e integrado na vida do indivíduo. O homem é a única criatura capaz de controlar por vontade própria o instinto, mas é também o único capaz de reprimi-lo, distorcê-lo e feri-lo – e um animal, para usarmos de uma metáfora, quando ferido, atinge o auge da sua selvageria e periculosidade. Instintos reprimidos podem tomar conta de um homem, e, mesmo, destruí-lo.²⁶⁷

As personagens da narrativa ficcional *Quadrilátero* enveredam por esse caminho. São apresentadas pelo narrador como “selvagens”, seja para lutar pelo seu território, isto é, por um pedaço de terra, seja para controlar seus desejos e instintos, seja para seguir o seu destino.

Durante a(s) leitura(s) do romance, foram feitas diversas anotações relacionadas ao zoomorfismo. Serão apresentadas, então, as diversas relações entre homens e animais (e vice-versa) que Boos Júnior utilizou para caracterizar suas personagens. Primeiramente com o grupo de imigrantes alemães, tanto na viagem de balsa como no período da colônia, em Karlsburg; depois com os diversos imigrantes que vivem na capital, Desterro e, por fim, nas relações entre Matheus, Natália e Paula (as personagens principais).

²⁶⁷ JAFFÉ, In: JUNG, op. cit., p.238.

6.1 – Imigrantes alemães na colônia Karlsburg

Nesse romance, a fauna brasileira é representada por diversas espécies. Mosquitos, varejeiras, mutucas, garças, borboletas, peixes, papagaios, corças, bois, cachorros, porcos, galinhas... Na viagem de balsa, subindo o rio Itajaí-mirim, como uma recepção não muito agradável da natureza, os imigrantes alemães sentiram na pele o desafio que teriam que enfrentar na nova colônia. Ressaltam-se da narrativa duas passagens que expressam esses sentimentos, a partir do ponto de vista do narrador:

Sentem-se sujos, infelizes e contrafeitos e invejam as crianças, que ainda se divertem com o vôo das garças e das borboletas, o salto de um peixe no meio da correnteza (p.94).

Com o calor, desde o amanhecer até as primeiras sombras da noite, as varejeiras e as mutucas não cessam de atacar, depois, é a vez dos mosquitos e do medo, desde o primeiro pernoite, quando conversaram, cantaram e, antes do escurecer (rodeados daquilo que seria a semente de uma solidão muito maior), tentaram rir (p.96-97).

O grupo germânico (ou até mesmo a figura de cada um deles em particular) é comparado ao boi, ao gado. Todos são “estigmatizados” pelo ferrete do destino. Segue-se o ponto de vista do narrador. Primeiro, no período da quarentena, quando eles estão no galpão da companhia, o narrador apresenta a avaliação de Gertrud, ao observar a sua gente:

O próprio ar que respiram parece feito de indiferença e desconfiança e, marcando o início de uma curva descendente e inapelável, o desânimo começa a medrar entre eles. Irma está no fogão e Gertrud, suada e dolorida, junta-se a ela, com o pensamento encalhado na constrangedora sensação de sentir-se igual a uma rês, marcada e vigiada [...] Torna a pensar, *como gado*, observando a chegada das crianças, ensopadas de suor sob os chapéus de feltro, a roupa (imprópria para o clima) imunda de poeira, sabendo que – depois –

virão os homens, levemente embriagados, ostentando uma confiança postiça (p.104. Grifo do autor).

De acordo com o *Dicionário de Símbolos*, uma das simbologias do boi refere-se ao seu caráter desbravador: “[...] as lendas gaulesas testemunham a existência de bois primordiais [...]. O boi desempenharia nesse caso um papel análogo ao do **herói civilizador**”.²⁶⁸

Depois, na viagem de balsa, o narrador mostra a sua visão do grupo de imigrantes, concordando com o pensamento da personagem Gertrud:

De repente, os homens adquirem o olhar vitrificado de um boi extenuado; entretanto, continuam sua faina, o desespero mantendo a embarcação parada, quando a correnteza parece não permitir o seu avanço, enquanto os pulmões, o coração e alguma coisa além do próprio espírito procuram – numa concentração quase animal – mais uma parcela de alento (p.98).

Também no *Dicionário de Símbolos*, encontra-se a seguinte definição para o boi: “Ao contrário do touro, o boi é um símbolo da bondade, de calma, de força pacífica; de *capacidade de trabalho e de sacrifício*, escreve Devoucoux a propósito do boi da visão de Ezequiel e do Apocalipse”.²⁶⁹ Nesse sentido, o paralelo com a narrativa ficcional torna-se mais evidente, visto que os imigrantes, homens e mulheres, trabalharam com todas as suas forças, lutando por um mundo melhor, e, mesmo assim, a colônia Karlsburg teve um destino apocalíptico.

Ainda na viagem de balsa, Matheus julga a si próprio e aos demais como gado:

E prosseguem, desgovernados, de margem a margem [...] Obrigam-se ao ritual, dentro de uma nebulosa inquietação, na incerta fronteira do terror com a histeria e trazem em cada centímetro da pele, como os

²⁶⁸ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.138. Grifo dos autores.

²⁶⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.137. Grifos dos autores.

homens, todas as marcas deixadas pelo sol e pelos insetos. *Gado*, Matheus reconhece, *apavorado com o cheiro da própria morte, sem coragem ou instinto para mudar seu caminho* (p.187. Grifos do autor).

Os autores franceses atestam que “Entre os gregos, o boi é um animal sagrado. Muitas vezes é imolado em sacrifício: o termo ‘hecatombe’ designa um sacrifício de cem bois”.²⁷⁰ Na colônia Karlsburg, massacrada pelos índios – também uma hecatombe –, houve o sacrifício de muitos homens e mulheres, diversas vezes comparadas a bois. O que denota o sacrifício realizado pelos alemães para colonizar as terras brasileiras. (Muitos tiveram que morrer para que outros alemães – e outras pessoas de diversas nacionalidades, inclusive a brasileira – pudessem sair vencedores.)

Com o intuito de afastar o perigo e, ao mesmo tempo, ajudar o grupo a chegar na colônia – seja com suas rezas, seja pedindo misericórdia a Deus pelos sofrimentos que estão passando –, Gertrud e Irma, ao cantarem uma ladainha sem descanso, são comparadas a galinhas velhas.²⁷¹ Observem-se duas passagens da viagem de balsa. Na primeira, o narrador fala das duas únicas mulheres do pequeno grupo:

As mulheres não param de rezar e mesmo quando se agacham atrás da balsa, na beira de alguma praia ou no escorregadio final de um barranco, continuam zumbindo, a ladainha parecendo tão necessária à vida quanto o sangue apressado no coração cheio de sombras. Sentindo-se observadas, prestes a serem violentadas na frente dos maridos e dos filhos, aceleram sua litania e, sujas e condenadas, têm a aparência de velhas galinhas assustadas, pedindo uma clemência imprecisa, perdão por faltas que o próprio entendimento ignora (p.97-98).

De acordo com o *Dicionário de símbolos*, os turcos exigiam de um hábil chefe de exército as qualidades de dez animais, entre elas a castidade

²⁷⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.137.

da galinha.²⁷² A castidade – no sentido etimológico da palavra, que significa pureza de costumes, integridade²⁷³ – confere com a caracterização das personagens Gertrud e Irma da narrativa ficcional.²⁷⁴

Na segunda passagem, as atitudes de Gertrud reforçam suas características compatíveis com as de uma galinha velha. De acordo com o narrador:

o pior já passou
 – Gertrud murmura, sem qualquer confiança, da
 mesma forma como vai repetindo o que os homens dizem –
 à esquerda, à esquerda [...]
 – e nem mesmo sabe por
 que a manobra tem que ser assim, mas – no contracanto de suas
 orações – repete o comando, feito uma galinha velha, vigilante e quase
 agressiva (p.115).

Nesse sentido, encontra-se no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, em uma acepção de linguagem informal em Portugal, o vocábulo galinha como sinônimo de falta de sorte, de infelicidade. Gertrud e Irma, dessa forma, reforçam o destino trágico do grupo de imigrantes.

A incipiente colônia Karlsburg, no final do século XIX, contava com poucos animais, além de poucos imigrantes, como se pode perceber no seguinte excerto da carta (relatório) escrita pelo intérprete, a pedido dos imigrantes alemães, endereçada ao presidente da província:

A SITUAÇÃO EH MUITO DIFICIL, NOVE FAMILIAS
 REUNIRÃO-SE NO CAMINHO CHAMMADO STRASSE DER

²⁷¹ Como foi visto no capítulo 3 deste trabalho, com relação ao paralelo entre as ladainhas de Gertrud e Irma e a passagem bíblica do Cerco de Jericó.

²⁷² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.59.

²⁷³ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.647.

²⁷⁴ A partir dos meados do século XX, os valores da sociedade ocidental mudaram muito. Ser “galinha” passou a ter um significado pejorativo. De acordo com o Houaiss, “diz-se de ou indivíduo (mulher ou homem) que se dá a contatos voluptuosos ou que age publicamente sem freio moral”, assim como, “diz-se de ou indivíduo (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual” (HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.1420).

FREUDE, A OUTRA ESTÁ AFASTADA, ONDE MORAM ARNOLD APPEL E SUA MULHER NATALIA, E MAIS O TRABALHADOR DE ROÇA A JORNAL, MATHEUS BECKER. DAS TREIS VACAS QUE VIERÃO, UMA PARIU E MORREU E O BEZERRO MORREU TAMBÉM. VIERÃO TREIS CADELAS E HUM CACHORRO, DUAS DERÃO CRIAS E OS INDIOS E OS BICHOS ROUBARÃO OU MATARÃO QUASE TODAS ELLAS E O CACHORRO MORREU DE MORDIDA DE COBRA (p.147).

Na colônia, os imigrantes alemães criavam porcos para servir de alimentação e uma possível fonte de renda futura. Os índios gostavam de roubar animais dos imigrantes para sua sobrevivência. Até que um dia, um deles acabou sendo pego ao tentar roubar um leitão e foi morto com três tiros (de espingarda, pelas costas) por Ottokar, o “general de merda” (segundo a visão de sua esposa). Este fato acelerou o processo de destruição da colônia com o ataque incendiário provocado pelos índios.

No que diz respeito à relação entre Ottokar e sua esposa, seu matrimônio passava por uma crise, que desmoronava juntamente com os sonhos dos imigrantes alemães de um “Novo Mundo” no Brasil. O porco que Ottokar alimentava revela o seu estado de espírito, pois, de acordo com Jolande Jacobi, “o porco está intimamente associado com a baixa sexualidade (Circe, por exemplo, transformava em porcos os homens que a desejavam)”.²⁷⁵

Em contrapartida, segundo o *Dicionário de símbolos*, “em virtude de sua aparência próspera, que apreciam, os sino-vietnamitas fazem do porco um símbolo da abundância; a porca acompanhada dos bacurinhos adiciona à mesma idéia a de posteridade numerosa”.²⁷⁶ Paradoxalmente, esse signo atesta o esmorecimento dos sonhos dos imigrantes alemães de Karlsburg.

²⁷⁵ JACOBI, Símbolos... In: JUNG, op. cit. p.282.

²⁷⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.734.

O estopim da garrucha de Ottokar faz todos os imigrantes sentirem-se como uma boiada, passivos, marcados pela desgraça, à espera do dia em que irão todos para o matadouro. Observe-se a cena descrita pelo narrador:

– e o índio esgueira-se
pelos fundos do chiqueiro sabendo que o cachorro vai correr atrás
dele, o leitão esperneia em seus braços, mas ainda não corre,
mantendo-se num passo ligeiro, ainda que o grito se repita –
carga –

[...]

– e, no momento em que o índio é alcançado pelo cão, baixa a arma, mirando entre as espáduas do inimigo em retirada e atira.

O leitão foge do cachorro, mas Ottokar Müller não está interessado neles e tem certeza de que a mulher – embrulhada no cheiro de fezes, urina e feijão queimado – não se mexeu; sabe – também – que nas outras oito choupanas, todos se entreolharam, recebendo o terceiro estampido como um aviso mais forte, a pontada de medo renascendo em todas as virilhas, igual à faísca que percorre uma boiada, no instante imediatamente anterior ao estouro (p.248).

Com relação aos índios, a narrativa apresenta apenas a visão dos imigrantes: européia e colonialista, na qual os bugres são vistos como animais selvagens, primitivos e, por isso mesmo, perigosos. Os homens primitivos (por habitarem primeiro essas terras) do Brasil são vistos e tratados como bichos, por terem uma cultura muito diferente da cultura do branco europeu. A narrativa traz uma passagem que retrata essa idéia, no dia do massacre à colônia, sob o ponto de vista de Edgard, mas com as palavras do narrador:

[...] a hora do último instante de calma antes da noite, o momento exato em que os índios surgem, silenciosos, rápidos e esquivos. Em momento algum, mesmo nas narrativas dos caçadores, sequer imaginara a agilidade, a perfeita e silenciosa sincronização de movimentos, levando-o – ele que jamais pusera os olhos numa onça – a imaginar qualquer tipo de parentesco entre os vultos a sua frente e os felinos das histórias alheias. [...] Não escuta, mas sabe que estão vindo, encurtando a distância, envoltos e precedidos pela auréola de predadores (p.341).

A onça é a designação genérica de alguns felídeos de grande porte. O mesmo que leopardo-das-neves (*Phantera uncia*).²⁷⁷ A onça-parda vive nas três Américas, e seu *habitat* tanto pode ser as matas como os cerrados e os desertos. Alimenta-se de porcos, pássaros e peixes. De acordo com Luiz Roberto de Souza Queiroz, “para os tupis essa onça é a *suaçu-arana*, que quer dizer cor de veado. É essa última palavra que acabou se transformando na suçuarana, da língua portuguesa”.²⁷⁸ Conforme o *Dicionário de símbolos*, “o leopardo é o símbolo da altivez. [...] É também um animal caçador [...] e pode ser tomado, mais geralmente, como um símbolo da casta real e guerreira, sob seu aspecto agressivo. Simboliza a ferocidade, ao mesmo tempo que a habilidade e a força”.²⁷⁹

Nessa mesma fonte bibliográfica fica-se sabendo que

Os sacerdotes egípcios cobriam-se com uma pele de leopardo nas cerimônias fúnebres. Essa pele simbolizava o gênio de Set, o deus do mal, o inimigo, o adversário dos homens e dos deuses. Cobrir-se ridiculamente com ela significava que Set fora imolado, que o adversário estava **vencido** e que a pessoa trazia sobre si, ao mesmo tempo, a prova e a virtude mágica do sacrifício.²⁸⁰

Nesse sentido, busca-se a cena da chacina da colônia Karlsburg. Os bugres, encarados pelos imigrantes alemães como onças, vencem “os adversários” a fim de sacrificá-los.

Na colônia, durante a semana, Matheus trabalhava direto nas terras de Arnold. Aos domingos, enquanto este e Natália iam à igreja e ao armazém conversar com os outros imigrantes, Matheus preferia sair sozinho pela mata, para pescar ou caçar. Um dia, que teve sol e tempestade,

²⁷⁷ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p. 2063.

²⁷⁸ QUEIROZ, Luiz Roberto de Souza. *100 animais brasileiros publicados no Estadão*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997. p.34.

²⁷⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.544.

ele caçou um veado. Seguindo as pegadas do narrador, note-se a cena e o pensamento de Matheus:

Ainda não, continua pensando, *ainda não*, assistindo à penumbra mais adensada criar novas distâncias e profundidades e, no chão, a sua frente, a legião de carrapatos abandonar o corpo do veado, frio, sem sugerir – em qualquer grau – a emoção do coração descontrolado, quando – desavisados – um cruzara o caminho do outro. Levemente emergente do fundo amarelo das folhas mortas, o pêlo avermelhado parece refulgir na atmosfera leitosa e, para ele, o animal é uma amostra dos desvios do próprio destino (p.168. Grifos do autor).

De acordo com o *Dicionário de símbolos*, o cervo é um “animal consagrado na Antigüidade clássica à deusa Diana (Ártemis), a virgem caçadora. O cervo de ouro não é outro senão o próprio **Bodhisattva**, salvando os homens do desespero, acalmando suas paixões”.²⁸¹

Ao retornar a pé para casa, levando o veado nas costas, Matheus passa pelo povoado, pela *Strasse der Freude*, como atesta o narrador:

Vai transitando entre sons esparsos (um choro, um latido, um chamado sem resposta) e, acompanhando-o, tal qual sua própria sombra, vai a certeza de que só é preciso colocar a mochila no ombro. Quando ultrapassa a última casa, pela ausência da burra no arruado, conclui, *já voltou, já está em casa*, e então pára e troca a mão que segura o veado (p.177-178. Grifo do autor).

Nesse sentido, encontra-se mais um motivo para o ataque dos índios à colônia, pois o cervo também tem o seu lado nocivo. De acordo com o *Dicionário de símbolos*,

O cervo de ouro encontra-se nas lendas cambojanas, embora o caráter *solar* do animal nelas apareça sob um aspecto maléfico. Tal como acontece muitas vezes, o animal solar é relacionado com a **seca**; é preciso, para obter a chuva, *matar* o cervo, e esta é a finalidade da

²⁸⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., Grifo nosso.

²⁸¹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.224. Grifo dos autores.

dança do **trote** [...]. Noutras regiões, a isso acrescenta-se o fato de que a entrada de um cervo numa cidade seja anunciadora de incêndio e obrigue o povo a abandonar o lugar.²⁸²

O fato de Matheus ter caçado um veado nas proximidades da colônia e de ter passado por ela (para voltar para a casa de Arnold) a pé, com o animal abatido nas costas indicam a simbologia acima descrita. Apesar de não haver um zoomorfismo entre Matheus e o veado, acredita-se ser esta relação entre caça e caçador importante para a narrativa ficcional e, por isso, foi-se em busca de seu significado.

Ainda sobre a deusa da caça, o *Dicionário de mitologia greco-romana* afirma que Diana, uma das doze divindades do Olimpo, era uma

Deusa cruel e vingativa, atingia com suas flechas todos aqueles que a insultavam ou ousavam menosprezar sua mãe. [...] Atribuem-se-lhe mortes súbitas, bem como aquelas ocorridas durante o parto. [...] Na Táurida, Diana aparece como uma deusa cruel, à qual são sacrificados estrangeiros.²⁸³

Cruel e vingativo são características fortes de Matheus, que andava sempre armado, com a espingarda e o punhal, pronto para lutar.

6.2 – Imigrantes diversos em Desterro

Carioca (assim é chamado porque provém de outro estado brasileiro), o operário da destruição do cemitério, que queria roubar o velho (Matheus), mas que não passa de um covarde, é comparado a um animal intimidado e acovardado. O narrador apresenta essa metáfora diversas vezes no dia em que Carioca resolve agir e investir contra o velho. Ressalta-se da narrativa ficcional uma das passagens:

²⁸² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.224. Grifos dos autores.

Caído dentro da sarjeta, o Carioca desiste de chegar na frente e fica assistindo ao velho afastar-se cada vez mais, os redemoinhos caminhando com ele, protegendo seu cone de gelo, mantendo-o imune à ventania. Conformado, assegura-se, *vai levando tudo na mochila, o ouro, a lâmpada*, tudo, e – levantando-se vagarosamente – passa a acompanhá-lo de longe, como um cão acovardado seguiria outro mais feroz (p.447. Grifo do autor).²⁸⁴

O Espanhol da bodega, o imigrante castelhano que tem uma venda pobre no cais do porto, sente-se fracassado e amaldiçoado. Como se a pobreza e a solidão estivessem agarradas nele como um marisco. Acomoda-se com o pensamento de que na Bahia, junto com os irmãos, também seria pobre e infeliz. Através do narrador, percebe-se sua angústia:

[...] há um desgosto enorme em tudo o que pensa, na comida que come, na roupa que veste, na decadência que o desânimo aumenta. [...] imagina-se encurralado pelo próprio presente e não acredita mais na possibilidade de, em outro meio, ter vivido de forma diferente: também na Bahia, teria a pobreza e a solidão agarradas nele, como um marisco numa pedra (p.80).

Marisco é um animal marinho comestível, como os moluscos e os crustáceos. No verbete do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontra-se uma acepção informal, que diz “homem que navega por profissão; indivíduo que ama a vida marítima”.²⁸⁵ Nesse sentido, a metáfora utilizada para a personagem é apropriada, visto que Espanhol da bodega é um imigrante, isto é, veio da Espanha para o Brasil pelo mar; que possui uma venda no cais do porto e gosta de observar tanto os remadores²⁸⁶

²⁸³ DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.49.

²⁸⁴ A título de curiosidade, afirma-se que Boos Júnior é um especialista em cães, tendo sido, durante muitos anos, criador de cachorros das raças *dobermann* e pastor alemão.

²⁸⁵ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.1856.

²⁸⁶ “A prática do remo na capital do estado teve início em 1861, quando pequenos barcos faziam o transporte de carga e pessoas do continente para o cais da praça 15, bem como nas atividades desportivas de alunos da Escola de Aprendizes de Marinheiros.” – Menezes, Ana Cláudia. *Águas passadas: livro resgata a trajetória gloriosa do remo, esporte que até a segunda metade do século 20 foi o mais popular*

praticando o seu esporte como a empregada dos Müllen tomando banho de sol e mar.

Quanto aos empregados, todos encontrados na capital, são transformados em animais domesticados e fiéis, não oferecendo perigo aos seus patrões. Observe-se: dois (dos diversos) empregados de Paula, Jacobs e Ruth, são apresentados como o alazão que o cocheiro guiava, “animais perfeitamente condicionados” (p.39); Mina, a velha empregada do Espanhol da bodega, é encarada como “um cachorro doente, ainda demonstrando alguma serventia” (p.40); e a empregada dos Müllen, que o Espanhol gosta de observar, figura como um boto, ao ser descrita como “um bicho sinistro emergindo do mar” (p.78).

Provocado por Matheus, o Espanhol da bodega acabará brigando com o velho e matando-o com o facão do próprio alemão. De acordo com o *Dicionário de símbolos*, “a cinza de ostras ou de mariscos era usada muitas vezes na China como secante, principalmente em túmulos”.²⁸⁷ Espanhol da bodega “seca” a vida de Matheus, levando-o definitivamente para o cemitério.

Matheus, com seu espírito forte e guerreiro (independente de ser um anti-herói), não poderia deixar de morrer lutando. Em *O homem e seus símbolos*, Carl Jung afirma:

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um destes fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a

em Florianópolis. In: *Jornal A Notícia*. Joinville, 04 maio 2003. Anexo, p. C6. Resenha sobre o livro *Remando nas águas da história – as heróicas conquistas do remo de Santa Catarina – 1861 a 2002*, de Maury Dal Grande Borges, edição do autor, 2003.

²⁸⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.668.

dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim.²⁸⁸

6.3 – Relações zoomórficas com as personagens principais: Natália, Matheus e Paula

A zoomorfização encontra nessa narrativa o seu reverso. Os animais tomam a forma de seres humanos, seja em suas atitudes, seja em seus pensamentos, ou mesmo em suas características físicas.

Arnold, marido de Natália, passa o dia inteiro trabalhando em sua terra, teimoso em alcançar o seu sonho (campos de arroz e gado, ou uma serraria, ou ambos). É comparado fisicamente a um cachorro velho. As palavras do narrador confirmam essa idéia:

Os cabelos ralos, empastados de suor, são iguais à barba e um princípio de calvície alonga a testa; porém, no conjunto, o homem parece menor, grosso, não gordo e não disforme, mas grosso, como um cachorro velho (p.133).

A calvície revela o fato de Arnold ser um homem maduro. Indica, por um lado, que ele já tem uma certa idade (que não é apresentada na narrativa) e, por outro, que ele é um “homem feito”, isto é, sabe o que quer para si e vai à luta para consegui-lo.

Arnold tinha uma burra, sem nome, que servia de segurança para Natália e ajudava Arnold no trabalho com a terra. De acordo com o *Dicionário de símbolos*, “a jumenta, nesse caso, é símbolo de paz, de pobreza, de humildade, de paciência e de coragem”.²⁸⁹

Sob diversos aspectos, Natália era vista como a burra. Apesar de sentir medo e solidão, ou por isso mesmo, era acomodada, paciente e submissa. Ciente de suas obrigações como mulher e dona de casa, segue-as

²⁸⁸ JUNG, op. cit., p.85.

à risca. De qualquer maneira, havia uma espécie de doçura em seu jeito de ser (o que provavelmente cativou Matheus).

A solidão de Natália – que passa o dia isolada no meio do lote longe do povoado – aumenta o seu medo de um possível ataque, tanto de animais selvagens (onças, por exemplo) como de bugres e negros. Seu medo, ao mesmo tempo, atesta sua submissão ao marido. A atitude de estar sempre alerta a qualquer movimento ou som e a submissão ao marido fazem com que seja comparada à burra. O narrador revela os sentimentos da mulher de Arnold:

De novo, a agulha está paralisada no ar e o olhar perdido no canto da cozinha, onde – antes do puxado e à noite – a garupa da burra bailava inquieta; lá fora estão todos os ruídos da manhã que avança na direção do meio-dia, paus rangendo sob rajadas mais fortes, canto de pássaros exóticos e, nas pausas do vento e no súbito silêncio das aves, a certeza de mil vultos deslocando-se dentro da mata, cada vez mais próximos (p.241).

Segundo o *Dicionário de símbolos*,

A arte do Renascimento pintou diversos estados d’alma com os traços de um asno: o desencorajamento espiritual do monge, a depressão moral, a preguiça, o deleite melancólico, a estupidez, a incompetência, a teimosia, uma certa obediência um pouco tola.²⁹⁰

Além disso, os autores franceses afirmam que “o asno selvagem, o onagro, simboliza os ascetas do Deserto, os solitários”.²⁹¹ A depressão, a obediência submissa e a solidão são características marcantes de Natália.

Além da burra, Arnold tinha um cachorro, chamado Bimble, que fazia companhia e, de certa forma, protegia Natália durante o dia, preso

²⁸⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.95.

²⁹⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.94.

²⁹¹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.94.

junto a ela. Com a chegada de Matheus, o cachorro mostrou afeição por ele e Arnold disse que então o animal passava a ser dele. Nessas relações de poder e de afinidades, que perpassam o triângulo amoroso Arnold, Natália e Matheus, surge a figura do cão como “signo do apetite sensual, da sexualidade e, ao mesmo tempo, do ciúme”.²⁹²

O cachorro passou a seguir Matheus e a fazer-lhe companhia tanto em seu trabalho como em suas caçadas dominicais, podendo-se atribuir ao cão, dessa forma, a marca de animal guerreiro. Nesse sentido, o *Dicionário de símbolos*, apresenta o seguinte argumento: “[...] sabe-se que todos os celtas, tanto os insulares como os continentais, tiveram cães treinados para o combate à caça. Comparar um herói a um cão era algo de honroso, era render homenagem à sua bravura guerreira. Não existe qualquer conotação pejorativa”.²⁹³

A morte de Bimble, com suas dúvidas, ambigüidades e conseqüências, como visto no capítulo referente ao enredo da narrativa, revela o seu lado humano, na visão de Matheus. No dia da morte de Bimble, o narrador expressa o pensamento de Matheus sobre seu companheiro:

[...] tornou a subir o morro, desta vez com o andar aplicado de todas as manhãs, parecendo – como sempre – que o cão seguia a sua frente, companheiro e infatigável. Azuis, verdes, vorazes, as moscas já passeavam sobre o cadáver, sobre o pêlo sujo, buscando os orifícios do animal; porém, não parou para ver o esgar da morte arreganhando os beiços, o frio da raiva e do terror implantado no olhar, *exatamente como um homem*, verificou (p.267. Grifo do autor).²⁹⁴

²⁹² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.180.

²⁹³ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.179-180.

²⁹⁴ No final da narrativa ficcional, depois de sua morte, Matheus possui uma expressão no rosto, semelhante à expressão de Bimble. Carioca percebe no esgar da morte de Matheus os dentes amarelos do velho e acredita que o cadáver está rindo dele, aliás, de todos (p.450). Não se pode deixar de lembrar,

Ressalta-se do *Dicionário de símbolos* o pensamento que atesta a fidelidade do cachorro e o fato de o animal se parecer com o homem: “Segundo as tradições do Islã, [...] sua **fidelidade** é louvada: *Se um homem não tem irmãos, os cães são seus irmãos. O coração de um cão assemelha-se ao coração de seu amo*”.²⁹⁵

E mais adiante o narrador complementa as semelhanças entre animal e ser humano, de acordo com o ponto de vista de Matheus, expressando o amor do homem pelo animal, seu melhor amigo:

Com o facão cortou as flechas, deixando somente os tocos, espantando as moscas que se esgueiravam por entre o pêlo, procurando imaginar a agilidade e o calor onde – agora – só existiam o frio e a imobilidade, mas reagindo, *era só um cachorro*, observando carrapatos (transformados em coisas importantes, vagarosos e ordenados) abandonando o cadáver, ele próprio guardando na memória a boca arreganhada num ímpeto de valentia ou de dor, restos de fezes secando nos pêlos do rabo, como o último sinal de fraqueza e – também – de afinidade com o homem (p.268. Grifos do autor).

À hipótese de o próprio Matheus ter matado Bimble (para retirar a pequena segurança de Natália e fazê-la decidir-se por segui-lo) junta-se o fato de, logo em seguida à morte do animal, a colônia Karlsburg ter sido destruída pelos índios, como se fosse a realização de uma profecia [ou de uma maldição]. O *Dicionário de símbolos* revela que, “segundo uma tradição do Profeta, [...] quem mata um cão torna-se impuro; diz-se ser tão grave quanto matar sete homens; acredita-se que o cão tenha sete vidas”.²⁹⁶

Matheus, trabalhador de roça a jornal, também chega a ser comparado à burra. Sua teimosia asinina o faz viver. Trabalhando ao lado

aqui, a morte da cachorra Baleia, personagem de Graciliano Ramos em *Vidas secas*. Neste romance, o o ser humano também é encarado como animal.

²⁹⁵ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.180. Grifos dos autores.

²⁹⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.180.

de Arnold para arar a terra, Matheus é observado pela própria burra, como se pode perceber na voz do narrador:

Com o olhar alerta, rodopiando as orelhas, espantando as moscas e tentando captar o sibilar da vara, a burra sabe que – com o som e o gesto – virá a dor e, ainda que seus suores sejam idênticos, coberto de lodo como ela, a superioridade do homem está concentrada na vara, porém (brutal, persistente e obtuso), nunca foi tão parecido com ela. Matheus grita –
já (p.121).

A comparação de Matheus com a burra reforça a idéia de que o temperamento dele é obscuro. “Se o asno é para nós o símbolo da ignorância, trata-se apenas do caso particular e secundário de um conceito mais geral que o considera, quase universalmente, como o emblema da obscuridade e até mesmo das tendências satânicas”,²⁹⁷ atestam os autores franceses Chevalier e Gheerbrant.

Matheus, com sua dificuldade (ou seria por vontade própria?) de comunicar-se, era considerado pelas demais personagens como um “estranho”, um “cone de gelo” que, frio e calculista como um “bandido”, seria capaz das maiores atrocidades. Note-se que a obscuridade, de acordo com o filólogo Houaiss,²⁹⁸ refere-se à condição de uma pessoa que é desconhecida, ignorada e, também, a ausência de celebridade, de glória – o que evidencia a figura de Matheus como um “vencido”.

Matheus queria fugir com Natália de Karlsburg. Ela resistia, por sentir-se culpada pelo adultério, com remorsos e com medo da reação de Arnold. Sua teimosia asinina torna-se um obstáculo para Matheus realizar os seus planos.

²⁹⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.93.

²⁹⁸ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.2044.

A chacina patrocinada pelos índios, logo depois do incidente em que Ottokar matou um bugre, destruindo a colônia, fez com que a decisão de Matheus de fugir com Natália não fosse mais postergada. Durante a fuga, eles encontraram, em duas situações semelhantes, dois animais que os auxiliaram a chegar em algum local com pessoas que pudessem ajudá-los de alguma forma.

A primeira situação vem logo no início da fuga da colônia. Um dos cachorros do velho da tapera encontra-os estirados no chão: exaustos de tanto caminhar pela mata e perdidos. Fica-se sabendo desse acontecimento através do relato de Matheus para Paula, anos mais tarde do ocorrido. Segundo a personagem:

quando acordei, a tarde estava no fim; ainda não se ouviam os sons da noite, mas a luz já caía obliquamente, alongando nossas sombras, perdendo-as no matagal; e o cachorro estava bem na minha frente, no meio do picadão, nem amistoso e nem agressivo, simplesmente curioso, esperando que aqueles animais estranhos acordassem; quando sentiu meu despertar, virou-se e começou a trotar; *estamos perto*, falei, levantando-a, arrancando-a de dentro do pranto agônico gerado pela dor, pelo arrependimento ou somente pelo cansaço (p.334. Grifo do autor).

O cão, dessa forma, reveste-se com “a sua primeira função mítica, universalmente atestada, a de psicopompo, isto é, guia do homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida”.²⁹⁹

Para se entender melhor esta função do cachorro, encontra-se no *Dicionário de símbolos* a lenda sobre a criação deste animal e sua relação com o homem. Conforme os escritores franceses:

Para alguns tártaros, Deus, no momento da criação, confiou o homem à guarda do cão, a fim de que ele o preservasse dos encontros

²⁹⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.176.

com o diabo. Mas o cão deixou-se avassalar pelo *inimigo* e, por causa disso, tornou-se o responsável pela queda do homem. [...] Todas [variedades desse tema] têm este importante detalhe em comum: o cão, primitivamente *nu*, recebe seu pêlo lanudo do diabo, em pagamento de sua traição. Assim, a traição do cão materializa-se através de seu pêlo; e faz com que o cão, em virtude dessa intermediação, vá se tornando, pouco a pouco, o animal impuro, intocável; mais ainda, essa traição é também a causadora entre os homens das enfermidades, das *impurezas internas* que provêm, assim como o pêlo do cão, da saliva do diabo. E é assim que o cão se torna responsável pela morte dos homens, consequência final dessas calamidades, dessas *sujidades e salivações*.³⁰⁰

Novamente Matheus se vê, assim como vê a Natália, como um boi, só que dessa vez caminhando em direção ao “matadouro”. (Pelo visto ele não queria morrer ali na mata, sem antes ter lutado para chegar a algum povoado, mesmo que lá fosse descoberta a sua fuga e todo o seu passado de crimes. Não queria reconhecer que era um “vencido” na vida. Lutava contra o seu destino.) De acordo com a fala de Matheus:

o cachorro seguia na frente, parando e olhando para trás, toda vez que uma queda ou um declive nos retardava; não sei quanto tempo trotei atrás dele; não sei, porque – para nós – aquilo não era caminhar ou correr: era somente o trote de duas reses cansadas seguindo um cão, mesmo que fosse na direção do matadouro (p.335).

Seguindo o cão, Matheus e Natália chegaram até onde estava o velho da tapera, de quem roubaram uma canoa e desceram o rio Itajaí-mirim:

estava quase anoitecendo quando alcançamos a praia, com o cachorro sempre adiante de nós os mesmos dez metros e, na chegada, saudado pelo outro cão, também magro e mal-tratado, ambos abanando as caudas peladas, sem qualquer latido, como se – mais do que nós – soubessem o valor do silêncio; e, dentro do mesmo silêncio, nem hostil e nem amistoso, o velho apareceu naquilo que deveria ser a porta da tapera,

³⁰⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.181. Grifos dos autores.

muito mais tapera do que qualquer um dos casebres da colônia (p.338).

O velho da tapera, morando sozinho na praia, juntamente com seus dois cachorros, acaba por transformar-se em um cão. O pouco contato com os seres humanos (brancos, negros ou índios), que ainda mantém, não lhe tira as características “caninas”. De acordo com o narrador:

Sentados, ficam aguardando que as chamas diminuam e, só depois de um longo intervalo, a voz do velho – tão baixa e rouca que mais parece um rosnado, um ronco surdo de um bicho manso e nunca contrariado, como se – depois daqueles anos todos – ele já tivesse perdido o dom da fala – torna a se ouvir, *peixe é bom, mas enjoa, cachorro, e quando a balsa chegar, no mês que vem, em Brusque, a gente compra mais munição* (p.360. Grifos do autor).

A segunda situação em que Matheus e Natália são ajudados por um animal diz respeito à burra do casal de negros que os encontra na mata, quando eles já haviam abandonado a canoa. A burra não estava sozinha, estava com o negro, mas, com Natália em suas costas, a burra os ajudou na difícil caminhada. Mais uma vez aproveitam-se as palavras de Matheus, ao relatar a sua história para Paula, anos depois do ocorrido:

[...] andávamos pouco e, feito um animal velho e condenado, carregava Natália nas costas, trotando na escuridão, tropeçando e caindo, seguindo um caminho instintivo, sem um objetivo claro, a não ser me afastar mais e mais da vila; e caminhávamos, cada vez mais temerosos, mais fracos, como leprosos, exatamente como leprosos

– quando, sempre dentro do mesmo processo doloroso, emergiu do pesadelo, o negro estava curvado sobre ele, diretamente entre ele e o olhar vitrificado da burra e, na metade do caminho entre o sonho e a realidade, quase acreditou que as orelhas espantadas pertenciam ao homem –

colocamos Natália sobre a burra e começamos a andar, dentro da manhã quente (p.370).

Dessa vez Matheus não se compara a um boi. Novamente, no entanto, sente-se aliviado por encontrar alguém que possa ajudá-los, satisfeito, diria-se, por continuar vivo, mesmo que pudessem ser presos pelas autoridades (da companhia ou da província). O narrador atesta esta idéia:

[...] de qualquer maneira, a presença dele e do animal era quase uma certeza de comida quente e teto e, talvez, alguma palha para forrar um chão, mesmo que fosse o chão de uma cadeia (p.370-371).

Matheus e Natália, depois de uma longa temporada na casa dos negros, sarando de suas feridas e armazenando forças para continuarem a fuga, chegam a Desterro, como foi visto, com os nomes falsos de Johannes e Catarina, e são contratados por Rudolf von Henning, para trabalharem em sua chácara.

Rudolf, um rico empresário, fino, bem-educado por uma família tradicional, não é retratado com características animais (selvagens, primitivas), até porque isso iria contra o seu comportamento e seus pensamentos.

Sua mulher, Paula, no entanto, é transformada em diversos animais ao longo da narrativa. Seja como uma cadela de raça pastor alemão, seja como aranha, seja como uma égua, o fato é que todos esses zoomorfismos revelam o temperamento irrequieto e indócil de Paula, bem como sua instintiva compulsão sexual. E cada um traz uma particularidade de sua mente.

Como foi visto em outras passagens desta tese, Paula sentia-se abandonada pelo marido e até como um objeto de sua propriedade, que ele usava quando e como lhe convinha (segundo a visão de Paula), chegando a

comparar sua relação com Rudolf com a dos pastores alemães (p.219) que vigiam a chácara (e ela!).

Determinada, fria e calculista (como uma jogadora), ela planeja vingar-se de Rudolf. Quer que ele se arrependa de tê-la deixado sozinha, ao mesmo tempo que quer demonstrar força (ela não queria a presença de Johannes e Catarina na chácara) e começa a arquitetar um plano: levantar a dúvida em Rudolf sobre um possível relacionamento dela com o jardineiro Johannes.

Nesse projeto de vingança, Paula é comparada a uma aranha,³⁰¹ que tece vagarosamente os fios de sua teia, perfeita e resistente. Para tanto, utiliza-se, sem escrúpulos, de qualquer objeto, pessoa ou acontecimento que possa auxiliá-la no desempenho favorável de seu plano, como a morte de Catarina no parto (que não foi socorrida a tempo, devido às ordens de Paula para não chamar a parteira, a fim de que Johannes fosse embora logo da chácara) e a interceptação da carta endereçada a Rudolf, de Martin Weber, da Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy, como se pode perceber na voz do narrador:

E abriu primeiro aquela [...]; abriu, porque uma outra mão comandava a sua, armada com uma tesoura, para (como, mais tarde, ela reconhecera) dar feições definitivas à desforra. À medida que o olhar desvendava a letra miúda, toda a brutalidade do episódio (antes de provocar qualquer outro sentimento) obrigava-a unicamente a efetuar cálculos, recapitular datas, como se cada linha fosse o complemento do imaginário quebra-cabeça. Ficou muito tempo com o papel nas mãos, relendo-o, sempre calculando e lembrando, sentindo a mão

³⁰¹ A lenda da Aracne vem da mitologia grega. Ressaltam-se aqui duas versões retiradas do *Dicionário de mitologia greco-romana* (op. cit., p.12): “ARACNE – Filha de Idmão. Em Cólofon, onde vivia, era famosa por sua habilidade na arte de tecer e bordar. Confeccionava tapeçarias tão belas que as próprias Ninfas iam contemplá-las. Tendo-se vangloriado de serem seus trabalhos superiores aos de Minerva, esta desafiou-a para uma disputa. Aracne elaborou uma tapeçaria contando os amores dos deuses, enquanto Minerva retratou os feitos valorosos dos seres olímpicos e dos heróis. Irritada com a obra da mortal, a deusa matou-a. Segundo outra versão, ao final da disputa, Aracne tentou enforcar-se, e Minerva transformou-a em aranha, destinada a fiar e a tecer por toda a eternidade”.

invisível a empurrá-la para o centro da teia, onde deveria aguardar (p.236).

De acordo com o *Dicionário de símbolos*, diversas são as simbologias da aranha e pode-se perceber em Paula, personagem de Boos Júnior, algumas dessas características aracnídeas. O estudo francês revela, entre outras coisas, que

Tecelã da realidade, ela é, portanto, senhora do destino, o que explica sua *função divinatória*, tão amplamente atestada ao largo do mundo [...]. A aranha torna-se, às vezes, símbolo da alma ou um animal psicopompo.³⁰²

Paula não se utilizou apenas de Matheus para colocar em prática o seu plano de vingança. Ela usou todos os artifícios necessários além de todas as pessoas de seu convívio familiar, como atesta o narrador:

Enquanto manteve contido todo o ímpeto interior, o entendimento armou o resto da trama, lenta e laboriosamente, com a diligente exatidão de uma aranha, usando os dias, os empregados e o próprio marido (p.345).

Ela também se utilizou do marido quando lhe encaminhou uma carta “anônima”, que ela mesma escrevera com a sua mão esquerda para disfarçar a letra, falando sobre o adultério dela com o jardineiro Johannes. Mesmo assim Johannes/Matheus não foi embora da chácara, como ela queria.

Com a morte de Rudolf, que para todos fora um acidente, mas que ela sabia ter sido obra de Matheus, Paula sente-se cada vez mais firme e resistente na teia armada por ela. Sente-se impune e segura na sua chácara, com seu passado e seu plano de vingança intactos, e não pretende mudar

³⁰² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.71-72. Grifos do autores.

essa situação por nada nem por ninguém, nem mesmo por Matheus. O narrador confirma seu pensamento:

Depois da série de providências inevitáveis e dos meses de luto fechado, o desejo cresceu acima do medo e quase superou a cautela; entretanto, ela se represou feito uma aranha provando a inexpugnabilidade da teia, libertando-se somente à noite, quando descia as escadas, na espera inútil (p.363).

O destino, no entanto, parece tecer uma teia conjunta à de Paula, mudando alguns de seus propósitos. Em diversas passagens da narrativa (cf. p.407;408;415;421;426 e 429), em que Paula conta o seu passado à filha Edla, Paula confessa que “metade eu tramei, a outra aconteceu por força do destino”. Se por um lado é uma concepção conformista de Paula, por outro, mostra sua audácia em colocar a culpa no destino, redimindo-se de todos os seus atos e omissões, certa de sua impunidade. Ressalta-se da narrativa ficcional uma passagem que atesta essas idéias:

e, mais uma vez, as coisas aconteceram de um jeito que ninguém poderia conceber; é por isso que posso dizer: metade eu tramei, a outra aconteceu por força do destino; Arthur morreu no último dia do ano, quase duas semanas depois do noivado, fazendo o inventário da loja; derrame, disseram os médicos e todos choraram a viúva infeliz, praticamente viúva duas vezes; e ali estava a oportunidade para a viagem [...] novamente a mão do destino interveio e fiquei sabendo que existe um deus para cada coisa e para tudo, até mesmo para a loucura (p.421).

Com a morte de Rudolf e depois a de Arthur, Paula viaja para a Alemanha, com a desculpa de espairecer, mas, no fundo, pretende esconder uma gravidez indesejada (ela esperava Edla, filha de Matheus). Retorna três anos depois, a pedido da cunhada. Desconfia de uma armadilha, querem acusá-la das mortes e prendê-la. Mais uma vez a imagem da teia e da aranha, como se pode observar através do narrador:

– o

coração guardou o júbilo e o sobressalto, *é uma armadilha, é uma cilada*, lendo a carta da cunhada comunicando a repentina morte do delegado, *do mesmo mal que levou o nosso Arthur*, ainda com o relatório inconcluso, recomeçado por outro e arquivado por falta de provas. *Uma armadilha, uma armadilha*, insistia na certeza, cruel consigo mesma, à espera da lei, segura de que alguém tramara mais longe, a cunhada, o delegado, Martha, Max, qualquer pessoa fornecendo a informação decisiva e ela desarmasse o espírito e ficasse presa na própria teia, qualquer pessoa, menos ele (p.422-423. Grifos do autor).

Paula parece julgar as pessoas por si mesma, como se todas fossem aranhas a tecerem armadilhas para suas presas, como se todas fossem capazes de cometer os crimes que ela permitiu que acontecessem. Ou, ciente de seus pecados, tem medo de ser castigada pela justiça dos homens. Mas, de qualquer maneira, ela defende Matheus, ou melhor, isenta Matheus de culpa dessa possível armadilha. Encontra-se um significado para as suas atitudes ao deparar-se com os estudos de Chevalier e Gheerbrant. Segundo eles, “Para o psicanalista, entretanto, essa interioridade evocada pela aranha ameaçadora no centro de sua teia *é um excelente símbolo da introversão e do narcisismo, a absorção do ser pelo seu próprio centro*”.³⁰³ Vaidosa e mimada, Paula era introvertida e pensava somente em si mesma. Para ela, as outras pessoas existiam apenas para servi-la, sempre, aos seus caprichos. Desde a mãe e a tia até o marido e o amante, passando pelos empregados.

O caráter ambíguo de Paula é revelado nos animais com os quais ela se identifica. Da astuciosa aranha passa-se para a indócil égua. O temperamento de Paula assemelha-se ao de uma égua. Na chácara, entre os cavalos que serviam de veículo para Rudolf e Paula, havia uma égua

³⁰³ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.72. Grifo dos autores.

indócil, indomável, arisca. As características do animal identificam-se com as de Paula.³⁰⁴

A égua não suportava a presença de Matheus, como se sentisse o perigo que este apresentava para os seus donos, ou então como se visse nele um animal forte e impetuoso, que pudesse subjugar-la. Apenas ao sentir o seu cheiro, o animal já relinchava sem parar, como atesta o narrador na passagem em que os empregados de Paula estão reunidos:

E descem [Johannes e Catarina], escutando as reclamações de Max e, através da porta fechada, a revolta da égua, homem e animal sem se verem e, contudo, odiando-se até o extremo de suas capacidades, os coices enchendo o estábulo de violência, acima e muito além do entendimento do velho e de Catarina (p.214).

Da mesma forma, Paula pressentia o perigo que Johannes/Matheus poderia causar, como será visto no capítulo seguinte referente aos sentidos, em especial ao olfato e seus cheiros. E, depois, Paula não queria ser “domesticada” por Matheus, ser submissa ao seu amor (como a égua não se submete à domesticação). Ela buscava, no entanto, o prazer carnal que Matheus lhe proporcionava, apesar do nitrido de alerta da égua (como se fosse um sinal de sua própria mente), conforme se percebe através do olhar do narrador:

³⁰⁴ A imagem da mulher como uma égua está em voga atualmente devido às letras de música. “Os amores do *funk* e do *rap* são brutos. Eles já falaram de mulheres que gostam de apanhar e, agora, rebaixaram a imagem feminina à de uma égua, no *funk* ‘Égüinha Pocotó’, um sucesso retumbante [...] em execuções nas rádios. O autor, MC Serginho, DJ da rádio comunitária da favela do Jacarezinho [RJ], é o mesmo do proibidão ‘Vai, Serginho’, cuja letra é cantada com obscenidades nos bailes. [...] Mas, ao som da música, as meninas dançam com passos que imitam trotes e ninguém parece se importar de fugir completamente dos padrões convencionais.” MARINHO, Antônio et al. “Amores brutos”. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 30 mar. 2003. Suplemento “Jornal da Família”, p.1-2. Na mesma reportagem, os jornalistas citam a análise do psicólogo Carlos Eduardo de Souza, da equipe da Unipsico-Rio, sobre os amores possessivos: “o apelo das músicas depreciativas e ofensivas, de conteúdo e enfoque oportunista como a ‘Égüinha Pocotó’, sustenta-se na idéia de domínio fácil, da conquista pela força, pela submissão, sem empenho e sem esforço. É uma visão das emoções e dos desejos femininos que incentiva a satisfação de

– envolta

somente pelo quase nada da camisola, com toda a frieza da noite aliada à trêmula ansiedade e ao confrangido coração, galgou degrau por degrau, tão tensa que seus dedos custavam a deslizar pelo corrimão, seguida implacavelmente pelo raivoso bufar da égua (p.371).

Matheus não era indiferente aos nitridos da égua ou à irritação e astúcia de Paula, como se poderia imaginar. Paciente (ou seria acomodado?), aguardava um sinal do destino para tomar uma atitude. Através dos atos da personagem, o narrador revela o pensamento de Matheus:

– o quarto ainda guardava o perfume e a camisola provava a passagem do corpo pela cama, desfazendo o desejo de que tudo fora um sonho [...] Ele próprio já guardara os cães, tornara a passar pelas cocheiras, enfrentando a permanente inquietação da égua e – contudo – não se deitara, enredado numa exaltação quase sem júbilo, cheia de pressentimentos (p.378).

Depois da morte de Rudolf, Paula resolve se desfazer da égua, para o animal não atrapalhar sua relação com Matheus, chamando a atenção dos demais criados. Manda o cocheiro vendê-la, porque é muito arisca. (Estaria Paula começando a se deixar dominar por Matheus?) As palavras do narrador e o diálogo das personagens atestam esta idéia:

Com a renovação de todas as loucuras, a intuição alimentou a esperança de que o sentimento fosse finalmente admitido e a palavra “amor”, que ambos consideravam proibida, pudesse ser liberada sem o risco de ser repudiada e, por isso, aguardou a chegada da noite, sem conseguir afastar Natália da lembrança, inarredável como uma sombra. De repente, a decisão estava tomada e mandou Helga chamar o cocheiro –

Max, vamos vender a égua

– e deixou que a compreensão do
velho ficasse remoendo a ordem, até a mente arquitetar a concordância
de costume –

Frau, muito bom mesmo

vendê-la

por quanto, Frau

égua chucra

também não sei, Frau

der, venda logo

– e o velho, já começando a transpor a porta do
varandão, fez o último comentário –

é melhor; ainda vai matar alguém

– o
pensamento dela completando, *talvez ele mesmo* (p.379-380. Grifo do
autor).

A morte de Helga, assassinada por Matheus com um golpe certo, mantém em seu rosto o espanto e o horror de tê-lo visto com a patroa, de madrugada, juntos. Sem titubear, Matheus leva o corpo de Helga para a égua pisoteá-la e desfigurar o seu rosto, passando, dessa forma, a culpa de seu crime para o animal. Ao mesmo tempo que a égua aproveita a oportunidade para descarregar o seu ódio por Matheus no corpo da empregada, o animal demonstra a sua cumplicidade com Matheus em seus atos nefastos, mais uma vez revelando a sua semelhança com Paula (cf. p.397-401). Nesse sentido, destaca-se um dos significados implícitos na figura de um cavalo: “Clarividente, acostumado com as trevas, o cavalo exerce funções de guia e de intercessor; numa palavra: de psicopompo”.³⁰⁵

A égua, como testemunha dos crimes de Matheus, passa a ser o obstáculo maior para manter sua relação com Paula. Antes que Max a venda, Matheus mata o animal com uma espingarda, com um único tiro,

³⁰⁵ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.203.

deixando Paula ainda mais inquieta. O narrador descreve a cena e revela os sentimentos de Paula:

Através do arvoredado, avista apenas o canto mais distante do triângulo formado pelo encontro das duas cercas e o ribeirão e, nele, acuada, sem soltar seu furioso relinchar, a égua escava o chão³⁰⁶ e, de onde está, não é possível captar os sons, levados pelo nordeste para o lado oposto, mas não ignora o olhar vitrificado, o medo e a selvageria lutando entre si, dentro do animal, assim como sabe da lenta aproximação de Matheus, ainda oculto pela casa, com a espingarda na mão. O vento leva o estampido como levou as palavras e ela só percebe o tiro quando a égua desmorona por inteiro, repentina e silenciosamente, como se tivesse as patas cortadas de uma só vez. Fazendo do animal sua última testemunha, esperava sentir um rápido alívio, mas – o rumor dos homens abrindo a cova, a conversa ininteligível alcançando sua audição com a sugestão do surdo murmúrio de um velório – somente sentiu crescer sua inquietação (p.432).

Paula parece pressentir novamente o perigo. Deve cuidar-se ao máximo, ser mais forte do que Matheus, para não ser a sua próxima vítima.

Quase três décadas depois, quando Paula está mais velha, distante de Matheus, ela sonha com uma égua e dois homens. É o inconsciente dela retomando o seu passado, não a deixando esquecer (será que ela quer esquecer?) suas paixões e loucuras, revivendo cada uma delas.

No sonho de Paula (p.18-19), uma mulher está nua e diz ao homem de fivela dourada que ele está morto. O outro está indiferente. O homem da fivela põe a égua (que está no cio) entre eles para o animal pisotear a mulher. Chuva. Uma interpretação possível: Paula entre Rudolf e Matheus.

Nesse sentido, os dois animais que mais se parecem com Paula, a aranha e a égua, se sobreporiam. Seria como se Paula caísse na própria teia, e provasse do seu veneno, ao ser pisoteada pela égua. Seriam os dois

³⁰⁶ O cavalo também é visto como uma divindade das águas. “Ao participar do *segredo* das águas fertilizantes, o cavalo conhece o caminho subterrâneo por elas percorrido; e isso explica que, desde a

homens, que um dia ela julgara amar, unindo-se para acabar com o seu poder. Domesticando-a. Subjugando-a.

Chevalier e Gheerbrant, com relação ao cavalo, falam, entre outras coisas, que ora ele é “o símbolo da *impetuosidade do desejo*, da **Juventude** do homem, com tudo o que ela contém de ardor, de fecundidade”,³⁰⁷ ora é o “símbolo de sagacidade e de beleza formal”,³⁰⁸ ora os cavalos sintetizam “os símbolos dos sentidos atrelados ao carro do espírito, e que o arrastam ao sabor de seus desejos, a menos que sejam guiados pelo *self*, que é o *senhor do carro*”.³⁰⁹

Segundo o psicanalista Carl Jung,

Uma história narrada pelo nosso espírito consciente tem início, meio e fim; tal não acontece com o sonho. Suas dimensões de espaço e tempo são diferentes. Para entendê-lo é necessário examiná-lo sob todos os seus aspectos – exatamente como quando tomamos um objetivo [sic] desconhecido nas mãos e o viramos e reviramos até nos familiarizarmos com cada detalhe.³¹⁰

Nesse sentido, percebe-se a narrativa *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior. Enquanto algumas personagens narram seus sonhos, outras os revivem a todo instante, sejam bons ou maus. Com isso, a narrativa se fragmenta e sabe-se de sua história através de relatos de Matheus e Paula, de lembranças da maioria das personagens, de pontos de vista parciais, dependendo do olhar e do sentimento de cada um.

Retorne-se ao sonho de Paula e a sua função na narrativa ficcional. Para tanto, sua análise será baseada no livro *O homem e seus símbolos*, de Carl Jung, em que o sonho (em geral) é estudado sob diversos aspectos.

Europa até o Extremo Oriente, se acredite que ele tenha o dom de fazer brotarem fontes com a pancada de seu casco” (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.208).

³⁰⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.209. Grifo dos autores.

³⁰⁸ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.210.

³⁰⁹ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.210. Grifos dos autores.

Um dos pontos fundamentais observados por Jung refere-se à “individualidade”, isto é, de cada sonho, pois, “nenhum símbolo onírico pode ser separado da pessoa que o sonhou, assim como não existem interpretações definidas e específicas para qualquer sonho”.³¹¹ O que Paula sonhou refere-se à sua vida, à sua história. Mesmo que Natália, ou Helga, ou Gertrud sonhassem com cavalos e homens, para cada uma delas haveria um significado especial, diferente, individual.

No que diz respeito ao sonho de Paula, para M.-L. von Franz, “cavalos selvagens simbolizam, inúmeras vezes, impulsos instintivos incontroláveis que podem emergir do inconsciente – e que muitas pessoas tentam reprimir”.³¹²

Nesse sentido, observa-se a importância do estudo da mitologia para o entendimento das relações simbólicas entre os homens e seus sonhos, inclusive para os homens contemporâneos. De acordo com Jung,

Não podemos nos permitir nenhuma ingenuidade no estudo dos sonhos. Eles têm sua origem em um espírito que não é bem humano, e sim um sopro da natureza – o espírito de uma deusa bela e generosa, mas também cruel. Se quisermos caracterizar este espírito, vamos aproximar-nos bem melhor dele na esfera das mitologias antigas e nas fábulas das florestas primitivas do que na consciência do homem moderno. Não estou querendo negar as grandes conquistas que nos trouxe a evolução da sociedade civilizada, mas tais conquistas realizaram-se à custa de enormes perdas, cuja extensão mal começamos a avaliar. As comparações que fiz entre os estados primitivo e civilizado do homem tiveram como objetivo parcial mostrar o saldo destes ganhos e perdas.³¹³

E o estudioso da alma humana revela ainda que

³¹⁰ JUNG, op. cit., p.28.

³¹¹ JUNG, op. cit., p.53.

³¹² VON FRANZ, M.-L. “O processo de individuação”. In: JUNG, op. cit., p.174.

³¹³ JUNG, op. cit., p.51.

Em outros termos, o psicólogo precisa, na prática, ter experiência suficiente não só de sonhos e outras expressões da atividade inconsciente mas também da mitologia no seu sentido mais amplo. Sem esta bagagem intelectual ninguém pode identificar as analogias mais importantes; não será possível, por exemplo, verificar a analogia existente entre um caso de neurose compulsiva e a clássica possessão demoníaca sem um conhecimento exato de ambos.³¹⁴

Nessa mesma fonte bibliográfica, mais adiante, Joseph Henderson acrescenta a esta questão a importância da mitologia no estudo dos sonhos humanos contemporâneos:

Pois as analogias entre os mitos antigos e as histórias que surgem nos sonhos dos pacientes de agora não são analogias triviais nem acidentais. Existem porque a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de fazer símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E esta capacidade ainda continua a ter uma importância psíquica vital. Dependemos, muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por estes símbolos, e tanto as nossas atitudes quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas.³¹⁵

O sonho mexe com Paula, faz com que ela reflita sobre seus sentimentos e suas atitudes. O narrador acompanha o despertar de Paula que, apesar do sono agitado, não modifica o seu ritual e muito menos o da casa. Observe-se:

Acorda totalmente, sem qualquer espaço intermediário, parecendo ter adormecido no minuto anterior, encolhida contra a borda da cama, deixando todo o restante do leito intacto, como se ainda temesse a ressurreição dos pesadelos de antigamente. Dentro do cérebro, no entanto, a memória e a razão continuam estendendo suas gavinhas, prendendo seu retilíneo proceder: deitei, dormi, sonhei, acordei, enquanto ouve e sente os rumores de todas as manhãs [...] Vai levantar-se, sem levar na perfeição do rosto miúdo³¹⁶ traço algum do

³¹⁴ JUNG, op. cit., p.67.

³¹⁵ HENDERSON, Joseph L. “Os mitos antigos e o homem moderno”. In: JUNG, op. cit., p.107.

³¹⁶ De acordo com o livro *Que nome darei ao meu filho?*, de Pandiá Pându e Ana Pându (Rio de Janeiro: Ediouro, 1977. p.243), Paula é feminino de Paulo e vem do latim *Paulus*, que significa de baixa estatura, pequeno. Encontram-se, em *Quadrilátero*, outras passagens que caracterizam Paula como uma mulher de

sono – apenas na memória e no coração, como habitualmente, os derradeiros vestígios do sonho (já esmaecidos, sem qualquer sombra do medo, porque acordou e a lógica se impôs) alojados adequadamente num ponto adormecido da própria consciência [...] O aroma adocicado dos copos-de-leite, do jasmim e das rosas são trazidos pela brisa fraca que chega do mar e, com ela, a derradeira lembrança do sonho: a égua alteando-se sobre a sua carne cheia de medo (p.20-21).

De acordo com Carl Jung,

Quanto mais a consciência for influenciada por preconceitos, erros, fantasias e anseios infantis mais se dilata a fenda já existente, até chegar-se a uma dissociação neurótica e a uma vida mais ou menos artificial, em tudo distanciada dos instintos normais, da natureza e da verdade.

A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É ao que chamo função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica. [...] O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais. Se os avisos dos sonhos são rejeitados, podem ocorrer acidentes reais.³¹⁷

M.-L. von Franz acrescenta à teoria de Jung que

Mas como o reconhecimento da nossa realidade inconsciente implica um processo honesto de autocrítica, além de uma reorganização de vida, muitas pessoas continuam a comportar-se como se nada houvesse acontecido. É preciso muita coragem para levar-se a sério o inconsciente e enfrentar os problemas que ele desperta.³¹⁸

Paula, ao acordar deste sonho toma uma decisão há muito tempo postergada: resolve procurar Matheus no cemitério, depois de longos anos separados. Não sabe como ele reagirá ao seu encontro, mas o sonho a

estatura baixa (cf. p.69; 263 – visão de Matheus; 345 – visão de Rudolf). O que vem reforçar a convencionalização da personagem, tema abordado anteriormente.

³¹⁷ JUNG, op. cit., p.49.

³¹⁸ VON FRANZ, M.-L. “O processo de individuação”. In: JUNG, op. cit., p.176.

impulsiona a concretizar os seus desejos mais íntimos. As palavras do narrador confirmam essa idéia:

Levanta-se totalmente acordada, alerta como antigamente, quando o segredo era recente e havia a necessidade de ser esmerada na precaução, atenta às horas e aos rumores, à força das marés e dos ventos. Com os pensamentos corretamente ordenados no cérebro límpido, sabe que nada poderá interromper ou desviar a severidade do raciocínio disciplinado, mesmo que, intermitentes, mas fazendo parte da rotina, pedaços do sonho (o brilho da fivela e a égua em primeiro plano) imiscuam-se na fria organização do seu dia-a-dia, sem, contudo, prejudicá-lo. *Talvez seja a data*, pensa [...] Porém, atendendo ao estranho apelo para transformar a manhã, provoca-se e chama o sonho para dentro da memória, tentando (além de recapitular o que sobrou dele) recriá-lo, forçando outras imagens a ganharem a mesma força de vinte e sete anos antes (p.25-27. Grifo do autor).

Carl Jung, um dos fundadores da psiquiatria, conclui em seus estudos sobre os sonhos que “A despeito da nossa orgulhosa pretensão de dominar a natureza, ainda somos suas vítimas na medida em que não aprendemos nem a nos dominar a nós mesmos. De maneira lenta mas que nos parece fatal, atraímos o desastre”.³¹⁹

Os animais, que tão freqüentemente intervêm nos sonhos e nas artes, formam identificações parciais com o homem; aspectos, imagens de sua natureza complexa; espelhos de suas pulsões profundas, de seus instintos domesticados ou selvagens.

O triângulo amoroso entre Matheus, Paula e Natália apresenta características animais. Cada um dos membros é comparado a (pelo menos) um animal. Matheus é o cão, Natália é a burra e Paula, a égua. Embora de espécies diferentes, são duas fêmeas lutando por um macho.

Como cão, Matheus tanto pode ser o psicopompo, que leva a maioria das personagens à morte (chacina de Karlsburg, Arnold, Rudolf, Helga e

³¹⁹ JUNG, op. cit., p.101.

até mesmo Natália, indiretamente) como pode ser o diabo em forma de gente (malvado, criminoso). O possesso, da parábola da Bíblia.

No que diz respeito às duas mulheres de sua vida, Matheus, como cão, é o vigia, o fiel escudeiro, igualando-se a Bimble de Natália, e aos pastores alemães de Paula. Além disso, o cão simboliza o apetite sensual da sexualidade, e Matheus “sacia a fome” de Natália e Paula. É como um “cão abandonado”, no entanto, que Paula vê Matheus ir embora de sua chácara. Essa imagem remete ao homem errante que ele era, sem dono, sem rumo, sem parada, salientando ao mesmo tempo seu caráter nômade e sua profunda solidão.

Da burra, Natália apresenta diversas características: doçura, ingenuidade e teimosia. Sua ignorância em perceber que havia amor entre ela e Matheus e ao não se dar conta do interesse dele por Paula (chegou a ter ciúmes dele, mas não tomou nenhuma atitude) denota sua “burrice”.

Paula, irrequieta e indócil, era igual à égua. Queria ser livre dentro do seu território. Não queria ser subjugada por nenhum dos homens com os quais manteve relacionamento. Nem mesmo com Matheus.

Talvez por serem de “espécies” tão diferentes, nenhum dos dois casais deu certo. Natália morreu no parto. Sua história com Matheus teria continuado caso ela sobrevivesse (ele não demonstrou interesse pelo filho)? Ele não teria se cansado da rotina do casamento e não a teria abandonado, para seguir seu caminho sozinho, como um nômade, de mochila nas costas, sem destino? São questionamentos que ficam no ar...

Já na separação de Paula e Matheus muitos fatores influenciaram o rompimento, como foram vistos no capítulo referente ao enredo. Destaca-se, no entanto, que, apesar da forte atração sexual (como “dois bichos no cio”, p.326), Paula não queria assumir o romance, para não perder sua autonomia, a segurança da casa e de sua vida. Além do mais, se Paula

tivesse abandonado tudo (segurança, poder, dinheiro) para ficar com Matheus, ele teria ficado com ela para o resto da vida? Teria deixado sua vida nômade? Paula agüentaria seguir Matheus pelo mundo afora?

De toda a análise feita neste capítulo, percebe-se que a zoomorfização das personagens de Adolfo Boos Júnior, em *Quadrilátero*, acontece da seguinte maneira: o ser humano é igualado ao animal, no sentido de que é o homem que se rebaixa.

Diferente do zoomorfismo utilizado por Graciliano Ramos em *Vidas secas*. O escritor alagoano iguala o homem ao animal, elevando o animal. Isto é, enquanto Graciliano Ramos ressalta as qualidades dos animais no homem sertanejo, como a capacidade de ficar dias sem comer nada, a luta pela sobrevivência, a união entre os seus, apresentado o sertanejo como um forte.

Boos Júnior revela as características animais dos seres humanos, como a raiva, a submissão, a luta entre espécies (que vença o melhor ou o mais forte), a astúcia, apresentado o homem como um ser ambíguo, ora submisso, ora traiçoeiro. Suas atitudes e seus pensamentos são animais, irracionais, imprevisíveis. Todos, no entanto, lutam pela sobrevivência, isto é, pela vida, seja ela qual for.

7 – A importância do(s) sentido(s) em *Quadrilátero*

Os seres humanos, assim como os animais, têm cinco sentidos (a audição, o olfato, o paladar, o tato e a visão), que utilizam tanto para a sua sobrevivência como para se comunicarem uns com os outros.

Em *Quadrilátero*, Adolfo Boos Júnior soube aproveitar cada um dos sentidos,³²⁰ revelando o espírito de sobrevivência das personagens e de suas relações. Os sentidos são utilizados de diversas formas. Ora dando ênfase a um deles, ora agrupando dois, três ou quatro. Boos Júnior, dessa forma, reforça a animalidade de suas personagens, pois os sentidos são comuns aos homens e animais e sobrevalorizar os sentidos ou deixar-se dominar por eles – quase que se identificando à instintividade – é próprio dos animais.

A fim de se fazer paralelos entre os sentidos e a narrativa ficcional, primeiramente deve-se descrever brevemente cada um dos sentidos.

A audição é o ato de ouvir, escutar. Através dos ouvidos percebem-se os sons. Em certos animais, como o cachorro, a audição é bem mais aguda do que no homem.

O olfato, por sua vez, permite a percepção dos odores (cheiros bons ou ruins). Localiza-se no nariz, entre os vertebrados; e nas antenas, entre os insetos. No reino animal fala-se em faro. Sabe-se também que, no animal, o olfato/faro é muito mais forte do que no homem, como, por exemplo, no cão e na abelha. O olfato está intimamente ligado às memórias e às emoções.

O médico Antônio de Miranda Wosny atesta a importância desse sentido tão pouco valorizado tanto pelos seres humanos como pelos pesquisadores. Segundo o Dr. Wosny,

³²⁰ O autor utilizou apenas quatro deles: a audição, o olfato, o tato e a visão; deixando o paladar de fora de sua narrativa. Se, por um lado, o autor reforça a simbologia do número quatro – amplamente ilustrada em *Quadrilátero*; por outro, enfatiza o caráter animalesco de suas personagens, pois o paladar humano parece ser mais refinado do que o dos animais, não condizendo, portanto, com essas personagens.

É possível que o olfato seja um sentido altamente especializado e ignorado em muitos detalhes funcionais. Tem sido considerado pela generalidade humana mais como um sentido estético importante para outros animais que o utilizam para comunicar-se com o seu meio ambiente, identificando alimentos, predadores ou parceiros de espécie. Pergunta-se, então, para que serve esta habilidade humana capaz de distinguir aproximadamente dez mil odores? Cada indivíduo é detentor de um sistema olfativo único, geneticamente determinado, com sensibilidade capaz de identificar conscientemente essa imensa diversidade de odores. Ainda que não seja considerado na mesma escala de valores de outras formas do sentir, o olfato é um sentido poderoso. Os odores têm a capacidade de nos afetar nas dimensões fisiológica, psicológica e social.³²¹

Já o paladar é o sentido do gosto, do sabor. Graças aos movimentos da língua, que intervém nos atos de deglutir e falar, as papilas que a recobrem dão o sentido do paladar. Através delas experimentam-se, então, os quatro sabores: o doce, o salgado, o amargo e o azedo. O paladar parece ter-se tornado mais refinado e sofisticado entre os humanos.

O tato é o sentido pelo qual se reconhece, pelo contato direto de certos órgãos, a forma e o estado exterior dos corpos. Distinguem-se pelo tato cinco sensações diferentes: contato, pressão, calor, frio, dor. As quatro primeiras são percebidas por pontos precisos da pele. A dor não tem receptor particular na pele. Todas essas sensações também são percebidas pelos animais.

Por último, mas nem por isso menos importante, temos a visão, que é a percepção pelo órgão da vista (olho). De acordo com o *Dicionário de Símbolos*,³²² o olho é, “de modo natural e quase universal, o símbolo da percepção intelectual”. Mais adiante, na mesma fonte bibliográfica, encontra-se o seguinte preceito: “Deve-se observar que o olho é às vezes

³²¹ WOSNY, Antônio de Miranda. *A estética dos odores: o sentido do olfato no cuidado de enfermagem hospitalar*. 2001. 174f. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.43.

utilizado como símbolo do conjunto das percepções exteriores, e não apenas da visão”. Já no verbete “olhar” os autores desse *Dicionário* aprofundam a questão: “o olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz, assim como exprime”.³²³ Além disso, “as metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador. [...] O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas”.³²⁴ Nesse sentido, destaca-se o caráter “visual” de *Quadrilátero*. Boos Júnior, ao dar voz e vez à maioria de suas personagens, modificando a todo instante o ponto de vista, revela uns nos outros.³²⁵

O que se pretende trabalhar neste capítulo é como o sentido do olfato interfere e interage com as personagens e, conseqüentemente, com os acontecimentos do romance em tela.

Para a escritora Eglê Malheiros, na “Apresentação” (abas do romance) de *Quadrilátero*, “os ambientes e as paisagens nos chegam através das impressões sensuais dos personagens. De todas as mais fortes são as impressões olfativas. Submergimos num oceano de cheiros, perfumes e fedores, que acabam juntando gente e bichos numa grande unidade animal”.

A gama de odores que *Quadrilátero* exala permite ao leitor distinguir uma classificação dos sentimentos das personagens. Ninguém passa incólume a ela. Para seguir essa classificação, far-se-á um paralelo com o livro *Saberes e odores*, de Alain Corbin.³²⁶ Nesse trabalho, o historiador francês analisa a revolução do olfato na França dos séculos XVIII e XIX,

³²² CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.653-656.

³²³ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.653.

³²⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p.653.

³²⁵ Conforme se destaca no capítulo denominado “Várias vozes...” deste estudo.

³²⁶ CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

em que ocorre um processo de purificação, no qual a ascensão da classe burguesa declara guerra às classes menos favorecidas, baseada em teorias médicas e higienistas.

De acordo com o historiador francês:

Alguns estereótipos bem simples desenham os paradoxos do olfato. Sentido do desejo, do apetite, do instinto, ele traz em si o selo da animalidade. Farejar iguala ao animal. A impotência da linguagem para traduzir as sensações olfativas faria do homem, se esse sentido predominasse, um ser bloqueado para o mundo exterior. Vítima de sua fugacidade, a sensação olfativa não poderia solicitar o pensamento de um modo durável. A acuidade do olfato se desenvolve na razão inversa da inteligência.³²⁷

Seguindo o pensamento de Corbin, o olfato leva em outra direção:

Sentido da animalidade, ele é também, e pela mesma razão, o sentido da conservação. Ora, eis que a missão do olfato-sentinela se reveste de uma importância nova. Vanguarda do paladar, o nariz avisa sobre o veneno. Mas isto não é o essencial. O olfato detecta os perigos que a atmosfera esconde. Ainda é o melhor analista da qualidade do ar. [...] O olfato antecipa a ameaça, discerne à distância a podridão nociva e a presença do miasma. Ele assume a repulsa de tudo o que é perecível. [...]

Um segundo par de dados contraditórios aumenta a confusão. A fugacidade e mais ainda a descontinuidade das impressões olfativas atrapalham a memorização e a comparação das sensações.³²⁸

Portanto, para Corbin, o olfato está intimamente ligado com a memória e com a personalidade de cada ser vivo. Conforme ele atesta:

Sentido dos afetos e dos mistérios que estes encerram – Rousseau dirá sentido da imaginação e do desejo –, o olfato atinge mais o psiquismo do que a audição ou a visão; ele parece mergulhar nas raízes da vida. Logo, ele deverá surgir como o sentido privilegiado da reminiscência, o revelador da coexistência do eu e do mundo, o sentido da intimidade.³²⁹

³²⁷ CORBIN, op. cit., p.12-13.

³²⁸ CORBIN, op. cit., p.13-14.

³²⁹ CORBIN, op. cit., p.14.

Para observar-se a classificação olfativa e sentimental em *Quadrilátero*, seguir-se-á a seqüência de leitura da narrativa, isto é, a ordem cronológica do surgimento das personagens e dos acontecimentos a elas relacionadas, não se atendo à seqüência discursiva feita pelo autor. (Leitor, prepare seus sentidos para todo e qualquer tipo de odores, dos mais fétidos aos mais perfumados, que vão exalar não apenas do texto como das fortes imagens sugeridas.)

Segundo Corbin,

Cada espécie animal, cada indivíduo, como garante Withof em 1756, possui seu odor próprio. [...] As variações olfativas dos seres vivos resultam da composição dos humores, do funcionamento dos órgãos e da intensidade da purgação. Tudo aquilo que puder exercer uma ação sobre qualquer um desses elementos engendrará uma modificação do odor despreendido pelo indivíduo. “O clima de onde ele habita, as estações que resente, os alimentos com os quais se nutre, as paixões às quais ele se abandona, o gênero de trabalho que o ocupa, as artes que exerce, a terra que escava, enfim o ar que respira modificam de jeito diferente os humores que ele assimila, bem como aqueles que ele exala; de onde necessariamente resultam odores diferentes.” Assim funciona uma antropologia que não postula a inferioridade radical de certas raças, mas, no máximo, sua “degenerescência”; com efeito, bastaria modificar apenas uma dessas variáveis para fazer evoluir o odor do corpo.³³⁰

Inicia-se, então, com o grupo de imigrantes alemães, tanto no período da quarentena como na viagem de balsa e na instalação da colônia.

No final do século XIX, no Brasil, as obras de saneamento básico ainda não existiam. No período da quarentena, próximo ao rancho em que os imigrantes estavam alojados havia uma latrina. Era o costume da época, mas a insalubridade denunciava a pobreza, a imundície e a degradação dos seres humanos (na visão de hoje). A cena em que Gertrud vai à sentina é

³³⁰ CORBIN, op. cit., p.51-55 [Citação de Brieudef].

forte, nauseabunda, mas revela a realidade da época. As palavras do narrador confirmam essa idéia:

Experimenta a porta duas ou três vezes e, banhada por um suor frio, levantando bem as saias, abaixa-se sobre as tábuas imundas, alvoroçando o enxame de moscas, sujeitando-se ao seu ataque infernal. Por suas pernas cheias de varizes, em suas nádegas, em busca da sua intimidade, começa o passeio vagaroso e nojento e, às contrações do intestino, juntam-se os espasmos de uma náusea sem tamanho. Pouco a pouco, recupera a calma, conforma-se precariamente, embora persista a sensação de ser observada por dezenas de negros, deleitados com a miséria que expele do corpo dolorido. Os espasmos vão diminuindo e sua pele, já severamente marcada pelo sol e pelos insetos, começa a aceitar o passeio indolente das moscas e, no sonho da casa com forno e cozinha [...]. A sensação de paz é curta, porque sente movimentos dentro do barraco e, apesar do medo e da vergonha, não resiste à tentação e, arregaçando mais as saias, olha para baixo: as galinhas e o porco disputando seus dejetos fazem renascer todo o seu asco e, sentindo-se à beira de um desmaio, vomita ali mesmo. Momentaneamente livre das moscas (agora muito mais ocupadas com o vômito amontoado no chão, entre seus pés), sem ter onde apoiar as costas, sente as cãibras subirem pelas pernas dormentes e **fica boiando** num devaneio repleto de dor e irreabilidade, ilusoriamente refrescada pelo suor frio que lhe inunda o corpo, sordidamente quase feliz (p.102-103. Grifo nosso).

“Fica boiando” leva a pensar que a personagem torna-se metáfora da própria merda (com o perdão da palavra). É a imagem da degradação humana. O excerto faz refletir, também, sobre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes. Nesses primeiros meses no “Novo Mundo” (Brasil), eles tentam adaptar-se, não apenas ao clima (muito mais quente), à fauna e à flora diversas, como também aos costumes, que são determinados em grande parte pela carência, pela rusticidade, pela crua exposição do ser humano ao ambiente primitivo. Além da alimentação diferente (carne seca, bichos exóticos) e muitas vezes até da pouca alimentação, acrescenta-se à ansiedade da partida para a colônia a expectativa angustiante dos sonhos se tornarem realidade, o medo dos negros e dos índios, enfim, o medo do

desconhecido. O somatório dessas “causas” leva os imigrantes a sentirem tantas cólicas intestinais.

Quanto às cólicas intestinais dos seres humanos, retorne-se ao estudo de Corbin. De acordo com o historiador francês:

De fato, é ao alemão Becher que convém reconhecer a paternidade da teoria pútrida. Segundo ele, a putrefação constitui um movimento intestino permanente, perpetuamente em luta contra o princípio da coesão natural e inata das partes, **fogo elementar** que se perpetua graças ao espírito balsâmico do sangue. Numa perspectiva mecanicista, este movimento intestino resulta da mobilidade das moléculas liberadas dos entraves que as fixavam, e daí o odor fétido e penetrante dos corpos que apodrecem. Este, portanto, não poderia ser considerado como simples sinal da putrefação; ele é parte integrante do processo. Fetidez e umidade definem a corrupção. As partes aquosas da matéria orgânica liberam-se sob forma de sânie [líquido fétido, esverdeado] e de pus, as partes pútridas tornadas voláteis desprendem-se sob forma de moléculas nauseabundas.³³¹

Mais adiante, Corbin atesta que “as fossas sépticas suscitam desde logo uma viva ansiedade. Essa dor de barriga social corre o risco de trazer a desorganização pútrida da cidade”.³³² O que, de certa forma, ocorrerá com a colônia fictícia Karlsburg.

Da viagem de balsa retiram-se duas passagens, que demonstram a importância das impressões olfativas. A primeira refere-se ao cheiro das roupas molhadas. A segunda, diz respeito ao cheiro da madeira da balsa. Na primeira, Helmuth reflete sobre a situação precária de sua gente e na atitude do “estranho” Matheus.

Durante mais de uma hora, suportam o aguaceiro, enraivecidos, proferindo frases curtas, ninguém aventurando uma palavra de esperança, qualquer coisa só para escutar a concordância de outra voz, apenas a dúvida e a lamentação [...] e, sob o cobertor, sentindo o mau cheiro dos outros, sabendo que é o mesmo fedor de suas roupas

³³¹ CORBIN, op. cit., p.26-27. (Grifo nosso.)

³³² CORBIN, op. cit., p.42.

imundas, Helmuth imagina Matheus resistindo à chuva e à fumaça, impassível (p.152).

Quando uma roupa molhada não seca direito é comum ouvir-se alguém dizer que está “com cheiro de cachorro molhado”, isto é, que está com cheiro ruim. A chuva, no entanto, faz levantar outros cheiros no grupo de imigrantes. A água vem lavar o suor exsudado, o azedo dos vômitos e das diarréias, que ficaram impregnados no corpo de cada um. Estão todos “no mesmo barco”, por isso todos têm o mesmo cheiro.

Nesse sentido, traz-se à tona o cheiro da própria balsa. Feita de madeira, ela também traz os seus odores. Irma, na voz do narrador, atesta:

deitada de bruços,
Irma aspira o cheiro da madeira impregnada de água, o odor apodrecido das tábuas, sente que a balsa progride e, sem abrir os olhos, pensa, *um outro cheiro, um cheiro qualquer, que não seja de podridão e de suor*, numa forma de sentir-se viva (p.178. Grifo do autor).

De acordo com o estudo de Corbin,

As madeiras suscitam o mesmo tipo de ansiedade. Lind, como Duhamel du Monceau, denuncia as devastações causadas pelo odor de madeiramento recente que impera nos navios novos. Howard fica maravilhado com a capacidade de impregnação da madeira.³³³

O cheiro de podre da madeira parece prevenir os imigrantes do que eles encontrarão pela frente: mais miséria, mais dificuldades. Por isso Irma gostaria de sentir outro cheiro, qualquer um que lhe trouxesse esperança. Não queria acreditar no seu olfato, no seu sentido. Um pouco mais adiante, quando os imigrantes param para descansar à beira do rio, o narrador afirma:

– e o cheiro, novamente, é o cheiro de suor e vômito, enquanto o sol a reconduz ao pesadelo da realidade, renovando o medo histérico, as cólicas e os presságios da morte (p.181).

Quanto às águas, Corbin revela o poder que elas exalam e seus liames com os seres vivos. Confirmam-se suas palavras:

Como à beira dos rios, as exalações são mais perigosas à noite, quando estagnam ou então até se precipitam, do que quando o sol as aspira; entretanto, é à luz do dia que elas se revelam insuportáveis. A observação dos ritmos olfativos durante o dia conduz então Baumes a evitar uma assimilação demasiado rápida entre o nauseabundo e o malsão. Esta precaução vale também para os eflúvios dos corpos. Tudo conspira para desorientar a vigilância olfativa.³³⁴

Retratar-se-á a colônia como era antes da chacina, além de revelar os cheiros característicos de uma casa (que é igual às demais) e de algumas personagens: Arnold, Natália e Matheus.

Quanto à descrição da colônia, retirou-se da narrativa a passagem em que Matheus não quer caminhar ao lado de Arnold e diminui o seu passo, faz uma parada, e começa a avaliar o povoado de Karlsburg. Ressalta o narrador:

Matheus procura deixar alguma distância entre eles e, assim distanciados, vão ascendendo vagarosamente pelo caminho que foi feito em obediência à erosão, tão cheios de lodo, moscas e desânimo quanto os animais. Com a preocupação de não alcançar o parceiro, faz outra parada, olhando o povoado alinhado ao longo do vargado: a altura é pouca, mas já dá para abranger as nove choupanas, na beira do caminho; a de Arnold é a única construída no centro do lote, porém igual às demais. Assim, são dez ranchos de palmito, cobertos de palha, pobres e precocemente envelhecidos, que se perfilam num caminho chamado *Strasse der Freude*, agrupados dois a dois, no limite de um

³³³ CORBIN, op. cit., p.40.

³³⁴ CORBIN, op. cit., p.50.

lote com outro; [...] abrigando gente que morre todo dia um pouco, de exaustão, malária ou diarreia, à espera das outras cento e quarenta famílias, desiludindo-se e negando a própria desilusão (p.124).

Nesse sentido, o estudo de Corbin apresenta uma citação de Arthur Young sobre a capital da Auvergne, na França: “há muitas ruas que, por seu negrume, pela sujeira e pelo mau cheiro, só podem ser comparadas a canais estreitos abertos em meio a um monte de esterco sombrio”.³³⁵

Através da narrativa não se ficou sabendo em que tipo de serviço Arnold e Matheus trabalhavam antes. Arnold veio para o Brasil para ter um pedaço de terra e sonhava em ter uma serraria. Matheus trabalhava “a jornal”, isto é, como diarista, em qualquer serviço (balseiro, limpeza de lote, zelador de cemitério). Em Karlsburg, eles limpavam o lote de Arnold, com dificuldades, mesmo depois da queimada. O trabalho de “destruir” uma floresta é árduo. Acaba sendo uma guerra, entre o ser humano e a natureza, na qual a natureza também tem as suas forças e meios de defesa. E os cheiros provenientes da terra impregnam-se nos corpos suados dos homens. É a terra ganhando mais uma batalha contra os homens, conforme esse excerto:

Arnold espera por ele e, aproximando-se, sabe que é dono da mesma máscara grotesca, a lama estriada pelo suor igual às cicatrizes de uma doença implacável e – ainda – o mesmo cheiro de podre trazido do brejo, igual ao dos animais, e que não será desfeito pela água e pelo sabão, porque é o aroma do desânimo e – algumas vezes – do próprio medo. [...] Desabafa –

pensei que dava, mas nem de
machado
tirando as raízes, já alivia
não, não adianta, nem de
machado; é perder tempo e dinheiro; nem o fogo resolve mais (p.133-
134).

³³⁵ YOUNG apud CORBIN, op. cit., p.41.

Esta passagem faz pensar no estudo de Corbin. Sobre os perigos da agricultura e a insalubridade do campo, o historiador francês afirma:

Em 1786, numa tese apresentada à Sociedade Real de Medicina, Chamseru expõe os perigos a que se sujeita o camponês ao se inclinar e aproximar seu rosto demasiado perto do solo que está revolvendo. [...] Deplora o fato de que as aglomerações estejam submetidas permanentemente aos “vapores morbíficos” liberados pelo trabalho da terra. O perigo aumenta quando um arroteamento intempestivo põe a nu um solo desde sempre inculto: “quantas colônias, no Novo Mundo, foram infelizes vítimas das febres terríveis produzidas pelos vapores mortíferos de um solo virgem e limoso!”³³⁶

Já em casa, mesmo depois de ter-se limpado do barro, o cheiro do brejo continua a perturbar Matheus: “Caminha arrastando os tamancos, limpo, porém ainda preso ao espantoso fedor do brejo (como se aquele fosse o cheiro do seu próprio destino)” (p.136).

Corbin afirma, também, que um solo infectado reflete no destino de um povo (como, de certa forma, ocorre em Karlsburg, com todos os imigrantes). Para o estudioso francês,

Um solo infectado, tornado nauseabundo, é um solo perdido. O homem futuro não poderá achar seu lugar nesse solo. A história excremental da terra pesa muito no destino de certos lugares. Os restos e dejetos das gerações passadas, as escavações que atestam sua presença, engendram incontestáveis fedores que apodrecem os organismos vivos, desfazem o equilíbrio vital.³³⁷

A casa de Arnold e Natália, assim como as demais do povoado, eram feitas de madeira e sapé, pequenas, apenas com um quarto e uma cozinha, sendo que esta também era o local para guardar os animais. No caso de Arnold, uma burra e um cachorro.

³³⁶ CORBIN, op. cit., p.35 [Citação de J.-B. Theodore Baumes].

³³⁷ CORBIN, op. cit., p.36.

Nesse sentido, destacou-se da pesquisa de Corbin uma descrição das casas de cidades francesas no início do século XIX:

No interior da moradia reinam o amontoamento, a confusão de utensílios, roupa suja e louça. Em meio a essa desordem, o pobre “mofa”, muitas vezes em companhia de um animal; o que se impõe ao espírito é antes a imagem da gaiola do que a da toca.³³⁸

Em nota explicativa, Corbin atesta ainda que “a leitura dos relatórios do Conselho de Salubridade do Sena revela o aumento das preocupações higienistas suscitadas pela presença dos animais na cidade. Os estábulos para vacas e para porcos atraem de início as atenções”.³³⁹ Vacas, burros e porcos são os animais mais freqüentemente encontrados (juntamente com os cães), em qualquer colônia incipiente de imigrantes, como revela também a narrativa de Boos Júnior.

O casebre dos imigrantes alemães na narrativa ficcional se confunde com um estábulo, na visão de Matheus. Conforme as palavras do narrador:

– finalmente atravessam a porta e, na precária claridade, Matheus não sabe se entrou numa cozinha ou num estábulo, conseguindo distinguir as pedras e um fogão sem chapa, uma mesa e dois bancos e, à esquerda, pelas palhas e o odor dos excrementos, o lugar reservado à burra (p.196).

Esta repugnância de Matheus pela casa simples dos imigrantes leva a pensar que ele teve um passado rico ou, pelo menos, com conforto e facilidades. Observe-se que Matheus chega a lembrar sua vida com os irmãos em um escritório, este provavelmente herdado do pai. Nada mais, no entanto, é revelado sobre seu passado.

³³⁸ CORBIN, op. cit., p.196.

³³⁹ CORBIN, op. cit., p.344, nota 61.

Esta repugnância também remete ao espírito rebelde de Matheus. Como diz o ditado, “ele não sabe o que quer (da vida), mas sabe o que não quer”. E, decididamente, ele não queria ficar em Karlsburg, não naquela miséria. Assim que chegou à casa de Arnold, teve vontade de ir embora. Os cheiros aumentavam o poder de sua premonição. Mas ele se deixou ficar, impressionado que estava com a figura de Natália. De acordo com o narrador,

Junto à mesa, recebendo o fraco calor do fogão nas costas, Matheus abaixa-se e começa a desamarrar a mochila, virado na direção do animal [...] mas com o espírito decididamente fixado na noite além da porta, parecendo avaliar a possibilidade de não abrir a mochila, erguer o corpo e voltar, sem qualquer parada. A convicção do erro já está num patamar acima do presságio, ajudada pela fumaça acre e o cheiro da burra (p.197-198).

Matheus não superava nem afastava da cabeça a idéia de ir embora da colônia. Durante todo o período em que viveu ali (mais ou menos dois anos), pensava em partir na manhã seguinte, mas não ia. No entanto, já tinha vários trajetos (percorridos durante a madrugada, sem ninguém saber), que ele sabia de cor, caso ele precisasse fugir.

A casa como estábulo faz pensar, também, no nascimento de Jesus Cristo, em um estábulo, ao lado de diversos animais, como atesta a Bíblia. O que, de certa forma, revela a humildade dos imigrantes alemães, que lutavam por um mundo melhor e por isso se sujeitavam a viver em casebres, mas sonhavam em ter a sua casa, grande, para acomodar toda a família, limpa, com flores no jardim, uma horta e cortinas nas janelas. Entretanto, o local onde nasceu Jesus foi (e continua sendo) muito freqüentemente poetizado, embelezado, enquanto que, em *Quadrilátero* domina sempre um realismo quase cruel.

É neste cenário, ao mesmo tempo hostil e humilde, que surge o interesse de Matheus por Natália e vice-versa. Poder-se-ia indagar sobre o paralelismo entre as impurezas mal-cheirosas do ambiente e as impurezas do relacionamento entre Matheus e Natália. No dia da chegada de Matheus, Natália o observa em silêncio e não deixa de perceber o seu odor. E Matheus não deixa de perceber o seu olhar. As palavras do narrador atestam essa idéia:

É o momento em que ele se dá conta de que a mulher está bem as suas costas e mantém interrompida a colocação de suas coisas sobre o banco, ainda com o olhar na garupa da burra (vagamente preocupada com o odor do estranho interposto entre os cheiros dos seres que governam seu destino) e, depois, olha por cima do ombro: parada e, como o animal, lambida pela claridade do fogão e das candeias, enxugando incessantemente as mãos no avental, a mulher olha para ele, em silêncio (p.207).

Tempos depois, Natália, solitária, compara o marido Arnold com o “estranho” e a camisa impregnada do suor de Matheus torna-se o seu objeto de prazer.³⁴⁰

Então, levita dentro de uma casa imaginária, sem o ferrete da miséria sórdida e desencantada, levada pela mesma mão leve e firme (liberta também de todas as marcas deixadas por um ano inteiro de brutalidade), desbravando seu corpo sem cessar. E continua comprimindo a camisa, desejando impregná-la com sua seiva e, ao mesmo tempo, saturar-se com o cheiro do homem e, num grito, seu orgasmo é uma derrota dentro da vitória, um sonho dentro de um pesadelo (p.241).

Nesse mesmo dia, à tarde, Matheus e Natália iniciam o caso amoroso, no chão da cozinha (local onde ele dorme). Conforme as palavras

³⁴⁰ Segundo Corbin, “O poder sedutor do suor das axilas e da camisa impregnada suscita múltiplas anedotas” (CORBIN, op. cit., p. 63).

do próprio Matheus (ao relatar sua história a Paula), pode-se sentir os cheiros exalados no ambiente:

[...] no chão da cozinha, em meio ao cheiro meio azedo das carnes defumadas, de cinzas amortecidas, de cômodos mal-ventilados [sic] (que, para nós, eram os aromas da penúria e do desencanto), e – mais – o acre cheiro da urina da burra e aquele, mais atenuado, que o cão, Arnold e eu depositávamos, todas as manhãs, rente às paredes da casa, ela deve ter compreendido muito antes do que eu (porque era mulher, mais fraca e, por isso, com um instinto de defesa muito mais desenvolvido) que o que nos juntava, o que nos jogava um contra o outro, não era somente o isolamento ou a morte de todos os sonhos anteriores e – mais e apenas da minha parte – a admissão da inutilidade de procurar alguma coisa e reconhecer que o segredo daquele desejo continuava tão distante quanto no primeiro minuto do sonho (p.307).

O temperamento de Natália também era absorvido por Matheus. Com seu suor ela exalava o cheiro do medo e da angústia. Como um animal, Matheus farejava o perigo de perdê-la (isto é, em ter que partir sozinho). Em seu relato para Paula, anos mais tarde, Matheus atesta:

[...] ela juntava o cheiro do seu medo ao untuoso aroma do pavor da burra, reduzida à mesma ansiedade do animal, sem outro gesto que não fosse o contínuo enxugar das mãos no avental, e – mais – sua conturbada carga de sentimentos: medo, remorso, vergonha e piedade (p.319).

Ottokar, general de guerra, travou muitas batalhas em solo alemão. No Brasil (um país pacífico), como imigrante (sem tropas para comandar), sonha com as glórias do passado. Nostálgico (ou estaria ele sofrendo de depressão pós-guerra?), sonha com o cheiro de sangue, como se pode perceber na seguinte passagem:

Ainda parado, fica olhando o tremular das bandeiras arrebatadas ao inimigo, sabendo que a tropa inteira tem o olhar sobre ele, envolto na

fumaça dos últimos incêndios, no penetrante cheiro da pólvora e no adocicado aroma do sangue, a mistura que é o odor da morte e da glória. [...] e, quando os soldados estão ao alcance da sua voz, conserta o pensamento, *mas é o preço, é a sujeira da guerra*, completamente envolvido pelo odor nauseante, *uma sujeira cheia de glória* (p.243-244).

O cheiro do sangue, dessa forma, é visto de duas formas, como as duas faces de uma mesma moeda. Em uma guerra, ao mesmo tempo que ele é o símbolo da glória, da vitória do grupo vencedor, ele é o símbolo da morte, da derrota do grupo vencido. O sangue, que iguala todos os seres humanos, sejam eles brancos, negros, vermelhos ou amarelos, torna-se o troféu para uns e o fim da vida para outros.

Da memória da guerra em território alemão, parte-se para a “batalha” em solo brasileiro. Depois que Ottokar matou um bugre, os índios esperaram o momento certo para atacarem a colônia e a destruírem, incendiando-a. O narrador revela as impressões de Matheus ao passar pelo povoado, antes de fugir com Natália:

O cheiro da carne apodrecida é qualquer coisa parecida com um véu, esvoaçante mas ponderável, quase sólida, que o seu corpo vai desbravando à medida que perambula por entre os tocos enegrecidos das árvores e das casas queimadas, um cheiro que se fecha logo atrás dele e se apega ao corpo como uma pele nova que não se desgruda mais, mesmo quando a natureza e a noite descem sobre ele, trazendo outra aragem, que não é a mesma de antigamente e que não refresca, morna, tão pestilenta quanto os odores que vai afastando, como se o vento trouxesse – mais carregados – os cheiros que levara durante o dia. Entretanto, suas narinas já estão habituadas, seus olhos não se espantam mais com a visão dos corpos esmagados, dilacerados pela morte e pelos animais e que, iguais aos tocos calcinados, já servem de referência para a sua caminhada interminável (p.286-287).

Natália acaba vencendo o medo de Arnold e dos índios (por amor a Matheus ou fuga do seu presente miserável e sem perspectivas futuras?) e segue Matheus em sua fuga da colônia em chamas. Na caminhada sem

destino, em terra ou em rio, os cheiros costumam acompanhá-los em todos os seus passos. Não lhes dão descanso. O narrador relata a cena repugnante em que os dois se encontram em uma canoa (roubada do velho da tapera), descendo o rio Itajaí-mirim e Matheus percebe que estão próximos do mar:

Sem levantar a cabeça, não acreditou no olfato e nem na esperança; e – no entanto – acima do cheiro da putrefação, anulando o conjunto nauseante de suor, pus, sangue e fezes, o penetrante e limpo odor do mar estava entre eles (p.358).

Observe-se a contraposição do cheiro melhor ao cheiro pior: simbolizando como que a antevisão de seus sentimentos libertos do pesadelo da colônia e esperançosos por iniciarem nova vida em outro lugar.

Em Desterro, Matheus e Natália adotam os nomes de Johannes e Catarina, respectivamente. Vão trabalhar na chácara de Rudolf von Henning. Lá ocupam um quarto, numa construção de dois andares: a parte de baixo é a estrebaria; na parte de cima ficam os quartos dos empregados. Não é a miséria da colônia Karlsburg, mas não deixa de ser um estábulo. Os cheiros impregnam o ambiente. De acordo com o narrador:

No sono, a mulher geme baixinho, encostando-se mais na parede e ele, lentamente, coloca-se em pé, desentorpecendo os braços e as pernas, apoiando-se também na parede, ouvindo passos pesados descendo as escadas, sentindo mais forte o cheiro morno dos animais (p.206).

Como foi visto na “Planta baixa do romance”, Paula não os queria ali. O casal chegou encharcado de chuva, sujos e pobres, causando um mau pressentimento a Paula, no que se revela seu preconceito de burguesa para com os menos favorecidos, como se eles fossem contaminá-la com alguma doença. Através do narrador consegue-se penetrar nos pensamentos dela:

No varandão, imediatamente cercada pelo cheiro da terra gorda, lado a lado com a luxúria das folhagens impecáveis, lança seu olhar abrangente e autoritário e eles estão lá: sob a arcada que liga a casa às cocheiras, acocorados, lembrando aves empoleiradas, molhadas até os ossos, cansadas; mas – em seguida – notando os andrajos e a sujeira, não somente o aspecto miserável que a chuva aumentou, porém, muito mais sujos e miseráveis, donos da aura que cerca um leproso ou um criminoso, alguma coisa imaterial suspensa sobre a roupa e a carne e – entretanto – quase palpável como uma sugestão de perigo (p.198-199).

Para iluminar as atitudes de Paula, retira-se da pesquisa de Corbin a seguinte análise:

O temor da degenerescência preocupa doravante as famílias burguesas. A esse respeito tende a se operar uma mórbida divisão: o micróbio se compraz e prolifera no sangue do povo; expande-se no vício e na sujeira; seus domínios são a rua, o casebre e o sexto andar [andar do quarto dos empregados]. Em contato com o proletário, o burguês não se arrisca apenas ao contágio. Pode se tornar vítima de uma mutação biológica, pois o germe virulento, saído da sentina social, tem todas as chances de se transmutar, em seu delicado sangue, em tara genética. É a descendência como um todo que se acha então comprometida, é o patrimônio genético que se arrisca a ser alterado.³⁴¹

A morte de Catarina (que é Natália) no parto e o nascimento de um menino (Lucas) não exalam odores ou perfumes, mas a presença do sangue, escoando em uma grande hemorragia, traz, ao mesmo tempo, a simbologia da vida e da morte. E a verdade universal torna-se um presságio: tudo que nasce morre um dia. Seres vivos ou sentimentos. Paula, esposa de Rudolf, que observa todos os movimentos da casa, espera que seu plano dê certo e que Johannes (Matheus), finalmente, vá embora, depois da morte da companheira. Segundo as palavras do narrador:

Johannes continuava sobre a arcada, aguardando o retorno de Max e sabia que ele estava na mesma posição de muitas horas antes, talvez até com o mesmo palheiro na boca e sua mente já desbravava um

³⁴¹ CORBIN, op. cit., p.289-290.

novo caminho, como se – na manhã interminável – existissem apenas ela e o jardineiro, *pode ser que já considere a mulher um peso morto; mas pode ser que sofra tanto, que sua única forma de suportar a dor seja manter-se imóvel, como quem espera o fim de um sangramento*, ambos aparentemente imunes ao relinchar da égua, à azáfama de Martha e Helga e à expectativa da chegada da parteira (p.257).

Paula queria vingar-se do marido Rudolf e utilizou o jardineiro Johannes/Matheus para isso. Todas essas relações estão envolvidas em variados cheiros.

Rudolf era um homem rico, bem-educado, fino. Gostava, portanto, de perfumes agradáveis. Usava uma colônia (loção) e fumava charutos (importados, de boa procedência, condizente com a sua posição social). Duas marcas de sua existência, como se pode perceber no seguinte excerto:

[...] agasalhado nos perfumes do charuto e da colônia, que pareciam apegados à pele e à roupa com a natureza de uma segunda vestimenta (p.255).

Empresário, ele tinha uma companhia de navegação e, portanto, lidava com produtos importados, dentre eles o charuto e o couro. Paula, sentindo-se solitária e preterida pelo marido, que só pensava em trabalho, deixa transparecer a sua mágoa ao descrever a cena do ambiente de trabalho de Rudolf:

De onde está, por entre as velhas árvores, Paula enxerga uma nesga do mar sujo e revolto e sabe quantas manhãs e quantas tardes, com o óculo-de-alcance, acompanhou as entradas e saídas dos navios e, em nenhuma delas, dedicou um pensamento para o homem que, raramente deixando seu tranqüilo universo, eternamente rodeado (como se fosse uma segunda vestimenta) pelo cheiro dos couros enrolados nas prateleiras e pelo aroma dos charutos importados, comandava toda aquela movimentação (p.336).

Nesse sentido, destacou-se do estudo de Corbin um pequeno histórico do cheiro do tabaco e suas ambigüidades, exploradas também por Boos Júnior:

O cheiro do tabaco, ranço que impregna as roupas do homem do povo, torna-se também um *leitmotiv*. [...] A conquista dos locais públicos conseguida pelo tabaco – cachimbo, charuto e finalmente cigarro – ocorre durante a primeira metade do século XIX. [...] Doravante, o tabaco não mais perderá sua ambigüidade. Seu cheiro é a marca do grosseiro; a maioria dos higienistas o condena. Michelet o acusa de poder matar o desejo sexual e de ter relegado as mulheres à solidão.³⁴²

O cheiro do charuto reflete que seu odor forte e penetrante (condizente com seu sabor amargo) revela, por um lado, seu aspecto grosseiro, áspero (que os homens apreciam) e, por outro, que o seu uso é sinal de riqueza, de poder (os pobres fumam cigarro ou palheiro).³⁴³

O cheiro do couro, também forte devido aos métodos próprios utilizados para trabalhar com a pele dos animais, era comercializado como matéria-prima para os mais diversos setores, como confecção de roupas, sapatos e móveis.

Paula nunca esquecera esses perfumes, como atesta o narrador no dia em que ela pegou a carta anônima (que ela mesma escrevera) do cofre de Rudolf, no escritório da companhia:

Sabia que – por mais longo que pudesse ser o seu destino – a memória não esqueceria a manhã em que penetrara no escritório – quase não percebendo a ausência de Rudolf, a sala ainda presa no aroma da loção e do último charuto e – mais – a imponderável presença na perfeita ordem dos papéis sobre a escrivaninha (p.345).

³⁴² CORBIN, op. cit., p.192-193.

³⁴³ Conforme o Dr. Wosny, “É interessante observar que a terapia aromática era predominantemente caracterizada por cheiros agradáveis, entretanto, alho, arruda, tabaco, vinagre, pólvora, inclusive fezes e urina, em muitas ocasiões, eram considerados protetores contra infecção, em virtude de sua potência odorífera” (WOSNY, op. cit., p.50).

Havia, ainda, o perfume do sabonete (produto de luxo para a época) utilizado por Rudolf, que Paula já passava a detestar, conforme a seguinte passagem:

o perfume

do sabonete a alcança e não precisa virar a cabeça para saber como o homem está deitado, escrupulosamente em sua metade do leito, perfeitamente sereno. Em outra época, a fantasia seguiria adiante, chamando a mão até seu flanco, a sua também se deslocando, até que se encontrassem, apertando-se progressivamente, despertando o restante do corpo; porém – agora – a mente inflecte numa outra direção e – distante e sem contorno – o desejo de vingança continua crescendo, ainda sem um alvo definido, simplesmente como uma compensação para o espírito conturbado (p.228-229).³⁴⁴

O cheiro revela a mudança dos sentimentos de Paula com relação a Rudolf. O perfume do sabonete, que antes agradava a Paula e agora lhe repugnava, revela a indiferença da mulher pelo marido, chegando quase ao ponto da aversão, indicando o desmoronamento do matrimônio.³⁴⁵ De acordo com Susan Achiffman, norte-americana, professora de Psicologia Médica, autoridade em olfato e paladar, “um casal pode sobreviver a toda sorte de diferenças, mas, quando um deixa de gostar do cheiro do outro, o relacionamento está arruinado”.³⁴⁶

Corbin trata desse assunto, ao retratar o olfato como mecanismo da individualidade (sua e do outro). Conforme suas palavras:

Mas, ao mesmo tempo, Cabanis, que considera que “a vida individual está nas sensações”, consagra o olfato como o sentido da simpatia e da antipatia entre os seres. Ele insiste, do mesmo modo que a jovem

³⁴⁴ Tamanhos de letras diferentes utilizados por Boos Júnior. Exemplo de uso de uma palavra-ponte, segundo o crítico literário Antônio Hohlfeldt.

³⁴⁵ Ressalta-se a importância de se olhar tudo pelo menos por dois ângulos. O perfume de um sabonete, que “deveria ser” agradável para todo mundo, pode ser desagradável para alguns. Depende da experiência pessoal de cada um.

³⁴⁶ Citações. In: Revista *Caras*, edição 475, ano 9, nº 50, 13 dez. 2002.

osfresiologia,³⁴⁷ na especificidade dos odores e das atmosferas individuais. Acabara-se o tempo em que se contentava por ressaltar as variações do odor do corpo segundo a idade, o sexo ou o clima. É a própria individualidade que a atmosfera da pessoa e o comportamento olfativo revelam.³⁴⁸

Nesse sentido, Wosny atesta que

Uma outra abordagem das sensações olfativas que não podemos deixar de considerar está relacionada às reações de caráter afetivo e terapêutico (humor, depressão, euforia, irritação, repulsa ou sedução) de acordo com a percepção subjetiva, podendo o mesmo odor ser agradável ou desagradável, dependendo da interpretação da memória olfativa de cada indivíduo. Na atualidade, já se pode contar com instrumental tecnológico para avaliar odores em diversos parâmetros, tais como concentração, intensidade, características. Para tal, apóia-se em equipamentos complexos para análise e medidas físico-químicas de emissões odorantes, quais sejam espectômetros de massa, cromatógrafos de gases, olfatômetros, narizes eletrônicos, dentre outros. Entretanto, pode-se afirmar que, mesmo a mais complexa tecnologia para avaliação de odores é dependente do sentido do olfato em alguma etapa de sua análise. As máquinas, em nenhum tempo, serão capazes de definir caracteres análogos aos subjetivos, tais como a tonalidade hedônica de um odor, ou seja, suas características estéticas, a exemplo da agradabilidade ou desagradabilidade olfativa”. Mais adiante o mesmo autor afirma: “A percepção de odor baseia-se na combinação da frequência de ocorrência, caractere de odor e intensidade de odor. Mesmo os odores mais agradáveis, tal como perfume ou café fresco, podem ser considerados incômodos, se persistentes. Além disso, a exposição prolongada a certos odores causa uma capacidade reduzida para percebê-los, conhecida como ‘fadiga de odor’.³⁴⁹

No dia da morte de Rudolf, os perfumes indicavam a sua presença, alertando os sentidos de Johannes, como se fossem sinais iminentes de perigo para o jardineiro. Confira-se a cena:

³⁴⁷ Estudo do olfato. Osfresia é um substantivo feminino, sinônimo de olfação (HOUAISS; VILLAR, op. cit., p.2087).

³⁴⁸ CORBIN, op. cit., p.180.

³⁴⁹ WOSNY, op. cit., p.30-32.

Quando os passos morreram no topo da escada e a voz soou as suas costas

–

bom-dia Johannes

– soergueu o corpo, ainda virado na direção da sacada, não inteiriçado pelo rancor ou por uma possível premonição, apenas atento, feito um cachorro repentinamente despertado, com o conhecido som do seu nome ainda reverberando dentro do entendimento, um cão alerta, mas ainda sem saber o porquê da prontidão. No segundo imediato, o homem e seus cheiros de casemira nova, colônia e charuto passaram ao seu lado, na mesma direção do seu olhar e, então, o pensamento disparou, *é o dia que ela imaginou e eu esperei, mas que ele jamais chegou a sonhar* (p.360-361. Grifo do autor.)

Paula e Rudolf viviam em uma chácara.³⁵⁰ A casa era grande (por isso tinha muitos empregados) e confortável. Havia ainda uma construção para os empregados e para os animais (como foi visto anteriormente) e um quiosque (caramanchão).

O caramanchão foi o local em que Paula e Johannes/Matheus (jardineiro) conversam pela primeira vez. Nessa conversa há o reconhecimento do segredo dele. Também é o lugar em que Paula começa a tramar a sua vingança contra o marido Rudolf, ao vê-lo partir de navio. Nesse sentido, parece possível um paralelo com a definição de bosque, oferecida por Corbin:

O pequeno bosque perfumado, o leito que ele abriga, locais de solidão, de repouso e de sonho, transformam-se em privilegiados teatros de vertiginosos abandonos. O perfume da natureza confunde-se com o incenso da volúpia.³⁵¹

Mais adiante, o historiador francês acrescenta:

Esse passeio em miniatura receberá a sombra da madressilva, do **jasmin** ou de clematite odorante, sustentada pela leve armação de

³⁵⁰ No início do século XX, a cidade de Desterro era dividida em chácaras, cujos donos eram ricos e poderosos.

³⁵¹ CORBIN, op. cit., p.109.

madeira. O caramanchão, de forma o mais das vezes circular [...] demanda uma sustentação mais sólida; as mesmas trepadeiras o cobrem.³⁵²

Paula, como dona de casa, com o aval de Rudolf, tem poderes sobre todos os empregados (nem que seja apenas para manter a tradição e a hierarquia dos von Henning) e mantém a casa sempre florida (costume estereotipado do povo alemão), seja no cuidado com o jardim, seja nos vasos de cristais e porcelanas das salas (de estar e de jantar). Conforme Alain Corbin,

Colocada no centro da esfera doméstica, a mulher se torna diretora da encenação. Dentro dos limites que o pudor lhe permite, ela procede a um sábio cálculo erótico de seu nível de vida, agora transformado em uma floresta de símbolos. O imaginário do tempo pode ser lido melhor nos interiores do que em qualquer outra parte. O próprio Balzac o atesta em sua *Fisiologia do casamento*: contanto que não sejam provocantes, os perfumes vegetais podem ornar a atmosfera do quarto e do quarto de vestir. Em compensação, o almíscar, também o lírio e a tuberosa são proibidos, e desconfia-se da rosa.³⁵³

Matheus avalia seu novo território (a chácara de Rudolf) com uma pequena descrição, no dia de sua chegada, junto com Natália. Confirmam-se as palavras do narrador:

Enquanto durou o crepúsculo, pôde ver a casa cinza, de dois andares, com beirais de madeira trabalhada e o varandão repleto de folhagens, ligada pelas arcadas à outra construção (onde estão encostados), também de dois pavimentos, por ali sumindo o cocheiro e saindo as duas empregadas, rápidas, sem se importarem com a presença deles (p.206).

³⁵² CORBIN, op. cit., p.246. (Grifo nosso. Quanto ao cheiro do jasmim, tratar-se-á mais adiante, nesse mesmo capítulo.)

³⁵³ CORBIN, op. cit., p.240.

Mais adiante, quando Matheus já está envolvido com Paula, ele faz uma nova avaliação da casa, agora mais profunda, baseada em seu olfato. O narrador passa as suas impressões:

O pesado odor do palheiro estava contraposto ao cheiro limpo do cômodo (um cheiro que nem a noite e nem o futuro aroma de suor e sexo conseguiria arranhar), com todas as porcelanas e cristais perfeitamente lavados e espanados, dispostos nas prateleiras do “*étagère*”, assim como se evola das gavetas o cheiro das toalhas, dos guardanapos de linho e das rendas engomadas, tudo levemente envolvido (igual a uma folha de papel de seda embrulhando alguma coisa mais frágil do que ela própria) por um diluído aroma de alfazema e naftalina, que parece ser a marca registrada da casa inteira. Represado, sob a vigilante fidelidade dos cães, sabia de cada um dos detalhes do aposento – da mesa comprida e das dez cadeiras de espaldar de couro, como dez seres tão imóveis quanto ele, aguardando somente que a primeira luz vença as grandes cortinas, para tornarem a exhibir o brilho cheiro de opacidade, muito mais antigo do que os moradores; e, pelas paredes, as duas naturezas mortas e a grande marinha nas molduras pintadas de dourado, e – ainda – a sua esquerda, na segunda prateleira, a meia dúzia de cisnes de porcelana, pequenos, com os dorsos transformados em vasos, tudo sobrenadando dentro do cheiro da ordem e da limpeza e, mais, da batida cansada do grande relógio de carrilhão, junto à porta do varandão – e, quase tão expectante quanto os cães, continuou parado, profundamente absorvido pela atmosfera da sala (p.318).

Conviria, num parêntesis, qualificar essa casa sob outro prisma. A casa de Rudolf, em muitas passagens da narrativa, é comparada a um museu. Herança de sua família aristocrata, tudo limpo e organizado, com os retratos dos antepassados na parede (como foi visto anteriormente) e todos os móveis impecáveis, incluindo o servilismo e a lealdade dos empregados. A casa era o local ideal para conservar e expor objetos de valor artístico, histórico e sentimental da família von Henning, retratando o seu poder e a sua glória. Todo esse universo era a segurança de Paula. Quando se casou com Rudolf, ela abraçou esse território como se fosse seu também, lutando, com todas as suas garras, para não perdê-lo. (Teria ela passado a ser mais

um objeto desse museu, na visão de Rudolf e dela própria?) O narrador descreve a cena:

A casa toda tem a idade e a atmosfera de um museu, tudo demasiadamente organizado, parecendo negar que alguém já houvesse perambulado entre suas paredes, utilizado seus cômodos, tateado sobre seus móveis e percorrido as escadas, ansioso e delirante, varando noites e madrugadas, à procura do seu próprio destino; que, enfim, tivesse deixado uma sombra, um eflúvio, qualquer sinal do seu corpo ou da sua alma. O aroma adocicado dos copos-de-leite, do **jasmin** e das rosas são trazidos pela brisa fraca que chega do mar (p.21. Grifo nosso).

No final da narrativa, quando Paula conta o seu passado à filha Edla, com todos os seus segredos, o narrador apresenta a casa não mais como um museu, mas como um mausoléu. (Estaria dando indícios da morte de Paula, que não deixaria a segurança da casa por nada nem por ninguém?) Observe-se o clima tenso da cena:

Malgrado a tempestade, há um silêncio opressivo dentro da casa, com todas as plantas e cortinas perfeitamente imobilizadas, feito o interior de um mausoléu onde somente a memória de uma e a atenção da outra mulher fossem os últimos vestígios de seus ocupantes (p.422).

Matheus entrava sempre à noite, às escondidas, na casa de Paula, para encontros amorosos. Destaca-se uma passagem, em que o cheiro participa ativamente do jogo da sedução:

– a mão
que se adiantava no escuro já levava a certeza de que a mulher não estava ali. *Já esteve*, o entendimento sustentava, porque – em meio ao cheiro asséptico que enchia a sala – estava o perfume da colônia, somente para provocar um açoitamento maior no desejo, *deixou sua marca e diverte-se com o meu espanto*, constatava, subindo a escada [...] Matheus pensou que Paula estivesse lá dentro, na cama enorme, no território interdito, como se fosse o centro exato de uma grande

flor, exalando – mais fortes – todos os seus aromas. Eram dois corpos que avançavam pela saleta às escuras (p.323).

Paula pressentia a presença de Matheus pelo seu cheiro de cigarro (fumo de corda, palheiro) e chegou a compará-lo com o cheiro do charuto do marido Rudolf, como se pode perceber na seguinte passagem:

Sem qualquer vestígio do antigo mistério, o fumo de corda é apenas grosseiro, mas – com a conotação de uma lembrança implacável – penetra na memória da mulher:³⁵⁴ espesso, acre, viril em demasia e, num agudo contraponto com o perfume dos charutos do marido, anunciando a chegada de Matheus. [...] todo o seu poder de adivinhação dedicado em antecipar a mão calosa, precedida pelo cheiro do cigarro recém-jogado fora, adiantada ao corpo, praticamente desligada de todo o sistema nervoso, a sua procura (p.316-317).

Os cheiros do nobre e elegante Rudolf, o charuto e o leve aroma de uma colônia pós-barba, poderiam ser interpretados segundo a teoria de Corbin. Segundo o historiador francês,

Sob a monarquia censitária, a menos que se quisesse bancar o janota ou então praticar o amor “antifísico”, o homem elegante deixara de se perfumar; no máximo, sua pessoa desprendia um vago aroma de tabaco, que ele deveria se esforçar para poupar às mulheres. Para ele, passou o tempo da ostentação, como o demonstraram os historiadores da moda e do costume. No novo código de elegância masculina, cuja sutileza é conhecida, não há mais lugar para a nuance olfativa, a menos que se considere precisamente a ausência de odor forte, prova de uma prática de higiene cuidadosa, como o critério decisivo do bom gosto. O simbólico cheiro de limpeza que emana da roupa, quase imperceptível, define o burguês desodorizado, para quem não é mais necessária nenhuma máscara.³⁵⁵

³⁵⁴ Esse mistério não estaria relacionado com o fato de Paula ter sido realmente uma prostituta? Poderia perfeitamente ser uma interpretação, um ponto de vista.

³⁵⁵ CORBIN, op. cit., p.233.

Entre a educação e o polimento do marido (para quem as esposas deveriam ser respeitadas, como “santas”)³⁵⁶ e a virilidade e animalidade do jardineiro, a instintividade de Paula parecia preferir como amante o segundo.

A leitura, no entanto, pode levar para a seguinte hipótese: Rudolf seria homossexual. Indícios que comprovam essa tese: era solteirão, casou-se por um arranjo familiar, vivia viajando a trabalho e nunca levava a esposa, foi indiferente com o conteúdo da carta anônima, que falava sobre o adultério da sua mulher. O psiquiatra Alberto Goldin levanta outra possibilidade para esse evento. Ao comentar o relacionamento entre uma mulher forte e um homem com medo, em seu livro *Amores freudianos*, afirma que

Para certos homens, sustentar sua posição masculina é difícil. Poderia parecer que a vida os contrariou em sua anatomia ou em sua psicologia. Não se trata de nenhuma forma conhecida de homossexualidade, jamais abandonariam sua condição heterossexual. Se, magicamente, lhes oferecêssemos a opção de escolher seu próprio sexo, com certeza essa mulher seria um homem e, ainda que levasse mais tempo, o homem decidiria que para ser protegido e cuidado seria mais fácil que fosse mulher. A dama preferiria ser homem, porque sua personalidade firme e decidida se enquadra melhor em um corpo masculino. De sua parte, ele se sente débil, não consegue sustentar a postura viril e enérgica que se espera de um cavalheiro.³⁵⁷

³⁵⁶ O homem casa-se com uma mulher com a imagem da mãe, por isso a respeita e deixa de amá-la como sua mulher. Na psiquiatria parece haver uma explicação para esse tipo de evento: o complexo de Édipo, estudado pelo psiquiatra austríaco Sigmund Freud. Alberto Goldin, psicanalista argentino radicado no Brasil, discípulo de Freud, em seu livro *Amores freudianos* aborda esse assunto. Para Goldin, “O mais irritante e fantástico na astúcia do inconsciente é que, ao travestir sua companheira de cama em sua querida mãe, com a conseqüente impotência, o sujeito que não realiza o coito, *realiza* um antigo e postergado desejo: de deitar-se com a mãe. Nesse sentido, a impossível viagem do adulto é simultaneamente uma viagem desejada por um menino amnésico. Quando um homem sofre um sintoma neurótico, como é o caso da impotência, *também* goza de um prazer infantil, tão intenso como a soma dos inconvenientes que esse transtorno lhe causa. Enquanto o adulto chora, o menino amnésico goza por idênticas e absurdas razões”. (GOLDIN, op. cit., p.50),

³⁵⁷ GOLDIN, op. cit., p.113.

Ou, então, Rudolf era tão isolado em seu “mundo”, trabalhava tanto para manter o seu poderio (herança herdada por gerações, mas que ele não tinha para quem deixar, pois não tinha filhos), que não se interessava pela mulher, pelos seus sentimentos.

Sobre o fato de o casal Rudolf e Paula não ter filhos, encontra-se na narrativa apenas a menção de um desejo de ter uma família grande, devido ao tamanho da mesa da sala de jantar (com dez cadeiras), indicando que o casal gostaria de ter filhos, mas a narrativa não indica de quem seria esse sonho, em particular. Seria de Rudolf? De Paula? Ou, simplesmente, a mesa grande seria apenas mais uma marca/herança da tradicional família von Henning que, descendente de alemães, tinha como costume possuir famílias numerosas? O narrador de *Quadrilátero* sugere esta última alternativa:

Junto à mesa da melhor madeira e do tamanho conveniente, no sonho há muito desfeito, para abrigar uma grande família, Ruth ajeita os talheres, o guardanapo de linho no mesmo anel de prata, onde refulge o brasão dourado (p.71).

O fato de Paula preferir o jardineiro também traz uma outra leitura: a possibilidade de Paula ter sido uma prostituta no passado, quando era solteira e pobre. Sua ansiedade para satisfazer os desejos da carne (que o marido não atendia) e seu desejo pelos cheiros animais de Matheus atestam esta idéia. Nessa direção, retirou-se dos estudos de Corbin a seguinte citação:

Farejar, dar provas de acuidade olfativa, gostar dos fortes odores animais, reconhecer o papel erótico dos odores sexuais gera suspeita. Tais condutas, aparentadas às do selvagem, atestam proximidade bestial, falta de refinamento, ignorância do código dos usos. Numa palavra, a derrota dos aprendizados que definem o estado social. O

olfato figura no mais baixo nível da hierarquia dos sentidos, em companhia do tato.³⁵⁸

No âmbito da psicanálise, Alberto Goldin esclarece sobre a importância do olfato em uma relação amorosa:

Os sexos se encontram em estranha e profunda complementariedade. “A paixão suspende as repressões e instala as perversões” nos diz Freud, o que significa que quando estou apaixonado, nada me separa do corpo amado. [...] Quando nos apaixonamos, o corpo do outro é como se fosse o nosso. Nenhuma secreção nos repugna, nem mesmo aquelas às quais costumamos ser sensíveis como saliva, suor, etc. Nesse sentido, desaparecem as repulsas que separam os corpos. E se instalam as perversões, porque foi dada uma total liberdade para gozar com o corpo amado.³⁵⁹

Símbolo de intimidade, a camisola de Paula está estreitamente ligada às impressões olfativas e seus artifícios de sedução. Dentro da camisola de núpcias, Paula guarda a carta endereçada a Rudolf (e que ela interceptou) sobre as notícias do massacre de Karlsburg e, portanto, sobre o segredo de Matheus. A camisola é vista como um cofre, um lugar seguro para se guardar segredos (não apenas o de Matheus, mas o dela própria, seu plano de vingança), visto que Rudolf, com sua educação, nunca mexeria em seus objetos pessoais, muito menos em suas peças íntimas. O narrador registra e desvenda as artimanhas de Paula:

É obrigada a recordar a carta [...], já decorou todas as manchas e dobras impostas pelo tempo e, mesmo sem tê-la nas mãos, identifica uma por uma, até quando a imagina dentro da cômoda, dentro da camisola de núpcias, não sob a camisola, mas dentro das dobras do tecido e das rendas, feito uma parte do seu espírito ainda abrigado ali, adquirindo lentamente o perfume da alfazema (e, talvez, o aroma de sua própria carne, do suor e do orgasmo lembrado sem orgulho e sem

³⁵⁸ CORBIN, op. cit., p.13.

³⁵⁹ GOLDIN, op. cit., p.81-82.

exaltação), certa de que o respeito de Rudolf não permitiria, em qualquer instante de suas vidas, abrir a gaveta e vasculhar suas coisas (p.302-303).

Em outra ocasião, Paula, depois de uma noite de sexo no quarto de Matheus, deixa sua camisola lá. Ele a guarda em sua mochila, como um trunfo (ou até mesmo um troféu), ou, apenas, como uma recordação de sua relação com Paula, a marca de uma paixão. De acordo com o narrador:

– o quarto ainda guardava o perfume e a camisola provava a passagem do corpo pela cama, desfazendo o desejo de que tudo fora um sonho; [...] e dobrou a camisola num gesto meticuloso, para guardá-la na mochila, sob as duas camisas e, só então, deitou-se, aspirando profundamente os aromas que a mulher deixara com ele (p.378-379).

A camisola, nesse caso, torna-se um objeto de fetichismo para Matheus. A admiração incondicional por Paula beira um estado psicopatológico para Matheus, à medida que há um desvio do interesse sexual da mulher para a sua camisola (uma peça de vestuário – um fetiche), ou seja, há uma transferência do desejo de uma pessoa para outra para um objeto da pessoa amada. Matheus guarda a camisola de Paula em sua mochila, não apenas como uma lembrança de seus encontros amorosos, mas como um troféu.

Nesse sentido, encontra-se nos estudos de Corbin a importância que o cheiro da pessoa amada representa para a pessoa apaixonada, mas que, ao mesmo tempo, denota a “descontinuidade do diálogo amoroso” (no caso de Matheus e Paula, o fato de eles não poderem – ou não quererem – assumir o seu amor perante a sociedade – e perante eles próprios). De acordo com Corbin,

A fugacidade dos perfumes favorece o deleite, a embriaguez sentida por antecipação. Ela simboliza a descontinuidade do diálogo amoroso. A paciente aspiração do ser amado pressagia a futura delicadeza das carícias. [...] Cheirar objetos perfumados, melhor do que olhar uma fotografia, garante a presença imaginária da amante. Esta aparição à distância do outro corresponde ao amor retardatário e descontínuo.³⁶⁰

Essa mesma camisola será mecanismo desencadeador da morte de Helga (empregada de Paula). Ao arrumar o quarto de Matheus, inebriada com os cheiros que estava sentindo, curiosa (estaria interessada no viúvo de Catarina?), abriu a mochila dele e encontrou a camisola da patroa. Ela pensou que ele tivesse roubado a camisola do varal e estava pronta a contar tudo para dona Paula. Seu erro foi não ter comentado nada com os colegas de trabalho. Ambiciosa, sonhava em subir de posto, ou mesmo ganhar a estima de Paula. Ao deparar-se com Matheus e Paula juntos, de madrugada, no meio da chácara, foi surpreendida pelo duro golpe de Matheus. O narrador apresenta a cena em que a empregada reconhece a camisola da patroa:

[...] Helga deteve-se a menos de um passo das cobertas, confusa, levada a comparações com os cheiros que se mesclavam em seu olfato, o assustador aroma do homem solitário enfraquecendo sua incerta ousadia; e, contudo, a mochila estava diante de seus olhos, feito um mistério pronto para ser desvendado, com toda a sua aparência de coisa recém-chegada e – também – pronta para uma nova partida, velha e ainda nova perante seu assustado encantamento. No instante seguinte, as fivelas estavam abertas e a conhecida fragrância da colônia subiu até ela, sobrepondo-se aos cheiros de Matheus e do próprio medo (p.384).

³⁶⁰ CORBIN, op. cit., p.265.

O perfume da colônia de Paula possuía um delicado e ao mesmo tempo forte aroma de rosas.³⁶¹ O poder do perfume pode entorpecer alguém. Nesse sentido, Corbin afirma:

Se é o prazer que começa a sensação, afirma Bouffon, é a dor que a completa. No domínio da olfação, um limite álgico separa o doce aroma do perfume demasiado potente. As cefaléias são apenas o menor mal: os próprios odores aromáticos, no princípio tônicos e excitantes, podem levar à “embriaguez” do olfato.³⁶²

Na narrativa de Boos Júnior, no entanto, não se percebe nenhum mal dessa natureza, como as cefaléias, com nenhuma das personagens. A não ser, é claro, a perturbação que causa em Matheus o perfume penetrante de Paula.

Em seguida Corbin atesta que “exalar um perfume potente significa deixar supor uma limpeza duvidosa”,³⁶³ o que leva na mesma direção de que Paula fora uma prostituta e tenta, com o aroma da colônia de rosas, ocultar o seu passado sujo. E Corbin chega à conclusão que “a crítica contra os odores integra-se à crítica mais ampla, que ataca o artifício, a afetação, a moda efeminada, numa palavra, todas as tendências suspeitas de levar à ‘degeneração’”.³⁶⁴

Paula, no entanto, não deixa de ser uma mulher e, como qualquer uma delas, gosta de ser sentida e apreciada pelas outras pessoas. De acordo com Corbin, “a mulher quer ser respirada; ela afirma desse modo a vontade

³⁶¹ De acordo com o Dr. Wosny, “a mais cheirosa de todas as divindades gregas era a deusa do amor, Afrodite. Homero fala que onde Afrodite passava deixava atrás de si um rastro de doces fragrâncias. Captar o perfume da divindade podia resultar em diversos efeitos da fragrância sobre os seres humanos, desde a cura de ferimentos de guerra, até à reanimação de corpos” (WOSNY, op. cit., p.47).

³⁶² CORBIN, op. cit., p.92-93.

³⁶³ CORBIN, op. cit., p.93.

³⁶⁴ CORBIN, op. cit., p.94.

de auto-expressão. Por essa discreta alusão aos impulsos do corpo, por essa busca pelo reflexo, ela cria uma *aura* de sonho e de desejo”.³⁶⁵

Dessa forma, ainda segundo Corbin,

O perfume impregna os objetos familiares cujo cheiro repercute e ateste à distância as maravilhas femininas. Ele tem como missão erguer uma teia olfativa e, ao mesmo tempo, tornar quase imperceptível e ressaltar a atmosfera da mulher. Numa palavra, conciliar o inconciliável. O distanciamento ajuda finalmente a sedução. O erotismo sai ganhando com esse impudico pudor.

Este projeto complexo impõe e justifica o abandono dos perfumes animais e a onda de odores florais que, sem poder rivalizar com os da carne, refletem a estranha cumplicidade entre a mulher e a flor. [...]

Quer-se rosa, violeta ou lírio; nunca uma mulher felina ou almiscarada. As imagens florais expulsam do discurso as imagens que pertencem ao ciclo carniceiro. Até mesmo no interior do reino vegetal, o imaginário se inspira na inocente flora campestre ou das hortas; não chega ainda ao exotismo perturbador das lianas, das plantas estranhas ou das corolas venenosas.³⁶⁶

Mas a relação amorosa entre ela e Matheus também é envolvida por um outro aroma de flor: o jasmineiro.³⁶⁷

As flores podem ter significados diversos. Em princípio, são símbolos da fugacidade das coisas, da primavera e da beleza. No livro *A linguagem das cem flores*, Regina Obata relaciona o jasmim ao amor, à beleza delicada e à graça. Segundo a autora, “No cristianismo, o jasmim é um atributo da Virgem Maria. Os poetas referem-se mais ao jasmim branco, símbolo da amabilidade. Jasmim amarelo: desengano. Jasmim francês: sinceridade. Jasmim real: sensualidade”.³⁶⁸

³⁶⁵ CORBIN, op. cit., p.99.

³⁶⁶ CORBIN, op. cit., p.235-239.

³⁶⁷ O perfume do jasmim envolve outras narrativas de Adolfo Boos Júnior. No livro *As famílias* (1980), nos contos enquadrados no capítulo “Os retratos”, aparece o cheiro do jasmineiro relacionado tanto com o prazer sexual solitário da personagem Placidina como com o cheiro de morte. As irmãs solteironas desses contos e o mesmo cheiro do jasmineiro reaparecem no conto “O quinto dia da criação”, inserido no livro *O último e outros dias* (1988).

³⁶⁸ OBATA, Regina. *A linguagem das cem flores*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. p.30-32.

No *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*,³⁶⁹ fica-se sabendo que o jasmim é originário da Arábia e introduzido no Brasil, onde é muito comum em parques e jardins públicos e particulares. Planta ornamental, é comumente cultivada, principalmente ao lado de terraços.³⁷⁰ Na mesma fonte bibliográfica, no verbete “jasmineiro”, encontram-se diversas espécies, sendo que uma delas, *Jasminum azoricum* L., é originária do arquipélago de Açores de onde foi introduzida no nosso país, onde é muito cultivada como planta ornamental.³⁷¹ Segundo o autor, “na ‘linguagem dos namorados’, a flor significa paixão e voltuosidade [sic]”.³⁷²

Depois da osmologia (estudo e descrição do modo de produção dos odores e seus efeitos)³⁷³ e da osmoterapia,³⁷⁴ pesquisas científicas de médicos³⁷⁵ e psicólogos indicam o uso da aromaterapia – “medicina

³⁶⁹ CORRÊA, M. Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. v.4. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, de 1969 a 1978. p.490-500.

³⁷⁰ Como aparece em *Quadrilátero*, o jasmineiro cresce próximo ao terraço da casa de Rudolf e Paula.

³⁷¹ CORRÊA, op. cit., p.499. Boos Júnior não especifica qual o tipo de jasmim ou de jasmineiro que utiliza em sua narrativa. No entanto, como Desterro foi colonizada principalmente por imigrantes açorianos, imagina-se que seja essa espécie.

³⁷² CORRÊA, op. cit., p.500.

³⁷³ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p. 2087.

³⁷⁴ “Virey consagrará dois longos textos à osmoterapia. A perspectiva terapêutica guiará a classificação dos odores feita por Lorry por volta de 1783. As raízes da crença na virtude dos perfumes se aprofundam na Antigüidade; os médicos do século XVIII referem-se, é claro, a Hipócrates e a Galeno, mas também a Criton, cuja terapêutica, segundo Aécio, estava toda fundamentada no emprego dos arômatas” (CORBIN, op. cit., p.85).

³⁷⁵ “No Egito Antigo, considerado o berço da farmácia e perfumaria, praticava-se há mais de quatro mil anos a terapia dos aromas. As fragrâncias eram consideradas materializações divinas, um símbolo de união entre deuses e homens (WOSNY, op. cit., p.45).” Nesse sentido, destaca-se o tratamento desenvolvido pelo médico inglês Edward Bach, na década de 1930, mundialmente conhecido como Florais de Bach. “A partir de suas meditações e de um profundo estudo das leis da Natureza, das propriedades das plantas e das forças curativas que animam todo ser vivo, o Dr. Bach desenvolveu a noção de que as doenças não são exatamente provocadas por agentes físicos – como as bactérias e os vírus – mas sim resultantes de desarmonias cuja origem está nos conflitos profundos entre os elementos da personalidade e a nossa verdadeira natureza espiritual. [...] Depois de experimentar durante anos com numerosas espécies, o Dr. Bach selecionou as 38 flores, arbustos e árvores cujas essências utilizou para preparar seus remédios florais [...] e agrupou-os em sete categorias: para os que sentem medo; para os que sofrem de indecisão; para os que sentem desinteresse pelas circunstâncias presentes; para a solidão; para os que são excessivamente sensíveis a influências e opiniões alheias; para o desalento ou desespero; para a excessiva preocupação com o bem-estar dos outros. [...] Hoje a terapia floral é uma técnica difundida e estudada em quase todo o mundo: existem vários centros de pesquisa na aplicação das essências florais em diversos países, que já estão produzindo seus próprios florais, como os da Califórnia, da Argentina, do

terapêutica baseada na ingestão, inalação ou massagem do corpo com óleos vegetais ou essências aromáticas” –,³⁷⁶ isto é, uma terapia que tem como base os aromas da natureza, buscando o bem-estar físico e mental. Nesse sentido, o jasmim pode ser utilizado ora para atrair otimismo, “para um caminhar leve e descontraído; uma procura despreocupada, munida de certezas de encontrar”,³⁷⁷ ora como afrodisíaco.

No dia em que Matheus revela seu passado a Paula, o cheiro do jasmineiro está presente entre eles. Note-se:

está quase na hora
– um murmúrio tão
tênue (apesar de imperativo), que parece nascer junto com o adocicado
perfume do jasmineiro, tão fugaz quanto o trêmulo balanço dos talos
mais altos, buscando a sacada (p.283).

O cheiro do jasmineiro representa para eles a morte de Rudolf, que ocorrera na sacada, com o golpe desferido por Matheus.³⁷⁸ Mas o aroma não chega a perturbá-los por causa disso. Confira-se o seguinte excerto:

[...] a sacada mostra sua balaustrada recomposta, o jasmineiro tornando a exibir suas pontas acima do nível do assoalho e ele sabe (mesmo que o olhar não se interesse e o olfato não queira mais perceber o cheiro da pintura recente) quais as tábuas e os caibros substituídos e até a moessa deixada por uma martelada incorreta (p.284).

O que os perturba no cheiro do jasmineiro é a atração sexual que ele provoca, e que, naquela noite na saleta, no dia do relato, foi reprimida por

Brasil.” Cf. BONTEMPO, Márcio. *Guias práticos Nova Cultural – Medicina Natural: Florais de Bach e Iridologia*. São Paulo: Nova Cultural; Círculo do Livro, 1992.

³⁷⁶ HOUAISS; VILLAR, op. cit., p. 292.

³⁷⁷ Folder da empresa Aromagia®. Disponível também no endereço eletrônico: <http://www.aromagia.com.br>, acesso em 28 mar. 2003.

³⁷⁸ Retoma-se, aqui, a idéia de que a simbologia não é universal. O cheiro do jasmineiro, que “deveria ser” agradável para todos, não o é para Paula e Matheus, por lembrá-los de um acontecimento marcante: a morte de Rudolf (assassinado por Matheus). Depende da experiência de cada um.

ambos até não poderem mais e cederem aos prazeres da carne. A voz do narrador confirma o desejo controlado de Paula:

Certa de que o perfume do jasmineiro não afogava as exalações do seu corpo, acuada contra o canto da sacada, no frio que arrepiava toda a pele e explodia no bico dos seios (quase tão dolorosamente contraídos quanto o sexo apertado entre as coxas) [...] segura de que a adocicada e penetrante fragrância não encobria o rastro do seu suor e, ainda, acima de todos os outros aromas do jardim, nem a natureza e a qualidade da carne irremediavelmente inflamada, igual e até mais instigante do que o aroma do medo (p.330).

Nesse sentido, retoma-se os estudos de Corbin. Segundo ele,

O homem e a mulher do Ocidente se esforçarão, doravante, para disfarçar com habilidade cada vez maior os odores corporais tornados importunos; uma maneira de negar o papel sexual do olfato ou ao menos de deslocar o campo de excitação e de alusão olfativas, uma vez que a partir de agora cabe às delicadas exalações da perspiração,³⁷⁹ e não mais aos poderosos odores das secreções, pressagiar a ligação íntima. Nunca se havia operado uma revolução de tal importância na história da solitação sexual.³⁸⁰

Anos mais tarde, Paula continua a usar o mesmo perfume (colônia de rosas) – sua marca registrada, símbolo de poder –, como se pode perceber na seguinte passagem:

Malgrado o vento [...] apenas o perfume fica no ar, em redor das pessoas e do animal, nas roupas, nas epidermes e, talvez, nas almas, proclamando (não obstante sua suavidade) a força de quem o usasse. Assim, quando Ruth a ajuda, sobe no carro e, por um segundo (muito breve e, contudo, marcante demais), permanece quase imóvel no ar, envolta e espalhando a essência antiga, a lembrar rosas esmagadas ou, ainda mais remotamente, uma única rosa prensada entre as páginas de um livro nunca mais lido; o mesmo perfume que constitui a atmosfera do seu quarto e que ela tira do grande frasco lapidado, único, em cima da penteadeira, e cujo nível a empregada nunca percebeu baixar,

³⁷⁹ Perspiração é o mesmo que transpiração, suor.

³⁸⁰ CORBIN, op. cit., p.100.

ficando-lhe a impressão de que, por qualquer espécie de milagre ou magia, líquido e aroma recompõem-se durante as poucas horas de sono de sua proprietária. Ajeita-se no banco traseiro, espalhando a ampla saia e, no gesto gracioso da elegância nunca perdida, evolva-se mais forte o aroma da rosa esmagada dentro do livro e, com ele, novamente a tácita força da mulher (p.38-39).

A força de um perfume, apesar de sua fugacidade, atesta seu caráter perene na memória das pessoas que o sentiram. De acordo com Corbin,

A eternidade do perfume, tema caro a Baudelaire, confere ao olfato uma sufocante potência evocadora. Para os entes queridos, o que restará do homem e de seus amores? Um perfume aprisionado num frasco, um odor que se aninhou no fundo do armário ou da tumba. Ao se aspirar certos aromas, uma sociedade, uma antiga civilização ressuscitam.³⁸¹

No entanto, ao visitar Matheus no cemitério,³⁸² quase três décadas depois do seu envolvimento com ele, Paula percebe que seu perfume não seduz mais o homem que no passado ela usara como instrumento de uma desforra. O narrador apresenta a desilusão de Paula em dois momentos:

Quando chega no cemitério para visitá-lo:

Por que não lembrar, ela se indaga, se é o fortalecimento da memória e não uma fraqueza, pois certamente o vento está levando seu perfume até ele, sentado no chão, com as costas apoiadas no tronco da mangueira, aparentemente atento em alguma coisa no fundo da

³⁸¹ CORBIN, op. cit., p.261.

³⁸² É o local escolhido por Paula, para controlar Matheus, vigiá-lo, usá-lo quando bem entendesse. “Dentro da extensa gama dos fedores, é o do cadáver o primeiro que parece ter suscitado mais amplamente a intolerância. Apesar da desenvoltura evocada por Mercier, a precocidade das queixas formuladas pelos residentes na vizinhança dos cemitérios o comprova. A colocação do odor cadaveroso e a corrupção das carnes e dos metais em mútua relação reaviva a ansiedade, justifica a veemência do tom. Separar o mundo dos mortos do mundo dos vivos passa a ser uma exigência incessantemente reiterada” (CORBIN, op. cit., p.81). Salienta-se que em *Quadrilátero* há uma turma de operários que está destruindo o cemitério, isto é, revolvendo suas terras e seus corpos deteriorados, levantando, portanto, uma gama de odores fétidos e pútridos na cidade. Além do mais, o cemitério é o local em que Matheus passou seus últimos trinta anos (como um morto-vivo, cf. fala de Paula para sua empregada Ruth: “tem gente, Ruth, que morre em vida; e o velho já morreu” p.86-87). O que revela, portanto, a desilusão de Paula (matou Matheus em seu coração.).

chácara. De longe, sem qualquer sinal de vida, suas espáduas transmitem uma impressão de tenacidade maldosa, que parece completar a força e a fixidez do olhar. Não dá mostras de perceber sua presença e, assim, aproxima-se lentamente, parecendo apenas impulsionada pelo vento, na esperança de que seu sussurrante caminhar atraia a atenção dele (p.43. Grifo do autor).

Depois, de volta em casa, na segurança de seu território, Paula avalia a sua visita e a atitude de Matheus:

Continua pensando no homem estirado na cama, insensível à sua presença, da mesma forma estoica com que ela própria tornara-se insensível ao cheiro e à decadência do quarto, ignorando-a, *estúpido feito um burro, só para provar que pode resistir; como se a teimosia, e não a liberdade, fosse sua razão de viver; pobre velho teimoso, como um asno, morrendo sem entender nada* (p.60. Grifo do autor)

Paula contava com o poder de seu perfume para seduzir Matheus ou simplesmente subjugá-lo à sua força feminina. Ela não esperava, no entanto, que ele não provocasse mais nada em seu antigo amante. Busca-se em Corbin uma explicação para esse acontecimento. De acordo com o historiador francês,

[...] a reminiscência olfativa vira *leitmotiv*: Maine de Biran repisa essa estranha sensação, que, segundo ele, arranca o véu entre o coração e o pensamento, abole a distância que separa o passado do presente e conduz à melancolia do *never more* pela tomada de consciência da unidade do eu. “A espécie de lembranças, que se ligam às sensações do olfato, deve ser da mesma natureza que as próprias sensações, isto é, puramente afetiva. Há, entre os odores e as impressões internas de que é feito o sentimento de coexistência, uma afinidade que é toda especial desse sentido. Odores ligados a tais sentimentos espontâneos inefáveis, tais como os experimentados na juventude, despertam sempre mais ou menos o mesmo sentimento; sentimo-nos ainda jovens, enamorados, em um bosque perfumado. É aqui que o coração comanda o seu jogo, independentemente do pensamento; quando se retira o véu, sentimos por tudo aquilo que perdemos e a melancolia toma conta de nossa alma.”³⁸³

³⁸³ CORBIN, op. cit., p.258-259 (Citação *Journal*).

Depois que Paula vai embora do cemitério, sem conseguir falar com Matheus, que a ignora, o narrador mostra a versão do “velho” sobre este episódio:

Nos sentidos gastos, nada mais resta da visitante, nem mesmo a colônia tão penetrante e perturbadora como antigamente, quando ainda se inteiriçava com o perfume levemente adocicado, o vago aroma da rosa esmagada circundando a essência mais forte da carne predisposta, o melado odor da excitação feminina. Agora, o perfume é apenas uma lembrança, um sorriso num velho retrato, tão antigo que a memória não consegue lembrar, além da frieza dos detalhes, o calor, a paixão, enfim, qualquer coisa que tivesse animado o rosto quase esquecido (p.48-49).

Sentir o perfume de Paula e perceber que ele não lhe diz mais nada é o mecanismo que faz que com Matheus decida tomar um novo rumo em sua vida, como se fosse o sinal de sua premonição, indo embora do cemitério e da vida de Paula. O narrador revive os pensamentos de Matheus:

A mente trabalha veloz (porém, indecisa, tanto quanto um pássaro desacostumado à liberdade) e, como o velho animal que é, outra vez ciente da sua força, da completa restauração do instinto embotado, apronta-se para retomar a caminhada, ansioso para, depois da última busca, voltar ao seu destino, na rua sem fim [sic], na escuridão dos becos, penetrando-a (como se fosse tão palpável e tétrica quanto uma mortalha), afastando o fedor da miséria e da morte (p.66-67).

Esse evento narrado em *Quadrilátero* de certa forma está relacionado às descobertas de Corbin. Em seu trabalho, o historiador francês atesta:

Mas a inovação está mesmo no poder de exaltação da memória afetiva; na busca pelo “sinal memorativo”, segundo a expressão de Rousseau, essa confrontação brutal entre o passado e o presente imposta pelo odor reconhecido; junção imprevista que, longe de abolir a temporalidade, faz experimentar e revela ao eu a sua própria história. Enquanto a moda ascendente do perfume confere uma amplitude

poética à imagem memorizada do outro, a descrição olfativa na literatura afirma-se a propósito da reminiscência.³⁸⁴

Um dos homens que trabalhavam na destruição do cemitério é Carioca que, como foi visto, queria roubar Matheus. Pensava que Matheus tivesse roubado o material (que pudesse ter algum valor) das sepulturas antes dele e, por isso, tinha raiva do “velho” e pretendia roubar a sua mochila. No entanto, tinha medo dele, pensando ser um louco (por morar sozinho no cemitério, no meio dos mortos). Covarde, tinha cólicas intestinais só em pensar em ter que brigar com Matheus. Chega a xingar-se de “cagão”. O termo lhe caía perfeitamente porque, como tinha medo (de tudo e de todos), acabava tendo cólicas e fazendo suas necessidades a toda hora. De acordo com Corbin, “O terror torna a transpiração das axilas nauseabunda e suscita gases e fezes insuportáveis”.³⁸⁵ Destaca-se da narrativa ficcional, o excerto que comprova essa idéia.

Furioso com os escorregões, com o fracasso para conseguir um simples cigarro, debate-se entre as duas faces de uma raiva desatinada: a primeira feita com os restos do medo, concentrada no velho, convicto de que foi ele quem lhe passou a perna; a outra, originada no passado [...] contra a mulher, contra a covardia encravada nele, uma covardia que não pediu e que lhe foi imposta, feito uma herança indesejável. Condena-se, *cagão, deve estar tudo lá, na casa; ninguém mexeu, ninguém levou*, a imaginação prosseguindo sem freios, *a mulher continuaria, bisbilhoteira como era; onde estaria aquela vaca, a quem estaria corneando agora*, e tudo mexe com os intestinos, consegue um pedaço de papel engordurado, cheio de formigas, refugia-se atrás de uma pilha de tijolos; a folha úmida rasga-se, mergulha os dedos nas próprias fezes, quase chora de raiva (p.38. Grifo do autor)

O odor entranha-se em seus dedos e durante todo aquele dia Carioca fica, “compulsivamente levando os dedos ao nariz, aspirando o esmaecido

³⁸⁴ CORBIN, op. cit., p.110.

³⁸⁵ CORBIN, op. cit., p.55.

odor de suas próprias fezes” (p.53), como se fosse um mecanismo de impulsão que o encorajasse a colocar em prática o seu plano: roubar o velho. Enquanto observa a visita de uma mulher ao velho (que Carioca acredita ser sua filha, mas que era Paula), o narrador apresenta os sentimentos de Carioca:

Dentro dele, a raiva decresceu um pouco, mas ainda quer o velho como único culpado [...], o queixo ainda apoiado nas mãos cruzadas sobre o cabo da ferramenta, o diluído odor de sua própria sujeira voltando às narinas, encravado sob as unhas imundas [...]. A ganância é do mesmo tamanho do medo e nasce bem no interior do corpo, onde as derrotas ainda não deixaram as suas marcas –

ei, vou cagar de novo

– grita para

o parceiro (p.56).

Matheus, que já havia decidido partir depois da visita de Paula, com a chegada inesperada de Carioca resolve ir embora de vez do cemitério.³⁸⁶

Apanha a sua mochila e segue em direção à venda do Espanhol.

O Espanhol da bodega é um homem velho e solitário. Sonha com as prostitutas de sua juventude e com a atual empregada dos Müllen. Desleixado e sujo, torna-se um homem de aspecto asqueroso. O narrador apresenta a origem desse estilo de vida.

Põe um pouco de água na bacia, tira a remela dos olhos, umedece os cabelos lisos, enxuga-se com o primeiro pano que encontra. O cheiro que enche suas narinas cabeludas (banha, lingüiça, cachaça e urina) emana do trapo, mas é o seu cheiro já incorporado à carne, quando entrincheirou-se atrás de um balcão junto com os irmãos, na Bahia. Ou, talvez, antes, antes mesmo de descer do navio,³⁸⁷ ainda no convés atravancado, contando as moedas economizadas, não apenas na

³⁸⁶ Será que Matheus fugiu da briga com Carioca? Matheus, quando jovem, era forte. Agora, velho, estaria fraco e cansado? Matheus julgava Carioca um fraco, que não valeria a pena brigar com ele (ou mesmo matá-lo)?

³⁸⁷ Como o próprio apelido da personagem indica, Espanhol da bodega é um imigrante. Desterro, capital litorânea, recebeu diversos povos em suas terras: africano, alemão, árabe, espanhol, grego, italiano, sírio-libanês e, principalmente, português (açoriano).

comida ou no modesto vestir, mas também na poluição do sonho de todas as noites (p.35)

Acreditando ser impotente (tanto sexualmente como no temperamento, por não conseguir mudar a sua vida), ele observa da janela da sua bodega (como um *voyeur*) os remadores no mar, invejando seus corpos musculosos e fortes, e a empregada dos Müllen na praia, sonhando em um dia tê-la em seus braços. O narrador descreve a cena:

– além da praia e do cais deserto, sobre o mar escurecido, um sol ocasional ilumina nuvens pardas, baixas, correndo ligeiras; os remadores carregam os barcos para os galpões, trazem outros, emborcados sobre a cabeça e, dentro da ladainha da empregada, fica observando os homens que exibem as pernas nuas, os peitos cabeludos, a musculatura retesada. De longe identifica, *skiff, out-rigger, dois com patrão, esporte besta*, o pensamento recebendo outro componente: a empregada dos alemães (p.41. Grifo do autor).

Cansado, desanimado e desiludido, Espanhol da bodega sabe perfeitamente de sua condição (pobre e sujo), consciente de que não conseguirá mudar sua situação. O narrador expressa a indignação e a tristeza da personagem:

A cama desfeita não convida mais e perto da janela, no espelho barato, vê seu rosto por barbear, doentio e triste, o cabelo comprido cheio de caspas, *quem vai me olhar, quem vai querer dormir comigo*; num espelho maior e mais limpo, daqueles que existiam no quarto da mãe e, certamente, na casa dos irmãos, enxergaria por inteiro o corpo balofo, a musculatura perdida, incapaz de erguer trinta quilos. Sente a barriga estufando o colete, aspira seu próprio odor, acima do aroma da fritura, sobre o cheiro do aguarrás e da urina das ratazanas, que é a essência da carne envelhecida na solidão, o ranço do homem solteiro (p.80-81. Grifo do autor).

Em outra passagem, a personagem reconhece o seu estado doentio, em que seu olfato detecta o perigo da morte iminente.³⁸⁸ De acordo com o olhar do narrador,

Admite que o desleixo é sinal de uma doença e, talvez, o cheiro da própria alma seja mais forte do que a falta de asseio, seja o aroma da morte (p.64).

A bodega do Espanhol, que é a extensão da sua casa, é um espelho de sua alma. A venda é descrita como um ambiente miserável e sórdido.

De acordo com o estudo de Corbin,

Leonard Pfeiffer discerne uma sensibilidade idêntica em Balzac. Numerosas referências à atmosfera das cozinhas figuram na obra do romancista (*Um começo na vida, O velho Goriot...*). Balzac já se revela sensível ao cheiro da pia, ao fedor dos cômodos sem limpeza (*A senhora de Chanterie, O iniciado*), ao “odor particular aos escritórios” (*A casa do gato que brinca*) cuja atmosfera, corrompida pelas emanções dos celibatários que as povoam, deverá tornar-se um estereótipo.³⁸⁹

O ambiente repugnante da bodega do Espanhol pode ser percebido nessas duas passagens retiradas da narrativa.

Na primeira, Espanhol acabara de acordar e “rasteja” para mais um dia de trabalho:

Sai do quarto para a bodega, abre a porta e recebe na cara, nos olhos remelentos, o vento estranho e sua quente umidade, trazendo o cheiro da maré baixa, logo do outro lado da rua, que é uma simples e esburacada paralela do cais [...] Deixa as portas abertas, como quem prepara uma armadilha, à espera de algum operário, uma empregada, e passa para trás do balcão. Pensa em requentar o café, balança o bule, olha as flores malfeitas, a ferrugem aparecendo nas lascas do esmalte.

³⁸⁸ Uma personagem semelhante (um velho jornalista) encontra-se no conto “A carroça que acordava a cidade”, inserido no livro *O último e outros dias* (1988), de Adolfo Boos Júnior.

³⁸⁹ CORBIN, op. cit., p.215.

Acende o fogareiro, distraído, mas sem esquecer que o bule é um símbolo da pobreza [...]. Esperando que o bule esfrie novamente, passa o pano sobre o balcão, joga a merda dos ratos no chão; depois embebe uma ponta em aguarrás, volta a esfregar, afogando o fedor da urina com que as ratazanas encharcaram as inscrições e os detalhes obscenos, feitos a canivete por sua freguesia (p.34-36).

Na segunda, Espanhol volta do mercado às pressas, devido a uma ventania que castiga a cidade e que traz maus pressentimentos para ele. Sigam-se seus passos através do olhar atento do narrador:

Entra, trazendo um medo novo misturado com a amargura do minuto anterior e, mais fortes, os palpites reaparecem na força do vento enlouquecido. Fecha as portas, a areia rangendo nas dobradiças e nos trincos enferrujados, mas assim mesmo o nordeste penetra pelo teto de telha-vã, vasculhando a bodega, fazendo tremer as garrafas na única prateleira, agitando e esfrangalhando os paranhos, saindo do jeito que entrou, sem obstáculos (p.63-64).

O penúltimo excerto faz pensar na cidade de Desterro do início do século XX. Matheus, em sua última caminhada, quando está indo do cemitério para a venda do Espanhol, descreve uma cidade feia e suja, a partir das impressões de seu olfato. O narrador comprova esta idéia:

a frouxa claridade

do lampião, a uns vinte metros dele, não chega a arranhar a escuridão, e, à proporção que caminha (afastando, dilacerando a neblina e o cheiro de lixo e águas podres, como quem afasta e rasga uma mortalha), sente a presença de alguém logo a sua frente, espremido contra um portal. Profundamente envolvido no ranço pesado que paira em toda a extensão do beco – o enjoativo conjunto de peixes e verduras em decomposição, de ratos apodrecendo e frituras azedas; enfim, o odor de um mundo deteriorado por uma miséria que infesta, além dos limites do porto, toda a cidade, enraizada na atmosfera e, como se fosse atávica, até mesmo no espírito de seus habitantes (p.424).

Nesse sentido, destaca-se a teoria de Alain Corbin sobre a revolução do olfato e o processo de purificação ocorrido a partir da Revolução Francesa. Para este historiador,

Detectar os fluxos que constituem a trama olfativa da cidade significa localizar as redes miasmáticas através das quais a epidemia se infiltra. Desta nova visualização do espaço urbano nascerá, somente mais tarde no entanto, uma renovada leitura da sociedade. Por enquanto, o projeto sociológico permanece muito vago. A pregnância dos perigos revelados pelos odores da terra, da água, dos excrementos, dos cadáveres e dos corpos misturados, em confusão, atrapalha a análise. A urgência da tarefa dos higienistas, açodados pelo odor das coisas e da multidão pútrida, ainda não permite distinções metódicas. Será o século XIX que organizará essa leitura nova. A estratégia que será então utilizada procederá à divisão entre o burguês desodorizado e o povo infecto.³⁹⁰

O romance de Adolfo Boos Júnior, sobretudo na utilização dos sentidos, segundo se procura demonstrar, lembra, por vezes, a técnica naturalista. No estudo de Corbin, fica-se sabendo, sucintamente, de como o escritor francês Émile Zola utilizou os sentidos em sua obra ficcional.³⁹¹ De acordo com Corbin,

No universo zolaico, os modos sensoriais da sedução variam segundo as classes sociais. O tato vence em meio ao povo; no campo, como na cidade, o contato do corpo, cujas formas se percebem claramente, abre as comportas do prazer; o macho empunha sua conquista. Entre os burgueses, é a olfação que regula o ritmo das pulsões e dos sentimentos. Os obstáculos diante do olhar obrigam a que se adivinhem os encantos de um corpo que se esquivava aos contatos táteis, ainda que os mais furtivos. Os eflúvios do outro sexo solicitam livremente a imaginação, revelam afinidades, fazem ferver o sangue. Contando com a insidiosa ajuda da atmosfera em torno, decidem as alianças.³⁹²

³⁹⁰ CORBIN, op. cit., p.76-77.

³⁹¹ Segundo o *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse* (op. cit., p.1635), Zola (Paris, 1840 – id., 1902) era “chefe da escola naturalista. Queria aplicar à descrição dos fatos humanos e sociais o rigor científico. Concedendo importância capital às causas materiais das paixões humanas, empreendeu uma grande obra cíclica, baseada em sua experiência vivida e em minuciosa pesquisa preliminar”.

³⁹² CORBIN, op. cit., p.265.

Quanto à narrativa ficcional de Boos Júnior, em seus triângulos amorosos (Arnold, Natália e Matheus; Rudolf, Paula e Matheus), percebe-se a importância dos sentidos.

Na relação entre Natália e Matheus, que passavam por dificuldades financeiras na colônia, o tato foi o sentido que os governou, desde seu primeiro encontro amoroso, na cozinha do casebre (p.240-243); ou, depois, “no capim” (p.271-275).

Já na relação entre Paula e Matheus sobressai o olfato. Paula, uma burguesa (não era nobre como o marido Rudolf), destaca-se pelo aroma de sua colônia de rosas. O jardineiro Johannes/Matheus, por sua vez, traz seu poder inato, com seu cheiro selvagem de animal, atestando sua virilidade.

Ao fazer uma análise olfativa do romance *Quadrilátero*, a professora Eliane Debus afirma que

Os odores destacados nas relações amorosas das personagens Natália, Matheus e Paula, entretidos com as relações de desejo, não tornam Eros vitorioso; os contatos instintivos e animais das personagens são desprovidos de ternura, transformando a representação amorosa numa paixão doentia, pois estas não possuem tom lírico e poético, são despaixões que propiciam o domínio de Tanatos (deus da morte e da destruição) sobre Eros (deus do amor e da força vital).³⁹³

³⁹³ DEBUS, Eliane. “*Quadrilátero*: as impressões olfativas como desencadeadoras de desejo”. Trabalho apresentado ao curso “A história no romance de Santa Catarina” (LLV 3164), ministrado pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, II semestre de 1994, para o Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária. Inédito. p.14. Beth B. Fuks, ao fazer a resenha do livro *Em torno de “O mal-estar na cultura”, de Freud*, afirma que um dos autores, Gérard Raullet, interroga o estatuto da agressividade e da pulsão de morte na psicanálise. Para Raullet, “o psiquismo se alimenta do conflito interminável entre dois adversários imortais – Eros e Tanatos – ; a psicanálise afirma a existência de um traço incontestável da natureza humana – a agressividade não erotizada – que se apresenta como destruição em estado puro contra a civilização” (FUKS, Beth B. O irreconciliável conflito entre Eros e Tanatos. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 05 abr. 2003. Suplemento Prosa & Verso).

Mais uma vez Matheus demonstra ser um vencido na vida. Nem o amor, e muito menos a paixão, tanto de Natália como de Paula, fizeram com que ele se tornasse ou se sentisse um vencedor.

Novamente reporta-se ao estudo do historiador francês, Corbin:

Uma vez mais, a história da percepção confessa suas contradições. Enquanto a análise química tende a substituir a análise praticada pelos sentidos e a pesquisa osfresiológica marca passo, a olfação se acha engajada no processo de refinamento das clivagens e das práticas sociais, refinamento esse que caracteriza o século XIX. O jogo sutil das atmosferas individuais, familiares e sociais contribui para a ordenação das relações, regula repulsas e afinidades, permite sedução, dispõe do prazer dos amantes e participa, ao mesmo tempo, do novo recorte do espaço social.³⁹⁴

Entre odores fétidos e aromas perfumados, é possível conhecer um pouco mais das personagens de Boos Júnior, assim como de seus ambientes: do grupo de imigrantes alemães que fundou Karlsburg assim como de alguns representantes dos imigrantes que viviam em Desterro. Tanto os costumes arraigados como as tentativas de adaptação ao “Novo Mundo” propiciaram uma simbiose entre seres humanos e animais com os elementos primordiais da natureza: terra, água, ar e fogo.

Ressaltam-se, porém, os perfumes que exalam da relação amorosa entre Matheus e Paula, visto que as demais relações não são tão intensas como esta. O atrito sexual entre homem e mulher vai muito além do encontro de dois corpos. Como dois animais no cio, refletem a mistura do pobre com o rico, do empregado com a patroa, do suor do trabalho com o perfume de colônia, enfim, a união dos opostos no fogo da paixão, exalando o cheiro do pecado de um “amor proibido”. Mas toda essa louca paixão parece não trazer a segurança e a tranquilidade que Matheus sentia

³⁹⁴ CORBIN, op. cit., p.181-182.

com Natália, a qual só depois da sua morte ele reconhece que fora amor. A “sombra” dela chega a atrapalhar o relacionamento de Matheus e Paula, porque nesses não há uma “comunhão de almas”, visto que nenhum dos dois assume a paixão.

Enfim, as impressões olfativas propiciaram entender cada vez mais a narrativa ficcional *Quadrilátero*, revelando a importância do(s) sentido(s).

8 – VÁRIAS VOZES QUE ECOAM ALÉM-MAR

A obra do teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi traduzida, no Ocidente, no final da década de 1960, por Tzvetan Todorov, tradutor também dos formalistas russos. Dessa forma, Bakhtin tornou-se um dos estudiosos da literatura mais importantes do século XX, por ter levantado em sua obra aspectos como intertextualidade e polifonia.

As teorias de Bakhtin se baseiam em dois pontos fundamentais: a língua vista como meio de comunicação e a forte presença do “outro” (sem o qual não existiria o “eu”), revelando que toda enunciação tem um caráter social. A linguagem é encarada como um campo de tensões, em que há um confronto intralingüístico e social.

Ao estudar a obra de Dostoiévski, Mikhail Bakhtin aponta o surgimento de um novo tipo de romance: o romance polifônico, cuja peculiaridade é “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis [...] e suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante”.³⁹⁵

Num outro ensaio, Bakhtin³⁹⁶ reitera que o romance deve ser, por excelência, plurivocal, plurilingüístico e pluriestilístico. Ou seja, nele devem ressoar várias vozes e, conseqüentemente, linguagens características de várias camadas sociais, de várias faixas etárias, que constituem vários estilos.

Não obstante Bakhtin ter restringido o princípio dialógico à prosa, o novo tipo de romance apontado por ele representa muito mais que uma inovação do gênero romanesco. Ele permitiu a elaboração de um novo pensamento artístico. A linguagem literária, a partir de Bakhtin, é vista não como uma linguagem, mas como um “diálogo de linguagens”.

³⁹⁵ BAKHTIN, *Problemas...* op. cit., p.4.

Através do minucioso trabalho de Mikhail Bakhtin,³⁹⁷ pretende-se fazer uma leitura polifônica do romance *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)*, de Adolfo Boos Júnior. Este autor, inclusive, já admitiu, em entrevista,³⁹⁸ ter tido influências, entre outros autores, de Dostoiévski.

Ao abordar o tipo de personagens que o autor russo utiliza, Bakhtin afirma que

A personagem não interessa a Dostoiévski como um fenômeno da realidade, dotado de traços típicos-sociais e caracteriológico-individuais definidos e rígidos, como imagem determinada, formada de traços monossignificativos e objetivos que, no seu conjunto, respondem à pergunta: ‘quem é ele?’ A personagem interessa a Dostoiévski enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. Para Dostoiévski não importa o que a sua personagem é no mundo mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma. [...] Já não podem concluir e fechar a personagem, construir-lhe a imagem integral, dar uma resposta artística à pergunta: ‘quem é ela?’. Nós não vemos quem a personagem é, mas de que modo ela toma consciência de si mesma, a nossa visão artística já não se acha diante da realidade da personagem mas diante da função pura de tomada de consciência dessa realidade pela própria personagem.³⁹⁹

Observa-se que é dessa forma que Adolfo Boos Júnior trabalha com suas personagens. Não lhe interessa apresentar a descrição física delas, mas caracterizá-las psicologicamente, mostrá-las em ação. Nesse sentido, percebe-se que Natália é calada, submissa, teimosa e sonhadora; Paula tem temperamento forte, é inteligente, teimosa e obstinada e Matheus é “vazio e canastrão”,⁴⁰⁰ misterioso e distante (frio, seco). Na apresentação (abas) do livro *O último e outros dias*, que não está assinada, encontra-se a seguinte

³⁹⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: teoria do romance*. São Paulo: Unesp / Campinas: Unicamp, 1988. p.88.

³⁹⁷ BAKHTIN, *Problemas...*, op. cit.

³⁹⁸ Anotações da entrevista com o autor em 1994.

³⁹⁹ BAKHTIN, *Problemas...*, op. cit. p.46 e 48.

⁴⁰⁰ Anotações da entrevista com o autor em 1994.

definição⁴⁰¹ da narrativa de Boos Júnior (que se mantém nas demais): “desde que nos deixemos envolver por seu universo não é sem acrescentamento que dele saímos. São textos para ler e reler, pedindo, exigindo leituras em vários níveis, até acompanharmos o autor no profundo mergulho da psique humana que ele intenta nos transmitir”.

Ainda sobre as personagens de Dostoievski. Bakhtin atesta que

Aquela espécie de torturas morais a que Dostoiévski submete as suas personagens, visando a obter delas a palavra de sua autoconsciência, que chega aos seus últimos limites, permite dissolver todo o concreto e material, todo o estável e imutável, todo o externo e neutro na representação do indivíduo no campo da sua autoconsciência e da auto-enunciação. [...] capaz de criar aquele clima social sumamente complexo e sutil em torno da personagem que a leva a revelar-se dialogalmente, a elucidar, captar aspectos de si mesma nas consciências alheias e construir escapatórias, protelando e, com isto, expondo sua última palavra no processo da mais tensa interação com outras consciências.⁴⁰²

A polifonia se dá, principalmente, pelo caráter das personagens. De acordo com as teorias de Bakhtin, o romance polifônico tem que ser obrigatoriamente dialógico.

Bakhtin apresenta a polifonia na obra de Dostoievski como uma relação entre o autor e o herói ou entre o narrador e a personagem. O narrador renuncia ao seu excedente de visão (não sabe o que vai acontecer) e apenas acompanha a ação da personagem. A personagem passa a ter liberdade para pensar, falar e agir de acordo com sua própria consciência. O que se tornou uma das características do romance moderno. Adolfo Boos Júnior afirmou na entrevista de 1994 que certas personagens o dominaram e tomaram outros destinos na trama narrativa. E deu como exemplo Paula,

⁴⁰¹ Esta definição pode ser conferida nas demais obras de Adolfo Boos Júnior.

⁴⁰² BAKHTIN, *Problemas...* op. cit., p.53.

que começou como personagem de ligação e cresceu por conta própria, tornando-se uma das protagonistas.

Na polifonia, a voz do narrador está no mesmo nível da voz da personagem e, por isso mesmo, suas vozes são diferentes, havendo um diálogo entre elas.

O diálogo é a manifestação mais elementar e fundamental da vida humana, no qual tudo está em interação (incluindo todas as relações). O dialogismo, termo atribuído como sendo de Bakhtin, é a busca do outro, a valorização do outro, em nível dramático de igualdade.

Em *Quadrilátero*, o diálogo, a maioria das vezes, com a maioria das personagens, é incompleto, mutilado, envolto num clima pesado, tenso, de desilusão e de derrota. Ora revela a dificuldade de se expressar e/ou se comunicar em um mundo novo de miséria, dor e desencanto; ora retrata a solidão e seus ecos; ora marca fortemente sua ausência. Isso significa, porém, que, se o uso da técnica literária do diálogo formal entre personagens não é abundante, se o resultado esperado do diálogo, a compreensão de conteúdos mentais ou atitudes esperadas não é muito profícuo, o dialogismo que cria a polifonia é sempre essencial, porque a voz e a atitude do outro ressoa de modo acentuadamente dramático nas personagens, sobretudo em Matheus e Paula.

A narrativa, como já se disse, trata de um pequeno grupo de imigrantes alemães que sobe o rio Itajaí-mirim, a fim de construir um mundo novo e fundar a colônia Karlsburg. Tudo é diferente e complicado para eles. Desde a viagem de balsa pela mata atlântica, passando por doenças, bichos e medo dos índios, até o trabalho árduo com a terra. O desencanto é geral e é traduzido nos diálogos entrecortados, como se pode observar na voz do grupo:

No entanto, procuram amoldar-se à natureza, estimulados pelo desejo de suportarem melhor o medo, o calor e os insetos; e garantem, prometem-se, duvidam –

vai melhorar

será

depois daquela cur-

va

será

ele alarga e perde a força

será (p.96).

O narrador esclarece esta caótica situação em diversos momentos, como se pode perceber nas seguintes passagens:

Não há lugar para fome ou sede; adivinham que a próxima parada será ditada pelo grau de extenuação e, assim, os diálogos fragmentam-se ainda mais e a razão não acolhe mais o sentido das palavras (p.99).

Mesmo nos pequenos descansos, a conversa é pouca, difícil –

foi duro

é foi

vai melhorar

não sei não

– e tentam captar, acima das frases curtas, do insistente marulhar das águas, qualquer outro barulho, que não seja a algazarra dos macacos, o grito de aves subitamente alertadas (p.100).

– os homens desabafam, a fala saindo aos arrancos [...] poupando as palavras e o que resta da tenacidade severamente posta à prova e conservada de uma forma quase asinina, gerada muito mais pelo orgulho do que pela esperança – **vencidos** e, contudo, ainda não querendo acreditar na própria derrota (p.122, grifo nosso).

O desencanto também é visível na tentativa frustrada de diálogo iniciada por um deles, ainda na viagem de balsa, em “As Águas”:

Helmuth levanta a voz

–

estamos perto

ou longe demais

– alguém duvida, porém a tentativa de diálogo não encontra eco entre os outros e Helmuth desiste, fica só com a esperança (p. 186).

A solidão de cada um aponta o eco de diálogos incompletos, com os outros ou consigo mesmo, como se pode observar nas seguintes passagens:

esta porra vai virar lestada e, aí, tome-lhe chuva

– fala sozinho, assusta-se com a nova mania, volta a sentir a ferrada impiedosa, *longe dos irmãos, sem mulher e sem tesão*, alisando o bigode, o cheiro de peixe sobe ao nariz, enjoativo e persistente; mas é no coração que o constrangimento é maior e onde os presságios continuam produzindo desconforto e solidão (p.65. Espanhol da bodega).

e, mais uma vez, repete o chamado, mais alto, mesmo que o som prossiga além do muro, além dos tijolos cobertos de limo e alguém possa escutá-lo. Depois de um instante, renova o apelo, feito o desdobramento de um eco, que fosse além dos limites da chácara, para ferir o silêncio das outras, contíguas e idênticas na origem e no aspecto e, assim, fazer chegar a algum ouvinte improvável, a versão do seu falso empenho, sua ilusória imagem de carne e alma enfraquecidas pela paixão. E tenta se convencer, *ficou surdo* (p.43-44. Paula).

Ressalte-se que, apesar de estes dois excertos estarem na primeira parte denominada “Os ventos”, o primeiro está na subdivisão “Nordeste” e o segundo em “Noroeste”.

Observe-se que o tempo que Paula vai visitar Matheus, já velho, é o mesmo tempo em que o Espanhol da bodega nem imaginava o que iria lhe acontecer (tinha apenas presságios). Por outro lado, essa “confusão” temporal confirma a mistura da primeira com a última parte, pois uma é o complemento da outra, como se percebe nos seguintes excertos:

Porém, atendendo ao estranho apelo para transformar a manhã, provoca-se e chama o sonho para dentro da memória, tentando (além de recapitular o que sobrou dele) recriá-lo, forçando outras imagens a

ganharem a mesma força de vinte e sete anos antes (p.27 – Paula em “Os ventos” – 1ª parte – “Terral”).

cai na recordação de um dia distante, quando ele ainda não era velho e ficara na saleta, o dia inteiro, falando numa voz baixa, agoniada, que não parecia ser a dele. Agora, a memória duvida que vinte anos possam alterar, além do físico, também o espírito de uma pessoa, de uma forma tão acentuada que ela não acredita ter acompanhado (sem ter percebido) toda aquela degeneração (p.407-408 – Paula em “Os ventos” – Última parte).

Voltando ao tema da solidão e seu eco, não se pode deixar de mencionar o exemplo da personagem o Velho da tapera, que tem uma passagem emblemática ao lado de seu cachorro. As palavras do narrador, que também revelam o pensamento da personagem, descrevem a cena:

– o velho e o cachorro estão na entrada da tapera, absolutamente imóveis, sem nada para fazer. [...] Estão parados e silenciosos há muito tempo. [...] Então, ele diz, *vamos comer*, e levanta-se, mas o animal não o acompanha e o velho repete, *vamos comer, preguiçoso* [...] *faz tempo que não se mata uma capivara, uma paca*, o velho diz, puxando assunto, *para vender aos alemães*, apontando com o queixo rio acima, na direção de Brusque, à espera da concordância do animal. [...] só depois de um longo intervalo, a voz do velho – tão baixa e rouca que mais parece um rosnado, um ronco surdo de um bicho manso e nunca contrariado, como se – depois daqueles anos todos – ele já tivesse perdido o dom da fala – torna a se ouvir, *peixe é bom, mas enjoa, cachorro, e quando a balsa chegar mês que vem, em Brusque, a gente compra mais munição* (p.360).

Conversar com o cachorro, para o velho (que já possui características semelhantes às do animal), passa a ser uma atitude de defesa não somente contra a solidão, mas também contra a loucura e, de certa forma, contra um mundo que lhe é hostil.⁴⁰³

O silêncio, que também tem significado para o diálogo, “é construído com palavras, com meias-palavras, na fronteira entre o dizer e o calar. [...]

Importam os sentimentos, as ausências, o vazio na boca, a opacidade da verdade, a superfície espessa do mutismo que cobre e separa as personagens”.⁴⁰⁴ Confirmam-se os excertos retirados da narrativa ficcional de Boos Júnior:

Observam-se em silêncio, enquanto que no fundo do vale, além do incessante rumor da cachoeira, sobem os outros ruídos, costumeiros, distantes e amortecidos. [...] Vistos de longe, parecem cópia um do outro [...] esculpidos em pedra ou madeira, toscos e imobilizados na claridade lactescente, talvez arrogantes e desafiadores, mas, de qualquer maneira, **inacabados** (p.81-82. Grifo nosso. Narrador retrata Arnold e Matheus).⁴⁰⁵

talvez já esperasse a pergunta [...] talvez até a tivesse pronta, no desespero de – um dia – alguém chegar a fazê-la [...] alguém que conseguisse penetrar a capa de silêncio que o envolve [...] e – mais – a outra espécie de defesa que ele traz, muito mais interior e contraída e, por isso mesmo, muito mais dolorosa [...] um escudo ou uma couraça a afastar, não só a curiosidade comum, mas – também – impedindo que ele mesmo se aproxime das pessoas (p.287-288. Paula pensa a respeito de Matheus).

Como se pode perceber, Matheus, com sua introspecção, é o silêncio em pessoa, com seus segredos resguardados, levantando dúvidas e suposições nas pessoas com as quais ele convivia. Nesse silêncio, porém, interage dramaticamente com os outros, numa hostil oposição, como transparece nos dois excertos acima.

Além disso, encontra-se mais uma forma de silêncio. O silêncio como invólucro ou até mesmo como uma redoma que tenta proteger os sonhos do desânimo e da frustração, sentimentos (contagiantes como a

⁴⁰³ Como foi visto na “Apresentação do autor”, o tema da velhice, que também pode ser considerado como minoria, ou melhor, como “classe” marginalizada, é uma constante na obra de Adolfo Boos Júnior, desde seu primeiro livro de contos, *Teodora & cia.* (1956).

⁴⁰⁴ CHRISTOFOLETTI, Rogério. “Um romance sem frases de amor”. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 09 set. 1999. Uma resenha sobre o lançamento do livro “Romance sem palavras”, de Carlos Heitor Cony.

⁴⁰⁵ Sublinhou-se a palavra “inacabados” pois o contexto da citação em que ela está inserida faz lembrar que, para Bakhtin, a existência é um acontecimento inacabado, sempre à disposição para o diálogo entre

malária!) comuns a todos. Silêncio não significa, pois, ausência de ação ou de relacionamento, como pode ser verificado na seguinte passagem:

Irma acaricia os cabelos do marido, pensando em alguma coisa para dizer, mas todas as palavras são pesadas demais e podem ter o poder de estilhaçar o precário universo que criaram. Assim, continuam em silêncio (p.180).

Em diversas passagens encontra-se um diálogo subjacente ao silêncio. Os elementos da natureza, água e ar, com sua sonoridade, participam ativamente na trama narrativa. Observe-se o seguinte exemplo:

E tudo isto, o morto conta, sem os gestos de antes, numa linguagem que tem a participação do vento, mas que não fere o silêncio (p.296. Morte de Arnold).

Os gestos automáticos das personagens, considerados aspectos não-verbais, também traduzem toda a miséria e a frustração do sonho que acabou, como se pode observar na seguinte passagem:

Aos domingos, o ato de tirar a touca do baú é um gesto destituído de significado, porque já sabe a natureza das conversas que escutará, todas as mulheres cheirando ao mesmo sabão grosseiro, as roupas – discreta ou ostensivamente remendadas – desbotadas pela força de tantas lavações. [...] na frente da casa, os homens estarão jogando ou bebendo e, mais tarde – cantando – afivelarão a alegria postiça da cachaça. Então, sem dar conta do gesto, vai levar o dedo à boca e roer a farpa da unha, trincando o fragmento em muitos pedaços, feito uma criança sem companhia e sem brinquedos (p.203. Natália).

Deve-se retomar, aqui, uma das questões fundamentais das teorias de Mikhail Bakhtin: o “outro” (sem o qual não existiria o “eu”).

O ser humano é um ser social. Ele se constrói através da linguagem, na interação com os outros. Só o diálogo (relação dinâmica) entre o “eu” e o “outro” permite a visão total de um e de outro. Pois o “eu” não pode, não

aquilo que já é e aquilo que deve ser. E cada um tem uma posição no mundo, sendo que o “eu” dá acabamento ao outro e vice-versa através do diálogo.

consegue se ver, se conhecer sozinho, nem mesmo através do espelho; apenas com o excedente de visão que o “outro” lhe oferece.

Na obra de Dostoiévski, a personagem sem o outro não é nada. Nesse sentido, encontra-se mais uma evidência da semelhança da obra do autor russo na obra de Adolfo Boos Júnior. Em *Quadrilátero*, Matheus (a personagem principal) não existiria sem as suas relações com as “outras” personagens (por mais truncadas que fossem essas relações!). Matheus se transformou ao tomar contato com os outros, ao mesmo tempo que ele provoca intensas mudanças nas vidas de outras personagens, não através de diálogos explícitos, como nos casos de Natália e Paula. As diferentes relações intercaladas da trama narrativa fazem, muitas vezes, com que o fim de determinadas personagens seja totalmente diferente, dá-lhes um novo rumo.

Matheus entrou no grupo de imigrantes alemães por acaso. Foi substituir um balseiro que estava doente. Deveria retornar, mas ficou com o grupo de imigrantes na colônia.

Matheus não se entrosou com os imigrantes, mas foi devido à sua força, física e mental, que o grupo chegou ao seu destino. Foi ele quem salvou Irma e Edgard da morte, nas águas do rio Itajaí-mirim.

Matheus era visto pelos índios, assim como os demais “homens brancos”, como invasores de suas terras. Já Matheus via os índios como animais selvagens. Ambos lutavam pelo poder e pela sobrevivência.

Matheus foi trabalhar nas terras (no lote) de Arnold. Este o via como um sócio, mas aquele não tinha intenção de ficar muito tempo. Interessou-se pela mulher do outro, Natália. Esta, por sua vez, o via como um homem capaz de lhe devolver a capacidade de sonhar por um mundo melhor, quem sabe ter um filho... Matheus acabou matando Arnold e fugindo da colônia com Natália. Vozes não verbais intercomunicam-se entre as personagens.

O cachorro de Arnold e Natália, Bimble, tornou-se o grande amigo de Matheus.

Livre, o cachorro esfrega-se em suas botas e Matheus, num ângulo proposital, de costas para o casal, abaixa-se e alisa o pêlo amarelo-claro, cheio de cicatrizes [...] [Natália] chamando o cachorro de volta, escuta o marido –

não adianta, já é dele (p.227).

A morte do cachorro parece ter atropelado, ou mesmo impulsionado, os acontecimentos.

quem matou Bimble

uma cobra, já disse

e a cobra

fugiu, não matei; deve ter fugido, não vi

[...] O outro encosta-se num pé de silva, uns três metros distante dele, [...] agacha-se, talvez antecipando-se a qualquer esclarecimento [...] para ressurgir com os tocos das flechas (p.82-83; Arnold e Matheus).

Além do cachorro, mais dois animais se correspondiam com Matheus: a burra e a égua. Nenhuma das duas gostava dele. Implicância natural ou sabedoria animal (em lealdade aos seus donos, Arnold e Rudolf, respectivamente)? Diálogos inexplicáveis!

a burra pisoteia mais forte, tentando afastar o intruso (p.227).

através da porta fechada, a revolta da égua, homem e animal sem se verem e, contudo, odiando-se até o extremo de suas capacidades, os coices enchendo o estábulo de violência (p.214).

Em Desterro, Rudolf via Matheus (para ele Johannes) apenas como mão-de-obra: um bom jardineiro e vigia para a sua chácara. Pensando ter sido descoberto por mais uma traição, Matheus acabou matando Rudolf (p.361-362). Já Paula, esposa de Rudolf, via Matheus primeiro como um simples objeto para se vingar de Rudolf, pela falta de atenção e carinho que

este não lhe dava. Depois, passou a vê-lo como um amante voraz e insaciável. E terminou vendo-o como um velho, louco.

As criadas de Paula viam Matheus como um estranho, misterioso. Ele também não se entrosou com os seus colegas de trabalho. Helga, assistente de cozinha, por acaso, viu Matheus e Paula juntos. Para ela não contar a ninguém o que presenciou, Matheus acabou matando-a, sem dó, nem piedade e com requintes de crueldade (p.400-401).

Matheus é encarado pela maioria das personagens como um homem sem parada, um errante, com espírito de cigano e até mesmo como um bandido. Pelas mulheres com as quais se relacionou, Matheus era visto como um simples solitário viajante, como se percebe nas seguintes passagens:

uma outra parte do pensamento adiantando-se, até quando ele e seu destino de cigano suportarão; ele, que conserva todas as suas coisas na mochila, ou em torno dela, pronto para descer o rio, teimando na dúvida e no devaneio (p.228 – Natália).

Igual a um solitário viajante que – no momento da partida – avalia o grau de pobreza do quarto que o abrigou e também não deixa de projetar o pensamento para a próxima pousada (mesmo sabendo que em nada será diferente da atual) (p.419 – Paula).

Percebe-se como, no mundo individual, fechado, solitário das personagens, no qual nem se explicaria maior presenças de diálogos formais externos, o fluxo interno do pensamento revela a intensa relação de umas com as outras, num diálogo a maior parte das vezes dramático e tenso.

O Espanhol da bodega via Matheus como um velho, ranzinza, solitário e esclerosado. Por causa de um copo de “cana” (aguardente) que o comerciante recusou a dar-lhe, por achar cedo demais para começar a

beber, Matheus provocou uma briga, mostrando-lhe um punhal na cintura. Matheus é quem acabou morrendo.

Edla não via Matheus como pai, já que foi criada num orfanato e depois somente por Paula. Só mais tarde, adulta e casada, conheceu a sua verdadeira história e a de sua mãe, através desta. Quando resolveu procurá-lo para tentar um conversa, uma aproximação, não houve mais tempo.

De acordo com Bakhtin, “Oscar Wilde via o principal mérito de Dostoiévski-artista no fato de que ele nunca explica inteiramente as suas personagens. Os heróis de Dostoiévski sempre nos impressionam pelo que dizem ou fazem e conservam até o fim no seu íntimo o eterno mistério da existência”.⁴⁰⁶ Fica-se impressionado, também, ao final da leitura de *Quadrilátero*. Adolfo Boos Júnior soube, como ninguém, até o presente momento, dar voz aos vencidos da história da imigração alemã em Santa Catarina. Através de personagens marcantes que, por sua vez, souberam fazer bem o uso da palavra que lhes foi concedida (inclusive com seus silêncios).

O romance todo vai-se construindo numa multiplicidade de vozes, de “consciências independentes e imiscíveis”,⁴⁰⁷ que, sobretudo nos seus monólogos interiores (monólogos quase monolíticos, por não se abrirem verdadeiramente uns aos outros), adquirem uma forte autoconsciência e se emparelham, com todos os direitos e autoridade, ao narrador. Sobretudo as vozes de Matheus e Paula, não obstante o inegável mutismo daquele, conferem intenso vigor dramático à narrativa.

⁴⁰⁶ BAKHTIN, *Problemas...*, op. cit., p.59.

⁴⁰⁷ BAKHTIN, *Problemas...*, op. cit., p.4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, buscar-se-á recolher algumas idéias que sintetizem o tema da imigração alemã no estado de Santa Catarina, da maneira como foi abordado no romance *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Júnior, e chegar a algumas possíveis conclusões sobre a referida narrativa.

De acordo com Hayden White,

As histórias da fundação de cidades ou Estados, da origem das diferenças e privilégios de classe, das transformações sociais básicas causadas por revolução e reforma, das reações sociais específicas a catástrofes naturais, e assim por diante – todas estas histórias, segundo ele [Lévi-Strauss], apresentadas quer sob o aspecto de ciência social, quer de história, participam do mítico na medida em que “cosmologizam” ou “naturalizam” o que, na realidade, *nada mais é que* construções humanas que poderiam muito bem ser diferentes do que por acaso são. Encarado desta forma, *historicizar* qualquer estrutura, escrever a sua história, é mitologizá-la: seja com o fito de efetuar a sua transformação mostrando quão “inatural” ela é [...], seja com o fito de consolidar a sua autoridade mostrando quão consoante ela é com o seu contexto, quão adequadamente ela se adapta à “origem das coisas”.⁴⁰⁸

Para o escritor português José Saramago: “É precisamente a consciência intensíssima, quase dolorosa, do presente que leva o romancista a olhar na direcção do passado (insisto: na direcção do passado), não como se ele fosse um refúgio, mas como algo radicalmente necessário aos homens de hoje para que logrem conhecer-se melhor”.⁴⁰⁹

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, “lê-se a história simultaneamente ao ato de ler-se a literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura”.⁴¹⁰

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não

⁴⁰⁸ WHYTE, *Trópicos...*, op. cit., p.120-121.

⁴⁰⁹ SARAMAGO, op. cit.

⁴¹⁰ SEVCENKO, op. cit., p.241.

se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. De acordo com o autor galego Manuel Rivas, “O papel em branco é como um porto de saída, e o escritor-emigrante move-se entre o sentimento da perda e o da esperança”.⁴¹¹

Adolfo Boos Júnior, com o romance *Quadrilátero*, interfere no registro histórico em pontos diferentes e estabelece a respeito dele perspectivas diversas, omitindo-o, ignorando-o ou distorcendo-o conforme as exigências dos seus propósitos literários. Não era sua intenção contar *toda* a verdade sobre a imigração alemã em Santa Catarina, mas *uma* verdade sobre ela.

O objetivo não foi lançar dúvidas sobre a interpretação específica que os historiadores em geral oferecem da imigração alemã em Santa Catarina, mas explicar o que se poderia entender pelo ponto de vista a partir do qual ele escreveu e mostrar *o que* ele diz e *o modo como* o diz.

O autor ficcional traveste-se de historiador, “reescrevendo” o passado, estabelecendo uma proximidade possível do vivido através de uma conexão entre a prática literária e a representação do mundo real. Mostra uma literatura construída nas bordas da História, ao narrá-la através do ponto de vista dos vencidos.

Houve, sim, imigrantes alemães vencidos no Sul do Brasil. Por mais que trabalhassem e lutassem pela sua região, não conseguiram fazer com que a cidade progredisse. Tem-se como exemplo a cidade de São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã em Santa Catarina, fundada em 1829, que não logrou maior sucesso.⁴¹²

⁴¹¹ NINA, Cláudia. “Escrever é vingança contra história” – Manuel Rivas retempera a tradição oral da Galícia para fazer uma literatura internacional. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 out. 2002. Suplemento Idéias, p.3.

⁴¹² Observe-se, no entanto, que muitos imigrantes saíram dessa colônia e foram assentados em outras regiões, como Itajaí, Brusque, Florianópolis, entre outras, nas quais foram bem-sucedidos. Cita-se como exemplo a família de Lauro Müller, que chegou a ser vice-presidente da República.

Esse fato provoca reflexões como: o que é um vencedor? O que é um vencido? São Pedro de Alcântara é uma cidade pequena.⁴¹³ Não é vencedora por isso? Pomerode, que assim como Brusque situa-se no Vale do Itajaí, é também uma cidade pequena. Autodenominada a cidade “mais alemã do Brasil”, vive bem.

Cidades como Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul e Brusque se desenvolveram através de suas indústrias. Também passaram por dificuldades no período de sua instalação. No entanto, cresceram e continuam se desenvolvendo, mas também têm suas dificuldades e dissabores.

Normalmente, embora sejamos preocupados com nosso passado, até obcecados, não temos uma idéia clara do que fomos e, mais grave ainda, não queremos ter – vivemos entre o mito e a negação, idolatrando alguns fatos e esquecendo outros. Estes esquecimentos são significativos – é a chamada censura histórica. Preferimos viver numa metáfora ao mesmo tempo agrícola e biológica, na qual nossas raízes estão numa colônia sempre bem-sucedida, de pessoas sempre organizadas, que nunca fizeram nada de errado, e com isto criamos ilusoriamente os nossos heróis e os nossos mitos.

Existe um sistema de proibições tácitas, mas imperativas, que formam o código do dizível em cada época ou sociedade. Os escritores violam este código e costumam dizer o que não se pode dizer. Pela voz de Adolfo Boos Júnior escuta-se outra voz: a dos vencidos.

⁴¹³ “Chamada de Colônia São Pedro de Alcântara, em homenagem ao santo Pedro Garavito (1499-1562), nascido em Alcântara (Espanha), do qual a família imperial é devota. [...] Atualmente, segundo dados da Prefeitura, há 2.093 habitantes na área urbana e 1.487 na área rural. [...] O movimento em prol da emancipação do distrito de São Pedro de Alcântara, pertencente ao município de São José, inicia em 1990. [...] A Assembléia Legislativa aprova o projeto de emancipação por unanimidade, em março de 1994. O então governador Antônio Carlos Konder Reis sanciona a lei nº 9.534, de 16 de abril daquele ano, que institui o município de São Pedro de Alcântara.” – MENEZES, Ana Cláudia. Emancipação melhora índices em São Pedro. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 22 jun. 2003. p.3.

De acordo com o historiador Oswaldo R. Cabral,

Reeditando todos estes fatos ocorridos, na reconstituição da história de uma pequena colônia, para exemplo no presente e prevenção no futuro, preocupa-nos evitar qualquer julgamento. Os homens não são perfeitos, nunca o foram e jamais o serão. As lutas, as competições, a emulação leva-nos todos a choques inevitáveis e a injustiças freqüentes. Deixemos à Providência o julgamento – pois nós estamos sujeitos a cometer tais injustiças como a ser vítimas das dos nossos semelhantes. Consideremos, nestes homens do passado, apenas o esforço geral para a construção de uma pátria, o desejo de elevá-la, de engrandecê-la e de enobrecê-la, esforços pontilhados de erros, de transgressões, de maldades, muitas vezes – mas nem por isso desprezíveis, pois, quando menos, servirão de exemplo e de advertência. Pudessem as lições do passado servir aos homens do presente – e a História contribuir para nortear os do futuro. O passado não foi em vão. A vida, a angústia, o sofrimento do pretérito não podem ser perdidos – não devem sê-lo – mas aproveitados pelas gerações posteriores. Não basta viver o presente – é preciso preparar o futuro, um futuro melhor. E o alicerce, a base, o fundamento está no que foi, no que ficou, no que já passou e foi dolorosamente vivido...⁴¹⁴

É preciso, portanto, *entrar* na vida da colônia para entender as reações das personagens (fictícias e reais). Desta forma caem os maniqueísmos. Elas deixam de ser isto ou aquilo e passa-se a ver uma geração por trás de sua obra – tudo o que ela tinha de bom e também de ruim, considerando o contexto da época em que vivia.

Quadrilátero divide-se, basicamente, em duas histórias. A primeira trata da fundação e destruição da fictícia colônia Karlsburg, fundada por imigrantes alemães no Vale do Itajaí-mirim, descrita por Matheus. A segunda refere-se ao caso amoroso entre Matheus e Paula, na capital, Desterro, baseada nas impressões e sentimentos de Paula. O tema da imigração, no entanto, perpassa todo o romance. As relações de amor e ódio, comuns à humanidade de todos os tempos, estão explicitadas nessa narrativa rica e vigorosa, em toda a sua complexa ambigüidade.

Boos Júnior tenta configurar, sob diversos ângulos, a vida dos imigrantes alemães (a chegada em Santa Catarina, particularmente, nas regiões de Brusque e Desterro), com seus problemas, suas dúvidas, suas lutas, seus prazeres fugazes e seus sonhos nesse “Novo Mundo” e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da História. E ele procura fazê-lo de forma coerente, por convergência de vários recursos disponíveis para esse fim. O vocabulário, a estrutura sintática das falas, os temas e problemas enfocados, tudo isso é totalmente pertinente à vida de suas personagens – os “seres de papel” –, bem como provavelmente o foi para as pessoas reais (“de carne e osso”) que viveram as conturbações da formação de uma colônia (Brusque, Blumenau...) ou mesmo de um centro urbano (Desterro – atual Florianópolis).

Porém, o que confere à narrativa um caráter complexo não são apenas os elementos utilizados na confecção da obra, mas, e principalmente, o dinamismo com que eles se entrecruzam. Sobretudo a sintaxe narrativa, feita de técnicas variadas, pertinentes a cada situação, com a freqüente e constante mudança de ponto de vista, e diversificada organização espaço-temporal, é responsável pelo dinamismo desconcertante que emerge das páginas de *Quadrilátero*, um romance tenso, vivo; um romance que, embora aparentemente caótico, não tem supérfluos e cuja leitura prende e emociona.

Traduzir, na sua essência, os conflitos da alma humana é privilégio de poucos. Para Adolfo Boos Júnior, transforma-se em uma necessidade vital, obsessiva: o ser desnudo em toda a sua vulnerabilidade. O autor vai revelando as relações fantasia/realidade, mulher/homem, vida/morte, em

⁴¹⁴ CABRAL, op. cit., p.221-222.

uma narrativa de ritmo tenso, temperada por um absoluto controle de todas as situações.

Matheus, personagem principal da narrativa em tela, dono de um olhar que se molda ao recrudescimento da dor, é ao mesmo tempo o algoz e a vítima de uma opressão que parece criar corpo à margem de seu entendimento: como um pequeno animal, ele apenas pressente o perigo, e luta pela sua sobrevivência.

Do destino ninguém escapa, por mais que se tente. Sobretudo quando se juntam os laços familiares, as traições, o amor, o ciúme, a paixão, a loucura, enfim, o universo avassalador da relação homem/mulher. Boos Júnior deu asas à relação que mais costuma interessar aos simples mortais: a aventura do amor e suas imprevisíveis conseqüências.

Talvez, o que prenda a atenção do leitor seja a extraordinária capacidade do autor de criar situações, resolvê-las ou complicá-las de uma forma surpreendente.

A riqueza literária dessa obra está em não fixar a obviedade do confronto, em olhar de forma expandida os lados da imigração germânica no estado barriga-verde.

Com esta análise do romance, fazendo a leitura da seqüência cronológica da história, não se pretendeu retirar ou mesmo diminuir o valor da obra literária e sua estrutura complexa. Muito pelo contrário. Buscou-se apenas entender o processo de criação e de escritura do autor, a partir da compreensão da história.

Em *Quadrilátero*, a verdade é ambígua e não vem para explicar nada. Também a literatura, a boa literatura, nada explica: tateia, interroga, sobrevoa, toca, mas a grande verdade está sempre a fugir. E isso porque, provavelmente, não exista.

O caráter ambíguo das suas personagens principais – Matheus e Paula – assim como a ambigüidade do próprio texto (pois, muitas vezes, o narrador não denomina personagens ou quem está agindo ou pensando algo) possibilita ao leitor fazer diversas leituras/interpretações.

A riqueza e a profundidade do texto de Boos Júnior permitem que muitas leituras sejam feitas. Esta é apenas uma delas.

Colcha de retalhos, assim define-se este trabalho de pesquisa e análise de um romance brasileiro: *Quadrilátero*. Neste “mosaico de citações” – para utilizar a expressão usada por Julia Kristeva para definir intertextualidade –,⁴¹⁵ a análise em questão ora define cores, ora explora nuances sombrias, num jogo de luz e cor, com a finalidade não apenas de realçar a Literatura, mas de dar ânimo a algum leitor.

Ao elaborar esta tese, percebeu-se onde se dá o encontro da História com a Ficção: no texto. Escolhendo os fios da trama para “sair do labirinto”, utilizou-se esse texto como lugar para despertar curiosidades.

Boos Júnior apresentou a sua interpretação sobre o tema da imigração alemã em Santa Catarina. Ao imbricar História e Ficção, construiu um diálogo através conhecimento proveniente da leitura poética da realidade.

Entre personagens de um universo meio imaginário, meio real, aprendeu-se, também, de certa forma a tramar os fios para despertar a curiosidade do inacabado, do imperfeito, das revelações do que está representado e construído pelo romancista e pelo historiador.

Ao sair do “labirinto”, termina-se essa tese com as palavras do escritor Fernando Sabino: “De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estaremos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar. Fazer da

interrupção, um novo caminho, fazer da queda, um passo de dança, do medo, uma ponte, da procura, um encontro”.⁴¹⁶

⁴¹⁵ KRISTEVA, op. cit., p.64.

⁴¹⁶ SABINO, Fernando. In: Convite de formatura do Curso de Direito da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul 2002/1, realizada em Palhoça/SC, agosto de 2002.

BIBLIOGRAFIA

Publicações do autor

Ordem cronológica

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Teodora & cia.* (contos) – Florianópolis: Edições Sul – VII, 1956.

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *As famílias* (contos) – Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1980. (1º Prêmio do Concurso de Contos Virgílio Várzea, 1980)

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *A companheira noturna* (contos) – São Paulo: Melhoramentos, 1986. (Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1986)

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Quadrilátero (Livro Um: Matheus)* – romance – São Paulo: Melhoramentos, 1986. (Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1986 – 3º lugar)

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *O último e outros dias* (contos) – Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. (Coleção Ipsis Literis)

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Um largo: sete memórias: e mais uma, coletiva, inquisitorial, contraditória e perturbadora* (romance) – Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

BOOS JÚNIOR, Adolfo. *Presenças de Pedro Cirilo.* – Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

Participações em coletâneas

Ordem cronológica

BOOS JÚNIOR, A. “Pierrot do século XX”. In: Revista SUL, ano V, nº 16, Florianópolis: Círculo de Arte Moderna, junho 1952. p.53-56.

BOOS JÚNIOR, A. “Teodora”. In: Revista SUL, ano VI, nº 20, Florianópolis: Círculo de Arte Moderna, agosto 1953. p.27-28.

MELO, Osvaldo Ferreira de; MIGUEL, Salim (Org.) *Contistas novos de Santa Catarina*. – Florianópolis: Edições Sul, V, 1954. (“O Rosto”)

BOOS JÚNIOR, A. “O dia do Juízo”. In: Revista SUL, ano VIII, nº 25, Florianópolis: Círculo de Arte Moderna, agosto 1955. p.39-43.

BOOS JÚNIOR, A. “Música eterna”. In: Revista SUL, ano IX, nº 27, Florianópolis: Círculo de Arte Moderna, maio 1956. p.39-40.

NASCIMENTO, Esdras (Org.). *Antologia do novo conto brasileiro*. Rio de Janeiro: 1964. p. (“Em surdina” – extraído de “Teodora e Cia.”)

SOARES, Iaponam (Org.) *Panorama do conto catarinense*. 2ª edição. Prefácio de Carlos Jorge Appel. - Porto Alegre: Movimento em co-edição com o Instituto Nacional do Livro, 1974. (Coleção SC, volume 1) p. 84-90 (“Instruções”)

VIEIRA, Emanuel Medeiros (Org.) *Assim escrevem os catarinenses* (autores editados e inéditos). – São Paulo: Alfa-Omega, 1976. (Biblioteca Alfa-Omega de Literatura, Série 3ª - Volume 2) (“Promessas”)

Vinte e um dedos de prosa. – Florianópolis: Associação Catarinense de Escritores, Cambirela, 1980. (“O Último Dia da Caça”)

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim e SOUZA, Silveira de (Org.). *Este mar catarina* – Florianópolis: Editora da UFSC, 1983. “Um mar de enchovas” p. 21-28 (Extraído de “As Famílias”).

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim e SOUZA, Silveira de (Org.). *Este humor catarina* – Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985. “O dia do juízo” p. 3-10 (Extraído de “Teodora & Cia.”)

Numa ilha. – Florianópolis: Fundação Prometheus Libertus, 1993. (“Paixão I” e “Paixão II”)

Flagrantes do cotidiano. – Florianópolis: Letras Contemporâneas; Fundação Franklin Cascaes, 1994. (“SOS Benito”)

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim e SOUZA, Silveira de (Org.). *Este amor catarina* – Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. “A Noiva” p. 15-19 (Extraído de “As Famílias”)

PEREIRA, Francisco José (org.). *Os Dez mandamentos* – Florianópolis: Editora Garapuvu, 1996. p. 11-20 (O primeiro mandamento: “O sonho e a Competência”)

Contos da Ilha/Cuentos de la Isla – Florianópolis: Insular, 1996. (“O voluntário Abdias”)

Publicações sobre o autor

Por ordem alfabética

ANTONIO, Salete Lópes. *No palco das memórias*: adaptação para o teatro do romance “Um largo, sete memórias” de Adolfo Boos Júnior. 2002. 113f. Dissertação (Mestrado em Literatura), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DALCASTAGNÈ, Regina. Memórias da violência e violências da memória. In: *Literatura Brasileira Contemporânea – Boletim*. Brasília, segunda quinzena de dezembro de 1997, ano I, nº 15.

HOHLFELDT, Antônio. *A literatura catarinense em busca de identidade: o conto*. – v. 1 – Porto Alegre: Movimento; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. (Coleção Santa Catarina, v.26)

HOHLFELDT, Antônio. *A literatura catarinense em busca de identidade: o romance* – v. 2 – Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC, Ed. da UFSC, 1994.

JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. – Florianópolis: Editoras da UFSC e Lunardelli, 1982.

JUNKES, Lauro. Adolfo Boos: um narrador perspicaz. Disponível em: <http://www.unaberta.ufsc.br/resenha0705.html> Acesso em 07 maio 1999.

JUNKES, Lauro. Escreve bem... com talento e muito suor. In: *Revista da Academia Catarinense de Letras*, n. 16. Florianópolis: ACL, 2000-2001. p. 101-111.

MACHADO, Janete Gaspar. *A Literatura em Santa Catarina*. – Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1986. (Revisão, 23)

MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à história da literatura catarinense*. – Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958.

MIGUEL, Salim. Ainda Santa Catarina / 86 e o livro – III. In: MIGUEL, Salim. *O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros*. v.2. Florianópolis: EdUFSC, Lunardelli, 1990.

OLIVEIRA, Sílvia. Adolfo Boos Júnior – *Um largo, sete memórias*. In: *3ª Margem*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto – Portugal. n. 1 – 1998.

PÓLVORA, Hélio. Contos do desastre iminente. In: *Jornal A região*, Itabuna – Bahia, 17 abr. 1989.

SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. – Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979.

SOUZA, Silveira de. Amor e aflição no Desterro. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 23 out. 1997. Anexo, p.1.

STIGGER, Ivo. *Um largo, sete memórias* – Paixões e vilanias de uma cidade pacata. *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 set. 1997. Caderno Diário de Cultura, p.8-9.

Geral

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

Anotações em caderno da entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, realizada pelos alunos da Pós-Graduação em Literatura na disciplina “A

História do Romance em Santa Catarina”, ministrada pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, na UFSC, no dia 05/12/1994.

ARANHA, Graça. *Canaã*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro)

ARISTÓTELES. Poética. In: *A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino*. Tradução de Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

ASSIS BRASIL, (Joaquim Francisco de). *Faulkner e a técnica do romance*. Rio de Janeiro: Leitura, 1964.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. *Videiras de cristal*. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. – 2. ed. revista - Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: teoria do romance*. São Paulo: UNESP; Campinas: Unicamp, 1988.

BAUMGARTEN, Christina. *O espírito de uma época: a saga da família Baumgarten (biografia romanceada)*. Blumenau: HB Ed., 1999.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre Filosofia da História. In: KOTHE, Flávio R. (org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsons (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 1994. (Edição claretiana)

BLUMENAU, Hermann. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil / Dr. Hermann Blumenau*; organização: Cristina Ferreira, Sueli Maria Vanzuita Petry; Tradução de Curt Willy Hennings, Annemarie Fouquet Schünke. – Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 1999.

BONTEMPO, Márcio. *Guias práticos Nova Cultural – Medicina Natural: Florais de Bach e Iridologia*. São Paulo: Nova Cultural; Círculo do Livro, 1992.

BOOS JUNIOR, Adolfo. Todo mundo sabe a solução, mas nada muda. In: *Jornal Leitura & Prazer* – Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Ano IV, n. 7, fevereiro de 2002.

BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) *A literatura no Brasil*. 5ª ed. rev. atual. – São Paulo: Global, 1999. v.5.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et. all. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica)

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Brusque*: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1958.

CALDEIRA, Almiro. *A esperança, talvez*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; Porto Alegre: tchê!, [1982].

CALDEIRA, Almiro. *Rocamaranha*. Rio de Janeiro: Globo, 1961.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 9ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 1998.

Católicos de Tubarão celebram Cerco de Jericó. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 25 jan. 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.] – 7. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. “Um romance sem frases de amor”. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 09 set. 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. (Fortuna crítica, v.2) p.60-72.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORRÊA, M. Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. v.4. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, de 1969 a 1978.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

DEBUS, Eliane. “*Quadrilátero: as impressões olfativas como desencadeadoras de desejo*”. Trabalho apresentado ao curso “A história no romance de Santa Catarina” (LLV 3164), ministrado pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, II semestre de 1994, para o Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária. Inédito.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo – Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1995.

Entrevista de Adolfo Boos Júnior no evento “Um dedo de prosa”, realizado pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina em 31 out. 2002.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção História; 8)

FONTES, Henrique. *Nomes germânicos de pessoas*. 1ª parte – Nomes germânicos de mulheres. Florianópolis: Publicações da Faculdade Catarinense de Filosofia, [1959]. (Série Filológica, n.1)

FUKS, Beth. O irreconciliável conflito entre Eros e Tanatos. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 05 abr. 2003. Suplemento Prosa & Verso.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando C. Martins. Lisboa: Vega. s.d.

GOLDIN, Miguel Alberto. *Amores freudianos*. Tradução de Cláudia Martins Mendes. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

HATZKY, Emma. *Uma mulher do século passado*. Tradução de Felícia Schütz. Florianópolis: EdUFSC, 2000.

HERING, Gertrud Gross. *Uma enteada da natureza*. Tradução, pesquisa, introdução, bibliografia e notas: Lia Carmen Puff. Florianópolis: EdUFSC; Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.

HERKENHOFF, Elly. *História da imprensa de Joinville*. – Florianópolis: Ed. da UFSC; Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 1998.

HOBSBAWN, Eric J. A volta da narrativa. In: HOBSBAWN, Eric J. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOFFMANN, Ricardo L. *A superfície* – Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares/MEC, 1978.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio (Dir.). *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1979.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da FURB, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Série Logoteca)

Indígenas incendiam bar em José Boiteux. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 12 nov. 2002. Geral, p. A11.

JOCHEM, Toni Vidal. *Pouso dos imigrantes* - Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

JOCHEM, Toni Vidal; ALVES, Débora Bendocchi. *São Pedro de Alcântara: 170 anos depois 1829-1999*. – São Pedro de Alcântara: Coordenação dos festejos, 1999. 100 p.: il.

JOCHEM, Toni Vidal (Org.). *Sesquicentenário da colônia alemã Santa Isabel 1847 – 1997: celebração e memória* – Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998.

JUNG, Carl G. et al. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d [1964].

JUNKES, Lauro. História e Ficção na literatura de Santa Catarina. In: *Revista TEIAS*, 4 (2) : 69-83, 1990.

JUNKES, Lauro. *A fragmentação da plenitude* Trabalho aprovado no concurso para Professor Titular. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. Mimeografado.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

KLUEGER, Urda Alice. *Verde vale*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

KLUG, João. Os alemães têm real influência na história da Ilha? In: *Jornal Diário Catarinense*, 12 mar. 1998. Suplemento “Florianópolis – origens e destino de uma cidade à beira-mar”, n.12, 12 p.

KORMANN, Edith. *A imigrante*. Blumenau: Ed. da Autora, 1998.

KRISTEVA, Julia. “A palavra, o diálogo e o romance” In: *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia H. F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Debates, 84)

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão* - 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das *Vidas secas*. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 58ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1986.

Livro recupera tragédia que vitimou os xokleng. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 18 mar. 2003.

MARINHO, Antônio et al. “Amores brutos”. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 30 mar. 2003. Suplemento “Jornal da Família”.

MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Posfácio de Wilson Martins, ilustrações de Poty. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATTOS, Tarcísio. *Hercílio Luz – uma ponte*. In: RODRIGUES, Patrícia. A dama-de-aço chega aos 77 anos. *Jornal Diário Catarinense*, 13 maio 2003.

MELATTI, Sílvio. Sítio de cinco sentidos. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 17 dez. 1998.

MENEZES, Ana Cláudia. Emancipação melhora índices em São Pedro. In: *Jornal A Notícia*, Joinville, 22 jun. 2003.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. (Org.) *Dicionário da Bíblia* – v.1: as pessoas e os lugares. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MICHAELIS. *Minidicionário: francês-português, português-francês*. Jelssa Ciardi Avolio, Mára Lucia Faury. – São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MICHAELIS. *Pequeno dicionário: alemão-português, português-alemão*. / Alfred Josef Keller. – São Paulo: Melhoramentos, 1994.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. 8ª ed. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1973. (Sagitário.)

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MÜLLER, Frei José Clemente OFM. Ceia do senhor (Jo 13:1-15). In: *Folha do Sagrado Coração de Jesus*, 16 abr. 2003.

NINA, Cláudia. “Escrever é vingança contra história” – Manuel Rivas retempera a tradição oral da Galícia para fazer uma literatura internacional. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 out. 2002.

NOVO DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

OBATA, Regina. *A linguagem das cem flores*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ONOFRE, José. Marcas da memória – Húngaro Márai se especializou em épicos em miniatura, vistos pelo lado das vítimas. In: *Jornal Gazeta Mercantil*, São Paulo, 05, 06 e 07 out. 2001. Suplemento “Fim de semana”.

PÂNDU, Pandiá; Pându, Ana. *Que nome darei ao meu filho?* Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

PAULI, Evaldo. *A fundação de Florianópolis*. 2ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

PAULI, Evaldo. *Desafio aos olhos azuis*. Florianópolis: Lunardelli, [1978].

PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização de Santa Catarina*. Obra premiada pelo BRDE no Concurso Regional de História - Porto Alegre: Pallotti, 1982.

PIRES, Aníbal Nunes. In: *Revista Sul*, n. 27, maio 1956.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1974.

QUEIROZ, Luiz Roberto de Souza. *100 animais brasileiros publicados no Estadão*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

RICHTER, Klaus. *A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. 2. ed. rev. e ampl. - Florianópolis: UFSC; Blumenau: FURB, 1992.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia D. Francisca no Sul do Brasil*. Tradução de Júlio Chella - Florianópolis: Ed. da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992.

Saga dos imigrantes, A. In: *Jornal Diário Catarinense*, 12 mar. 1998. Suplemento “Florianópolis – origens e destino de uma cidade à beira-mar”, n.12, 12 p.

SABINO, Fernando. In: Convite de formatura do Curso de Direito da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul 2002/1, realizada em Palhoça/SC, agosto de 2002.

SARAMAGO, José. Discurso proferido ao receber o título *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis/SC, 18 ago. 1999. Disponível em <<http://www.usfc.br/agecom/saramago.htm>>, acesso em 23 set. 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. - Porto Alegre: Movimento, 1974. (Coleção Documentos Brasileiros, volume 5)

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 4ª ed. v. 1 Coimbra: Almedina, 1982.

STEIL, Marcelo de Brito. *Uma viagem só de chegada: a poesia em idioma alemão nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: Ed. da FURB, Florianópolis: EdUFSC, 2002.

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento*. 18ª ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

VIEIRA, João Alfredo Medeiros. *O sonho e a glória*. Florianópolis: Lunardelli, 1975.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (Coleção Ponta, v.4)

WHYTE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaio de cultura, v.6)

WOSNY, Antônio de Miranda. *A estética dos odores: o sentido do olfato no cuidado de enfermagem hospitalar*. 2001. 174f. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ANEXOS

ANEXO I
QUADRO 1 – TEMPO E ESPAÇO

| Capítulo | Fatos cronológicos do enredo | Espaço | Tempo do discurso | | Tempo diegese | | Quant. segm. | As personagens principais |
|--|---|--|-------------------|-----------------|--------------------|----|--------------|---|
| <i>Os ventos (do rebojo)</i> | Homens trabalham próximo ao cemitério. Carioca pensa em roubar Matheus. Visita de Paula a Matheus (já velhos) no cemitério. | Desterro Cemitério, bodega e casa de Paula. | Presente | p. 11 80 p. | 1 dia | T7 | 41 | Matheus , Espanhol da bodega e Carioca. Matheus e Paula. |
| <i>Às águas (do verão e do inverno)</i> | Quarentena (quando chegam da Alemanha, antes da viagem de balsa). | Galpão [Desterro] | Passado | p. 91 100 p. | Mais de dois meses | T1 | 32 | Matheus e o grupo de imigrantes alemães. |
| | Viagem de balsa. | Rio Itajaí-mirim | Passado | | 6 dias | T2 | | Matheus e o grupo de imigrantes alemães. |
| | Primeiros anos na colônia. | Colônia de Karlsburg (fictícia). Próximo a Brusque, região de Vicente Só. | Passado | | ± 2 anos | T3 | | Matheus , Arnold e Natália + grupo de imigrantes alemães. |
| <i>A terra (de Arnold e Rudolf)</i> | Matheus e Natália fogem da colônia. Encontro com casal de negros, que os ajudam. | Desterro | Passado | p.191 88 p. | Dias Meses | T4 | 25 | Matheus e Natália + Casal de negros (ex-escravos de alemães). |
| <i>O fogo (de todos)</i> | Johannes (Matheus) e Catarina (Natália) chegam para trabalhar na casa de Rudolf e Paula. Plano de vingança de Paula. | Desterro Casa de Paula. | Passado | p.279 124 p. | Quase cinco anos | T5 | 112 | Matheus e Natália + Paula e Rudolf + Matheus e Paula. |
| Grande passagem de tempo: entre 20 a 30 anos | | | | | T6 (elíptico) | | | |
| <i>Os ventos (do leste)</i> | Visita de Edla a Paula. Carioca tenta roubar Matheus. Visita de Edla a Matheus. Morte de Matheus. | Casa de Paula, Desterro Cemitério Cemitério Bodega do Espanhol | Presente | p.403 47 p. | 1 dia | T7 | 33 | Matheus , Edla e Paula, Espanhol da bodega e Carioca. |
| Observações: Há uma passagem de tempo de mais ou menos 20-30 anos, entre a saída de Matheus da casa de Paula (quando vai trabalhar no cemitério) e a morte dele. Cronologicamente, a narrativa inicia no final do século XIX, com a chegada do grupo de imigrantes alemães em Santa Catarina, na década de 1890: “mudança de governo; a Companhia contratou com o Império; agora é República” (p.157); 22/11/1898 – p. 101; 30/10/1876 Contrato Império para a fundação de Karlsburg, no Vale do Itajaí-mirim – p. 111; e termina na primeira década do século XX, em Desterro. Enquanto Rudolf faz uma viagem de 15 dias (que se estende por mais 15 dias), Paula e Matheus iniciam o caso. Durante um dia e/ou uma noite, Matheus conta o seu passado para Paula. Durante um dia (manhã/tarde), Paula conta o seu passado para Edla. | | | | | | | | |

ANEXO II

QUADRO 2 – PLANTA BAIXA

OS VENTOS (do rebojo)

| TERRAL | | | | | |
|------------|----------|--|-------------------------------|-------------------|-------|
| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
| 1 | 13 | Carioca caminha no cemitério em direção à casinhola do velho. É covarde e está apavorado com a situação em que se encontra. Carioca quer roubar o velho. | heterodiegético | Carioca | T7 |
| 2 | 14 | Matheus observa Natália preparar o café de manhã cedo. Barulho de Arnold se arrumando. Matheus pensa em ir embora, enquanto é tempo. Premonição. | heterodiegético | Matheus / Natália | T3 |
| 3 | 16 | Casa de prostitutas espanholas, dirigida pela Vaca Velha. Visão de um menino. Seu despertar para a sexualidade. | heterodiegético | Espanhol | T7 |
| 4 | 18 | Sonho de Paula: ela diante de uma égua e dois homens. [Cf. p.20 e 26] Ela está nua e diz para o homem de fivela dourada que ele está morto. O outro está indiferente. O homem da fivela põe a égua (que está no cio) entre eles para o animal pisotear a mulher. Vento nordeste. Sol e chuva. [Interpretação: Paula entre Rudolf e Matheus.] | heterodiegético | Paula | T7 |
| 5 | 19 | Velho [Matheus] e só. “Lembra de cor e salteado todas as coisas que estão em seu redor [...] sabe de todas as mudanças que sofreu no corpo e na alma” (p.19). | heterodiegético | Velho [Matheus] | T7 |
| 6 | 20 | Paula levanta-se da cama e sente-se só. Ritual. Exercício da sua autoridade. | heterodiegético | Paula | T7 |
| 7 | 21 | Carioca abre “a casinhola” (capela do cemitério) para roubar o velho [Matheus]. Tem medo de encontrar o velho. Decepciona-se ao não encontrar nada do que queria roubar (e pensava estar ali). Fica com raiva. Não chega a encontrá-lo e foge ao escutar o sino inesperado (seis horas da manhã). Seu grito fica preso na garganta. | heterodiegético | Carioca | T7 |
| 8 | 23 | Dois homens fumam e conversam de manhã cedo: vai chover. Presença de uma mulher. Matheus pensa em ir embora (premonição). Matheus observa Arnold e o conhece bem. Matheus imagina o que Natália está fazendo na cozinha. “Quando partirem, ela fechará todas as portas e janelas, emparedando-se muito mais no medo e na solidão do que na própria casa” (p.24). Cada homem pega a sua espingarda e a sua enxada e tomam os seus rumos, antagônicos. | heterodiegético autodiegético | Matheus | T3 |
| 9 | 24 | Velho [Matheus] e só. Reflete sobre sua vida. Está seguro de que irá partir. Pensa em Paula: “um dia chegou a perguntar se houve paixão, querendo comparar e, se mais amada, medir o domínio e a impunidade” (p.25). | heterodiegético | Matheus | T7 |
| 10 | 25 | Paula, velha, e seus criados, rotina. Pensando no sonho (égua e dois homens), decide sair para visitar Matheus. Pensa em como ele reagirá ao vê-la: “devo ir; saber da sua vontade, se é que ainda possa ter alguma; um homem (e suas sepulturas) para onde irá?” (p.28). | heterodiegético | Paula | T7 |
| 11 | 28 | Velho [Matheus] decide ir embora do cemitério. “Hoje”. Pensa no trabalho dos homens do caminhão, que estão destruindo o cemitério. Levaram tudo de valor dos túmulos dos ricos (mármore, caracteres de bronze, anjos, ferragens, | heterodiegético | Velho [Matheus] | T7 |

| | | | | | |
|----|----|--|---|--------------------|----|
| | | dentaduras). Ele gostaria de defender a parte dos pobres, a do barro, esquecida. | | | |
| 12 | 30 | Espanhol acorda do sono/sonho com as mulheres/prostitutas de sua adolescência, como Dolores Quinteros. Não tem certeza se sonhou. Pensa onde andaria ela. Acorda insatisfeito, diante da miséria da sua realidade. | Heterodiegético | Espanhol | T7 |
| 13 | 31 | Descrição do lote de Arnold. Sobre o trabalho de Matheus. Ele pensa em ir embora: “hoje ou amanhã”. Pensa em Natália e na sua solidão. | Heterodiegético homodiegético | Matheus | T3 |
| 14 | 33 | Homem do caminhão (Carioca) que pensa em roubar o velho [Matheus]: foi abandonado pela mulher. Pobre, bebe, fuma e procura prostitutas, quando tem dinheiro. Pensa na reação de Matheus. Quando seus companheiros chegam de caminhão para mais um dia de trabalho, Carioca ainda está trêmulo e de coração apertado. Gostaria de saber quem levou as coisas de valor da capela antes dele. Culpa o velho. | Heterodiegético homodiegético | Carioca | T7 |
| 15 | 34 | Espanhol levanta para abrir a bodega, obrigado a tratar de coisas práticas: freguesia, charque, querosene e cachaça. Compara a prostituta de sua adolescência (Dolores) com a empregada dos Müllen. Requento seu café no meio da imundície da sua bodega. | Heterodiegético homodiegético | Espanhol | T7 |
| 16 | 36 | Matheus depois da morte de Bimble (cachorro), na colônia. Larga a enxada para fumar um cigarro. Premonição. Sente alguém por perto [índios / Arnold?], pega a espingarda. Pensa em Bimble (cachorro). Silêncio na floresta. | Heterodiegético homodiegético | Matheus | T3 |
| 17 | 37 | Operários no cemitério. Um [Carioca] tem raiva da mulher que o abandonou e do velho [Matheus] que “lhe roubou”. Trabalha com má vontade. Cresce sua raiva pelo velho e pela ex-mulher. Sente-se um covarde. Condena-se: cagão. Tudo mexe com seus intestinos; sem querer mergulha os dedos nas próprias fezes, quase chora de raiva. Culpa o velho por isso também. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Carioca | T7 |
| 18 | 38 | Paula e seu perfume. Ela sai de casa com a ajuda dos criados para visitar Matheus no cemitério. Elegante e autoritária. | Heterodiegético | Paula | T7 |
| 19 | 39 | Espanhol está incomodado com o seu sonho. Não tem certeza da presença das mulheres. Com a caneca esquecida nas mãos, observa os remadores na praia. A empregada Mina chega, resmunga a ladainha da necessidade de uma mulher na casa do patrão (Espanhol da bodega). Ele sai para ir à praia ver as pernas da empregada dos Müllen, que vai levar a patroa ao banho de mar. Depois ele vai ao mercado regatear mercadorias para a sua bodega, com os gregos ricos e os sírios espertos. Entre ele e Mina “parece existir algum tipo de comunhão, que permite (rudes e ignorantes do próprio saber) a antecipação ao pensamento e às respostas” (p.42). | heterodiegético homodiegético | Espanhol da bodega | T7 |

NOROESTE

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|------------|----------|--|-------------------------------|-------------|-------|
| 20 | 43 | A primeira visita de Paula ao velho [Matheus]. Jacobs e Ruth, empregados de Paula, como de costume, trocam o prato de comida, a garrafa de café e as roupas sujas pelas limpas. Paula “nunca assistiu àquela operação, sente que há uma espécie de sordidez nela” (p.43). Ela ordena que os empregados esperem lá fora e chama o velho [Matheus] mas ele faz que não a vê. Ela acha que ele ficou surdo ou está morto. | Heterodiegético homodiegético | Paula | T7 |

| | | | | | |
|----|----|--|---|---------------------|----|
| 21 | 44 | Matheus trabalhando na roça. Pensa que os índios estão cada vez mais perto. Avalia o tempo que falta para acabar o serviço. Pensa em ir embora, em dois ou três dias, por causa de Natália, razão maior de sua obstinada vontade de partir; “nada forçando-o a ficar, pouca coisa impedindo-o de partir, não importando quem se alegrasse ou ficasse ferido” (p.45). | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 22 | 45 | Visita Paula a Matheus (velhos). Ele esperava por essa visita. Fez-se de indiferente: vingança. Um nutre ódio pelo outro. Ela insiste em iniciar um diálogo. Ele resiste, imóvel. | Heterodiegético | Matheus | T7 |
| 23 | 47 | Carioca pensa em convencer/enganar o Espanhol para ele lhe dar cachaça, cigarro e comida. Observa Paula e o velho de longe. Ele pensa que ela é filha ou irmã dele e que veio buscá-lo. Julga-a “sacana” por ter abandonado o velho ali. Invejoso. Tem raiva do velho. Culpa-o por tudo de ruim que aconteceu com ele. Pensa na mulher que o abandonou. Faz corpo mole no trabalho, mas seu colega não lhe dá folga. Amanhã ou depois estão destruindo a casinhola (capela) do cemitério, desalojando o velho. | Heterodiegético homodiegético | Carioca | T7 |
| 24 | 48 | Matheus, depois da saída de Paula do cemitério, reflete sobre a visita dela e sobre a sua vida. Admite para si mesmo: “ <i>não há mais o que vingar; depois de mais de vinte anos de premeditação, ninguém vinga o próprio erro</i> ” (p.49). “Fica avaliando a miséria daqueles anos, à espera do sinal definitivo para retomar sua caminhada”. Sabe que os operários estão próximos, prontos para desalojá-lo. | Heterodiegético autodiegético | Matheus | T7 |
| 25 | 49 | Matheus já está de olho em Natália e, por isso, pensa em ir embora. Arnold chega e convida-o para descer o morro (onde Bimble foi enterrado); exclama que está quase tudo pronto (o trabalho de limpeza do lote). Matheus desconfia; não foi para isso que ele subiu o morro. Matheus pensa em fugir com Natália. | Heterodiegético homodiegético | Matheus / Arnold | T3 |
| 26 | 52 | Carioca pensa em falar com o capataz depois do almoço e com o Espanhol para lhe fazer fiado. Carioca vê Paula ir embora com os empregados, sem levar o velho. Julga-a “sacana”. Muda de conclusão: pensa que o velho que não quis ir. Julga-o cabeça-dura. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Carioca | T7 |
| 27 | 54 | Espanhol pensa em ir à praia, mas sem sol acha difícil ver as pernas da empregada dos Müllen; depois diz que vai ao mercado. Ainda pensa no sonho. Teima que as mulheres não estavam presentes. Pensa que Mina que está certa: deveria ter casado, mas agora está velho, quem vai se interessar por ele (e não pelo seu dinheiro). Sente-se impotente. Sente saudades de sua juventude e virilidade (vinte anos atrás). “Começa a sentir coisas esquisitas, augúrios na ausência do sol, sensações de desconforto” (p.55). Quer dormir para sonhar com as prostitutas da sua adolescência e com a empregada dos alemães. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Espanhol | T7 |
| 28 | 55 | Carioca vê Paula indo embora com os empregados e resolve ir ver o velho [Matheus] mais tarde. Pensa que ele está morto e “a filha” o abandonou ali. “A ganância e o medo nascem bem no interior do corpo, onde as derrotas ainda não deixaram suas marcas” (p.56) ressurgindo na boca do estômago. Ele avisa ao colega de trabalho: “ei, vou cagar de novo” (p.56). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Carioca | T7 |
| 29 | 56 | Matheus e Arnold. Matheus pensa em ir embora da colônia, “e pela milésima vez renova a disposição, certo de que nada vai alterar seu fadário, a não ser que contrarie o pressentimento e | Heterodiegético | Matheus | T3 |

| | | | | | |
|----|----|---|----------------------------------|---------|----|
| | | se deixe ficar” (p.57), [...] “reconhece que não há sentido na indecisão e bastaria a vontade tornar à disciplina de um ano atrás e partir; <i>nada levando e nada deixando</i> ” (p.58). O silêncio pesa entre os dois. Arnold tenta iniciar um diálogo, mas Matheus está distante em seus pensamentos e presságios. | | | |
| 30 | 58 | Matheus pensa em Paula depois de sua visita. Plano de vingança dele contra ela não tem mais sentido. “É seu último dia [no cemitério], sua hora derradeira, tem certeza da inutilidade do gesto, mas não pode deixar de executá-lo” (p.59).” Sai para caminhar em direção à parte mais pobre do cemitério, “onde estão os indigentes, os anônimos e os fuzilados em alguma revolução distante. Mais uma vez, sabe que não encontrará lápide ou outro sinal qualquer capaz de apaziguar a memória e, contudo, sai, rumo ao alto do morro, levando, além do pensamento exaltado, o presságio da busca infrutífera, jogando apenas com a sorte, para poder partir em paz” (p.59) [Em busca da cova de Natália?]. | heterodiegético autodiegético | Matheus | T7 |
| 31 | 59 | Paula volta para casa e pensa no velho Matheus e na sua visita inútil. Pensa que ele é estúpido feito burro, para provar que pode resistir a sua presença, teimoso como um asno, morrendo sem entender nada. Presente que será um dia diferente. | heterodiegético autodiegético | Paula | T7 |
| 32 | 61 | Natália serve comida para Arnold e Matheus. Matheus a observa atentamente. Ela lava-se e penteia-se três vezes por dia (antes das refeições), para não ser olhada ou sentida. Lava-se para no minuto seguinte voltar a ser suja e desganhada. Dificuldade de relacionamento. Ela tem medo de tudo e de todos. | heterodiegético autodiegético | Matheus | T3 |

NORDESTE

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|------------|----------|--|----------------------------------|--------------------|-------|
| 33 | 62 | Espanhol vai ao mercado pechinchar junto aos fornecedores. Ventania. Nordeste forte (vento e areia). Volta para a casa. Cheiro de morte. Sente presságios, mau agouro. Pensa que “ <i>devia ter ficado na Bahia ou no Rio de Janeiro, com os irmãos, que têm mulheres, filhos nas escolas, ricos</i> ” (p.65). “Concluí que nunca sofreu o bastante e, certamente, não sofrerá, a ponto de se embriagar todas as noites” (p.65). “Fala sozinho, assusta-se com a nova mania: <i>esta porra vai virar lestada e, aí, tome-lhe chuva</i> ” (p.65). | heterodiegético autodiegético | Espanhol da bodega | T7 |
| 34 | 65 | Velho [Matheus] pensa em se vingar de Paula e atesta: “ <i>e um dia chegou a perguntar se, antes da fúria nos colher, houve paixão</i> ” (p.66). Sente-se vazio. Percorre o cemitério, no alto do morro [à procura do túmulo de Natália]. “Ali, a morte não ostenta a pompa existente no outro lado, não tem o luxo da paisagem e, quase esquecidos, os túmulos aguardam a improvável limpeza de Finados. Percorre os caminhos abandonados, já sem tentar ler os nomes que suas unhas raspam tantas vezes, julgando que, ao decifrar as letras arruinadas, talvez completasse o ciclo do remorso. Caminha olhando o chão, esperando que o instinto aponte o local onde está a mulher, o que possa restar do seu coração cheio de medo, assim como um cão buscaria um cheiro dissipado há muito tempo, sem perder a esperança” (p.67). Percebe os olhares dos intrusos (operários da construção). Ele se isola em seu “cone de gelo”. | heterodiegético autodiegético | Velho [Matheus] | T7 |

| | | | | | |
|----|----|--|----------------------------------|--------------------|----|
| 35 | 68 | Paula pensa no velho Matheus. Não devia ter se precipitado, não devia ter ido vê-lo, ela demonstrou sua fraqueza. “Mas ele, para onde irá, em que estaria pensando?” (p.69) Em vingança? Paula vai até a escrivania, onde planejara toda a sua trama, e conclui: “Não há mais o que planejar, não há mais sonhos” (p.69), “confirma o vazio que ela mesma criou” (p.70). A empregada Ruth chama-a para almoçar. Paula lembra do marido Rudolf, vê o quadro da caçada e vai almoçar apenas para manter o “ritual sem sentido”. Na casa/museu, pensa no sonho, há muito tempo desfeito, de ter uma grande família. O temporal está destruindo o jardim e a chácara, antes de se concentrar sobre a casa. | heterodiegético homodiegético | Paula | T7 |
| 36 | 71 | Matheus observa os passos de Natália, na sua meia hora de vaidade. Para Matheus, Natália demonstra o primeiro sinal visível de capitulação. Ele se promete ir embora naquele mesmo dia. Matheus percebe que Arnold está chegando com a burra. Matheus começa a caminhar, renovando a sua promessa e, contraditório, alimentando a esperança de Natália compartilhar de suas loucas premonições. Ela observa ele partir através da janela e logo depois se tranca na casa, para mais uma tarde de solidão e pavor. Um temporal se aproxima. | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 37 | 74 | Operários do caminhão. Um negro e o capataz discutem sobre a intenção de Carioca em roubar o velho [Matheus], enquanto Carioca sobe o morro sabendo que está sendo observado por seus colegas e não quer falhar dessa vez. Matheus espera-o com pedras. | heterodiegético | Carioca | T7 |
| 38 | 77 | Espanhol e Mina vêm a ventania, que fazovelos vermelhos de terra. No cochilo da tarde, Espanhol não sonha com Dolores. Acordado, recria as mulheres que gostaria de ter: Dolores (passado) e a empregada dos Müllen (presente). “Sonha com os olhos abertos, impotente e atormentado” (p.79). Ele se olha no espelho barato, sente a barriga estufada e aspira seu próprio odor. Pensa: “ <i>quem vai me olhar, quem vai querer dormir comigo</i> (p.80)?” Se estivesse com os irmãos, na Bahia, também seria pobre e solitário. O vento do rebojo, que anuncia a chuva, aumenta o presságio sobre o coração inquieto. | heterodiegético | Espanhol da bodega | T7 |

| SUL | | | | | |
|------------|----------|---|----------------------------------|---------|-------|
| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto | Tempo |
| 39 | 81 | Comparação entre Matheus e Arnold. Ambos são muito parecidos. Fisicamente: cabelos compridos, barba por fazer, vestimenta, psicologicamente: arrogantes e desafiadores, “mas, de qualquer maneira, inacabados” (p.82). Eles discutem na roça sobre a morte do cachorro Bimble: mordido por cobra [como contara Matheus, mesmo sabendo que tinha sido pelos índios] ou ataque de bugre [Arnold desconfia]? Arnold mostra-lhe as pontas das flechas no chão e o acusa de não ter contado nada. Ninguém da colônia sabia que os índios estavam por perto, depois da morte de um deles por Ottokar. Os imigrantes precisavam saber para se prepararem para um novo ataque. Silenciosamente, a mão de Matheus dirige-se para a espingarda. | heterodiegético homodiegético | Matheus | T3 |

| | | | | | |
|----|----|---|-----------------|---------|----|
| 40 | 84 | Paula, enquanto bebe, “mesmo que a hora e a bebida fossem incompatíveis” (p.85), pensa em sua vida, em Matheus e em Rudolf, seu marido e “proprietário”. Ruth, a empregada, pergunta-lhe, com piedade, o que vai ser do velho. Ela responde que “tem gente, Ruth, que morre em vida e o velho já morreu. [...] e o vento inicia sua última mudança de quadrante, mantendo, sem explicação, as nuvens sobre a cidade, como se fosse sua intenção, naquele mesmo dia, mergulhá-la em chuva e sepultá-la sobre seu próprio lixo” (p.87). | heterodiegético | Paula | T7 |
| 41 | 87 | Continuação da conversa entre Matheus e Arnold sobre a morte de Bimble. Matheus diz que vai embora da colônia amanhã. Arnold diz que não precisa e que vai descer porque a ventania está ameaçando chuva. Matheus percebe que Arnold não desconfia de seu caso com Natália, apenas veio falar com ele sobre a morte do cachorro porque quer defender a sua terra. Matheus mata Arnold com a espingarda. | heterodiegético | Matheus | T3 |

AS ÁGUAS

(do verão e do inverno)

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|------------|----------|---|-------------------------|---|-------|
| 1 | 93 | Grupo de imigrantes: Helmuth e Gertrud, Edgard e Irma, Willy e ele [Matheus]. Viagem de balsa pelo rio Itajaí-mirim (em direção a região de Brusque): desânimo, dores (físicas e psicológicas). Sentem-se sujos e infelizes. “Uma caminhada, uma dor, uma pausa, outra caminhada, a mesma dor nascendo nos rins e correndo o corpo inteiro, o mesmo trajeto curto e a pontada igual” (p.94). Alguém já pensou em voltar, “sentem-se jogados dentro de uma natureza hostil, que apenas aguarda o esgotamento definitivo para se apossar deles” (p.95). “No entanto, procuram amoldar-se à natureza, estimulados pelo desejo de suportarem melhor o medo, o calor e os insetos” (p.96). Só Matheus mantém-se isolado do grupo, “emparedado em sua própria solidão” (p.100). | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 2 | 101 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: A Direção da Colônia Karlsburg solicita ajuda ao Presidente da Província, Dr. Alfredo D’Escragnolle Taunay, 22/11/1898. | heterodiegético | --- | T3 |
| 3 | 101 | Grupo de imigrantes – rancho – Gertrud tem diarreia e vômito. Tem medo dos negros. Ela sabe o tema de sempre das conversas dos homens com o intérprete no bar. Diálogo entre Gertrud e Irma. A primeira compara o grupo ao gado. Há mais de dois meses que o grupo de imigrantes está em um rancho, praticamente abandonado, fiscalizado de longe pela sociedade e pelo governo, cumprindo as exigências de uma quarentena despropositada, perdido num mundo de rostos e idiomas estranhos (p.104). Irma também vai à latrina. Verão. Os homens [imigrantes alemães] insistem no sonho e fazem perguntas a Willy, que já esteve na colônia. Irma também já conhece o tema da conversa deles. | heterodiegético | Gertrud | T1 |
| 4 | 105 | Grupo de imigrantes na balsa. Os homens, extenuados, na escala para pegar o leme. “As mulheres estão em plena histeria, alternando as lamentações com as preces, conduzindo as crianças para uma nova espécie de terror. E os pequenos continuam chorando. Os homens, vencidos , acreditam que atingiram o ponto máximo da exaustão e, curvados sobre o rio, vomitam os últimos vestígios de dignidade. A covardia (ainda sem ser identificada) começa sua ascensão nos homens” (p.109 negrito – grifo nosso). As dificuldades de vencer a corredeira e atravessar uma ilha. Foi preciso uma manhã de muito suor para ultrapassá-la. Não param para descansar, e continuam a viagem. | Heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 5 | 111 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Fundação da Colônia Karlsburg. Contrato com o Imperial Governo, em 30/10/1876, com o número de pessoas: 40 (entre homens, mulheres e crianças) = 10 famílias. Um homem solteiro, de nome Matheus Becker, que não é imigrante a cargo da Companhia. | Heterodiegético | --- | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|---|----|
| 6 | 112 | Grupo de imigrantes. Rancho. Quarentena. Os homens bebendo e conversando no bar. O balseiro está com malária e ainda não melhorou. Alguém pensa: <i>“estamos aprendendo, mesmo sem querer, as cores da terra, as manhas do rio, como os bichos e os bugres”</i> (p.113). Querem saber quem é o quarto homem [Matheus], o que ele esconde atrás de seu silêncio [negrito – grifo nosso]. | Heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T1 |
| 7 | 114 | Grupo de imigrantes. Balsa. A retomada da viagem depois da difícil ultrapassagem da balsa pela ilha. Uma ave liberta seu áspero grito de advertência. Acidente de Irma e Edgard: ela cai no rio e ele vai socorrê-la. Quase morrem afogados. Irma grita; “um grito acima e além de todo o pânico que, até aquele momento, tinham experimentado, superior ao horror ainda não vivido e somente concebido medrosamente dentro dos sonhos mais inquietantes” (p.118). Matheus salva-os e, sussurrando com força no olhar, manda Irma calar a boca. | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 8 | 120 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Contrato dos imigrantes com o governo imperial: a Companhia comprometeu-se a trazer 140 famílias para povoar as terras medidas entre o rio Itajaí-mirim e um travessão ao norte [Karlsburg]. No entanto, 130 famílias ainda estão na Colônia D. Francisca [atual Joinville] e devem ir para a nova colônia agrícola de São Bento [do Sul] [negrito, grifo nosso]. | heterodiegético | --- | T2 |
| 9 | 120 | Matheus e Arnold arando o lote com a ajuda da burra e do boi (este, emprestado). “Meio hectare e um cepo. [...] só de machado” (p.120). Pequeno diálogo. Pensam em desviar um ribeirão. Matheus ainda guarda na memória a difícil travessia de balsa pelo rio. Descrição do povoado, caminho chamado <i>Strasse der Freude</i> [Rua da Alegria]. Matheus pergunta a Arnold por que construiu a casa tão longe das demais. Arnold responde, mas Matheus não se satisfaz com a resposta: “a casa no meio da terra, o fogão no meio da casa, o homem no meio da família, é como meu pai dizia [...] ganha quem sai na frente, Matheus; qualquer coisa, experiência, dinheiro, qualquer coisa; um dia eles vão ter que sair da beira do caminho, porque vão querer o outro lado do morro; ninguém, sentado num varandão, vai zelar por qualquer coisa duas ou três léguas distante”. Matheus observa Natália recolhendo a roupa no varal enquanto Arnold fala. | heterodiegético | Matheus / Arnold | T3 |
| 10 | 126 | Grupo de imigrantes na balsa. Pausa para descanso. Gertrud cuida de Irma e Edgard. “Fazem seu aprendizado da maneira mais dolorosa possível e não ignoram (ainda que de uma forma quase adivinhada) o que os espera na colônia [...] e, colocados no meio de uma riqueza de terra e água jamais sonhada, recusam-se a sonhar com a miséria e desolação, mesmo pressentindo tudo o que ainda está por vir, muito mais fantástico do que lhes seria permitido imaginar” (p.126). Mais vômitos e diarreias por causa da carne contaminada pelas moscas varejeiras. Helmuth pensa em Matheus (quem é ele?), tenta um diálogo, em vão. “O descanso não lhes fez bem. Quem falou, quando atracaram – o corpo esfria e vai ser pior – estava certo” (p.130). Eles descem até a ilha e decidem dormir ali àquela noite. | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 11 | 131 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Falta de apoio da Companhia e do Governo da República. Ainda não chegaram as outras 130 famílias para ajudar na construção da | heterodiegético | --- | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|---|----|
| | | colônia. Os colonos estão descontentes e mal-humorados. Nem o rio permite a navegação pelas contínuas cheias. | | | |
| 12 | 132 | Matheus e Arnold trabalhando na terra. Arnold reconhece que mesmo depois da queimada, nem de machado vão conseguir limpar o lote. Matheus pensa que um dia Arnold vai querer saber o verdadeiro motivo de sua vinda para a colônia porque aceitou fácil demais um desconhecido em seu lote. Sobre os sonhos de Arnold: arroz e gado. Voltam para casa e encontram Natália (começa o interesse de Matheus por ela). Matheus percebe a passividade inútil de todos. Pensa em ir embora a qualquer hora. Propõe-se em ir amanhã. | heterodiegético | Matheus / Arnold | T3 |
| 13 | 136 | Grupo de imigrantes na ilha do rio. Balsa. Um deles pensa em Matheus como “ <i>um homem fugindo de alguma coisa ou indo ao encontro de algo que talvez nem ele mesmo saiba</i> ” (p.136). Willy arrisca um princípio de conversa: como seria uma guerra nestas terras [na floresta], mas ninguém lhe dá atenção e ele mesmo chega à conclusão de que seria impossível, os soldados perderiam-se no labirinto. Willy, que já esteve na colônia, afirma para Helmuth que a vida lá vai ser dura. Sente que estão abandonados pelo governo e pela Companhia. Gertrud pergunta quanto tempo falta para chegar. Willy já não sabe mais e mente: dois ou três dias – “uma mentira inútil, porque tudo mudou: o rio, os homens, a força e a fé” (p.138). Helmuth pensa no estranho [Matheus]. Helmuth sonha com uma guerra. Volta do sonho e preocupa-se com o ataque de índios e negros. Imagina a tripulação, vencida pela exaustão e pela diarreia, jogando-se nas praias e nos barrancos para morrer (negrito, grifo nosso). | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 14 | 141 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Local impróprio para estabelecer uma colônia: lotes pequenos e acidentados (difíceis para a lavoura) e o rio só é navegável seis léguas depois, já na região do brasileiro Vicente Só. Tentaram três vezes conversar com o Diretor da Colônia (residente na Villa do SS. Sacramento de Itajahy), sem sucesso, porque ele nunca estava lá. | heterodiegético | --- | T3 |
| 15 | 141 | Arnold, Natália e Matheus na carroça, indo para a vila. Conversam sobre a burra de Arnold. Domingo. Dia de ir à missa e depois ao armazém do Edgard. No caminho, Matheus observa Natália atentamente. Ela se sente observada. Arnold pensa em seus sonhos de desenvolvimento. | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 16 | 144 | Grupo de imigrantes na ilha – Balsa – Willy sabe que “os perigos estão em torno dele e é possível pressenti-los a todo momento; entretanto, o rio se faz tão presente, que é a ele que teme mais” (p.145). Willy passa o ponto de vigília para Edgard no meio da noite. Gertrud e Irma “rezam, choram dormindo e já não sabem por que e para que” (p.147). Willy pensa em desistir. Falará com os companheiros, eles “ <i>também não podem mais, concordarão</i> ”. | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 17 | 147 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Situação difícil da colônia, no caminho chamado <i>Strasse der Freude</i> . Há somente dez famílias, sendo que uma delas mora afastada. A de Arnold Appel, com Natália e Matheus Becker, um trabalhador de roça a jornal [diarista]. Quantidade de animais que vieram. Veio um cachorro que morreu de mordida de cobra [Bimble]. | Heterodiegético | --- | T3 |
| 18 | 147 | Matheus relembra o que faz todas as madrugadas, uma caminhada de reconhecimento do lote, sem deixar vestígios, para qualquer eventualidade. No entanto, “sempre com a | Heterodiegético | Matheus | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|---|-----------------|---|----|
| | | impressão de ter alguém assistindo sua solitária caminhada” (p.148). Matheus abre o caminho com o machado, numa rápida sucessão de golpes, cada vez mais fortes, alimentando sua força com uma raiva dirigida, não apenas contra o cepo, porém (sem que chegasse a reconhecer), antes de tudo, contra a viagem, sua permanência ali e o sonho de ver a mulher” (p.149). Matheus, Natália e Arnold na carroça indo para a vila, no domingo. Arnold pergunta se ele não quer passear na vila. Ele diz que vai pescar. Arnold insiste para ele passar ali na volta. Matheus ajuda Natália a descer da carroça. O sangue de ambos ferve. Matheus segue sozinho: vai pescar. | | | |
| 19 | 151 | Grupo de imigrantes – Balsa – ilha do rio – aguaceiro. Matheus não está por perto e a conversa gira em torno dele: quem será? Um criminoso? Capaz de matar e de salvar? Willy pensa que Matheus não concordará em desistir da viagem/colônia. A conversa muda: todos têm dúvidas e lamentações. | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 20 | 155 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Dificuldades na colônia: sobre mulheres grávidas e mortes nos partos; doenças comuns; compras de terras e formas de pagamentos; e necessidade das outras famílias que estão por vir. | heterodiegético | --- | T3 |
| 21 | 156 | Grupo de imigrantes – colônia – Visita de um homem da Companhia – Ernest. Veio saber como estão as coisas na colônia, um ano depois. Grande diálogo entre ele e Willy. O intérprete “sabe que não está sendo honesto, porque não basta a piedade ou uma vaga compreensão [...] reconhece sua própria falsidade, sabe que não há modo de calcular a vida que transcorreu ali: dez famílias, sem qualquer ajuda” (p.156). Para fugir das lamúrias do imigrante, que está desanimado, Ernest mente que o Governo encaminhará todos para uma colônia maior, próximo à colônia D. Francisca. Willy fica aturdido, tanto trabalho jogado fora, mesmo com toda a miséria, não queria sair dali, queria que as outras famílias viessem para cá, como prometido. Começa a fazer perguntas e Ernest muda logo de assunto. Ernest observa a mulher por quem se interessou há um ano atrás [período da quarentena]. Percebe que Irma está grávida e que a miséria a modificou e ele desiste de conquistá-la. Pequeno diálogo entre Ernest e Irma, com as respostas monossilábicas dela em alemão, de que o marido não está em casa. | heterodiegético | Ernest | T3 |
| 22 | 161 | Grupo de imigrantes dormem na ilha – Balsa – Edgard, de sentinela, recorda a guerra na Alemanha. Está angustiado, mas não quer chamar os outros, alguém para substituí-lo. Percebe a presença de índios no outro lado do rio, mas não pede ajuda. Alerta, pensa ser capaz de acabar sozinho com todos eles. Atira no rio ao ver um índio mergulhar e depois outros. Gritaria no acampamento improvisado dos imigrantes. Depois verificam que o movimento estranho era um peixe. Confunde o tempo da guerra [na Alemanha] com o tempo atual [viagem de balsa no Brasil]. Na manhã seguinte, Willy admite que estão perdidos. Discussão entre Willy (que quer desistir da viagem, retornar) e Matheus (que quer prosseguir). Cada um com seus argumentos, teimosos, cada um com a sua verdade. Edgard afasta-se do grupo, para não ter que decidir. O desânimo é geral. | heterodiegético | Edgard | T2 |
| 23 | 166 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: Foram feitas roças de milho, feijão, cana-de-açúcar, arroz e batata. | Heterodiegético | --- | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|---|-----------------|---|----|
| | | Mas quase nada produziram porque choveu o ano inteiro. Da parte da Companhia, o abastecimento é difícil. Sobre a presença de animais dos imigrantes. Os índios andam por perto, poderão roubar comida e animais. | | | |
| 24 | 167 | Matheus, sozinho, no meio da mata, diante de uma tempestade. Lembra-se de quando era jovem. Início do trabalho no escritório com os irmãos: tela de veleiros em alto-mar, um dia de chuva. Ele era o mais moço e fazia os serviços mais simples, como os irmãos mais velhos quando começaram a trabalhar com o pai, quando este era vivo. Neste dia, Matheus caça um veado, logo em seguida começa uma forte tempestade. Ele espera a chuva passar, “integrado no mimetismo da floresta” (p.168). Sente-se indefeso com a carga da espingarda molhada (sem serventia), mas o facão pode lhe dar alguma segurança. “O pensamento repete sua litania (tão cheia de fúria quanto a tempestade) e, perdida, a mente não mede a duração do temporal” (p.169). A calma chega repentinamente. | Heterodiegético | Matheus | T3 |
| 25 | 170 | Grupo de imigrantes na ilha do rio. Balsa. Café da manhã. “Observam a corredeira vencida e, livres dos pesadelos da noite, sentem-se melhor; mas, ao contrário das outras manhãs, a confiança não brota mais no peito de cada um” (p.170). Edgard desiste, não quer ir mais, chora: “o primeiro pranto de homem entre eles; é quem já não se preocupa com a imagem da covardia que esteja imprimindo na consciência e na lembrança, não apenas dos que estejam em seu redor, porém, – ainda – de toda a descendência que venha a deixar” (p.172). “não vou; é burrice continuar e receber uma flechada nas costas – ninguém sabe de onde tirou a idéia, mas há espanto e concordância em quase todos” (p.172). Discussão, discórdia. Matheus diz que eles então têm que deixá-lo na outra margem do rio e ameaça com a espingarda quem se recusar. Momento de expectativa e indecisão. As mulheres e as crianças, mesmo de longe, percebem a discórdia entre os homens. | Heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |
| 26 | 175 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: tipos de casa. Ainda esperam as outras famílias. A miséria aumenta e torna os colonos mal-humorados. Como não há estradas, fica difícil correr atrás dos bugres e não há como ter um capitão-do-mato, que prenda os índios e lhes dê segurança. | Heterodiegético | --- | T3 |
| 27 | 176 | Matheus: caçada de um veado. Dia de folga, domingo. Na volta, a pé, trazendo a caça nas costas, Matheus passa de casa em casa, cumprimenta com o chapéu Gertrud e assistem ao seu caminhar; ele ciente do tipo de comentário que elas farão (igual ao de seu irmão quinze anos atrás): “rapaz esquisito”. Ao passar pela <i>Strasse der Freude</i> não se interessa mais em medir os fracassos de cada um. Percebe que Arnold e Natália também já foram embora para casa. Segue o seu caminho até lá. | Heterodiegético | Matheus | T3 |
| 28 | 178 | Irma, na balsa, sente o cheiro de podridão e de suor. Pensa que é preciso lembrar o que foi bom e bonito para ter forças. Lembranças de uma noite de amor, na véspera da viagem da Alemanha para o Brasil. O marido, Edgard, confunde passado e presente: uma prostituta e sua esposa Irma. | Heterodiegético | Edgard | T2 |
| 29 | 181 | Texto baseado em documentos históricos – Relatório: pedido de ajuda para o Presidente da Província para colonizar as terras, antes que um desastre aconteça. Fala em nome de Deus, pelo amor do Brasil. | heterodiegético | --- | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|---|----|
| 30 | 181 | Na colônia, Edgard escreve uma carta de reclamações junto com os colegas para Ernest (o intérprete) levar para as autoridades. Ernest prevê que não dará certo. É muita burocracia e realidades muito diferentes. Edgard prevê que Ernest não assinará o documento junto com eles: trabalha para o governo, não será “rebelde”. Ernest, em pensamento, culpa Edgard pelo “crime” cometido com a mulher, quem ele se interessou um ano atrás: ela perdeu a sua graça. Ernest lembra-se da conversa que teve com o médico, um ano antes, ao verem a balsa do grupo partir: dez famílias, que vão esperar outras cento e tantas, que ainda nem embarcaram na Alemanha. Ernest está de olho em cantando, sem imaginar o que o espera. “Amanhã, não cantarão mais – vaticina o médico” (p.184). | heterodiegético | Ernest | T3 |
| 31 | 184 | Grupo de imigrantes na balsa: seis dias depois. Alguém deseja a morte, para acabar com o sofrimento. Matheus está na proa de sentinela e avalia que foi besteira ter insistido na viagem. Gertrud atesta que todos perderam, inclusive ele [Matheus], que é um criminoso, mas que deve ser o destino deles segui-lo. O nitrido de um cavalo corta o ar. Os homens, incrédulos, deixam a balsa retroceder. Avistam a praia (vinte metros de areia e barro) à direita deles. Encontram Gustav em uma praia/porto. Willy o reconhece. Estão chegando à colônia. Gertrud e Irma choramingam o final de suas desgastadas orações. A colônia Karlsburg fica a cinco léguas dali. Todos comemoram. Matheus não; está preocupado em avistar o cavalo. | heterodiegético | Diversos membros do grupo de imigrantes | T2 |

A TERRA
(de Arnold e Rudolf)

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|------------|----------|--|-------------------------|--------------------------|-------|
| 1 | 193 | Definição da colônia Karlsburg: “os casebres dispostos aos pares no ângulo dianteiro de cada lote, toscos, mostrando uma penúria aviltada, decadentes antes de serem velhos” (p.193). Matheus pensa: <i>‘então, este é o sonho deles’</i> , mas não desapontado. O primeiro encontro de Matheus e Arnold. Fala sobre a presença dos índios e o pavor de Natália, sobre a agricultura, a madeira e o rio, “esquecendo a presença de Matheus, as poucas frases do recém-chegado parecendo as velhas perguntas formuladas por sua própria imaginação e o hábito de falar sozinho transformado em sua defesa mais antiga e eficaz” (p.195). Este queria um parceiro para trabalhar na terra. Eles estão indo de carroça (guiada por uma burra) para a casa de Arnold. Ao chegarem, encontram com Natália. Diante de tanta miséria e clima pesado, Matheus tem a convicção do erro, pensa em ir embora. | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 2 | 198 | Paula, como de hábito, espera pelo marido Rudolf, no final da tarde. Chuva grossa. Ele chega com um casal que fica aguardando na chuva. Paula quer saber quem são, mas ele faz suspense, brincando com sua curiosidade. “Ela própria sente-se prisioneira das figuras lá fora, suspeitando da força e da importância do homem e da mulher agachados perto das cocheiras [...], existe uma urgência que transcende ao simples fenômeno da curiosidade, com a natureza de um pressentimento” (p.199). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 3 | 201 | Natália encarcerada na choupana, com medo de tudo e de todos. “Não existem recordações agradáveis e nem intervalos entre as agonias do navio e o dia-a-dia miserável; apenas, no exercício do medo, um frêmito a percorre da cabeça aos pés, igual ao estremecimento de um moribundo” (p.202). Natália tomando banho com sabão (não se recorda mais da consistência e do cheiro de um sabonete) e continua a sentir-se suja. Domingo: dia de ir à vila e que para ela também é motivo de angústia, porque já sabe a natureza das conversas que escutará no armazém do casal Edgard e Irma, “todos tentando colorir o cotidiano sombrio com a descrição dos mesmos problemas” (p.203). Ela pensa: <i>“não faz tanto tempo e as roupas já eram desbotadas e fora de moda antes do embarque; a penúria já existia lá; a sujeira e a degradação apareceram aqui”</i> (p.204). | heterodiegético | Natália | T3 |
| 4 | 204 | Paula e Rudolf no jantar. “somente uma rápida fagulha no olhar poderia trair a curiosidade e a raiva quase infantil” (p.204). Rudolf brinca com a curiosidade da mulher, jogando as informações que ela queria, aos poucos. Ela, também contida, alegrando-se com a habilidade da sua dissimulação. Mistura de curiosidade e raiva. Diálogo sobre a chegada do casal de empregados: Johannes Hinckel [nome falso de Matheus] e Catarina [nome falso de Natália], que teriam vindo do Paraná, em direção ao Rio Grande do Sul, no entanto, sem destino certo. Rudolf os viu no Mercado Público. Trouxe-o para fazer o trabalho pesado de Max, que passará a ser apenas o cocheiro. Catarina pode ser lavadeira ou copeira. E Paula fica revoltada, por não ser possível, ali e | heterodiegético | Paula / Rudolf / Matheus | T5 |

| | | | | | |
|---|-----|---|-----------------|----------------------------|----|
| | | naquele momento, alterar a decisão. Johannes percebe que o seu destino e o de Catarina estão sendo traçados pelo casal Rudolf e Paula durante o jantar, como se comprassem dois cavalos. Natália tem frio e fome, mas não reclama de nada desde que partiram da colônia. | | | |
| 5 | 207 | Chegada de Matheus à casa de Arnold. Natália está enclausurada, temerosa. Apresentação. Jantar. Os sonhos e desejos de Arnold: ter uma serraria e dois escravos. Matheus observa Natália. Matheus “não sabe por que alimenta a conversa e atíça o sonho de Arnold” (p.210). Natália não sai da casa depois que escurece para pegar água no poço, por medo. Arnold faz isso. Somente na hora de deitar, Matheus percebe a presença do cachorro, dormindo. | heterodiegético | Natália / Matheus | T3 |
| 6 | 212 | Johannes sente-se em paz trabalhando na chácara de Rudolf. Ficou encarregado de cuidar do quintal. Jardineiro e vigia. Até que Catarina conta-lhe que está grávida e ele sente medo de seu presságio, “não pode ser, agora não” (p.213). Ele percebe que ela não é mais a mesma de um ano atrás. Amor sem paixão, como ele reconheceria mais tarde. O ódio da água da chácara de Rudolf por Johannes e vice-versa. Diálogo entre Johannes, Catarina e Max sobre a água | heterodiegético | Johannes [Matheus] | T5 |
| 7 | 215 | Matheus pensa em ir embora, assim que terminarem [ele e Arnold] de construir o puxado na casa. Durante o resto do ano, vai explorar todo o lote de Arnold, sozinho, à noite, sem deixar rastro visível, estabelecendo marcos, preparando várias saídas, até que possa percorrer o caminho de olhos fechados, “dominando a vontade de fumar, num exercício de habituar o corpo a um esforço cada vez maior, preparando-o (e o espírito também), ainda sem saber para que” (p.216). Diálogo entre Arnold e Matheus sobre sonhos, futuro e medo (quanto a isso Matheus desconversa). | heterodiegético | Matheus / Arnold | T3 |
| 8 | 218 | Paula e Rudolf – Sobre a sua relação: Rudolf proprietário de Paula. Ela se compara à cadela de raça pastor alemão que eles têm. Sobre os retratos da família von Henning: para Paula, “as fisionomias têm uma eternidade que faz mal ao olhar e ao coração e não lhe sugerem ou transmitem a segurança que ele diz receber” (p.219). Diálogo sobre a chácara. Rudolf elogia que nunca esteve assim tão limpa [devido ao trabalho de Johannes]. Passeiam por ela para avaliá-la. Johannes sente-se avaliado e pensa em ir embora com Catarina, mesmo ela estando grávida. Johannes e Paula encaram-se e adivinham um o pensamento do outro: um acha o outro perigoso. Paula não os queria ali, somente para medir forças com o marido. Rudolf foge da conversa sobre a viagem para ela não ter argumentos para ele levá-la junto. Ela pensa em vingança. | Heterodiegético | Paula / Johannes [Matheus] | T5 |
| 9 | 222 | Natália: insegura dentro de casa durante o dia, junto com a burra e o cachorro, enquanto Arnold e Matheus vão trabalhar, cada um para um lado do lote. Tem medo de bichos (onças) e de bugres. Começa a pensar em Matheus (mais um tormento). Olha-se no espelho: há um brilho novo no olhar. Quando apareceu? Vasculha a memória da noite da chegada de Matheus à manhã de agora. Natália tenta chamar a atenção de Matheus, que finge não estar percebendo. Arnold está entre eles. Suspeita, mas não sabe, desconfia, mas não acredita. Natália solta o cachorro que vai esfregar-se nas botas de Matheus. Arnold diz que o cachorro Bimble passa a ser de Matheus. A burra, que estava sendo alisada por Matheus, pisoteia mais forte, tentando afastar o intruso. Natália | Heterodiegético | Natália / Matheus | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|--------------------|----|
| | | compara Arnold e Matheus. Sonha em ser como as mulheres [prostitutas], cujos nomes – aos domingos – os homens deixam escapar, porque pensa na carne como um dom e sonha com um homem que a tenha sem hora e dia marcados. | | | |
| 10 | 228 | Rudolf, depois do banho, deita-se ao lado de Paula, que lembra do passado, em que ambos se procuravam. Desejo de vingança crescente – para compensar o espírito conturbado. Perto, Johannes e Catarina dormem. Ele negando o desejo de ficar e o valor da tranquilidade. Johannes tem penetrado na chácara vizinha, ampliando seu território, “desbravando” a cidade [para uma possível fuga]. Diante “da impossibilidade de partir [devido à gravidez de Catarina], levanta-se a temeridade de aguardar e ver até onde um pressentimento pode levá-lo” (p.230). | heterodiegético | Paula / Matheus | T5 |
| 11 | 229 | Johannes e Catarina deitados. Pensamentos. Seis meses depois de terem chegado à casa de Rudolf, Johannes aproveita seu trabalho de vigia para percorrer a chácara vizinha para se orientar no novo território: cidade (Desterro). Um mês depois, ao examinar o muro da frente, vê duas barras de ferro soltas e recoloca-as no lugar: outra saída, mas não conta nada para Catarina. “Através da madeira, sente a inquietação da égua” (p.230). | heterodiegético | Johannes [Matheus] | T5 |
| 12 | 230 | Paula pensa em Johannes como o instrumento de sua vingança contra Rudolf: sabe que ele pode abandonar Catarina e o filho [que está para nascer] a qualquer momento. Imagina o fim, mas ainda não sabe o começo da trama. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 13 | 231 | Elizabeth – adolescente da colônia que não se entrosava mais com as crianças e ainda não entrou no grupo das mulheres. Solitária. Teve que assumir os três irmãos menores e a recém-nascida depois da morte de sua mãe no parto. As lágrimas e o silêncio a nivelaram aos adultos. Pensa no pai, que saiu para beber e voltou sozinho, de madrugada. Ela recentemente tinha ficado menstruada e o pai havia dito com tranquilidade para ela falar sobre este assunto com Frau Gertrud. Ela pensa que vai morrer sangrando igual à mãe (hemorragia), descrente com as explicações de Frau Gertrud. Ao amanhecer, com os irmãos acordando, encontra o pai morto, enforcado na comeeira. Ela dá um grito. | heterodiegético | Elizabeth | T3 |
| 14 | 234 | Paula (da chácara, de óculo-de-alcance) vê o marido sair no patacho (na viagem que ela queria ter ido junto e ele não deixou/quis) e observa o trabalho de Johannes (o jardineiro) que a trata com indiferença. Atenta aos dois para montar a sua trama, “sentindo o ressurgimento da espartana vocação para ocultar a dor e a alegria, quase atávica, porém muito mais aperfeiçoada nela do que na própria mãe” (p.235). Rudolf foi comprar mais um navio. Paula está ressentida porque queria ter ido junto ou ele poderia ter ficado com ela e resolvido a compra de outro jeito: por carta ou mandando seu irmão e até mesmo um empregado para fazer o negócio. Seu desejo era que apenas no seu regresso ele lamentasse a viagem. À noite, observa Johannes vigiar a casa com os cachorros, como Rudolf ordenou, mas Johannes estará à sua disposição quando ela desejar. Três dias depois que Rudolf viajou, Paula abre a carta endereçada ao marido, de Martin Weber, da Vila do S. S. de Itajahy, mesmo sabendo que a essa altura da viagem, Rudolf já poderia tê-lo encontrado e sabido do conteúdo pessoalmente. O conteúdo da carta vem reforçar seu plano de desforra. | heterodiegético | Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|-----------------|------------------|----|
| 15 | 236 | Arnold e Matheus no casebre, saindo para trabalhar. É inverno. Cerração fria. Passou um ano e a Companhia não mandou mais nenhuma família. A caminho da roça, Matheus e o cachorro fazem um trajeto diferente, só deles, uma trilha que, no dia seguinte, já não era mais visível ao próprio olhar, até atingir o rio (passando pelo lote dos Lohmeyer). Arnold foi até o povoado. Matheus pensa em Natália – que está sozinha –, como mulher, e novamente reconhece o erro de ter ficado ali. Pressentimentos. | heterodiegético | Matheus / Arnold | T3 |
| 16 | 240 | A solidão de Natália que a deixa em pânico e inquieta. Arnold saiu com a burra e Matheus com o cachorro. Ela pensa em Matheus como homem. Faz a comida e costura/remenda as roupas de Arnold e Matheus pensando neles, comparando-os. Natália masturba-se com a camisa de Matheus, pensando nele e grita de prazer. Estranha baterem na porta aquela hora (meio-dia). Chega o cachorro e logo em seguida Matheus. Ela não consegue tirar os olhos dele. Os dois fazem amor no chão da choupana (na cozinha). | heterodiegético | Natália | T3 |
| 17 | 243 | Ottokar, general, lembra da guerra na Alemanha e, na colônia, provoca a mulher (com o balde de lavagem para os porcos) para brigarem. Ela o chama de “general de merda”, aos gritos. Ele compara a guerra com a vida miserável na colônia. Realidade x sonho. O cheiro da lavagem que é igual ao cheiro da guerra, que é igual ao cheiro da glória. Crescente inquietação e o relinchar dos cavalos. “A garrucha pesa na cintura, o balde pesa na mão, o calor pesa na cabeça suja, enquanto dissemina seu rancor no nada que deixou para trás e no pouco que tem pela frente” (p.245). A mulher não cansa de provocar o marido, aos gritos. Um índio está roubando um leitão do chiqueiro. Ottokar mata-o com a espingarda, confundindo-o, ora com um índio [ladrão] (realidade), ora com um soldado inimigo (sonho). Pensa em táticas de guerra. O nervosismo o faz sujar as calças de medo (descontrole humilhante para ele, que era um militar). | heterodiegético | Ottokar | T3 |
| 18 | 249 | Edgard e Irma (grávida). As outras mulheres esquecem dos problemas de um parto (morte de outras) e fazem o enxoval do bebê de Irma, aproveitando retalhos dos vestidos desbotados. Edgard aproxima a mão no corpo de Irma para fazerem amor, mas desiste pois sente asco pelo corpo deformado da mulher, não sente mais desejo (falta pouco tempo – um mês – para o nascimento da criança). Irma sente a piedade mal disfarçada e o claro sentimento de repulsa. Irma diz que tem medo, mas não sabe de que. Edgard também tem. Edgard não queria que o filho nascesse na colônia, naquelas condições de vida. Ambos estão temerosos com o futuro do filho e deles próprios. Edgard novamente pensa em retornar para a terra natal, mas sabe que terá que pedir autorização para a Companhia e para o Governo e, sozinho ou acompanhado, será perda de dinheiro, e a certeza do fracasso. Imagina-se sozinho com o filho, caso Irma venha a morrer no parto. Irma procura algum orgulho na maternidade e pensa em quem a substituiria caso ela venha a morrer no parto. | heterodiegético | Edgard / Irma | T3 |
| 19 | 254 | Paula recebe carta de Rudolf contando sobre os negócios, que ficará mais um tempo fora e dando notícias apenas da colônia D. Francisca. Paula espera receber outra carta de Martin Weber (endereçada ao seu marido), mas não a recebe. Paula aguarda para iniciar a desforra. Catarina entra em trabalho de parto e Paula diz para chamar a parteira somente se for | heterodiegético | Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|-----------------|----------------------|----|
| | | necessário e para avisá-la antes. Catarina tem o filho mas perde muito sangue. Paula pensa que com a morte de Catarina, Johannes vai embora. Quando Rudolf chegar, dirá a ele que Johannes tentou seduzi-la e ela o mandou embora, para Rudolf sentir remorso de tê-la deixado sozinha por tanto tempo (mais de dois meses). A desforra completa, livre do jardineiro; mesmo que a carta tão bem guardada não lhe servisse para mais nada. Paula observa Johannes, na espera do desenrolar de sua trama. Ambos aparentemente imunes ao relinchar da égua. | | | |
| 20 | 257 | Irma, ao ouvir os tiros de Ottokar, imagina um ataque dos índios e pensa em cada um da colônia. Pensa que está tudo acabado: o sonho de construir um mundo novo. Com a gravidez adiantada e com o susto dos tiros, o bebê está prestes a nascer. Vai nascer inquieto por causa da agitação e do medo da mãe. Edgard chega com a notícia: “Ottokar matou um bugre”. Irma pede que chame Gertrud para ajudá-la no parto. Edgard se surpreende com a indiferença da mulher ao lhe fazer o pedido; há um fatalismo cansado. Irma “adivinha, sente e já sofre com a tortura do corpo dilacerado, sem júbilo” (p.260). | heterodiegético | Irma | T3 |
| 21 | 260 | Paula fica sabendo que Catarina morreu. A criança sobreviveu e é um menino. Manda chamar o médico para o atestado de óbito e continua pensando na desforra. Pensa que Johannes vai embora. Espera receber mais cartas endereçadas ao marido que possam ajudá-la no seu plano. Nova carta de Rudolf. Protocolar e objetiva. Paula resolve agir, e pensa que Rudolf se arrependerá de ter viajado sozinho. Paula vai falar com Johannes. Este, ao observá-la caminhando, compara-a fisicamente com um cálice de cristal: pequena e frágil. No entanto, sabe que ela é forte, talvez mais forte do que o marido. Ele finge que não a vê se aproximar e não responde ao seu cumprimento. Um pensa no que o outro estará pensando ou o porquê da sua atitude. Depois de um longo silêncio, Paula caminha em direção ao quiosque e de lá o chama novamente. Ele caminha em direção a ela, sabendo que ela não quer apenas cumprimentá-lo. Outono. | heterodiegético | Paula / Matheus | T5 |
| 22 | 264 | Matheus trabalhando. Morte do cachorro Bimble. Matheus protege-se, atira contra a floresta, retorna até próximo a casa de Arnold. Pensa que Natália possa estar morta, por um ataque dos índios e que estejam esperando por ele. Não vê movimento. Retorna para enterrar (esconder) o cachorro, mesmo sabendo que os outros (Arnold e Natália) perguntarão pelo animal. Tenta se consolar: era só um cachorro. Morreu como um homem. | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 23 | 268 | No quiosque, Paula e Johannes conversam sobre o nome e o destino da criança (filho de Johannes e Catarina): Lucas (origem católica: São Lucas) e ele poderia ir embora e deixar a criança que ela conseguiria alguém para criá-la. A aposta está feita. Ele sai sem dar nenhuma resposta (surpreso com a idéia) e ela o chama novamente, agora pelo seu nome verdadeiro: Matheus. [Reconhecimento] | heterodiegético | Paula / Matheus | T5 |
| 24 | 271 | Matheus pensa em Natália ao voltar para casa. Ela surge diante de sua visão e ele continua escondido observando-a. Diálogo entre Matheus e Natália sobre os tiros. Ele diz que foi ele quem atirou em uma cobra e que o cachorro continua na floresta caçando. Ela chama o cachorro, que não aparece. Matheus diz que atirou em uma cobra com dois tiros, mas | heterodiegético | Matheus / Natália | T3 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|---------|----|
| | | Natália estranha. Adivinhando o desejo dele, ela diz várias vezes “nunca mais”. Matheus convida-a para fugirem juntos, nem que ele tenha que matar Arnold. Ela resiste, diz que não é justo, que ele irá atrás dela. Os dois fazem amor no capim. Novamente ele faz a proposta e ela recusa. “A frase de Natália é um grito teimoso – ele irá me buscar” (p.274). Matheus reafirma que acaba com ele. Ela pensa no pecado, no remorso e na vergonha. Ele percebe isso. Ela deixa-o sozinho com seus pensamentos, afasta-se, sem ouvir o chamado. | | | |
| 25 | 275 | Matheus não retorna ao chamado de Paula, mas ela percebe o impacto do nome sobre as costas dele. Já é noite. Matheus, bipartido entre a saudade de uma mulher [Natália] e a maldade de outra [Paula], lembra o dia em que considerou a criança um erro. Sente-se fracassado e triste por Natália. Observa, de longe, Paula percorrer a casa. Abandona seu posto de vigia e sai da chácara. Vai até a bodega do Espanhol beber e pensar no ocorrido e no seu futuro. Retorna à chácara pensando no passado (Arnold e Natália) e vai fazer seu trabalho de vigia. Paula espera-o e exige explicações. Ele não consegue ver onde ela quer chegar com tudo isso. Iniciação do seu novo martírio. | heterodiegético | Matheus | T5 |

O FOGO
(de todos)

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|-------------------|-----------------|--|---|--------------------|--------------|
| 1 | 281 | Matheus e Paula, no divã, terminando a relação entre eles. Matheus sente-se encurralado diante dela. “ambos estão intuídos da impossibilidade de continuarem a paixão e a loucura e estão pensando, <i>acabou</i> , sem alívio e sem piedade. <i>Acabou</i> , é a idéia que lateja dentro dele [...] <i>acabou</i> , ela aconchega a idéia num desvão do cérebro” (p.281). Cheiro jasmineiro e pintura recente (tábuas e caibros substituídos). | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 2 | 284 | Na colônia destruída (em ruínas), ele [Matheus] se esconde em uma casa que não é sua. Há um corpo de uma mulher morta. | heterodiegético | Ele [Matheus] | T5 |
| 3 | 284 | Matheus e Paula no divã. Ela insiste para ele começar a contar a sua história, chamando-o de Matheus e a outra de Natália. Nascimento do ódio entre os dois, “desejando saber até que ponto ia a verdade e começava a farsa” (p.286). Ela pensa que ele não vai falar. Ele pensa em fugir, antes que ela chame as autoridades, mas desiste. | heterodiegético | Paula / Matheus | T5 |
| 4 | 286 | Colônia Karlsburg, em ruínas. Ele [Matheus], sobrevivente de uma batalha, errático, vaga pelos roçados destruídos; “com a espingarda apoiada no quadril [...] e – no outro lado da cintura – a bainha do facão batendo em sua coxa, feito a cauda de um cachorro amigo” (p.286); “suas narinas já estão habituadas, seus olhos não se espantam mais com a visão dos corpos esmagados, dilacerados pela morte e pelos animais e que, iguais aos tocos calcinados, já servem de referência para a sua caminhada interminável” (p.287). | heterodiegético | Ele [Matheus] | T3 |
| 5 | 287 | Matheus e Paula: conversa no divã. Despedida. Madrugada. Ele pensa o que vai falar; ela, consciente de sua superioridade, pensa que ele não vai falar nada, mas sabe que foi apanhado e que não tem mais saída; “está quase na hora [...] A frase morre sem ferir o silêncio, dando a impressão de que as palavras têm poder apenas para arranhar a superfície da redoma que parece protegê-los” (p.289). | heterodiegético | Paula / Matheus | T5 |
| 6 | 289 | Colônia Karlsburg, em ruínas. A vida dos animais e da floresta em volta continua. Ele [Matheus] caminha lento, num misto de ansiedade e contenção, caçando seu inimigo invisível [índio]. | heterodiegético | Ele [Matheus] | T3 |
| 7 | 290 | Matheus e Paula, no divã, depois de uma noite de amor vem a despedida. Matheus começa a se vestir. Ele começa a falar sobre o seu passado, a sua identidade, a sua história com Natália. Início do relato de Matheus para Paula; “a imaginação suprindo o que o embaraço continua retendo dentro dele, dificultando a enunciação das palavras amor, paixão e remorso, com as quais está pouco afeito” (p.292). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 |
| 8 | 292 | A louca (Irma) e o aleijado (Edgard) da colônia. Alguém [Matheus] os procura em meio às ruínas. | heterodiegético | Ele [Matheus] | T3 |
| 9 | 293 | Matheus e Paula. Matheus revela sua história. Lembranças (de ambos) de como começou a atração sexual entre eles. Quando e onde se encontravam. Matheus confessa que pensou em fugir da chácara várias vezes. Percebeu que o pouco que Paula sabia sobre ele poderia incriminá-lo junto às autoridades. Mas não sabia até que ponto do seu passado ela tenha conhecimento. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus / Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|--------------------|---------|
| 10 | 296 | Ele [Matheus] e o morto [Arnold]. Pouca coisa para lembrar: a discussão e o estampido. Próximo, passam os índios, correndo morro abaixo. | heterodiegético | Matheus | T3 |
| 11 | 296 | Continuação relato. Matheus fala que, naquela tarde no quiosque, pensou que ela contaria tudo para Rudolf e as providências de procurar as autoridades ficariam por conta dele. Matheus disse que sabia de cor diversas saídas da chácara [caso precisasse fugir]. Pensou que ele e Rudolf ignoravam as intenções de Paula, mas pelo menos ele estava preparado. Há um rumor de passos subindo a escada. Matheus pára com o relato. Paula finge não perceber o barulho. Embarço de ambos pela interrupção do discurso. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus / Paula | T5 (T3) |
| 12 | 298 | Paula e Rudolf caminham pela chácara, depois da volta dele, observando a propriedade. Colocam a conversa em dia. Rudolf pergunta pela carta de Martin, com notícias da colônia Karlsburg e Paula mente que não a viu, sabendo que ele não ligará os fatos e que o segredo continuaria a ser só seu. Matheus está trabalhando por perto, “igual a um cão, esperando a reprimenda e o castigo” (p.299). | heterodiegético homodiegético | Paula | T5 |
| 13 | 300 | Ruth, a empregada de Paula, aparece na escada e avisa que os cachorros ainda estão soltos. Paula manda Max prendê-los e diz que Johannes está conversando com ela. Matheus sente que Paula escondeu a carta de Rudolf e guardará o seu segredo, mas isso não o tranqüiliza. Ruth estranha ver Paula e Johannes conversando na saleta, e fica confusa. As frases continuam difíceis para Matheus porque a memória está “igual a um boi preso no brejo” (p.301). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus / Paula | T5 (T3) |
| 14 | 301 | Relato. Matheus diz a Paula que já poderia ter ido embora, que Natália teria ido com ele, mas alguma coisa o prendia ali. Esperava que o pressentimento [do perigo] fosse maior. Paula pensa se não era o destino dos dois se encontrarem e relembra com detalhes a carta endereçada ao marido que ela interceptou e que continha a verdadeira história de Matheus. Ela a guarda dentro da camisola de núpcias, certa de que Rudolf não a encontrará. Faz parte de seu jogo/brinquedo. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus / Paula | T5 (T3) |
| 15 | 303 | Ataque dos índios à colônia. Menino de dez anos sentado em uma cerca espera pelo pai, fugindo do banho que a mãe quer lhe dar. Resposta monossilábica em alemão: <i>Jawohl</i> , “dividindo sua atenção entre os latidos do cão e o pio isolado de um anu, bem próximo a ele” (p.303). Outono. Sonha em pedir uma espingarda de verdade no Natal, para caçar junto com os homens. O grito de uma mulher ecoa, lá pelos lados da <i>Glücksplatz</i> . O menino é assassinado por um índio; “nem o medo e nem a dor conseguem destruir a incredulidade de ter visto o primeiro índio da sua vida” (p.304). | heterodiegético | Menino | T3 |
| 16 | 304 | Matheus e Paula: houve paixão? Com Natália? Sim, a partir da solidão de cada um e do reconhecimento do sonho. Matheus relembra em pensamento a primeira vez em que ele e Natália fizeram amor no chão da cozinha. Com o seu silêncio, Paula tenta chamar a sua atenção falando sobre a carta; “o silêncio estende-se sobre eles, <i>é o que ele sentiu</i> , ela procura reconhecer, deixando que Matheus se embrenhe nas recordações [...] <i>um silêncio que tem a natureza de uma mortalha e que – talvez – já o revestisse, muito antes daquele instante</i> ” (p.308). Ele diz que tinha a impressão de ser, ele e Natália, manipulados por Arnold. Paula pensa sobre o que ele diz. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus / Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|--------------------|---------|
| 17 | 310 | Ataque dos índios à colônia. Ela dá comida aos porcos. Frau Müller cata piolhos em sua filha caçula, “falando sozinha e olhando longe [...] sonhando com uma natureza diversa daquela que está diante de seus olhos, sem miséria e sem sujeira” (p.310). Ottokar aguarda alguém para ir com ele no chiqueiro levar comida. Depois que ele matou um índio, não foi mais sozinho lá. Elizabeth vê o filho mais velho dos Koehler sentado na cerca e depois correndo com mais quatro ou cinco garotos. Ouve o grito de uma mulher. Logo em seguida, um índio sai dos fundos de sua casa e não há tempo para o alarme. Ela morre ao ser atacada com uma flecha. “Sabe que está caindo e, malgrado a estranha imponderabilidade, chega a sentir (acima do odor nauseante do balde) o cheiro estimulante do esterco fresco, seu último vínculo com a vida que inutilmente tenta alongar” (p.311). | heterodiegético | Elizabeth | T3 |
| 18 | 311 | Relato. Matheus relembra a tarde em que Ottokar matou um bugre, foi a ocasião em que os índios estiveram mais próximos da colônia e que mataram o cachorro de Arnold e Natália, Bimble. O medo tomou conta do grupo de imigrantes, inclusive de Matheus. Os índios “estavam acostumando-se com nossas presenças, com as armas e as ferramentas, com a nossa fraqueza; sabiam o que deviam esperar e, talvez, adivinhassem o amanhã, quando chegassem as outras famílias” (p.311). Sobre índios e onças. Sobre a mentira de Matheus quanto aos tiros e à morte do cachorro Bimble. Uma semana depois, no dia do ataque, Arnold descobre o corpo do cachorro e pede explicações a Matheus sobre a sua mentira, e o próprio Arnold tenta explicar a atitude do outro. Matheus pensa que Arnold acha que vai morrer e por isso ele o provoca, como se já desconfiasse do caso entre Matheus e Natália [manipulação]. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 |
| 19 | 313 | Natália e sua relação com o marido e a sua solidão. Pensa que Arnold vai descobrir o seu caso amoroso com Matheus, só em olhar para ela; “parecia que os homens tinham sonhado a noite inteira com um despertar fora da miséria e da imundície e, por isso, revigorados, elevavam as vozes cheias de esperança” (p.313). | heterodiegético | Natália | T3 |
| 20 | 314 | Relato. Na semana entre a morte de Bimble e o encontro de seu corpo por Arnold, Matheus pensa em ir embora com Natália, mas não sabia como dissuadi-la. Sobre a paixão, ou melhor, sobre os sentimentos de Matheus por Natália. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 |
| 21 | 314 | No meio do relato, a memória de Matheus recua para a tarde em que Arnold encontra o corpo do cachorro e pede explicações a Matheus. Este percebe a “vulnerabilidade do outro e se permitia a repetição do lampejo tranqüilo, <i>fácil, fácil demais</i> [...] não havia como deter ou desviar o furor cego, <i>fácil, fácil demais</i> ” (p.315). | heterodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 22 | 315 | Relato. Matheus relembra o assassinato de Arnold, o barulho dos índios descendo o morro e o início da fuga com Natália. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 23 | 316 | Pausa no relato. O narrador apresenta o pensamento de cada um. Matheus reflete que Paula quase não interrompeu o seu relato, “pois conseguiu o que desejava e não tinha interesse no resto”. Sente-se como se estivesse em uma luta. Acende um cigarro. Paula compara o cheiro do palheiro de Matheus com o charuto de Rudolf. Lembra das noites em que esperou | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|----------|---------|
| | | por Matheus, em que o cheiro do cigarro recém-jogado fora adiantava a sua presença. | | | |
| 24 | 317 | Relato. Matheus relembra a morte de Arnold e a presença dos índios por perto, descendo o morro. Matheus esconde-se ao lado do corpo inerte: raiva e medo. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 25 | 317 | Nova pausa no relato. Descrição de Matheus da sala da casa de Paula. Ele sente-se estranho ali, àquela hora da manhã. Tudo muito limpo e organizado. Compara o cheiro do seu palheiro com o “aroma de alfazema e naftalina, que parece ser a marca registrada da casa inteira [...] cheiro de opacidade, muito mais antigo do que os moradores” (p.318). | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 26 | 318 | Fuga de Matheus do local onde deixou o corpo de Arnold indo em direção à colônia. Ele pensa, “ <i>sua alma poderia avisar ‘já passaram, não tenha medo’</i> ” (p.318). Matheus pensa em Natália e, assustado, preocupa-se com o ataque dos índios. | Heterodiegético | Matheus | T3 |
| 27 | 319 | Relato. Matheus chega na casa de Arnold (depois de sua morte) e chama por Natália. Ela abre a porta depois de muito tempo. Está ao lado da burra. O espírito de Arnold está presente, debochado. Natália está igual a burra, no pavor e na ansiedade. Mostra-lhe a mochila, a sacola de munição e a pequena trouxa com suas roupas. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 28 | 320 | O relato de Matheus tornou-se um jogo desinteressante para Paula. Comparação entre a paixão dele por Natália e por ela. Paula lembra dos criados que estão esperando as suas ordens e acha que não deveria ter permitido Matheus ter ficado ali. A relação deles acabou. Com os criados de olho, ficaria mais difícil. Sabe que ele não tem medo de um escândalo, mas é o instinto da sobrevivência, é a impunidade. | Heterodiegético | Paula | T5 |
| 29 | 320 | Relato. Matheus fala sobre o início da fuga com Natália, sem trocarem uma palavra, correndo feito loucos. Morte da burra na casa em chamas. Eles escutam o seu zurrar. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 30 | 321 | Matheus e Paula – as lembranças dele tornaram a palavra mais fácil, como se a própria lembrança reconhecesse a inutilidade de qualquer artifício. | Heterodiegético | Narrador | T5 |
| 31 | 321 | Relato. Incêndio na colônia após o ataque dos índios. Ruínas, lamento e dor. Fuga de Matheus e Natália (sobreviventes). Natália perguntou pelo marido, Arnold. Matheus disse para ela esquecer-lo. Lembraram-se de outras pessoas, mas era preciso fugir, “tropeçavam em corpos, alguém tentou me segurar pela bota e, na luz das fogueiras, vultos corriam, mas não se podia dizer se eram índios, colonos, homem ou mulher” (p.321). Correram até avistarem duas canoa com os remos. | Heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T3) |
| 32 | 321 | Matheus percebe que Paula está alheia a sua história da fuga da colônia com Natália. Ela está indiferente porque tem todos os trunfos. No entanto, “a palavra continua irremediavelmente libertada” (p.322) e Natália era somente um fardo na proa, inerte. | Heterodiegético | Matheus | T5 |
| 33 | 322 | Relato. Fuga Matheus e Natália da colônia em chamas – floresta. Andavam e corriam no meio da floresta, por entre árvores, cipós e pedras. Quando suas mãos se largavam, ambos berravam: desespero e terror. Tateavam feito cegos. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 34 | 323 | Pausa no relato. O perfume de Paula faz Matheus lembrar das madrugadas de sexo entre eles naquela saleta, depois da morte de Natália. Para fugir à tentação, ele olha para o janelão e prepara outro cigarro. | heterodiegético | Matheus | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|--------------------|---------|
| 35 | 324 | Relato. Fuga Matheus e Natália na floresta. Estão cansados, machucados e perdidos. Caem muito no chão. Agarram-se (não se abraçam), usando toda a força que restava. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 36 | 325 | Pausa no relato. Paula percebe que Matheus não quer encará-la – medo do olhar, da traição do próprio corpo. Percebe, pelo barulho, que Ruth retomou seus afazeres (preparar o almoço). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 37 | 325 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Caídos no chão, “paralisados pelo medo e pela exaustão, ficamos sentindo a vibração da floresta [...] esperando apenas a chegada da luz para tornar a viver” (p.325). Sons dos bichos e plantas da floresta os assustavam. A floresta como dona da terra e do destino deles. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 38 | 326 | O narrador fala sobre a relação de Matheus e Paula, suas madrugadas de sexo, “num cio inesgotável. Mas era a mulher que se oferecia em todas as posições, até aquelas que jamais imaginara, mesmo em seus sonhos mais secretos e degradantes” (p.326). Matheus não falava nada (fantasma de Natália = remorso de um adultério). “E, contudo, não fugiu ou recusou, [...] degrau por degrau da mesma loucura, forçando – de novo e cada vez mais – o sonho com a palavra impossível” (p.327). | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |
| 39 | 327 | Irma prepara a comida enquanto espera Edgard. Sua casa é igual a dos outros, mas acha que a sua é melhor, porque tem um bebê e um marido que a ajuda com os afazeres domésticos. Um lar. Sobre o pequeno armazém, um orgulho, princípio de um sonho. Esquenta o leite da criança e ouve tiros (iguais aos do dia em que Ottokar matou um bugre). A criança chora. Primeiro ela pensa que é de fome, depois tem medo e presságio. | heterodiegético | Irma | T3 |
| 40 | 328 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Acordaram, mas não têm forças de recomeçar a caminhada; “não havia fome, sede e o cansaço fora substituído por um entorpecimento” (p.328). Estavam perdidos. Natália estava com os pés em péssimo estado. Tomam um banho no rio para tirar a sujeira e o sangue. A floresta, com seus ruídos, dá-lhes medo. Medo do desconhecido. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 41 | 329 | Matheus e Paula. “A criadagem voltou ao imobilismo anterior, sem qualquer iniciativa” (p.329). “Não obstante a palavra mais liberta, há instantes em que a frase é cortada e ele volta ao silêncio, deixando que a fantasia tome o lugar da voz, tornando a rever a cena mil vezes lembrada e imaginando o que deveria ter feito ou evitado, a fim de que o presente perdesse sua condição de realidade e também se transformasse em qualquer coisa que ainda permitisse a elaboração de um sonho” (p.330). Noite de sexo no quarto dela. Ao final ela diz: “aqui, nunca” e ele vai embora. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 42 | 331 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Ela enxuga-se com uma camisa de Matheus. O medo toma conta dos dois. Saem a caminhar na diagonal da floresta: andam, escorregam e caem. Natália não consegue mais andar: seus pés estão em carne viva. Ela vomita. Matheus a carrega no colo. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 43 | 332 | Pausa no relato. Paula imagina e avalia a história que Matheus está contando sobre ele ter carregado Natália no colo durante a fuga. Parece que estão pagando uma promessa, que já nem era mais recordada. | heterodiegético | Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|--------------------|---------|
| 44 | 333 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Cansados, nauseados e fracos, eles não conseguem caminhar muito tempo e param novamente. Não conseguem nem chorar. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 45 | 333 | Pausa no relato. Matheus está intrigado com o silêncio de Paula, dificultando seu reencontro com o tempo e a narrativa. Acende outro palheiro. Aromas pesados e odores do dia. As lembranças continuam seu jogo trágico. Maldição. | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 46 | 333 | Ataque dos índios à colônia. Irma e o filho recém-nascido estão em casa. Ela escuta um barulho e pensa que o filho caiu da cama e vai vê-lo. Um índio a detém. Seu espírito cheio de pavor não consegue libertar o grito. Colocam Irma em cima do fogão (sua saia no fogo) e jogam leite quente em seu rosto. Irma enlouquece. | heterodiegético | Irma | T3 |
| 47 | 334 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Quando eles acordam e avistam um cachorro. Matheus acredita que eles estão perto de algum povoado. Com Natália no colo, Matheus segue o cachorro, mesmo exausto, temendo perdê-lo de vista. Enxerga o porto (no qual só estivera uma vez) e reconhece as duas canoas, a praia e a tapera do velho. Este “tinha pequenos roçados e fazia troca com os índios; e, cinco léguas além, rio acima, Brusque, com mais de cem famílias, objeto de inveja dos que tinham apodrecido em Karlsburg” (p.335). Matheus fala: “não sei quanto tempo trotei atrás dele; não sei, porque – para nós – aquilo não era caminhar ou correr: era somente o trote de duas reses cansadas seguindo um cão, mesmo que fosse na direção do matadouro” (p.335). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 48 | 335 | Pausa no relato. Paula se levanta e vai até a sacada. Matheus é obrigado a olhá-la. Paula pensa sobre a relação entre Matheus e Natália no passado: houve paixão ou amor confundido com gratidão? Dependência e remorso. Paula pede que Matheus continue a narrar sua história. Paula retorna ao seu lugar. Senta-se na mesma posição de antes. Matheus pensa que Paula se cansou da narrativa, já passou da hora e é preciso encontrar um término, “mas é imperioso que prossiga, não por força da determinação de Paula ou da sua própria vontade, porém apenas e igual a uma necessidade física, sem controle e desagradável” (p.338), nenhum dos dois quer parar. | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |
| 49 | 338 | Fuga Matheus e Natália. Eles chegam até a praia onde ficam o porto, o velho da tapera, duas canoas e dois cachorros. Primeiro grande erro de Matheus, como ele próprio reconhece: mesmo de noite, pega uma das canoas, põe Natália dentro e começa a remar. Só depois é que percebe que os índios não iriam até lá, porque eles têm contato com o velho e não daria tempo para ninguém de Brusque ou mesmo de Karlsburg chegar lá (só na manhã seguinte). Matheus já não consegue mais distinguir a memória do passado e a sua imaginação “e, sem cronologia, a memória fica sem rumo” (p.338). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 50 | 339 | Pausa no relato. Passos na escada. Ruth, criada de Paula, vem novamente chamá-la para comer. Paula diz para esperar. Ruth retorna à cozinha e comenta com os colegas que a conversa da patroa com Johannes “é muito séria”, temendo pelo que possa acontecer com ela mesma. | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 51 | 340 | Relato. Fuga Matheus e Natália. “O velho da tapera não esboçou qualquer reação quando começou a empurrar a canoa, como se tudo não passasse de um empréstimo” (p.340). Descida pelo rio de canoa. Natália dorme agitada | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|---------|---------|
| | | (febre, dor). Delirava e chorava, mudava de posição e, sem querer, ameaçava jogá-los dentro do rio. Matheus reconhece que deveria ter esperado o dia amanhecer para recomeçar a viagem/fuga. Segundo grande erro. O arrependimento veio antes do cansaço, do sono e da fome. | | | |
| 52 | 341 | Ataque à colônia Karlsburg. Edgard sai para cobrar o pagamento de alguns clientes do armazém ou apenas para conversar e alimentar o sonho. Pára próximo à casa de Ottokar. Não queria ir com ele ao chiqueiro. Vê os índios se aproximarem, com movimentos sincronizados, iguais às onças. Edgard é atacado pelos índios: uma flecha atinge-o na nádega e outra atrás de um dos joelhos. Uma mulher dentro da casa grita. | heterodiegético | Edgard | T3 |
| 53 | 342 | Paula e Rudolf: conversa sobre o trabalho dele, na hora do jantar. Ele comenta sobre uma carta anônima que recebeu falando sobre eles, principalmente sobre ela, que teria um caso com o jardineiro [Johannes]. Ela diz que também recebeu, mas a rasgou porque era muito suja. Recomeçaram a refeição, “nela – o pensamento iniciava uma nova trajetória, agora, com a dúvida no espírito, começa a sofrer a desforra” (p.344). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 54 | 344 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Matheus acorda, Natália continua dormindo e chorando. Ainda estão descendo o rio. Matheus faz um paralelo com a viagem de balsa na chegada, dois anos antes. A paisagem, o cansaço e o desalento eram iguais. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 55 | 344 | Paula e Rudolf. Paula está ansiosa para continuar o seu plano de vingança, mas sabe que não pode “exagerar no desfrute da impunidade” (p.344) e, por isso, espera pela intuição, pelo sinal da certeza definitiva. Ela abre o cofre da casa e rasga a carta anônima endereçada a ele (e escrita por ela mesma), que estava guardada dentro de uma pasta com o título “Pessoal”. Quando ele chega, ela conta o que fez e ele concorda: muito suja, “sem aparentar alívio ou qualquer tipo de sofrimento” (p.346). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 56 | 346 | Ataque dos índios à colônia. Visão de Gertrud. Ela ouve tiros e pensa que são caçadores: Matheus e Arnold. Ela vê Elizabeth ao longe. Helmuth e as crianças não estão em casa. Ouve um grito de uma mulher e o alarme do triângulo. Pensa no marido e nos filhos: “ <i>Morreram, já estão mortos</i> , acredita, numa fé trágica e dolorosa, ao reconhecer-se solitária e indefesa [...] desejando – sem acreditar – que o desaparecimento de Helmuth seja o salvo-conduto para a segurança dos filhos” (p.346). Ela se desespera e nem percebe o índio tão perto dela, retesando o arco. | heterodiegético | Gertrud | T3 |
| 57 | 346 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Matheus tenta caçar marrecas e aves mas não queria gastar muito munição, muito menos chamar a atenção dos índios. Conseguiu um papagaio. Primeira refeição depois de três dias de fuga. Parada para comer (um papagaio de carne dura e insossa) e dormir. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 58 | 347 | Paula procura Matheus no quiosque para contar-lhe que Rudolf recebera uma carta anônima avisando sobre o caso deles. Ele diz que vai esperar os acontecimentos. Paula não esperava por isso, queria que ele fosse embora e tenta persuadi-lo. Paula e Matheus avaliam e tentam “ler” o pensamento do outro e imaginar sua própria atitude. Paula sugere que Matheus vá embora, não para sempre, “arranja-se um quarto, uma casa, talvez aqui mesmo na praia” (p.349). | heterodiegético | Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|--------------------|---------|
| | | Confronto de vontades. Ela pede para ele ir embora. A teia estava armada, outra vez perfeita e acabada. “Nenhum deles lembrou o perfume açucarado do jasmineiro, a sacada e as madeiras que seriam substituídas” (p.351). | | | |
| 59 | 351 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Matheus acordou de madrugada, com cólicas intestinais e com a voz de Natália dentro do rio, falando sozinha o seu nome (Matheus) e o de Arnold, numa espécie de delírio e arrependimento. Matheus a tira do rio e ambos esperam amanhecer para o sol secar as suas roupas e seguirem a viagem de canoa, rio abaixo, “como se o dia fosse o mesmo, assim como eram a dor e o cansaço e – mais tarde – as moscas, a náusea e o arrependimento” (p.351). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 60 | 351 | Pausa no relato. Paula e Matheus na saleta. Ela “sabe que a narrativa vai prosseguir, acima da própria vontade do homem, porque ele continua esmiuçando incessantemente as várias etapas do passado” (p.351). Ela pensa sobre sua relação com Matheus; a relação dele com Natália e o que ele estaria sentindo. A sombra de Natália entre eles. Ela não sente remorso pelo que fez e/ou está fazendo. “E ela sabe, mas não lamenta ou recrimina, [...] vai contando, passo por passo, de dor em dor, porque – mais do que nunca – quer acreditar que aqui poderia ter nascido (muito maior) o amor que a outra levou para sempre [...] mantém a narrativa em dias distantes, enquanto seu verdadeiro pensamento está nesta sala” (p.352-353). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 61 | 353 | Não existia mais sensibilidade para o arrependimento. Toda a lucidez de Natália estava quatro dias antes, quando ela percebeu que todos fracassaram (Arnold, Matheus e ela) e arrumou a trouxa para fugir com Matheus, porque para ela Arnold já sabia do caso amoroso dos dois [negrito, grifo nosso]. | heterodiegético | Natália | T4 |
| 62 | 354 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Insistência na certeza do erro: deveriam ter dormido na tapera do velho, ele poderia tê-los ajudado com as feridas. Febre, frio e medo. “Os dias foram trocados pelas noites [...] restava apenas a sensação de não ter saído do lugar” (p.354). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 63 | 354 | Pausa no relato. Paula e Matheus na saleta. Paula pensa no que Matheus estaria sentindo: insiste na narrativa para chegar ao ponto máximo de sua coragem. Expição. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 64 | 354 | Relato. Fuga Matheus e Natália. As cólicas intestinais devido à carne do papagaio continuaram, tirando-lhes a força. A própria canoa já virou uma latrina. “remar contra ou a favor da correnteza, pouco importava; continuar ou voltar, era indiferente” (p.355). Matheus percebe que estão perdidos. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 65 | 355 | Ataque dos índios à colônia. Willy vê Helmuth correr e não sabe porque. Percebe que também não está armado. Ouve o grito de dor do vizinho e bate o triângulo (alarme). Tarde demais. Dois índios o acertam e ele também grita. Vê um terceiro, brincando com um triângulo, na continuação do alarme inútil. | heterodiegético | Willy | T3 |
| 66 | 356 | Pausa no relato. Paula e Matheus na saleta com varanda. Ela mostra para ele o conserto que ele tem que fazer na sacada de madeira. Ambos lembram um domingo, quando tudo começou. “em tudo igual à clara atmosfera de um domingo que ambos hesitam em lembrar, mas que por uma compulsão desconhecida e insuperável é o objeto das duas memórias” | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|-----------------|---------|
| | | (p.357). Ela lembra o domingo em que Rudolf conversava com Johannes [Matheus] na saleta, pensando que ele estivesse despedindo-o, atendendo ao seu pedido para, no fundo, mostrar que é ela quem manda, que é o seu desejo que se impõe. | | | |
| 67 | 358 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Ele percebe, mas custa a acreditar, pensa que é um milagre, que chegaram próximo à foz, isto é, próximo do mar [Desterro], mas não avista ninguém por perto. “Agarrado à esperança, <i>é a foz, é o cheiro do mar</i> ” (p.358). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 68 | 359 | Paula e Matheus na saleta. A memória apartada da voz e do relato. Sentimentos de Matheus. Sem discernir entre a temeridade e a esperança, a retê-lo ali. “E, preso entre as duas memórias, independente da vontade, continua liberando a voz” (p.359). | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 69 | 359 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Quando a canoa encalhou, Matheus retirou Natália e as mochilas da canoa e afundou-a para não chamar a atenção de ninguém. Ela poderia mais tarde emergir, mas eles teriam o tempo a seu favor. [Afinal, eles eram fugitivos.] | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 70 | 359 | Pausa no relato. Paula e Matheus na saleta. Visão de Paula sobre o sentimento de Matheus: “a fala tensa, a emoção contida e o feroz orgulho não se aventurarão muito além dos limites que ele mesmo se impôs ao reconhecer a condenação, pois, segundo ela, para ele, “a esperança é um sonho impreciso e rebelde” (p.359). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 71 | 359 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Paralelo com a primeira viagem, mãos infectadas. Em terra firme, doentes e cansados. Matheus e Natália dormem durante dias, sob o sol e a chuva, de noite e de dia. Perdem a noção do tempo. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 72 | 360 | Velho da tapera e o seu cachorro. Rotina, solidão e miséria. Homem e animal são iguais. | heterodiegético | Velho da tapera | T3/4 |
| 73 | 360 | Sacada casa Paula. Rudolf diz “bom-dia” para Johannes (Matheus) e mostra-lhe a madeira podre que tem que ser trocada. Matheus pressente o pior, “ <i>é o dia que ela imaginou e eu esperei, mas que ele jamais chegou a sonhar</i> ” (p.361) Matheus mata Rudolf. O grito de horror de Helga, a empregada, e a tranqüilidade/indiferença de Paula. Maldição. Depois dos meses de luto fechado, o desejo cresceu acima do medo e quase superou a cautela, mas Paula se represou feito uma aranha provando a inexpugnabilidade da teia. Passou a viver das lembranças, antes da viagem de Rudolf, no caso com Matheus. “Até a noite em que a pesada mão de Matheus pousou sobre o trinco da porta (e que seria o projetado final para a infantilidade da vingança) procurando o menor sinal de uma fraqueza” (p.363). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 74 | 363 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Ela não podia mais andar, rodeada de moscas durante o dia e de mosquitos à noite, devido aos ferimentos. Com o repouso, a fome começava a chegar. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 75 | 364 | Pausa no relato. Matheus observa Paula e pensa na morte de Rudolf e no grito de Helga, marcando o destino de todos eles. | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 76 | 364 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Eles andam uma manhã toda no mato, paralelo ao curso do rio, e encontram, na outra margem, um pequeno povoado, próximo da capital (dedução e palpites ouvidos dois anos antes). O medo estava | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|-----------------------|---------|
| | | desaparecendo. Apesar de perdido, Matheus estava confiante. Matou uma marreca e arriscou acender uma pequena fogueira. | | | |
| 77 | 365 | Matheus, um velho comissário de polícia e um intérprete. Casa de Paula. Interrogatório sobre a morte de Rudolf. O comissário, que acreditava mais nas celas e na palmatória do que nos interrogatórios, não podia “apertar” muito porque o delegado recomendara que estrangeiro não era igual a negro. Ele suspeitava de alguma coisa, mas não havia prova e já mandaram apurar o “acidente” (família rica, da roda do Secretário). O comissário percebeu que o intérprete ajudava Matheus ao traduzir cada palavra para não incriminá-lo (são da mesma raça). Impacientava-se por não terem mandado outro no seu lugar. A viúva também não falava nada: apenas que todos os empregados são de confiança. “Se me dessem tempo, com três dias de ‘salmoura’, esse alemão falava” (p.368). | heterodiegético | Comissário de polícia | T5 |
| 78 | 368 | Velho da tapera e o cachorro. O velho conversa com o cachorro, que cochila, dizendo que ele deveria caçar (igual ao outro cachorro) ao invés de apenas comer peixe. O velho percebe que vem chegando alguém, que não é bicho. | heterodiegético | Velho da tapera | T3/4 |
| 79 | 369 | Depois da morte de Rudolf, durante dois meses, Paula esperou por Matheus à noite, mas ele não a procurou. O nitrido da égua interrompeu sua teimosia e, com a certeza de que Matheus estava no quarto, ela foi ao seu encontro. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 80 | 370 | Relato. Fuga Matheus e Natália. Caminhavam à noite pela estrada e de dia ficavam escondidos dentro do mato (questão de segurança). Comiam o que ele caçava ou frutas roubadas. Matheus carregava Natália nas costas. Andavam sem um objetivo claro, a não ser se afastar mais e mais da vila. Aparece um negro com uma burra que os ajuda, levando-os para um lugar seguro. Depois de caminharem uma manhã toda (com um destino determinado), sem a sombra do medo ou de um simples presságio, Natália fala pela primeira vez fora do delírio: “o mar”. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 81 | 371 | Matheus e Paula no quarto dele; “encaram-se, sentindo – na sua ausência de qualquer gesto ou palavra – o estranho e amargo travo de uma derrota” (p.371). Matheus soprou a chama do lampião e os dois corpos se procuraram. Noite de sexo. Perdem a noção do tempo. Não trocam uma palavra, não há lugar para um gesto de carinho ou reconhecimento “e o mesmo cortejo de premonições continuava adejando em torno deles, como a sombra de seus destinos” (p.372). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 82 | 372 | Relato. Casa dos negros. Matheus e Natália recebem a ajuda de um casal de negros: comida e um teto. De madrugada, acordados, Matheus percebe o pensamento de Natália: a casa dos negros é a casa dos seus sonhos = limpeza. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 83 | 373 | Pausa no relato. Paula pensa sobre a relação entre Matheus e Natália: amor ou paixão? | heterodiegético | Paula | T5 |
| 84 | 373 | Relato. Casa dos negros. A negra traz água, sabão e pano e, sem mandar ou pedir, diz para Matheus lavar os pés de Natália. Narrador 3ª p. interrompe a narrativa de Matheus para fazer um comentário sobre a sua memória. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 85 | 373 | Pausa no relato. Paula pensa sobre a relação entre Matheus e Natália: amor ou paixão? – ao imaginar a cena do “lava pés”. Ali, na humildade da tarefa, pode ter nascido o amor. | heterodiegético | Paula | T5 |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|-------------------------------|---------|
| 86 | 374 | Relato. Casa dos negros. A negra traz uma outra gamela, agora com azeite e folhas de boa-noite para fazer curativos em Natália. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 87 | 374 | Helga, empregada de Paula, acorda à noite e pressente algo, diferente do ressonar de Max e do nitrido da égua. Ela não os vê, mas são Matheus e Paula saindo nus do quarto dele. Vão para a saleta, local dos encontros amorosos. Ao amanhecer, nem o cheiro da tinta e da madeira nova (que lembraria a morte de Rudolf) os separou. | heterodiegético | Helga / Paula e Matheus | T5 |
| 88 | 375 | Velho da tapera e os cachorros. O velho vê a chegada de um homem [Matheus] carregando uma mulher [Natália] e percebe que eles estão fugindo e que vão pegar uma de suas canoas. O que realmente acontece. O velho conversa com os cachorros sobre o destino dos fugitivos. Se para o céu ou para o inferno, o velho não sabe. Cachorros com atitudes humanas. | heterodiegético | Velho da tapera | T3/4 |
| 89 | 375 | Relato. Casal de negros ajuda Matheus e Natália dando teto, comida e fazendo curativos. Durante quatro dias [negrito, grifo nosso]. O casal deixa-os livres, porque sabe que do jeito que estão fracos não podem ir muito longe. Matheus pensa que o casal avisará as autoridades sobre eles. Matheus imagina que o negro esteja trabalhando em alguma derrubada próximo da casa. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 90 | 376 | Pausa no relato. Pela primeira vez no dia, Matheus se levanta e vai até o janelão. A tarde já se esgotou sua primeira metade. Ela se aproxima dele e ele afasta-se, para não cair na tentação de tomá-la nos braços. Ela percebe a sua atitude. Paula, impaciente, pensa sobre a relação entre Matheus e Natália (amor e saudade) e sobre a sua relação com ele (loucura), isto é, o sentimento dele por cada uma delas. | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |
| 91 | 377 | Relato. Casa dos negros. Depois do negro ter saído para trabalhar, Matheus sai do galpão. As quatro crianças correm para casa e a negra vem falar com ele, sem pressa, sem demonstrar qualquer reação [negrito, grifo nosso]. Em silêncio, eles ficam se encarando. A negra pergunta por Natália, em alemão. Matheus fica espantado. O casal de negros fala alemão. Eles sabem que isso vai causar estranheza, o que de fato ocorre. Natália não acredita e pergunta quando partiriam. Matheus ficou de ver, depois de falar com o negro disse que partiriam na hora que quisessem. O medo reaparece pela simples menção da palavra “partir” ou pelo fato dos negros falarem alemão. Mais tarde o negro pergunta pela saúde dela na sua frente, em alemão. Matheus pensa que eles vão avisar às autoridades das suas presenças. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 92 | 378 | Pausa no relato. Paula pensa em Matheus: sofreu, não há como negar, e ainda pensa ser merecedor de um sonho. Ele guarda a camisola dela na mochila, pensando que Paula vai pedir de volta e ele não vai devolver. Pensa que continuarão com as brincadeiras noturnas. Paula manda Max, o cocheiro, vender a égua, que é muito arisca. Max acha bom, porque ela ainda pode matar alguém. “O pensamento dela completando, talvez <i>ele mesmo</i> ” (p.380). Paula pensa em sua relação com Matheus e a sombra de Natália. | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |
| 93 | 381 | Relato. Casa dos negros. Matheus anda uma longa distância na praia. Com a cicatrização das feridas [estabilidade = advertência], Matheus começa a sentir vontade de ir embora, ali não era o lugar deles. No dia anterior, o casal de negros dá uma muda de roupa para cada um. Apesar de curtas e | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |

| | | | | | |
|-----|-----|--|---|--------------------------------|---------|
| | | apertadas eram limpas. Matheus vai tomar um banho frio, de rio. Matheus pensa: “ <i>andamos demais, mas aqui ainda não é o nosso lugar</i> ” (p.382). | | | |
| 94 | 382 | Pausa no relato. A visão de Paula sobre a narrativa de Matheus na casa dos negros. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 95 | 382 | Relato. Casa dos negros. Na volta do banho, Matheus percebe, como previra, que Natália já está se familiarizando com os negros. À noite jantam todos juntos. O negro e Natália conversam bem mais que a negra e Matheus. No dia seguinte, a negra vem perguntar quando eles vão embora. Matheus diz que em breve. A negra diz que Natália quer ficar e ele fica sem resposta. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 96 | 382 | Helga. Acordada novamente no meio da noite e assustada com algo que não sabe o que é, vai até o corredor e vê a luz do lampião do quarto de Johannes acesa. Como imagina que ele esteja na rua vigiando a casa, entra no quarto para apagar o lampião e assusta-se com a mochila aberta em cima da cama e encontrar dentro dela uma camisola de Dona Paula. | heterodiegético | Helga | T5 |
| 97 | 384 | O branco [Matheus] e o negro conversam timidamente. Matheus estranha que ele não tenha feito nenhuma pergunta sobre seu passado e o desejo de partir aumenta. Quase em contrapartida, o negro imagina o que o teria trazido de tão longe, num estado tão lastimável. O negro conta a sua história de que ele, a mulher e a sogra vieram do Rio de Janeiro. Eram escravos de um pintor alemão que os “forçou” a aprender a língua dele e hoje ele não fala direito nenhuma das três línguas. Matheus percebe que ele conta sua história para abrir uma brecha e ter oportunidade de fazer perguntas que ela [a negra] mandou fazer. Caminham em direção do rio, vão pescar. | heterodiegético | Branco [Matheus] / negro | T4 |
| 98 | 385 | Paula e Matheus na saleta. “Solitários, senhores de seus próprios sentimentos, porém sentindo e assimilando as sensações e pensamentos do outro” (p.385). Fraqueza e desamparo. Ela pensa sobre a relação entre Matheus e Natália (agora ele reconhece que a amou) e entre Matheus e ela (ele tentou recomeçar o amor com Paula, não sabendo que ela apenas o usava como instrumento de uma desforra). Ela pede que ele pare de contar, mas ele não cede, está agoniado para terminar. | heterodiegético | Matheus / Paula | T5 |
| 99 | 386 | Relato. Casa dos negros. Cozinha. Matheus tenta deixar de pensar em ir embora. Matheus pensa sobre sua relação com Natália, sobre os sonhos dela. Ele queria ir embora dali, mas com Natália. Ela estava feliz, voltou a sonhar belos sonhos, enquanto ele tinha os mesmos pesadelos, o massacre que não presenciou [ataque dos índios à colônia]. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 100 | 387 | Paula pensa sobre o relato de Matheus e sua relação com Natália: sentiu o amor quando não podia mais vivê-lo. Sentia-se culpado pelo massacre à colônia por ter escondido o corpo do cachorro [Bimble] e, conseqüentemente não ter avisado os outros do perigo, e por não ter morrido junto com os outros imigrantes. Talvez nutrisse a esperança da remissão. E sente-se pior por estar vivendo uma paixão com Paula. É como se estivesse traindo Natália. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 101 | 388 | Relato. Matheus conta como é seu pesadelo, com a seqüência de cada grito de horror dos imigrantes da colônia e, no meio deles, ele e Natália correndo na direção do rio, desgracadamente a salvo. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |

| | | | | | |
|-----|-----|---|---|---------|---------|
| 102 | 388 | Helga hesita em contar o que sabe (mochila e camisola) para a cozinheira Martha. Ela quer falar direto para a patroa, pensando em subir no seu conceito, quem sabe receber um aumento de salário. Para ela, Matheus é um cachorro. Trabalha assustada pensando no assunto. Quer falar com a patroa, mas não consegue por medo. É fiel aos patrões. | heterodiegético | Helga | T5 |
| 103 | 389 | Relato. Diálogo entre Paula e Matheus sobre a colônia de imigrantes: para Matheus, não era uma família, era o sonho alimentado com inveja; em comum, somente o desencanto e a decadência, mas vistas apenas nos outros e raramente admitidas em si próprio. Um grupo reunido pela maldição; “porém, sob outro aspecto, era quase uma família, desunida, irmanada apenas na miséria e na revolta e – muito pior – na maldição de não se entregar, de não desistir” (p.390). De uma forma ou de outra, amizades foram feitas. O sonho continuava, teimoso, esperando um milagre ou que qualquer coisa pior acontecesse. Matheus sente-se culpado por ter abandonado a colônia no dia da chacina. <i>Strasse der Freude</i> = tragédia, incêndio e morte. Matheus não consegue se livrar deste pesadelo, aumentando depois da morte dela [Natália]: a seqüência não muda e não adianta acordar, porque ela recomeça no mesmo ponto, tão logo reconcilie o sono. Paula resolve não interromper mais o relato de Matheus e pensa: “é a loucura que o desespero e o remorso geraram” (p.392). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 104 | 392 | Casa dos negros. Matheus, mais do que nunca, pensa em ir embora. Pergunta ao negro qual é a distância dali até a Capital. O negro já esperava por esta pergunta. Natália quer ficar (realização de um sonho: casa – física = limpeza e emocional = família). Ela pergunta sobre a casa dos alemães. O negro diz que não gosta de ir lá, só quando é obrigado. O pensamento do negro sobre a vontade de Matheus ir embora e de sua relação com Natália. Matheus pensa no sentimento e sonho de Natália. Durante o jantar, o negro os convida para ver algo. | heterodiegético | Matheus | T4 |
| 105 | 393 | Relato. Matheus fala sobre a localização provisória na casa do casal de negros, existia a paz do corpo sarando, mas existia – também – a continuação do caminho, uma premonição. Matheus ajudava o negro no trabalho com os animais. Que os negros já os tratavam de igual para igual: a precariedade. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 106 | 393 | Paula e Matheus. Paula, impaciente, quer que ele acabe logo com a narrativa, imune à angústia ou sequer procurando uma longínqua compreensão. Quer pensar na sua vida, voltar a sua rotina de dona de casa. | heterodiegético | Paula | T5 |
| 107 | 393 | Relato. Casa dos negros. O negro leva Matheus e Natália para ver a sua casa. Mostra o seu quarto, no qual suas duas crianças menores dormem também e um quadro da negra nua [sua esposa] com uma criança no colo [pintado pelo alemão, seu patrão]. O negro dirige sua fala sobre a casa do alemão para Natália, que quer ficar, e depois diz para Matheus que quer ir embora: “um eito, homem, melhor ir de barco” (p.394). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 108 | 394 | Helga. Outra noite que ela não consegue dormir. Desiste de contar suas suspeitas para os colegas. Para ela, Matheus rouba as roupas da patroa do varal. Sente raiva dele. Fiel à dona. Sai do quarto e não chama a atenção de ninguém, nem mesmo dos animais, que já estão acostumados com ela. Pensa em ir falar com Paula. | heterodiegético | Helga | T5 |

| | | | | | |
|-----|-----|--|---|------------------------------|---------|
| 109 | 395 | Pausa no relato. Ela lembra da noite em que decidira buscar a camisola – o que aconteceu depois ela não tramou; certeza da impunidade. Chama Matheus, que está insensível a sua voz, ele quer acabar logo com o seu relato, “como se pressentisse o final de tudo aquilo e necessitasse prosseguir numa velocidade sempre maior” (p.396). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 110 | 396 | Relato. Casa dos negros. Matheus e Natália começam uma nova travessia de barco. Estão indo embora. Ela está muda, pois não queria ir, “olhando sempre para a casa dos alemães [seu sonho perdido]. E viajavam “ensimesmados, cada um com o pensamento num ponto do passado” (p.396). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Matheus | T5 (T4) |
| 111 | 396 | Pausa no relato. Matheus não acredita que ainda não tinha aparecido uma mulher que o prendesse em um lugar. | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 112 | 397 | Helga sai à noite, decidida a falar com a patroa, mesmo que tenha que bater no seu quarto e acordá-la, esperando apenas não encontrar Johannes, que está vigiando a casa. Quer desvendar o mistério: como ele roubou a camisola da patroa? Os cães dão sinal da presença de alguém conhecido ao levantarem as orelhas e Matheus fica atento e passa a segui-los. No mesmo instante, Paula sai para ir ao encontro de Matheus. Helga vê a patroa descendo as escadas. Helga se esconde atrás da cortina da sala. Pensa que ela vai ao banheiro. Ele observa a atitude dos animais: dos cachorros e da égua, até perceber a presença de Paula. Ela o abraça. Matheus começa a aguçar todos os sentidos. Ele percebe a chegada de uma outra pessoa, que “petrificou-se diante deles” (p.399) e a ataca como fez com Rudolf. Já sabia que era Helga e leva-a para ser pisoteada pela égua, ficando com o rosto desfigurado [para não aparecer seu semblante de horror]. Ele chama Martha e Max e quando Paula se aproxima e vê Helga desfigurada dá um grito igual ao de Helga na morte de Rudolf, dois meses antes. | heterodiegético | Helga/ Paula e Matheus | T5 |

OS VENTOS
(do leste)

| Nº Excerto | Iníc. p. | Resumo. Personagens e ações. | Narrador Class. Genette | Ponto vista | Tempo |
|------------|----------|---|-------------------------|-------------|-------|
| 1 | 405 | Obs.: O autor inicia o excerto indicando pessoas (sem citar nomes, lugares, comportamentos) sucintamente. Primeiro ela, com tamanho da letra maior que a dele. Uma mulher e um homem. Ela = prostituta [Nossa leitura nos faz pensar que é Paula, quando era solteira ou no período em que viveu na Alemanha – três anos –, já viúva de Rudolf.] | heterodiegético | Paula | |
| 2 | 406 | Paula com a criada Ruth. Paula lembra do velho Matheus e avalia os erros cometidos no passado (“metade eu tramei, o resto foi destino”). Ruth também lembra do velho, no dia em que ele passou o dia todo conversando em voz baixa com a patroa vinte anos atrás. Percebe que Paula está diferente depois de tê-lo visitado. O vento leste trouxe a tempestade. Paula lembra de Matheus e de Rudolf, mais de Matheus, jovem, quando ela ainda podia tocá-lo e a voz angustiada do último encontro (na saleta) e a inegável sensação de derrota. Na pausa da tempestade, o toque da sineta vibrante chega até Paula e Ruth. | heterodiegético | Paula | T7 |
| 3 | 408 | Visita dos cunhados de Paula. Matheus pressente alguma coisa com a visita dos parentes. Recorda o dia anterior, no relato a que se obrigara, respondendo a pergunta de Paula se houve paixão (ela não perguntou pelo amor, porque só a loucura a interessava). Observa a mochila fechada, pronta para partir. A égua não está mais na chácara. Fica sabendo através de Ruth que Paula vai se casar com o cunhado. Max atesta que assim a fortuna fica na família. Martha diz que ela precisa de companhia. Ruth avalia que o seu Rudi era mais bonito que o irmão. Matheus percebe que ninguém falou em amor. Não demonstra sua emoção, mas percebe que foi usado por Paula. Quando sente que tem o domínio de si, diz: “ <i>assim é melhor</i> , mas não estava falando com nenhum deles” (p.411). | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 4 | 411 | Paula e os criados Jacob e Ruth. Com a campainha, Paula pensa que Jacob trouxe “notícias dele” [Matheus]. Paula fala no mesmo tom monocórdio do relato de Matheus, há mais de vinte anos, assustando Ruth, que não se move, presa à nova imagem da patroa. | heterodiegético | Paula | T7 |
| 5 | 411 | Paula pensa sobre a sua armação para Matheus ir trabalhar no cemitério como zelador. Longe de sua casa, mas não o bastante para ficar fora de seu alcance, pelo pretexto de um prato de comida e um bule de café. Na época ela pensou que ele tinha acreditado e aceitado. Hoje, já não sabe. | heterodiegético | Paula | T7 |
| 6 | 411 | Paula, contrariada, recebe a visita da filha, que parece “querer exorcizar todos os fantasmas que adejassem em torno da mãe” (p.412). | heterodiegético | Paula | T7 |
| 7 | 412 | Paula pensa em Matheus e suas relações de amor e paixão (loucura), comparando a sua com a de Natália (ele lavou os seus pés). Matheus foi obrigado a acreditar em Paula e na carta. | Heterodiegético | Paula | T7 |
| 8 | 412 | Edla, a filha de Paula, entra na sala encharcada de chuva e pergunta o que aconteceu com ela, se está doente. Paula vê a filha, o físico e o temperamento do pai [Matheus], diz que | Heterodiegético | Paula | T7 |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|---------------|-----------|
| | | não é nada, que está ficando velha. Pergunta-lhe por Marcos. Paula sente que não pode mais postergar o relato. | | | |
| 9 | 414 | Matheus tem vontade de ir embora da chácara, no entanto, como há quase cinco anos, disposto a aguardar, desafiando o pressentimento. Matheus relembra/fala sobre os seus sentimentos quanto ao noivado de Paula com o cunhado, como ficaria sua relação com ela: “depende somente dela”, convicto de que na sua primeira oportunidade ela descartaria o intruso; a vontade de ir embora sendo novamente apaziguada, pois ainda sonhava em elevar a paixão ao mesmo patamar da anterior [amor de Natália]. Faz seu trabalho de vigia, mas dessa vez não atravessa a vala para ir ao bar (como fizera sempre). Matheus lembra-se da irrequieta égua e de Helga, com sua imagem petrificada em seu imenso espanto. Matheus experimenta abrir a porta da casa, que sempre estivera aberta para ele encontrar-se com Paula, e encontra-a fechada. Ele pensa: “ <i>então é isso, então é assim</i> ” (p.415). | heterodiegético | Matheus | T5 |
| 10 | 415 | Paula, Edla e Ruth na mansão. Chuva forte. Paula diz para Edla sentar e acena para Ruth sair da sala. Paula relembra em pensamento o dia em que Matheus foi embora, feito um cachorro abandonado. Edla se acha muito parecida com a mãe: “não no físico, mas na vontade e na forma de impô-la”. Paula ainda pensa em Matheus, como um cachorro abandonado e indeciso para onde ir. Edla vai até a cozinha, dispensa Ruth do trabalho. Edla leva Paula para cima. Paula quer contar tudo para a filha sobre suas paixões/loucuras. E o faz na mesma sala em que Matheus contou sua história. Início do relato de Paula para Edla; “a voz sai com naturalidade, ainda que ela própria receasse a emoção e até mesmo a falência da contenção [...] e sua frase fosse a mesma coisa angustiada, dolorosa, que – no passado – escapara da boca do homem” (p.415-416). Paula lembra do “pior dia de toda a sua vida”, o dia em que Matheus foi embora. Dois dias depois dela ter noivado com o cunhado, Arthur (mera formalidade: intenção dos cunhados e conveniente para ela). “Aceitou, foi embora” – Paula pensa na sua proposta feita a Matheus. Ela “insistia na cisma solitária, a carne ainda sonhava com todas as loucuras daquilo que já era o passado da paixão. A náusea nasceu e transbordou em seu interior” (p.418). Paula chama-o de maldito e vomita aos pés da cama. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula Edla | / T7 (T5) |
| 11 | 418 | Matheus no cemitério. Quando escuta o barulho do carro de Paula, com o cocheiro Jacob e a empregada Ruth trazendo comida e roupa lavada, ele sai para ir à bodega do Espanhol beber ou vai limpar uma sepultura bem longe, até eles irem embora. Matheus sente rancor e pensa em vingar-se de Paula. Através de Ruth, fica sabendo que Paula voltou da viagem (que ele nem sabia que ela tinha ido). Matheus faz um paralelo entre Natália (saudades e remorso; solitária, ela não partilhava o seu sonho) e Paula (usado como instrumento de desforra). Matheus gostaria de “voltar ao tempo”, lembra-se da chacina da colônia e de ter fugido dela. Julga e pouco se defende. Quer ir embora do cemitério antes de os homens chegarem com as picaretas. O primeiro intruso [Carioca] está chegando, e “ele não quer estar presente quando as picaretas se abaterem sobre o seu refúgio” (p.420). | heterodiegético | Matheus | T7 |

| | | | | | | |
|----|-----|--|---|---------------|---|---------|
| 12 | 420 | Paula continua a contar sua história para a filha. Para escapar de um escândalo, ela faz uma viagem ao exterior para esconder a gravidez (esperando Edla). Edla pensa que não precisava saber de tudo isso e que Paula conta como se fosse outra pessoa, sem remorsos ou pedidos de desculpas, conta como se estivesse lendo o depoimento de outra pessoa. O pretexto da viagem aparece com a morte do noivo/Arthur, no último dia do ano, quase duas semanas depois do noivado, fazendo o inventário da loja. Derrame, disseram os médicos. Paula resolve ir para a Alemanha (em vez de São Paulo ou Rio de Janeiro), longe de tudo, para um largo período de esquecimento e com as marcas da maternidade apagadas do corpo e com as datas distantes para que se estabelecesse qualquer conexão. Paula percebe que Edla não faz nenhuma pergunta e sabe que ela nem fará pois é igual aos pais. Retorna da Alemanha mais de três anos depois com Edla (sua filha) como se fosse adotiva. A cunhada a chama por carta, pois o delegado também morrera, como Arthur, com o relatório inconcluso e o outro arquivou por falta de provas. Paula pensa ser uma armadilha, feita por qualquer um (a cunhada, o delegado, Martha, Max), menos por ele [Matheus], para que ficasse presa na própria teia. “Seu poder de recordar traz de volta a euforia do regresso, depois do coração ter serenado, sem remorso, lembrando o homem isolado no cemitério como quem recorda o cão deixado no portão”. Adoção do filho de Natália por Paula (viúva duas vezes) é bem aceito pela comunidade, para ela não ficar sozinha. Edla interrompe a narrativa da mãe e pergunta por esta criança, “fica ouvindo a minuciosa explanação da adoção das crianças” (p.424). Edla permanece em silêncio, sem poder repetir a pergunta. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula Edla | / | T7 (T5) |
| 13 | 424 | Dois homens. Um beco sujo e escuro. Começa a luta. Um mata o outro, a facção: legítima defesa. [Matheus e um velho. Primeira vítima de Matheus (antes de Arnold)?] | heterodiegético | Matheus | | ?? |
| 14 | 426 | Relato de Paula. A chegada do casal de empregados [Johannes-Matheus e Catarina-Natália] na chácara. Paula não os queria ali. Ela os descreve psicologicamente. Ele calado e grosseiro, mas bom de serviço. Ela era mais fraca, nervosa e indecisa. Fala sobre seu plano de vingança contra Rudolf. Paula pensa na possibilidade da inversão dos papéis entre ela e Matheus. Volta a contar a história, quando Natália fica grávida e Rudolf não se importa e viaja para comprar um navio. Paula diz: “aqui dentro – era o que está vendo: a calma e a segurança, até hoje” (p.427). Edla reflete sobre o que a mãe apregoa, “ <i>como se a injúria, a traição e o horror tivessem acontecido em outro lugar, nas páginas de um livro qualquer</i> ” (p.427-428). Paula fala na rotina da casa com Rudolf e na importância para ela que teve uma infância pobre (filha de viúva de um comerciante falido). Edla pensa que Paula ainda não disse que Johannes era Matheus [como ela já sabe?!]. Paula fala sobre os motivos da vingança contra Rudolf. Sobre a carta anônima escrita por ela, para Rudolf e sobre a carta que ela interceptou de Rudolf, vinda de Itajaí, sobre o massacre de Karlsburg e seus fugitivos. Paula fala novamente sobre a chegada do casal e o reconhecimento. Paula sabe que o tempo para o relato é escasso e lembra que Matheus também estivera naquele divã contando-lhe sua história. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula Edla | / | T7 (T5) |

| | | | | | |
|----|-----|---|---|----------------------|---------|
| 15 | 430 | O velho [Matheus] ajusta o canivete no cós da calça, certo de que alguém está se aproximando. É Carioca que vem chegando, disposto a roubar-lhe. O negro sabe que seus colegas torcem por sua desgraça. O capataz do Carioca e seus colegas assistem a tudo de longe, e sabem que não vai dar em nada, pois o velho é pobre. Matheus observa “o sorriso de poucos dentes, o medo e a indecisão do Carioca surgem na janela [...] curioso, olhando” (p.432). | heterodiegético | Matheus / Carioca | T7 |
| 16 | 432 | A morte da égua por Matheus – espingarda. Sua última testemunha. Paula “Espera sentir um rápido alívio, mas [...] somente sentiu crescer sua inquietação” (p.432). | heterodiegético | Paula | T5 |
| 17 | 432 | Relato de Paula. Carta anônima para Rudolf seria apenas uma insinuação, nenhuma acusação específica, apenas para nunca mais deixar a esposa sozinha (reconhecendo sua infantilidade, seu despeito e sua vaidade). Teve o presságio de ter ido longe demais. Sabe que Matheus a procuraria para seduzi-la. Ela, porém, o expulsaria. “Começava a nascer, independente de minha vontade, do desejo ou da curiosidade dele, abalando a certeza de que, descoberta sua identidade, ele partiria imediatamente” (p.433). | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula | T7 (T5) |
| 18 | 433 | Duas estranhas. Relação entre Paula e Edla, uma falante e a outra ouvinte. Revela o pensamento de Edla sobre a mãe, que “ <i>não se justifica e não procura o perdão, simplesmente relata, como se tudo o que aconteceu não tivesse – sob qualquer ponto de vista – relação com o seu corpo ou com o seu espírito, isentando-se de qualquer culpa</i> ” (p.434). | heterodiegético | Edla | T7 |
| 19 | 434 | Relato de Paula. A solidão que une Matheus e Paula e o aumento do desejo. Ela pensando: até Rudi voltar. Ele querendo colocar alguém no lugar de Natália. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula | T7 (T5) |
| 20 | 434 | Edla reflete sobre os relatos: de Matheus e de Paula. Para Edla: “ <i>Igual a ele, nesta saleta, há vinte anos atrás, contando sujeira por sujeira</i> ” (p.434). Vozes diferentes. No entanto, enquanto ele apenas revelava um segredo (uma parte do seu passado), ela fazia uma expiação, porém nunca buscou uma desculpa. | heterodiegético | Edla | T7 |
| 21 | 435 | Paula: a vingança, a viuvez, as viagens, tudo serviu para desnudar sua natureza. | heterodiegético | Paula | T7 |
| 22 | 435 | Edla reflete sobre o relato da mãe e com a sua imaginação vai completando o mosaico contado pela mãe. Edla estranha que ela não fale sobre Rudolf, que até hoje era seu pai, como se ele fosse uma peça menor desse quebra-cabeça. “E, como desde o início, as duas continuam presas ao som de cada palavra” (p.436). | heterodiegético | Edla | T7 |
| 23 | 436 | Velho [Matheus] e Carioca – cemitério – Carioca aproxima-se dele puxando conversa: “vai chover”, mas com a intenção de roubá-lo. Matheus percebe e está irado. Como previra, eles chegaram. Matheus joga um prato no chão. “A ira do velho contra o medo do Carioca, a revolta e o pavor também, em graus diferentes, a mesma sensação de derrota” (p.436). Matheus pensa: “ <i>como previ, chegaram</i> ”; Carioca, arrependido de ter ido até lá, pensa: “ <i>maluco, só pode ser maluco</i> ” (p.437). Ambos ficam se olhando, medindo-se. | heterodiegético | Matheus / Carioca | T7 |
| 24 | 437 | Pensamento de Edla: talvez a mãe não termine o seu relato, por orgulho; e o de Paula: ela não fez qualquer pergunta, mesmo que não tenha entendido uma passagem. Há um sentimento muito forte de frustração. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Edla Paula | T7 |

| | | | | | |
|----|-----|--|---|---------------|---------|
| 25 | 437 | Relato de Paula. Se tivesse sido diferente?! Se Matheus tivesse negado sua identidade, ela faria a carta do mesmo jeito e Rudolf o despediria. Matheus iria embora e provavelmente nem levaria a criança. | heterodiegético autodiegético homodiegético | Paula | T7 (T5) |
| 26 | 438 | Sobre Paula e Edla: “permanecem imersas em suas próprias cismas”. Edla não sente qualquer tipo de emoção com o relato da mãe, como se estivesse lendo um romance, sem poder dizer se o final estava certo ou errado. Pensa que a mãe não teve coragem de assumir a paixão. Comove-se com ele e pensa em procurar Matheus, para ouvi-lo e ver se não lhe falta nada. Decide ir vê-lo, antes que ele desapareça definitivamente. Para Edla, Paula “não pensa mais nele, pois se perderam” (p.438). Paula percebe sua intenção. Edla pergunta por ele. Ela responde que ele “aparou o golpe” (p.439). Paula agarra-se no cotidiano, querendo preservar a sua perenidade (= segurança, as criadas estão preparando o seu jantar, como há trinta anos). | heterodiegético | Edla Paula | / T7 |
| 27 | 440 | Velho [Matheus] e Carioca. Cemitério. Carioca está com medo do velho – certo de que seus colegas estão rezando contra ele –, o que faz com que o desarranjo dos intestinos transforme-se numa realidade impiedosa e humilhante. Ao ver o punhal do velho, a proximidade da morte é mais do que real e ele sabe que errou em tudo, em todos os cálculos ao querer roubar o velho louco. Na mesma rajada de vento, os dois movem-se na mesma direção e no mesmo instante, correndo. O velho [Matheus], já com a mochila, pronto para realizar a sua vingança. Caminha pelos atalhos que ele mesmo criou, durante os anos de retiro. Carioca faz o trajeto tradicional Os dois são observados pela fila anônima [capataz e colegas de Carioca], como se já soubessem daquele final. O capataz pergunta para si mesmo, baixinho, mas o suficiente para o outro negro ouvir: “onde vai” e ele mesmo completa: “na venda do Espanhol, lá vai encontrar o velho” (p.441). | heterodiegético | Carioca | T7 |
| 28 | 441 | Edla reflete sobre o relato da mãe: maldição por tê-la deixado nascer, “convicta de que está incluída na mesma carga de ódio que cerca a lembrança do homem” (p.441). Sabe que Paula quer que ela tome um partido nesta separação e do ódio entre Paula e Matheus. Avalia sem exatidão que apenas herdou o que os dois tinham para legar. Quando Edla está na escada, indo embora, a voz de Paula torna a se elevar: “um deus para cada coisa, até mesmo para a loucura” (p.442). Paula descobre que está sozinha. | heterodiegético | Edla Paula | / T7 |
| 29 | 442 | Edla vai de carro até o cemitério em busca de Matheus. Sobre o automóvel, sua engrenagem e seu motorista. “Quando a visibilidade deixa de existir, o motorista aperta a buzina e seu grito rouco é mais um som, estranho e deslocado, dentro do temporal” (p.443). Edla não sabe ao certo o que dizer para ele, como irá chamá-lo. “vai ao encontro de um estranho repentinamente colocado em seu caminho [...] vai nutrindo uma curiosidade crescente [...] [no entanto,] pronta para desaparecer para sempre, porque sua vida está assentada sobre coisas inexistentes, cuja troca não é mais possível” (p.443). No caminho, Edla reflete ainda sobre o relato da mãe, que não tinha amigas confidentes, como se não tivesse nada para esconder: segredo, força e fraqueza. No cemitério há um tumulto de pessoas e Edla pressente que o vulto mais distante que está correndo é Matheus. Descrição | heterodiegético | Edla Paula | / T7 |

| | | | | | |
|----|-----|--|-----------------|--------------------------------|----|
| | | do negro (Carioca) e do branco (Matheus) que passam pelo carro dela. Edla pede para o motorista, Ingo, os seguir. | | | |
| 30 | 445 | Velho (Matheus) e Carioca. Correndo no cemitério em direção à bodega do Espanhol. Carioca está com mais medo, já viu que não conseguirá chegar lá antes do velho. Grito de Carioca. | heterodiegético | Matheus / Carioca | T7 |
| 31 | 445 | Edla segue o grupo atrás da dupla. A chuva cessou, apenas o vento castiga. Pensa no relato da mãe e em como deve conversar com o velho (seu verdadeiro pai). “deverá despir-se de qualquer emoção e somente a curiosidade (e, talvez, uma vaga maldade), a obrigue às perguntas usuais e caritativas, a fim de surpreender a comoção no olhar e na voz dele” (p.446). O motorista, cada vez mais debruçado sobre o volante, parece acompanhar um funeral. Edla pensa “É um enterro [...] não apenas do velho” (p.446). [Não consegue ver o velho como pai, assim como a mãe não o vê/reconhece como um amante.] Escuta um grito de pavor [Carioca], ao longe. | heterodiegético | Edla | T7 |
| 32 | 446 | Velho (Matheus) e Carioca. Matheus está quase chegando na bodega. Carioca vem bem atrás. Carioca pensa no tesouro que Matheus leva na mochila. Ingo (o motorista) pára o carro, antes mesmo de sua patroa mandar. O grito [de Carioca] soa perto dele [velho]. Edla presente a importância do momento. Matheus entra na venda do Espanhol. Carioca, com medo, de cócoras, o aguarda na esquina, para roubá-lo depois. | heterodiegético | Matheus / Carioca / Edla | T7 |
| 33 | 447 | Matheus entra na venda do Espanhol e pede uma cachaça. O punhal se sobressai muito mais que a mochila. O Espanhol, que esperava a sua freguesia, pensa: “tinha que ser ele”. O Espanhol diz que é muito cedo para começar a beber cachaça e lembra do dia em que Matheus bebeu demais e contou uma longa história de uma escada, de um divã, de uma égua enlouquecida e de uma mulher que não voltaria mais. Na rua, Carioca procura ressuscitar a esperança, “pode não ser tão mau assim, é só um velho louco” (p.448), mas sem forças para se levantar e se aproximar. Matheus e Espanhol discutem: “põe”, “muito cedo”, e os demais estão inquietos do lado de fora da venda. O bodegueiro pensa em atendê-lo, “talvez não fizesse mal” (p.448), mas volta a negar quando é agarrado pela camisa por Matheus. Começam a brigar, vão para a rua (propiciando a visão dos outros), o punhal de Matheus passa para a mão do Espanhol (ninguém sabe como). Na luta, os dois “dançam” na rua, fascinando a platéia. Matheus morre com um estocada do seu facão. O pensamento do Espanhol indaga: terá deixado? “em meio à lestada – não acontece nenhum grito, um murmúrio ou um sussurro, só o pensamento, <i>finalmente</i> ” (p.450). Carioca se aproxima, com uma estranha coragem, querendo agredir o cadáver. Os dentes amarelos de Matheus parecem rir de Carioca, do Espanhol, de todos nós. | heterodiegético | Matheus | T7 |

ANEXO III

Sobre a 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira

A 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira foi realizada no ano de 1986, em São Paulo.

O evento iniciou, no entanto, um ano antes, com três seminários em diferentes estados brasileiros. Dentro deste programa de “aquecimento da Bienal”, como define Ricardo Ramos, contista e coordenador de todo o evento, foram realizados três debates: em Goiânia-GO um sobre o conto; em Florianópolis-SC, um seminário sobre a poesia e em Maceió-AL o tema foi o romance.

A maratona cultural iniciou no dia 28 de maio de 1985, em Goiânia-GO, realizado na Universidade Federal de Goiás – UFG. Na parte da manhã, houve o seminário “O conto brasileiro hoje”, de Antônio Hohlfeldt (RS), e como debatedores: Bella Josef (RJ), Fábio Lucas (SP), José Fernandes (GO), Nelly Alves de Almeida (GO) e Wania de Souza Majadas (GO) e José Paulo Paes (SP), coordenador. À tarde foi reservada para o “Encontro com os contistas”: Bernardo Elis (GO), Carmo Bernardes (GO), Duílio Gomes (MG), João Antônio (RJ), Lygia Fagundes Telles (SP), Miguel Jorge (GO), Moacyr Scliar (RS), Ricardo Ramos (SP) e Paulo Marcelino (GO), coordenador.

Debater com quem escreve não só acrescentou maiores informações ao leitor, como também se transformou num importante diálogo entre escritor-leitor. “Segundo Miguel Jorge, os universitários de Goiânia questionaram muito. Eles queriam saber como se elabora um conto, a

estrutura, quem vence na hora de escrever, se a técnica, ou o talento. Enfim, se envolveram diretamente no mundo da produção literária”.⁴¹⁷

No dia 29 de agosto de 1985 foi a vez de Florianópolis-SC sediar o seminário “A poesia brasileira hoje”, realizado na UFSC. A primeira parte, pela manhã, teve como expositor o escritor Gilberto Mendonça Telles (RJ) e como debatedores: Eglê Malheiros (SC), José Paulo Paes (SP), Maria Lúcia e Aragão (RJ), Raúl Antelo (SC) e Salim Miguel (SC), coordenador. Já a segunda parte constou de depoimentos dos poetas Alcides Buss (SC), Carlos Damião (SC), C. Ronald (SC), Ferreira Gullar (RJ), Lindolf Bell (SC), Osmar Pisani (SC), Paulo Leminski (PR), Renata Palotini (SP) e José Paulo Paes (SP), coordenador.

Nessa oportunidade, houve o lançamento do livro *A literatura catarinense em busca de identidade: o conto*, do professor e jornalista Antônio Hohlfeldt, de Porto Alegre. Este livro faz parte de uma trilogia. Lançados posteriormente, o volume II é dedicado ao romance e o III à poesia. A apoteose do encontro foi, no entanto, a presença do poeta Mário Quintana, que, mesmo doente, deixou Porto Alegre para falar com os estudantes catarinenses. “O auditório ficou repleto. Os jovens viveram instantes de verdadeiro êxtase cultural”, avaliou o secretário-geral da Nestlé, dr. Iraty Ramos.

Por último, mas nem por isso menos importante, foi realizado em Maceió-AL o seminário “O romance brasileiro hoje”, no dia 05 de novembro de 1985 – data em que se comemora o Dia Nacional da Cultura. Os debates começaram com a exposição do escritor Rui Mourão (MG), tendo como debatedores: Adinoel Motta Maia (BA), Elizabeth Marinheiro (PB), José Ubireval Guimarães (AL), Terezinha de Barros Melo (AL), Vera

⁴¹⁷ “Escritores e estudantes debatem o futuro da produção literária”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 81, 4º trimestre, 1985. p.18.

Romariz (AL) e Bella Josef (RJ), coordenadora. As atividades terminaram com os depoimentos dos escritores: Adonias Filho (BA), Ignácio de Loyola Brandão (SP), J. F. Costa Filho (AL), Lêdo Ivo (RJ), Luís Renato de Paiva Lima (AL), Luís Torres (AL), Lygia Fagundes Telles (SP), Margarida de Mesquita (AL) e José Paulo Paes (SP), coordenador.

Para a escritora Bella Josef, que participou destes três eventos, “os seminários foram muito mais que um mero aquecimento para a realização da 3ª Bienal. Ela supriu as carências nos meios universitários. Os estudantes saem de sua posição de leitores para questionar a produção literária. É o início de um novo processo que surge no país”.⁴¹⁸

Através dos seminários, a Nestlé buscou oportunizar um contato de leitores em potencial com autores, num trabalho em que todas as tendências têm representantes, notadamente os autores regionais.

No ano seguinte, os seminários da 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira se estenderam por uma semana (07 a 11/07/1986), no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, culminando com a entrega do Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

Nessa semana cultural foram realizados os seguintes debates: “A mulher e a literatura brasileira”; “O ensino da literatura brasileira”; “O negro na literatura brasileira”; “Literatura infanto-juvenil brasileira” e “Literatura brasileira e comunicação”. Os debates foram efetuados por especialistas de cada tema, figurando entre eles Maria Alice Barroso, Bella Josef, Eglê Malheiros, Helena Parente Cunha, Fábio Lucas, Flávio Loureiro Chaves, Marcos Accioly, Léo Gilson Ribeiro, Duílio Gomes, Audálio Dantas, Laura Sandroni, Eric Nepomuceno, entre outros. Ao final de cada sessão de debates, seguiu-se uma série de depoimentos de escritores, com a

presença de Lya Luft, Lygia Fagundes Telles, Adonias Filho, Nélida Piñon, Maria Clara Machado, Ruth Rocha, entre outros.

O ministro da cultura, Celso Furtado, em seu discurso, ao presidir o encerramento do Seminário de Literatura Brasileira, referindo-se ao grande êxito de público do empreendimento, com perto de três mil inscritos e a participação de dezenas de escritores, afirmou que tudo isso revela “a grande fome do país pela cultura”.⁴¹⁹ Mas, sobre o pioneirismo da Nestlé, que se antecipou em quatro anos à Lei Sarney, o secretário-geral da empresa, dr. Iraty Ramos, atestou: “Para nós, isso é cumprimento de uma obrigação social da empresa, particularmente pelo fato de ser uma empresa multinacional atendendo aos mesmos anseios do país que a hospeda”.⁴²⁰

No que diz respeito aos vencedores do Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, foram 2.302 obras inscritas apenas no concurso de poesia. A comissão julgadora – constituída por Gilberto Mendonça Telles, Flávio Loureiro Chaves e Letícia Mallard – escolheu, para os três primeiros lugares, os livros: *Sinais e conexões* de Edith Pimentel Pinto (SP); *Via viator*, de Aidenor Aires (GO) e *Romanceiro da abolição* de Stella Leonardos Lima Cabassa (RJ).

A categoria mais prestigiada foi a do conto: 3.545 textos inscritos. Deste montante, a comissão julgadora – composta por Fausto Cunha, Cassiano Nunes e Miguel Jorge – classificou as seguintes obras: *Mar de Azov*, de Hélio Pólvora (BA); *A companheira noturna*, de Adolfo Boos Jr. (SC); e *A fome do mundo*, de Gilberto Mansur (MG).

⁴¹⁸ “Escritores e estudantes debatem o futuro da produção literária”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 81, 4º trimestre, 1985. p.19.

⁴¹⁹ “Ministro da cultura reconhece a relevância da 3ª Bienal Nestlé”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 83, 2º e 3º trimestre de 1986. p.17.

⁴²⁰ “Ministro da cultura reconhece a relevância da 3ª Bienal Nestlé”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 83, 2º e 3º trimestre de 1986. p.18.

Na categoria romance, em primeiro lugar foi escolhido *Maruim*, de Max de Figueiredo Portes (MG), que concorreu com mais 281 originais. O júri era composto por Adonias Filho, Maria Lúcia Aragão e Eglê Malheiros. Em segundo lugar foi escolhido *O abismal*, de Maria Helena Nóvoa Soares Carneiro (RJ); e em terceiro *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Jr. (SC). “O fato de a 2ª Bienal Nestlé não conceder prêmio na categoria romance se refletiu na qualidade do material recebido este ano”,⁴²¹ avaliou a escritora Bella Josef, uma das coordenadoras da 3ª Bienal Nestlé de Literatura.

Na categoria história infanto-juvenil foram 500 obras inscritas. A comissão julgadora – formada por Regina Zilbermann, Glória Maria Fialho Ponde e Vivina de Assis Viana – selecionou os seguintes livros: *A última sessão de cinema: as desventuras de minha adorável turma*, de Ronald Claver Camargo (MG); *Caracol tirou o casaco, serpente aproveitou*, de Marisa de Oliveira Mokarzei (RJ); e *Zungunga*, de Floro Freitas de Andrade (RS).

“Segundo os organizadores, o alto nível dos trabalhos inscritos mostrou que o Prêmio Nestlé vem conseguindo estimular a criação literária por parte dos novos autores – conforme seu primeiro objetivo – além de merecer o prestígio de autores já consagrados que poderiam optar por enviar suas obras diretamente às editoras, o que tem contribuído para firmar a promoção como um dos acontecimentos culturais de maior peso no Brasil, atualmente.”⁴²²

O escritor Ricardo Ramos, coordenador da comissão organizadora, destacou o caráter nacional da premiação que distinguiu escritores

⁴²¹ “Escritores e estudantes debatem o futuro da produção literária”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 81, 4º trimestre, 1985. p.21.

⁴²² “Autores novos e escritores já consagrados dividem prêmios da 3ª Bienal Nestlé de Literatura”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 82, 1º trimestre 1986. p.10.

paulistas, baianos, mineiros, cariocas, goianos, catarinenses e gaúchos. Até mesmo a reincidência de alguns premiados tem, para o escritor, aspectos positivos: “Além de ser uma confirmação de critérios do julgamento e um carisma de sua qualidade literária, pois são todos bons escritores, mostra que eles se sentiram prestigiados e de novo endossaram a Bienal Nestlé”.⁴²³

A Nestlé atribuiu uma verba de Cz\$ 40 mil, que foram divididos entre os vencedores, da seguinte forma: Cz\$ 5 mil para os primeiros lugares; Cz\$ 3 mil para os segundos; e Cz\$ 2 mil para os terceiros de cada gênero.⁴²⁴

Durante a Bienal, os 12 escritores classificados receberam seus prêmios em dinheiro e o lançamento dos seus livros, pela Editora Melhoramentos, recebendo os direitos autorais de praxe (10% sobre o preço da capa).

A Homenagem Nestlé de Cultura, com a entrega da escultura em bronze de Calíope (musa grega da literatura) – obra de autoria do artista plástico Calabrone –, foi concedida nesse ano aos escritores Lêdo Ivo (poesia), José J. Veiga (conto), Raquel de Queiroz (romance) e Orígenes Lessa (literatura infanto-juvenil). Orígenes Lessa não compareceu, acometido de mal súbito, vindo a falecer dois dias depois de sua sobrinha receber a escultura por ele.

A 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira teve como presidente de honra o Dr. Alexandre Mahler, presidente da Nestlé; direção do Dr. Antônio Salgado Peres Filho, diretor da Nestlé; supervisão geral de Iraty Marques Ramos, secretário-geral da Nestlé, o criador e o grande incentivador das Bienais; coordenação de Ricardo Ramos, e contou com a organização de Bella Josef, Duílio Gomes e José Paulo Paes.

⁴²³ “Autores novos e escritores já consagrados dividem prêmios da 3ª Bienal Nestlé de Literatura”. ATUALIDADES NESTLÉ, nº 82, 1º trimestre 1986. p.10.

Com as vitórias desta 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Boos afirma que “o valor maior do prêmio é permitir ao escritor que não faz parte do eixo Rio – São Paulo romper a barreira da província”.⁴²⁵

A título de curiosidade, em dezembro de 1985 foram divulgados os finalistas do Prêmio Nestlé de Literatura selecionados pelo júri. O anúncio da pré-seleção se restringiu a revelar os títulos das obras classificadas (em torno de 15 obras para cada categoria) com o pseudônimo de seus autores. Nessa divulgação, ficamos sabendo dos pseudônimos utilizados por Adolfo Boos Jr.: “Mackintosh”,⁴²⁶ para o livro de contos *A companheira noturna* e “Schwarzboch”⁴²⁷ para o romance *Quadrilátero*. A identificação dos três autores vencedores de cada categoria foi revelada em fevereiro de 1986.⁴²⁸

O professor universitário Adinoel Motta Maia, ensaísta do *Jornal da Bahia*, ao comentar os livros vencedores do concurso 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira afirma que *A companheira noturna*, de Adolfo Boos Júnior, retrata fielmente essa preferência da comissão julgadora pelo modernismo. Para o ensaísta, “a invenção formal, a perfeita identidade poética, a evidente proposta de chamar o leitor para a criação, exigindo dele uma participação ativa na leitura, interferindo no texto, que está longe de ser apenas uma narrativa exposta na seqüência temporal dos eventos. Essa subversão é tipicamente modernista e faz da realização artística um nunca chegar”.⁴²⁹

O coordenador da 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, ao fazer uma breve análise de alguns dos vencedores deste concurso, afirmou:

⁴²⁴ Nesta época, este concurso era o que oferecia os maiores prêmios, financeiramente falando.

⁴²⁵ *Jornal O Estado*. Florianópolis-SC, 22 jul. 1986.

⁴²⁶ Quem sabe foi uma “homenagem” ao fabricante do computador, em sua primeira obra computadorizada?!

⁴²⁷ Uma palavra em língua alemã, em sintonia com o tema do romance: a imigração alemã no estado de Santa Catarina.

⁴²⁸ *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau-SC, 27 dez. 1985.

⁴²⁹ MAIA, Adinoel Motta. Contos de nunca chegar. In: *Jornal da Bahia*, Salvador, 14 ago. 1986.

“Nove autores, de idades, obras e intenções diversas, que estão se construindo ao longo dos anos. A espera de um estalo, de fora para dentro, iluminador do seu trabalho. Exemplo disso é Alfredo Boss Jr. [sic], escritor sério, competente, que veio vindo, afinal se impôs. Segundo lugar em conto, terceiro em romance. Muito demonstrativo”.⁴³⁰

O Prêmio Bienal Nestlé era um concurso que buscava obras de linguagem erudita, valorizando a invenção e a reflexão em temas que tenham o homem ocupando a posição central quer na sua intimidade, quer na sua comunidade. Num cenário que tanto pode ser o do Nordeste como o dos pampas, mas realmente brasileiro.

Nesse sentido, o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira prestigiou a qualidade artística da obra. Não, necessariamente, o mercado.

No decorrer do tempo, da 1ª a 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, o prêmio ganhou importância por seu rigor e, em consequência, tornou-se mais seletivo, ou seja, diminuiu a quantidade e melhorou a qualidade. A própria Bienal vem sofrendo alterações, sempre com o intuito de encontrar um caminho mais amplo.

Na sequência, a Nestlé promoveu os seguintes concursos: 4ª Bienal, em 1988; 5ª Bienal, em 1991; 6º Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1994; Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1996; Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, 1997; Viagem Nestlé pela Literatura, 1999⁴³¹; Viagem Nestlé pela Literatura, 2000; Viagem Nestlé pela Literatura, 2001 e Viagem Nestlé pela Literatura, 2002.

⁴³⁰ RAMOS, Ricardo. Prêmios literários. In: *Jornal Folha da Tarde*, São Paulo, 27 fev. 1986.

⁴³¹ O concurso “Viagem Nestlé pela Literatura” é voltado para estudantes do ensino médio, cujo trabalho é desenvolvido na escola sob a coordenação de um ou dois professores. Este projeto, que conta com o apoio do MEC, visa a estimular nos jovens o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo, incentivar a discussão de momentos importantes para a história cultural brasileira. Além de refletir sobre os aspectos sociais e

A repercussão do romance *Quadrilátero*

Apesar de *Quadrilátero*, de Adolfo Boos Jr., ter sido premiado em 3º lugar no Concurso Bienal Nestlé de Literatura de 1986 (juntamente com a premiação em 2º lugar do livro de contos *A companheira noturna*, do mesmo autor) e ter sido publicado pela editora Melhoramentos, de São Paulo, o livro não teve uma ampla repercussão nacional.

O romance tem a apresentação da escritora e professora Eglê Malheiros, que participou da comissão julgadora do referido concurso, na categoria romance. Em seu discurso claro e objetivo, ela afirma que “o texto tem a densidade da tragédia [...] sendo um exercício sobre os sonhos e as paixões: o que sobra dos sonhos, legítimos ou inculcados, quando defrontados com a realidade, o que sobra das paixões quando se consomem”.

Em 22 de julho de 1986, o jornal *O Estado*, de Florianópolis, divulga o feito do seu cronista dominical. Com o título “Adolfo Boos, uma premiação inédita”, a matéria fala sobre a dupla premiação do escritor, oferecendo aos leitores do jornal um brevíssimo resumo das referidas obras.

Ao abordar a “História e ficção na literatura de Santa Catarina”, o professor Lauro Junkes, em artigo publicado na revista *Teias*, atesta:

Recentemente Adolfo Boos Júnior também aderiu ao tema [imigração alemã] e o tratou com densidade ímpar no romance *Quadrilátero*, uma narrativa de sopro épico-trágico, na qual, as personagens como que perdem o rumo da vida, diante da violência das paixões, da envolvimento dos elementos naturais e da frieza aristocrática. A

habilidosa estruturação técnica e o vigoroso tratamento temático fazem deste um dos grandes romances brasileiros atuais.⁴³²

Em 1994, o escritor e crítico literário Antônio Hohlfeldt publica o segundo volume de sua trilogia denominada *A literatura catarinense em busca de identidade*, dedicado ao romance. Neste livro, o autor analisa a obra de seis escritores e inclui um posfácio, em que aborda “três contistas que experimentam o romance”. Um deles é Adolfo Boos Júnior, com seu primeiro romance, *Quadrilátero*. O estudo crítico do professor Hohlfeldt constitui-se na primeira análise a ser publicada. Em oito páginas, ele faz diversas observações pertinentes que auxiliam a leitura da obra de Boos Júnior.

Uma das observações diz respeito ao enredo. Para Hohlfeldt,

mais surpreendente é a complexidade da trama buscada – a constituição de um verdadeiro romance-rio, na melhor tradição balzaquiana, confirmada pelo autor –, o absoluto domínio da trama por ele exercido e, sobretudo, a busca inovadora de formas de narração que verdadeiramente desafiam o leitor, num primeiro momento de contacto e, posteriormente, o fascina e prendem, levando-nos a ultrapassar as páginas da narrativa, ansiosos e ansiosos em compreender e ligar as diferentes pontas dramáticas que o enredo nos apresenta, até a unidade final.⁴³³

Em um “romance-rio” encontram-se “palavras-ponte”. Hohlfeldt afirma sobre a técnica utilizada por Boos Júnior: “o escritor vale-se do que eu denominaria de ‘palavras-ponte’, isto é, palavras que, graficamente deslocadas da linha em que se desenvolvia até então a narração, permitem ao narrador passar para outra perspectiva, significando até outro tempo e outro espaço”.⁴³⁴

⁴³² JUNKES, Lauro. História e ficção na literatura de Santa Catarina. In: Revista *Teias*, 4 (2) : 69-83, 1990.

⁴³³ HOHLFELDT, *A literatura catarinense em busca de identidade: o romance*, op. cit., p.220.

⁴³⁴ HOHLFELDT, *A literatura catarinense em busca de identidade: o romance*, op. cit., p.225.

Em outra observação, agora sobre o tema (colonização germânica no Vale do Itajaí), ele revela que *Quadrilátero* é inovador porque trata “da primeira narrativa ficcional que aborda a colonização, seja ela qual for, do ponto de vista dos derrotados”.⁴³⁵

Embrião desta tese foi o artigo publicado na revista *Anuário de Literatura*,⁴³⁶ com o título “*Quadrilátero*: um ângulo diferente da história”, fruto da disciplina Tópicos especiais em literatura brasileira C – A história do romance em Santa Catarina, ministrada pelo Prof. Dr. Lauro Junkes, em 1994.

Nesse trabalho, aborda-se o imbricamento entre História e ficção, no sentido de destacar os liames desta relação, isto é, até que ponto a realidade da História da imigração germânica no Vale do Itajaí-mirim pode ser lida no romance *Quadrilátero*.

Com a pequena fortuna crítica desta obra de Adolfo Boos Júnior,⁴³⁷ fica o questionamento: qual(is) o(s) motivo(s) dessa “indiferença”? Uns diriam que a narrativa é muito complexa, problemas de compreensão para o leitor, necessita de leitores “experientes”. Outros, talvez, diriam que é inveja ou “bairrismo” de escritores e intelectuais.⁴³⁸ Outros, que simplesmente não tiveram acesso à obra...⁴³⁹ E, há os que apostariam na incompreensão que os grandes autores sofrem com a sociedade do seu tempo. Concorda-se com a opinião deste último grupo.

⁴³⁵ HOHLFELDT, *A literatura catarinense em busca de identidade: o romance*, op. ci., p.221.

⁴³⁶ *Anuário de Literatura*. Publicação do Curso de Pós-graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina. n° 3, Florianópolis, 1995. (p.59-71)

⁴³⁷ Salienta-se que a obra *Um largo, sete memórias*, segundo romance do autor, que trata sobre a abolição da escravatura, teve uma repercussão bem maior na imprensa, tanto nacional como internacional.

⁴³⁸ Dessa forma, o sucesso de um torna-se uma ofensa pessoal para outros. O músico e compositor popular brasileiro Antônio (Tom) Carlos Jobim (1927-1994), um dos fundadores da bossa nova, é que tinha esse pensamento, tendo ido morar no exterior, num “exílio” que ele mesmo procurou para fugir da inveja tupiniquim.

⁴³⁹ A primeira (e única até o momento) edição dessa obra encontra-se esgotada.